



666

O LIMIAR DO INFERNO

Jay Anson



666

O Limiar do Inferno

Jay Anson



**BIBLIOTECA  
DO EXILADO**

CÍRCULO DO LIVRO S.A.

Caixa postal 7413

01051 São Paulo, Brasil

Edição integral

Título do original: "666"

Copyright © 1981 by The Estate of Jay Anson

Tradução:

Gilberto Domingos do Nascimento

*Então houve o dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor, e veio Satanás também entre eles.*

*Então o Senhor disse a Satanás: De onde vens? E Satanás respondeu ao Senhor e disse: De rodear a Terra, e passear por ela.*

Jó, 2:1-2

## PRÓLOGO

*A casa do assassinato, local da tragédia de 1973, foi retirada de seu alicerce.*

Seattle (10 de setembro de 1978). — Uma casa de madeira, branca e amarela, local de um duplo e brutal assassinato, cinco anos atrás, foi colocada numa carreta, ontem, e transportada para Puget Sound.

Bem cedo, esta manhã, os residentes litorâneos observaram a casa de dois andares ser guinchada e colocada numa enorme barcaça e rebocada para o mar. Realmente, a mudança da casa, feita logo após a meia-noite, quando as estradas por onde ela passaria poderiam ser interditadas, era algo pouco comum.

A casa em estilo vitoriano, na Bremerton Road, 666, tinha estado vazia desde 1973, quando James Beaufort cometeu ali um duplo assassinato. A brutalidade do crime abalou essa pacata área residencial da cidade. O advogado de Beaufort negou que seu cliente fosse forte o suficiente para cometer tais assassinatos. Porém, de modo surpreendente, durante o julgamento, Beaufort confessou ambos os crimes aos jurados.

Beaufort, que anteriormente fora vereador da cidade, testemunhou que havia alugado a moradia para Patrícia Swenson, secretária em seu escritório. Beaufort tinha pedido o divórcio para poder casar-se com a srta. Swenson, mas sua esposa o recusou. Logo após, Beaufort surpreendeu seu cunhado, Edgar Sutton, sozinho com a srta. Swenson. Movido por um ataque de ciúme, assassinou os dois.

“Achei que ele estivesse persuadindo Patrícia a deixar-me”, declarou Beaufort. Desde 1974 ele está cumprindo uma pena de vinte anos na Penitenciária Federal da Ilha McNeil.

“A casa era um belo exemplo da arquitetura de meados do século XIX”, disse um porta-voz da Imobiliária Spatz, que havia alugado a casa para Beaufort. “Mas aqueles assassinatos fizeram com que a casa se tornasse impossível de alugar. Os clientes interessados achavam que a casa era *assombrada*.”

“Havia também o problema com os curiosos. As pessoas, em seus carros, paravam em frente da casa e ficavam espiando, ou desciam para tirar fotografias. Os prováveis inquilinos argumentavam que não teriam sossego se a alugassem.”

Segundo a Imobiliária Spatz, várias ofertas de compra foram recebidas durante os últimos anos. Porém, todas foram recusadas pelo proprietário, que está registrado no cadastro imobiliário como um tal sr. Coste.

A própria imobiliária não tem o endereço do proprietário, e ninguém, no escritório, se lembra de tê-lo encontrado pessoalmente. Alegam que tratava de negócios pelo correio e por telefone e acrescentaram que o lote número 666 da Bremerton Road está à venda agora.

A polícia declarou que, desde os assassinatos, a casa tem sofrido pequenos atos de vandalismo. Um grande portal com vidro colorido e as ornamentadas janelas da sacada foram fechados com tábuas para evitar maiores danos. Várias vezes, os vizinhos perceberam uma tremulante luz vermelha no interior da residência e chamaram os bombeiros. Mas nunca encontraram qualquer evidência de fumaça ou danos provocados por fogo.

O sr. Coste não informou à Imobiliária Spatz onde será o novo local da casa. A companhia encarregada de transportar a estrutura não pôde ser encontrada, para maiores esclarecimentos.

*Terça-feira, 10 de abril de 1979.*

Dez dias no Caribe eram precisamente o que Keith Olson precisava. Ele passara a maior parte do inverno renovando uma velha casa de fazenda em Dobbs Ferry e, agora, queria uma pausa antes do próximo trabalho. Então, ele e sua esposa, Jennifer, voaram para as Bahamas para tomar sol e pescar em alto-mar.

Contudo, Keith estava um tanto ansioso para voltar ao trabalho. A primavera sempre fora uma época agitada para a Carpintaria Olson. Os gelados invernos no vale Hudson deixavam um bocado de telhados e calhas em péssimo estado. E, do jeito que os preços dos imóveis subiam, nesses dias, mais e mais pessoas preferiam consertar ou renovar suas casas, acrescentando mais um cômodo ou remodelando o sótão ou o porão. Geralmente, em maio e junho, Keith tinha bem mais trabalho do que podia executar. Agora, se pelo menos sua esposa pudesse dedicar-se a sua carreira novamente. . .

Dois anos antes, Jennifer trabalhava como decoradora de ambientes em Manhattan. Mas, quando se casou com Keith, fechou seu escritório e saiu da cidade. Agora, ela e Keith moravam na cidadezinha de New Castle, logo acima de Ossining. Mas, com o passar do tempo, Jennifer descobriu que não estaria totalmente satisfeita se não estivesse realizando pelo menos um projeto de decoração, escolhendo amostras de papel de parede ou criando alguma idéia com tecidos ornamentais.

O fato de ficar sem fazer nada o dia todo a deixava deprimida e irritada. Por esta razão, desde o Natal de 1978 procurava algum trabalho de decoração para fazer. Chegou até a colocar um anúncio no jornal local, ao qual ninguém respondeu. Aqui, no alto Westchester, não era assim tão fácil encontrar esse tipo de trabalho. E, à medida que o inverno chegava, Jennifer se desencorajava cada vez mais. Keith notou, porém, que o sol tropical a ajudara, animando-a um pouco.

O avião aterrissou no Aeroporto Internacional J. F. Kennedy um pouquinho depois das quatro horas. Keith não se preocupou em encontrar um carregador para retirar suas malas da alfândega. Ele tinha jogado futebol na escola e, agora, aos trinta e três anos de idade, ainda conservava as formas de um vigoroso zagueiro, com ombros fortes e largos e um tronco bem-constituído. Carregou a bagagem para a área de recolhimento e caminhou até o estacionamento onde ele e Jennifer haviam deixado seu carro — um seda azul. Aí ajeitou toda a bagagem no porta-malas e rumou para a Whitestone Bridge, sentido norte, em direção à Saw Mill River Parkway.

Estavam quase chegando a casa quando Jennifer virou-se para ele e disse:

— Você não se importaria se David viesse jantar conosco amanhã à noite?

— Tão cedo? — perguntou Keith. — Parece que estamos alimentando o sr. David praticamente a cada duas semanas. — Lá nas Bahamas, ele e Jennifer tinham se queimado demais para fazer amor e, naturalmente, tinham jantado fora todas as noites. Agora, Keith queria pelo menos algumas noites a sós com Jennifer, em sua própria casa, sem garçons, sem agitação. . .



— Mas não vemos David desde março — lembrou-lhe Jennifer.

— É mesmo — gargalhou Keith —, 31 de março. Mas, claro, convide-o. Não me importo.

Mas no começo, quando ele e Jennifer se casaram, Keith não se sentia muito bem diante da amizade de Jennifer com o negociante de antiguidades de Manhattan.

Com um metro e oitenta de altura, David M. Carmichael era cerca de cinco centímetros mais alto que Keith.

E a atraente aparência de David fazia com que Keith sentisse ligeiramente a ameaça de, mesmo temporariamente, ser relegado a segundo plano. David tinha quarenta e dois anos — nove anos mais velho que Keith, doze mais que Jennifer. Mas os anos a mais só serviram para melhorar sua aparência. Sua vasta cabeleira tornara-se charmosamente grisalha, e ele se mantinha em forma, passando no mínimo uma hora por dia no clube de tênis. Um homem elegante, usava sempre ternos sob medida, gravatas de seda e sapatos caros. E, como negociante de antiguidades, de peças do século XVIII, sentia-se perfeitamente à vontade no rico e sofisticado mundo que Jennifer costumava frequentar.

A primeira vez em que Keith se encontrou com David foi quando Jennifer o arrastou a Nova York para um leilão na Sotheby Parke Bernet. Nas salas de exibição, os três viram um abajur de vidro esverdeado. Para Keith, aquilo lembrava as lâmpadas que pendiam numa sorveteria alemã, lá em Ossining; e Jennifer realmente parecia gostar daquilo. Ele lhe disse, então, que se ela quisesse o abajur como presente de casamento, no dia 7 de maio, ele arriscaria um lance de até quatrocentos dólares.

Jennifer e David se olharam como que assustados, mas nenhum dos dois disse qualquer coisa. Então, mais tarde, Keith examinou o catálogo de venda. Aquele extraordinário abajur era uma peça assinada por Louis Comfort Tiffany — estimada entre quinze mil e dezoito mil dólares. Para Keith, o mundo da arte e as antiguidades eram um labirinto resplandecente com que David e sua esposa estavam bem familiarizados, mas onde ele se perdia facilmente.

Um pouco antes das seis horas, Keith estacionava na entrada da garagem, na Sunset Brook Lane, 712. Jennifer foi direto para a cozinha para preparar alguns bifes para o jantar. Keith carregava as malas novamente — uma sob o braço esquerdo e as outras duas, uma em cada mão —, e, com certo esforço, subiu as escadas em direção ao quarto.

Que bom estar em casa, pensou ele. Haviám comprado essa velha casa de tijolos vermelhos dois anos atrás, um pouco antes de se casarem. Então, Jennifer vendeu seu pequeno apartamento no East Side e trouxe a maior parte da mobília para New Castle. Os móveis dos dois formavam uma combinação engraçada — o oratório de carvalho de Jennifer e sua mobília de estilo moderno, ao lado das velhas e rústicas mesas e cadeiras de Keith. Mas a sua habilidade com cores e tecidos fez com que tudo aquilo combinasse, sem deixar a casa muito feminina e suntuosa, para que Keith se sentisse à vontade.

De repente, ele ouviu a voz de Jennifer vindo da cozinha. — Keith! — ela chamou. — Desça aqui. — Parecia preocupada.

— Estou indo — respondeu ele, saindo rapidamente do quarto e descendo as escadas em dois saltos. Mas, quando entrou na cozinha, tudo parecia na mais perfeita ordem.

— O que houve? — perguntou ofegante.

— Olhe. — Jennifer apontava a janela sobre a pia. Eles possuíam cerca de

um acre de terra. Mas, mesmo assim, a sua casa parecia ainda mais isolada, pois a Sunset Brook Lane era quase toda coberta de árvores e vegetação. Atrás da casa havia uma vala que ia dar num pequeno riacho, onde samambaias e flores silvestres cresciam todo verão. E sua cozinha tinha uma ampla vista do poente. Keith e Jennifer sempre gostavam de jantar na mesa da cozinha para apreciar o pôr-do-sol.

Mas agora, quando olhava pela janela, ele não podia acreditar em seus olhos. Bem do outro lado da vala, onde a Sunset Brook Lane fazia uma espécie de retorno, erguia-se uma casa de dois andares. Ela não estava lá quando ele e Jennifer saíram de férias.

— Lá se foi nossa vista — murmurou Jennifer tristemente.

Mas Keith estava assombrado. — É impossível! Não há jeito de construir uma casa tão rapidamente. O terreno nem mesmo estava limpo há dez dias!

— Tem certeza? — perguntou Jennifer. Ela e Keith raramente usavam o atalho oeste da Sunset Brook Lane, a não ser que estivessem indo em direção a Taconic Parkway.

— Tenho certeza — insistiu Keith. — Passei ali há duas semanas, quando ia para Dobbs Ferry. Não havia nenhum sinal de alicerce, nenhuma escavadora. E, além disso, aquele terreno é de Cly de Ramsey. Ele nunca quis construir ali.

O clarão do fim da tarde ofuscava seus olhos. Os carvalhos e os bordos ainda estavam sem folhas, e o sol poente escorregava por detrás da varanda principal da nova casa. Parecia estar a apenas uns cem metros de distância, bem na beira da vala. E, de acordo com sua silhueta, Keith podia concluir que era uma casa com água-furtada, uma ampla varanda, à esquerda. Ele não via nenhuma cortina ou veneziana — evidentemente, os novos inquilinos ainda não tinham se mudado.

Keith deu uma olhada no relógio sobre o fogão. Ele marcava seis e dez. Dentro de quinze minutos o sol estaria se pondo. — Jennifer, você se importa se eu for até lá para dar uma olhada? Simplesmente não posso imaginar como é possível construir uma casa em tão pouco tempo.

— Desde que você desfaça as malas primeiro. Sua roupa vai mofar toda se você não a tirar de lá.

Keith concordou e subiu novamente para o quarto. Na noite anterior, uma série de temporais tropicais havia lavado as ilhas Bahamas. Agora, ao abrir a mala, sentira a umidade em seu interior. Seus ternos estavam totalmente amarratados; porém, se eles fossem para o tintureiro, Keith não sentiria sua falta. Não era um homem de usar paletós e gravatas.

Depois de colocar a mala no fundo do armário, Keith mudou de roupa rapidamente, vestindo *blue jeans* e sapatos esporte. O tempo, em abril, ainda estava um pouco frio em New Castle, fazendo com que Keith procurasse sua jaqueta acolchoada que costumava usar quando ia esquiar com Jennifer em Vermont. Seria idiotece arriscar-se a pegar um resfriado logo agora, com a chegada da época de mais trabalho.

Quando desceu novamente, Jennifer estava junto à pia, preparando os bifes. Ela estava com um bronzado maravilhoso, e os raios de sol haviam realçado seus cabelos castanhos cor de mel. O sol já havia desaparecido por detrás da nova casa, mas a luz do céu poente brilhava por entre seus cabelos, tornando-os suavemente dourados. Ela não era a mulher mais bonita que ele já vira, mas, com toda a certeza, era uma das finalistas.

Seria essa a razão de seu ciúme? — perguntou Keith a si mesmo. Aborrecia-lhe um pouco o fato de Jennifer ter sido casada antes, quando tinha vinte e cinco anos. Seu divórcio acontecera há cinco anos. Mas, mesmo assim, Keith não

gostava de ser comparado a alguém que ele nunca conhecera. E, pata agravar, havia ainda David, um dos melhores amigos de Jennifer, simpático, educado, independente e que ganhava muito mais dinheiro do que ele.

Keith beijou sua esposa e fitou seu rosto por instantes. Seus olhos tinham pequenos anéis amarelados ao redor das pupilas, como dois pequenos eclipses solares. Ele não devia se preocupar com Jennifer, pensou consigo mesmo. Ela e David eram apenas velhos amigos que se conheciam há anos.

— Não vou demorar. Só quero dar uma olhada na casa, antes de escurecer.

Jennifer concordou com um sorriso. — Tente descobrir quem é o dono. Talvez ele queira que eu a decore, assim que estiver tudo pronto.

Keith destrancou a porta da cozinha e saiu. Jennifer esperou que ele se distanciasse o suficiente, até cruzar a vala. Então, pegou o telefone na parede da cozinha e discou para Manhattan. Não houve resposta, porém. Será que David estava trabalhando até tarde, na galeria?

Jennifer reconheceu o nítido sotaque inglês da secretária de David, a srta. Rosewood. — David M. Carmichael, boa tarde!

— Olá, aqui é Jennifer Olson. David está, por favor?

— Ah, srta. Olson, um momento. Deixe-me ver se ele pode atendê-la. — E, então, um profundo silêncio; a srta. Rosewood deixou-a na linha, esperando.

Era sempre ligeiramente desagradável ser tratada como uma estranha por alguém que a conhecia há tanto tempo. Mas a britânica srta. Rosewood era muito discreta e protegia seu patrão com implacável lealdade — principalmente agora que David estava solteiro novamente.

— Jennifer! — Era a voz de David. — Como vai?

— Maravilhosa, David, e você? Por que está trabalhando até agora? Estou ligando numa hora imprópria?

— Não, absolutamente — gargalhou David. Então ele abaixou a voz. — Há um produtor de Beverly Hills que quer comprar um presente para sua esposa, para comemorar seus dez anos de casamento. Ela prefere um jogo de poltronas que custa sessenta e cinco mil dólares. Mas ele está mais interessado numa escrivanhinha Luis XVI que custa oitenta e cinco mil. Ele acha que a escrivanhinha é algo mais prático.

— Tomara que ele a convença — disse Jennifer. — Mas escute; Keith e eu acabamos de voltar das Bahamas. Eu quero que você nos veja antes que eu comece a descascar. Você está livre para jantar amanhã?

David deu uma olhada em sua agenda. Na noite de quarta-feira teria que jantar com um dos administradores do Metropolitan Museum. Mas, claro, poderia cancelá-lo. Preferia Jennifer — e Keith também, é claro.

— Parece perfeito — disse David. — A que horas?

— Bem. . . — Jennifer fez uma pausa. — Por volta das seis e meia está ótimo.

— Combinado; às seis e meia — confirmou David. Isso significava então que ele teria que deixar a galeria ali pelas quatro horas, pegar um táxi para casa, tomar um banho e barbear--se. . .

Da casa dos Olsons, no número 712, a Sunset Brook Lane partia em direção ao norte, fazendo novamente uma curva acentuada ao sul, para formar um U invertido. Se Keith quisesse chegar até a nova casa pela estrada, teria que atravessar a pequena ponte de concreto, no começo da alameda. Uma caminhada de uns setecentos metros, aproximadamente. Seria bem mais prático atravessar a vala que separava a nova casa de sua cozinha.

Soprava uma leve brisa. A pele do rosto de Keith — queimada há apenas uma semana — estava toda ressequida. No fundo da vala, onde as samambaias cresciam no verão, o riacho corria suavemente. Aparentemente, não chovia desde aquele incrível aguaceiro que caíra uma noite antes de deixarem o Aeroporto Kennedy.

Atravessando sobre as pedras que se elevavam acima da superfície da água, Keith parou. Do outro lado do riacho, o ar parecia mais pesado. Sugeriu aquela mesma sensação que Keith experimentava sempre antes de uma tempestade.

Keith levantou a cabeça. A casa assomava-se acima, cobrindo o sol. Keith encolheu os ombros num gesto de indiferença e começou a escalar o íngreme barranco. Alcançou logo o outro lado da ravina. Bem à sua frente, numa estreita faixa de terra que tinha sido aplainada com escavadoras, a nova casa de madeira assomava imponente e ameaçadora. Era amarela, com vigamento azul, e o telhado da água-furtada era de telhas de ardósia. Não poderia haver um sótão ali, apenas um pequeno espaço, bastante raso, que só atrairia esquilos e ratos.

A casa fora colocada em diagonal com a Sunset Brook Lane, de modo que a porta da frente dava para o sul. Keith espiava, assombrado, o ornamento de vigamento sob o telhado da varanda. Já não se viam mais ornamentações tão espalhafatosas como aquela.

Não havia nenhuma garagem, mas bem em frente à varanda principal, uma larga faixa de terra conduzia até a estrada, recoberta com pedregulho. Ali, Keith supôs, seria onde o proprietário teria de estacionar seu carro. Agora, porém, não havia nenhum automóvel. Como também não havia cortinas nem persianas nas janelas. As tábuas recortadas, cuidadosamente preparadas, imitavam pequenas telhas semicirculares, mas, definitivamente, precisavam de uma nova mão de tinta. Keith podia ver arranhaduras e lascas por todo lado. Mesmo a uns seis metros de altura, nas paredes.

Então, Keith percebeu rastros de pneus enormes. Algum veículo de grande porte tinha deixado as marcas de seus pneus sujos de barro na Sunset Brook Lane. Agora ele compreendia. A casa não fora construída ali, e sim, transportada de algum lugar para lá.

Chegou mais perto, enquanto examinava as fileiras inferiores de ripas, na parede da casa, bem junto ao alicerce de concreto, que ainda estava fresco. Sim, ali estavam as marcas dos cavaletes que haviam sido usados como suporte, quando a casa fora retirada do seu alicerce original. Quem executara esse serviço certamente sabia o que estava fazendo. Keith quase se arrependeu de ter estado ausente, em férias. Teria adorado presenciar a instalação dessa tremenda estrutura de dois andares sobre seu novo alicerce.

Mas, dentre todos os lugares, por que justamente *aqui*? Para começar, praticamente não havia quintal. E, bem ao lado da varanda principal, o terreno precipitava-se inclinadamente em direção ao riacho no fundo da vala. E, além de ter todos esses inconvenientes, o que teria levado o proprietário a escolher um pedaço de terra tão estreito e desajeitado?

Keith deu uma caminhada ao redor da varanda para ter uma idéia da vista da casa, da estrada. Uma sólida sacada projetava-se da parede que fazia frente para a Sunset Brook Lane. Coberta com ardósia, a sacada continha três vidraças separadas, cada uma medindo aproximadamente um metro de largura por dois de altura. Aparentemente, a casa tinha sido colocada de maneira que a janela da sacada pudesse captar a luz da tarde. Talvez o dono desse lugar também gostasse de apreciar o pôr-do-sol.

Ao chegar à varanda da frente, Keith observou os painéis em ambos os lados da porta de entrada. Cada painel era constituído de pequenos pedaços de vidro sextavado, ligados por filetes de chumbo. Os pedaços de vidro sextavado eram perfeitamente claros. Mas as extremidades superior e inferior de cada painel traziam uma faixa vermelha de um tipo de vidro brilhante.

Sobre a porta havia uma ventarola semicircular com o mesmo tipo de vidraça dos painéis da porta de entrada. Na parte inferior da ventarola, havia um grande disco de vidro vermelho cor de sangue. Desse disco, tiras de chumbo imitavam os raios do sol. Parecia o sol poente, a ponto de mergulhar no horizonte. E bem no centro do círculo vermelho, em grandes algarismos negros, estava o número da casa: 666.

Keith e Jennifer moravam no n.º 712. Uma casa desse lado da Sunset Brook Lane poderia ter qualquer número até 640 — que era o número da casa da sra. Woodfield, cerca de quatrocentos metros estrada abaixo. Olhando mais detalhadamente, Keith notou que os números também eram feitos de chumbo, circundando o disco de vidro vermelho. Seria essa a razão pela qual a casa fora transportada para esse exato local, para que não fosse preciso mudar a numeração?

Então, ouviu um suave clique. Bem à sua frente, a porta dianteira moveu-se ligeiramente. Que estranho, pensou Keith. Não sentiu nenhuma brisa. Mas, afinal, se a porta estava destrancada é porque havia alguém lá dentro. Keith teria que se encontrar com seu novo vizinho, mais cedo ou mais tarde; e agora poderia ser uma hora tão boa como qualquer outra.

Apertou a campainha, mas não ouviu nenhum barulho no interior da residência. Aparentemente, a eletricidade ainda não tinha sido ligada. Empurrou a porta com a mão, e ela se moveu silenciosamente, nas dobradiças.

Bem do seu lado esquerdo, uma íngreme escadaria com um velho corrimão levava até o segundo andar. Em frente, um pequeno e estreito corredor dava para os fundos da casa.

— Olá, alguém em casa? — chamou Keith. Mas ninguém respondeu.

Entrou num lugar que devia ser a sala de estar. Mas o andar térreo estava completamente vazio, sem nenhuma mobília. Também não havia lâmpadas. Alguém, provavelmente muito previdente e cauteloso, tinha tirado as instalações do teto, tanto no *hall* como na sala de estar, de modo que a única luz do lugar vinha de fora, pelas janelas.

Na parte posterior da sala de estar havia um pequeno nicho, com uma lareira numa parede e uma porta na parede adjacente. Keith empurrou a porta e viu que ela dava para a cozinha, na parte posterior da casa. Lá dentro havia uma geladeira de aparência moderna e uma pia de aço inoxidável.

Voltou para onde estava. O assoalho de carvalho da sala de estar parecia bastante antigo. Mas as paredes, onde Keith esperava encontrar uma forração no mínimo interessante, eram feitas com os piores compensados possíveis. Keith balançou a cabeça, desapontado. Será que o proprietário não se importava nem um pouco com o interior? Se preferisse material pré-fabricado, poderia, pelo menos, usar lambris mais decentes.

Porém, numa parte do andar térreo, havia uma for-ração um pouco melhor — na escada. A princípio, Keith pensou que as duas portas de correr, embaixo da escadaria, fossem de algum armário de roupas. Mas, no lugar das maçanetas, as portas tinham enormes argolas de ferro, todo batido e gasto. Keith puxou as portas, que se abriram, escondendo-se por entre a forração de madeira. Então deparou com um estranho cômodo sextavado.

Keith entrou. Bem à sua frente estavam os três painéis da sacada que tinha visto do lado de fora. Mas a pessoa que havia projetado esse cômodo deveria ter hexágonos na cabeça. O chão, talvez com uns três metros de diâmetro, era de mármore branco e creme, formando um mosaico de hexágonos entrelaçados. O mesmo padrão era repetido em ambos os lados das portas de correr e sob as janelas com filetes de chumbo. Até nas janelas.

Cada parte da janela da sacada era feita de pequenos pedaços de vidro sextavado e transparente, tendo cerca de um metro e meio de extensão, ligados por filetes de chumbo. A maioria dos pedaços de vidro tinha pequenos arranhões, os quais chegavam a dar idéia de alguma espécie de desenho, mas eram fracos demais para que Keith pudesse identificá-los. Aqueles pequenos arranhões eram quase tão transparentes quanto o próprio vidro. Agora, o sol estava quase sobre o horizonte, entrando pela janela da sacada e criando uma espécie de deslumbramento.

Keith subiu até o segundo andar. O corrimão era feito de um bom e velho mogno, mas as escadas não tinham nada de especial, apenas tábuas velhas e manchadas, com uma lasca aqui e ali. No topo da escada estava o banheiro e, do lado direito, algo como um vestibulo ou pequeno dormitório. Mais para a direita — no sentido da varanda principal — estava o dormitório central. Uma de suas paredes era acabada com o mesmo material que forrava o lado da escada, no andar térreo. As outras paredes, entretanto, eram forradas com aquelas mesmas chapas rechonchudas e moles.

Olhando das janelas do quarto principal, Keith tinha uma boa visão de sua própria casa, que estava apenas a uns dez metros de distância. A nova casa ficava num terreno ligeiramente mais elevado, de maneira que era fácil ver, dali, o interior de seu próprio quarto, no segundo andar. Nada bom; eles não poderiam esquecer de abaixar a persiana durante a noite.

Estava para descer as escadas quando, de repente, ouviu um agudo som metálico: *clang!* Como se alguém tivesse deixado cair um parafuso dentro de um balde. Keith voltou-se. Bem atrás dele estava o banheiro, e, dentro, uma antiga banheira de ferro fundido, sobre seus quatro pés, em forma de garras. Foi até a beirada da banheira e deu uma olhada. No fundo, sobre o esmalte enferrujado, jazia uma moeda marrom-escura, mais ou menos do tamanho de uma daquelas de cinquenta *cents*. Ela era grande demais para sair pelo ralo. Keith debruçou-se sobre a borda da banheira e apanhou a moeda. Para sua surpresa, ela estava um pouco quente, como se estivesse encostada numa lâmpada antes. Mas não havia nenhuma lâmpada na casa — na verdade, nem mesmo tinham ligado a eletricidade ainda.

De onde teria caído aquela moeda? Keith olhou para o teto sobre a banheira, mas ele estava perfeito. Será que a moeda estava na beirada da banheira e escorregou por causa de seus passos? Mas, ainda assim, quem teria tido a idéia de colocá-la ali?

Então, levou a moeda até a janela do banheiro, para poder examiná-la à luz do sol poente. Enquanto Keith segurava a moeda, parecia que o calor se refugiava dentro dela. Agora, Keith já não tinha tanta certeza se ela tinha estado aquecida realmente. Em uma das faces, estavam escritas as iniciais se, em grandes letras maiúsculas, e, entre elas, algo que lembrava a forma de um cabo de guarda-chuva, Keith ficou imaginando o que se queria dizer; *South Carolina?*

Tinha que ser uma moeda estrangeira, pensou. Na outra face, havia o gasto perfil de um homem com um pescoço longo e grosso. Um círculo de letras contornava o perfil, mas estavam tão gastas que Keith não conseguia distingui-

las. De fato, a moeda não estava em boas condições. Tinha aquela aparência esverdeada e rústica que o bronze adquire após ter passado algum tempo enterrado, e as bordas estavam denteadas em vários pontos.

Mas, mesmo assim, não havia por que deixá-la na banheira. Keith colocou a moeda no bolso de sua jaqueta.

Do topo da escada ainda deu uma olhada pela janela. Agora, o sol estava bem na linha do horizonte. Em poucos minutos estaria escurecendo — hora de voltar para casa, antes que Jennifer começasse a ficar preocupada.

Keith estava descendo as escadas, mas parou no meio do caminho. Deixara a porta da frente totalmente aberta ao entrar. Agora, ela estava fechada novamente. Aí ouviu um leve ruído, um sussurro, talvez um suspiro, vindo do corredor atrás dele.

Voltou-se, e vislumbrou os raios avermelhados de uma luz que escapava pelas portas de correr. Curioso, Keith voltou até o corredor e deu uma olhada dentro do cômodo sextavado.

Fora da janela da sacada, o sol vermelho-fogo estava bem na linha do horizonte. Apenas há poucos minutos atrás, as vidraças da janela da sacada estavam completamente transparentes. Agora, elas estavam em brasa, com a mesma cor do sol que morria.

Entrou no cômodo, ofegante. De algum modo, o vidro da janela parecia captar os vermelhos raios solares e amplificá-los. O chão, os lambris, todo o cômodo, de fato, estava banhado com aquele incomum brilho avermelhado. Keith olhou para suas mãos, agora vermelhas. Sua jaqueta, azul à luz do dia, estava toda purpúrea.

Então percebeu figuras humanas, de tamanho natural, em cada uma das três janelas. Dessa vez não eram arranhaduras, mas linhas precisas, cuidadosamente gravadas no vidro. E agora que as vidraças refletiam aquele brilho vermelho, o molde a elas sobreposto era claramente visível.

A figura da janela do lado esquerdo vestia uma túnica com mangas compridas e uma estranha espécie de sapato e meia ao mesmo tempo. Lembrava um pouco aquelas estatuetas de metal que Jennifer trouxera, certa vez, da Inglaterra. Keith, entretanto, percebeu tratar-se de uma figura masculina. Gracioso e simpático, ele estava olhando para a direita, com um largo sorriso, estendendo a mão esquerda para a mulher desenhada na janela do meio.

Como o Cavalheiro Sorridente, ela também parecia estar vestida com trajes da Idade Média. Ele fazia sinal para que ela fosse até ele, e ela, com um tímido sorriso, aceitava o convite.

Agora, Keith podia entender a razão de todas aquelas partículas de vidro em cada janela. Se uma simples parte daquela vidraça desenhada, cerca de dois metros por um, se quebrasse, um artista teria que desenhar um painel inteiro para poder substituí-la. Mas aquelas partículas eram bem mais fáceis de se substituir. E, se algum garoto atirasse uma pedra na janela, o proprietário teria que encomendar apenas dois ou três hexágonos, no máximo. Bastante inteligente! E aqueles desenhos eram realmente uma obra de mestre. Uma pena não ter a oportunidade de sempre poder apreciar aquilo tudo, a não ser em determinadas horas do dia, como naquelas. . .

E, então, seus olhos pousaram numa terceira janela, a do lado direito. Tanto o Cavalheiro Sorridente quanto a Donzela Desejosa estavam desenhados de perfil. O outro homem estava desenhado de frente. Sua boca contorcia-se em aflição, e grandes pingos de lágrimas estilizadas rolavam de seus olhos. Obviamente, aquele tipo não tivera sorte no amor — o Cavalheiro Sorridente estava-lhe

roubando a mulher. Mas, em lugar de tomar uma atitude para detê-la, ele permanecia ali, parado, choramingando. Bobo, idiota!

Mas havia algo estranhamente familiar naquele rosto. Keith chegou mais perto. O rosto do Bobo enquadrava-se em um dos hexágonos, como se uma máscara sextavada tivesse sido colocada sobre sua cabeça. As lágrimas eram estilizadas, mas o rosto atrás delas era quase fotograficamente real...

Lá fora, o sol ia desaparecendo no horizonte. Ainda assim, a figura desenhada, diante dos olhos de Keith, era mais clara do que nunca. De repente, Keith percebeu por que aqueles traços lhe eram tão familiares. Eles formavam os mesmos olhos, a mesma boca e o mesmo nariz que ele via todas as manhãs, no espelho do banheiro. Era o próprio rosto de Keith que o fitava daquele hexágono de vidro.

Aterrorizado e confuso, Keith afastou-se daquela incrível janela. Do lado de fora, o sol já tinha desaparecido no horizonte. O crepúsculo caía. Mesmo assim, as vidraças ainda refletiam aquele brilho vermelho, pulsando levemente, como se possuíssem vida própria.

Temeroso de tirar os olhos daquela fantástica janela, Keith se afastava de costas, procurando a saída para o corredor. Mas, ao invés disso, suas mãos encontravam apenas madeiras sólidas.

Será que as portas haviam se fechado, aprisionando-o ali? Ele se contorcia, quase em pânico. Mas não, apenas tinha ido de encontro a um dos lambris. As duas portas ainda continuavam abertas, como as deixara. Dando graças a Deus por poder sair dali, mergulhou pela saída do cômodo e correu para a porta da frente. Mas, quando chegou ao fim da escada, Keith deu uma olhada pela janela do vestibulo, ao lado da porta da frente, e quase caiu de susto. Uma figura transparente e decapitada estava parada na varanda, bloqueando sua saída.

Retrocedeu, totalmente aterrorizado, e a aparição também desapareceu, instantaneamente. Aí Keith deu outra olhada e entendeu. Era seu próprio reflexo na janela do vestibulo.

Deu um passo à frente outra vez, e a figura decapitada prontamente reapareceu. Um passo para trás, e a figura sumiu. Keith olhou à sua direita, onde a última luz do dia brilhava pela janela, no pé da escada, iluminando seus ombros e tronco, menos sua cabeça.

Tudo não passou de uma travessura da luz! Keith podia sentir sua pulsação voltando ao normal, quando abriu a porta da frente, dirigindo-se para a varanda. .

Mas, e o rosto do Bobo Lacrimejante, lá atrás, no cômodo sextavado? *Aquilo* não era reflexo! Keith tinha a certeza de que o rosto desenhado no vidro era seu próprio rosto, mas, agora, nem pensava em voltar lá, para vê-lo novamente.

Ao fechar a porta atrás de si, Keith ouviu o barulho da trava da fechadura. A porta estava trancada; não podia girar a maçaneta mais dó que um quarto de volta. Satisfeito, saiu da varanda, em direção ao outro lado da vala.

Agora estava escurecendo rapidamente, e Jennifer tinha ligado o holofote sobre a porta da cozinha. De repente, Keith teve a desagradável sensação de estar sendo observado. Voltou-se repentinamente e olhou cada uma das janelas sem cortinas. Mas não havia ninguém lá.

Dentro do bolso da jaqueta, apertava a pesada moeda de bronze. Quando, finalmente, encontrasse o proprietário daquela casa, ele lhe devolveria a moeda junto com um lembrete para não deixar a porta da frente destrancada! Enquanto isso, porém, decidiu não comentar nada com Jennifer sobre o fato de ter visto seu próprio rosto naquele painel de vidro. Até que tivesse uma oportunidade de dar



uma olhada naquelas janelas durante o dia.

Mas Keith sabia que não teria tempo de voltar ali no dia seguinte. A primeira coisa que teria que fazer na quarta-feira de manhã seria visitar o escritório em Cappaqua e se inteirar das contas e chamadas telefônicas gravadas na secretária eletrônica. Depois, ele, Marc e Jason teriam que começar um novo serviço em Peekskill. E, naquela noite, Jennifer queria que ele estivesse em casa cedo para se arrumar, colocar uma gravata e engraxar os sapatos...

Claro, sempre havia uma chance de David não estar disponível para um convite assim, tão em cima da hora. Mas uma chance muito remota, admitiu Keith. Quando Jennifer o convidava para jantar, David Carmichael *sempre* estava disponível.

*Quarta-feira, 11 de abril de 1979.*

Às seis e meia, naquela noite, quando o sol estava se pondo, Jennifer ouviu o Mercedes-Benz de David estacionando na entrada. O negociante de antiguidades tinha feito uma longa viagem, desde a Saw Mill River Parkway até New Castle, e Jennifer estava determinada a fazer um jantar que realmente compensasse todo aquele esforço. Se ao menos David imaginasse o quanto ela desejava suas visitas — porque ele era, positivamente, o único elo que Jennifer tinha com a vida que conhecera em Nova York.

Há apenas dois anos, ela dirigia seu próprio negócio de decoração de interiores, na parte superior do East Side. Era fácil encontrar imitações, de qualidade, da mobília francesa. Mas, quase sempre, tinha clientes que podiam pagar por uma peça original. E, então, ela ia visitar a Galeria David M. Carmichael, no Edifício Fuller, no número 41 da East 57<sup>th</sup> Street.

Jennifer nunca se cansava de admirar as cadeiras, as cômodas e as estatuetas douradas que David conseguia em leilões, tanto no país como no exterior. Ao todo, Jennifer deve ter proporcionado à empresa David M. Carmichael cerca de duzentos mil dólares, em transações comerciais. Porém, ela ainda assim não conseguira uma maior aproximação com a srta. Rosewood, a britânica secretária de David. E nem ela, a srta. Rosewood, estava contente com seu relacionamento com David.

O primeiro casamento de Jennifer terminara em divórcio, em 1974, no mesmo ano em que começara. Depois de passadas as dores e as mágoas, começou a sair com outros homens, porém o relacionamento nunca durava. David Carmichael — doze anos mais velho que ela — foi realmente o único homem interessante que Jennifer encontrou em Nova York.

Sabia que ele também gostava muito dela. Havia apenas um problema: David era casado. E não apenas casado, mas profundamente apaixonado por Eleanor Carmichael, uma elegante mulher, no começo de seus quarenta anos. Jennifer sentia uma certa inveja, sempre que via David e Eleanor juntos. Obviamente, romances eternos não eram exatamente aquilo com que o *Ladies' Home Journal* sonhava para aumentar sua tiragem.

Não que Jennifer visse os Carmichaels tão frequentemente, é claro. Eleanor e David eram casados; Jennifer, solteira novamente. Assim, ela entrava em contato com David somente quando visitava sua galeria. A cada seis meses, aproximadamente, eles se encontravam num coquetel ou num leilão na Christie's ou na Sotheby Parke Bernet. E, muito raramente, almoçavam juntos, um almoço puramente comercial, num excelente restaurante francês. Jennifer podia perceber que David não era o tipo de homem que enganava a esposa, *jamaís*. Mas esse tipo de comportamento só contribuía para que ela gostasse mais e mais daquele homem.

E, então, encontrou Keith num coquetel comemorativo do bicentenário do 4 de Julho, em Pound Ridge. Extrovertido e autoconfiante, Keith Olson era

totalmente diferente dos homens que ela conhecera em Manhattan. Ele trabalhava como carpinteiro e pintor, mas preferia fazer restauração de casas velhas. Não era elegante e simpático como David, mas era realmente atraente, com seus sorridentes olhos azuis e seu bigode dourado.

Depois de três horas, ele e Jennifer em pé, no gramado, o gelo já derretido em suas bebidas, conversavam como se fossem amigos há anos. Cada um pegou o número do telefone do outro. E então, quando a festa acabou, Jennifer pegou seu carro e voltou para a cidade.

Queria ligar para Keith logo que entrou em casa, mas se conteve. Keith não era de Manhattan e poderia interpretar mal esse tipo de atitude. No entanto, ele ligou para ela na manhã seguinte.

Por seis maravilhosos meses, ela e Keith tentaram se convencer de que aquilo era apenas um caso passageiro, uma paixão temporária e nada mais. Finalmente, desistiram de resistir e marcaram a data do casamento para 7 de maio de 1977.

Agora, quase dois anos depois, ainda se amavam. Se, pelo menos, Jennifer não tivesse tanta saudade de Nova York.. A época do verão era deliciosa em New Castle, mas, Deus, o inverno parecia durar para sempre. Não havia museus nem galerias de arte, apenas um punhado de restaurantes. E os únicos cinemas ficavam a oito quilômetros de distância.

E gostaria também que Keith não se mostrasse tão ciumento, toda vez que convidava David para jantar. Claro que o fato de Jennifer conhecer David há tanto tempo perturbava Keith. Mas o que realmente o incomodava, e Jennifer sabia, era o fato de David estar solteiro novamente.

Em novembro de 1977, seis meses depois do casamento de Jennifer e Keith, David foi para Paris, num leilão no Hotel Druot. Eleanor Carmichael surpreendeu um gatuno invadindo seu apartamento na Riverside Drive.

Quando David desceu do Concorde no Aeroporto Kennedy, um detetive do Departamento de Homicídios já estava esperando para levá-lo num carro do esquadrão ao Columbia-Presbyterian Hospital. Eleanor ainda viveu por mais três dias e, então, não resistiu aos ferimentos. A polícia conseguiu agarrar o criminoso, um jovem viciado que estava cumprindo uma pena de quinze anos no interior do Estado de Nova York.

Logo que Jennifer soube do caso, começou a convidar David para jantar. E, com o passar dos meses, o choque e a tristeza foram se acalmando, fazendo com que David voltasse a ser como antes. Mas, de qualquer forma, ele não se casou novamente. Na mente de Keith, David chegava a ser uma ameaça a sua própria felicidade. Naturalmente, ele se portava muito polidamente, sempre que David vinha visitá-los. Mas Jennifer conhecia seu marido muito bem para sentir o ciúme ardendo dentro dele.

Keith não queria dizer nada, mas aquela noite Jennifer tinha ido longe demais. Com somente eles três para jantar, Jennifer preparara sopa de cebola, seguida de filé *mignon*, salada de chicória e duas garrafas de vinho francês. Keith não se importava com jantares suntuosos, uma vez ou outra, mas esse era quase comprometedor. E, como sobremesa, Jennifer serviu pequenas tortas de morango — ou *tartes aux fraises*, como David as chamava.

Depois do jantar, os três tomaram um cafezinho na sala de estar. Keith gostaria de poder participar da conversa. Mas Jennifer e David continuavam falando de antiguidades e leilões e, assim, era difícil para Keith acompanhá-los.

Finalmente, houve uma pausa na conversa, e ele aproveitou para dizer que também estava presente. — Como vão os Fowlers? — perguntou. Jerry e Ruth

formavam um jovem casal, muito alegre e sincero, que Keith e Jennifer haviam conhecido quando se casaram. Mas, então, Jerry Fowler arrumou um emprego na Wall Street e se mudou, com Ruth, para Manhattan, onde, ocasionalmente, David os encontrava.

— Você está falando de Jerry e Ruth? — indagou David. — Eu não os tenho visto ultimamente, mas ouvi dizer que ela pediu divórcio.

— Os Fowlers? — perguntou Jennifer. — Não é possível!

Keith estava igualmente surpreso. — Não é possível! Eu nunca vi ninguém tão dedicado à esposa como Jerry Fowler. Por que estariam se separando?

David baixou a cabeça. — Parece que ela encontrou outra pessoa. E, assim, pediu divórcio para poder se casar novamente.

— E ele está fazendo o que ela quer? — Keith esbravejou. — Vou lhe dizer uma coisa, se isso acontecesse comigo, não ficaria assim, não! Por que Jerry não dá uns tiros nesse cara, ou então faz alguma coisa?

Quem pode dizer? — disse David, encolhendo os ombros. — A única razão pela qual soube disso é que uma das casas de leilão está catalogando a coleção de moedas de Jerry. Ele a está vendendo para saldar parte de suas dívidas.

Então, houve uma pausa. Keith olhou para Jennifer, que tomava seu café. Se alguém tentasse tirá-la dele, sinceramente não imaginava o estrago que poderia fazer! Voltou-se para David: — Falando em moedas, você também conhece moedas estrangeiras?

David balançou a cabeça, negativamente. — Eu costumava colecionar moedas francesas, mas elas foram todas roubadas naquele assalto lá em casa. Por quê?

— Ontem, encontrei uma moeda que não parece ser americana. Fiquei pensando se valeria alguma coisa.

— Depende muito de seu estado — retrucou David. — A maioria das moedas de valor está fora de circulação.

— Esta parece bem usada — admitiu Keith. — Você se importaria de dar uma olhada? Ela está lá em cima.

— De modo algum — retrucou o negociante de antiguidades.

Keith pulou da cadeira, quase derramando o café na mesa. Jennifer olhou-o, assustada. Ele estava bem mais animado agora.

Jennifer podia ouvir Keith subindo apressadamente as escadas, em dois saltos, e abrir a porta do armário em seu dormitório. — Sinceramente — disse a David —, não sei o que deu nele.

David sorriu para ela, satisfeito em poder estar de volta à sua sala de estar. Ele jamais poderia retribuir-lhe a gentileza de tê-lo convidado tantas vezes, durante aquelas terríveis semanas, após a morte de Eleanor. Mas agora — especialmente nesta noite — Jennifer parecia tratá-lo de maneira bem mais afetuosa, sugerindo mais que uma mera amizade. O que Jennifer realmente sentia por ele? Seu casamento, é claro, permanecia mais sólido do que nunca. Mas se aquele relacionamento — ou até mesmo Keith — não estivessem no caminho. . .

David tomou seu café e procurou afastar tais pensamentos da cabeça. Afinal, não era elegante se entreter em fantasias românticas com relação à esposa de seu anfitrião. E Keith Olson era claramente o tipo de homem ciumento — mesmo quando não havia nada de que pudesse suspeitar.

Num segundo Keith estava de volta, trazendo uma grande e escura moeda. — Estava no bolso de minha jaqueta — disse ele.

Intimamente, David se lamentava. Não se manuseia uma moeda, a não ser pelas bordas, pois o ácido do suor dos dedos de uma pessoa pode manchar a superfície da moeda, diminuindo drasticamente seu valor. Mas a moeda que Keith segurava não poderia estar em pior estado.

— Aqui está — disse Keith, passando a moeda para David.

— Onde você achou isso? — perguntou Jennifer.

— Naquela casa, do outro lado da vala.

— Você encontrou isso *ontem*? — insistiu ela. — Você não me disse que a tinha encontrado.

Keith balançou a cabeça, admitindo. — A porta se abriu, bem na minha frente, como se alguém estivesse esperando que eu entrasse. Então, calculei que deveria haver alguém em casa. E aí encontrei essa moeda caída na banheira. . .

David pegou a moeda com o polegar e o indicador e segurou-a sob a luz do abajur, ao lado de sua cadeira. Por baixo de todo o desgaste e corrosão, ela parecia ser de bronze. Então, seus olhos se arregalaram.

— Meu Deus! — murmurou.

— O que houve? — perguntou Jennifer.

— Nada. Estou simplesmente assombrado. Acho que esta moeda é romana.

— Você quer dizer italiana? — perguntou Keith.

— Não, da *antiga* Roma. — O negociante de antiguidades virou a moeda para um outro ângulo, contra a luz. — Você está vendo estas letras aqui, sobre a cabeça? C-A-E-S-A-R. O homem aqui desenhado deve ser um dos imperadores romanos.

— Pode me dizer qual deles? — perguntou Keith.

David disse que não, balançando a cabeça. — Esta moeda está tão gasta e danificada que é impossível distinguir as outras letras. E, para dizer a verdade, eu não sou perito em moedas antigas. — Mais uma vez, tentou decifrar as fantasmagóricas letras que circundavam o perfil no anverso da moeda. Então, fez uma pausa. O que seria aquela estranha sensação de formigamento em seus dedos?

— Keith — sorriu Jennifer —, não se acham moedas antigas caídas por aí, em banheiras!

— Aparentemente, Keith achou — disse David, diplomaticamente.

— Acho que caiu de algum lugar — disse Keith. — Quer dizer, eu estava para descer ao andar térreo quando ouvi isso caindo na banheira, atrás de mim.

— Talvez o último inquilino costumasse guardar alguma coleção de moedas no sótão e esta tenha caído pelo forro do banheiro — disse David.

— Cheguei a pensar nisso — admitiu Keith. — Mas não havia nenhum buraco ou rachadura no forro por onde a moeda pudesse ter passado.

— Você entrou na casa? — perguntou Jennifer. — Mesmo assim, não havia ninguém?

— Mas eu pensei que *houvesse* alguém — protestou Keith. Agora, ele estava até contente de não ter mencionado as janelas da sacada, que refletiam aquele brilho vermelho-sangue, ou, ainda, a vidraça que parecia ter sido desenhada com seu próprio rosto. Tudo aquilo parecia absurdo e irracional.

David girava a velha moeda entre o polegar e o indicador. As estranhas vibrações pareciam mais fortes agora, bem mais fortes. — Você sentiu algo diferente ao segurar a moeda? — perguntou a Keith.

— Sim, a primeira vez em que peguei a moeda, ela estava quente — disse Keith.

David sentia aquela pulsante sensação se espalhando por seus dedos. Não era

calor. Pior, era um incômodo calafrio que chegava a doer.

— David? — perguntou Jennifer. — Por acaso, viu alguém perto daquela casa nova, quando chegou aqui, hoje à noite?

— Eu não vim por aquele caminho — retrucou David. — Mas, quando eu voltar para casa, posso ir pelo lado oeste e pegar a Taconic em vez da Saw Mill River Parkway.

Keith levantou-se e foi até a cozinha. O sol já tinha ido embora há muito tempo, mas a casa do outro lado da vala estava totalmente apagada. Não havia nenhum sinal de luz no n.º 666 da Sunset Brook Lane. De volta à sala, percebeu a estranha expressão no rosto de David. O negociante de antiguidades estava completamente pálido!

— David, você está se sentindo bem? — perguntou Jennifer.

David não tinha certeza. Um suor frio corria pela sua testa. As vibrações da moeda estavam tomando forma agora e, em sua mente, imagens se moviam.

— Tudo bem, tudo bem, estou perfeitamente bem — disse, tentando voltar à realidade; ignorando a visão que lutava, ou melhor, *digladiava*, para se fazer notada. Ao pressentir o ar de preocupação de Jennifer, abriu a boca para assegurar-lhe que...

Então, de repente, David teve a impressão de não estar mais na sala de estar de seus amigos em New Castle. Ouvia gritos roucos, ásperos, num idioma estrangeiro. E aí, como se um filme estivesse sendo projetado diante de seus olhos, viu a moeda. Ela era brilhante e parecia ser de cobre, novinha em folha. Uma torquês de ferro segurava a moeda sobre um caldeirão com carvão em brasa, até ela se tornar incandescente também.

Então, rapidamente, antes que ela esfriasse, era retirada do fogo, e enfiada na boca de uma coisa sem olhos, que antes deveria ter sido um ser humano. Agora, os braços e pernas daquela coisa estavam amarrados numa estaca fincada no chão; e ela estava prestes a morrer. Mas ainda tinha fôlego suficiente para dar um grito final.

Clara e inequivocamente, David viu como a moeda tinha se tornado tão manchada e corroída. Não apenas por ter estado, há anos, enterrada na terra, mas, também, por ter sido temperada no sangue de um homem agonizante. Como num filme, ele podia ver o rastro da moeda, marcado a fogo, na língua da vítima... Mas aquilo não era nenhum filme!

Tentando afastar a visão, David livrou-se da moeda, atirando-a ao chão. Ela rolou pelo tapete da sala, indo parar nos pés de Keith. Mas os dedos de David continuavam a latejar dolorosamente. E ele ainda podia ver — tão claro quanto podia ver Keith e Jennifer — uma vítima torturada, num anfiteatro feito de pedra. A terrível visão tomava conta de toda a sala de estar dos Olsons, e não ia embora!

Segurando o vômito, David apertou sua boca com uma das mãos. Levantou-se e, cambaleante, correu para fora da sala. Sabia que havia um banheiro ali, no andar térreo, ao lado do pequeno gabinete de Keith, mas percebeu que não chegaria a tempo. Então, em vez disso, apressou-se para a porta da frente. Alcançou os degraus da entrada assim que a primeira golfada de vômito saía de sua boca. O jantar, que Jennifer tinha preparado com tanto carinho, agora se espalhava por entre as azaléias.

Dez minutos mais tarde, o negociante de antiguidades se encontrava deitado no sofá da sala dos Olsons. Keith tinha tirado seus sapatos e afrouxado sua

gravata, e Jennifer tinha colocado um pano molhado em sua testa. A visão doentia tinha desaparecido. Sentia-se um pouco melhor agora.

— Mesmo que Keith e eu não tenhamos sentido nada, só pode ter sido alguma coisa que coloquei na comida — disse Jennifer, um pouco desapontada. — Quero chamar o médico e me certificar.

David estava arrasado. Primeiro, ele estava bastante constrangido por ter arruinado a noite de Jennifer. Agora, provavelmente, ela e Keith teriam que se submeter àquelas desagradáveis lavagens estomacais! Mas como poderia explicar aquelas vivas e aterrorizantes imagens que tinham aparecido diante de seus olhos? Como uma velha moeda romana podia causar-lhe tal tipo de reação?

— Acho que peguei uma gripe ontem — mentiu David. — Não disse nada porque estava muito ansioso por esta noite e não queria preocupá-los. Seu jantar não tem nada a ver com isso, acredite-me! Keith e Jennifer se olharam.

— Tem certeza de que você não quer passar a noite aqui? — perguntou Jennifer. — A cama no quarto de hóspedes já está arrumada. Não seria incômodo nenhum.

— O problema é que a galeria abre às dez da manhã e ainda tenho que pegar algumas faturas em meu apartamento — desculpou-se David. Não podia suportar a idéia de dormir sob o mesmo teto que Jennifer e saber que ela estava bem ali, do outro lado do corredor, aconchegada ao marido. . .

Na porta, Keith ajudou David a vestir seu pesado sobretudo e, então, voltou para dentro.

— David, se você for na direção norte da Sunset Brook Lane — lembrou Jennifer —, vai passar bem em frente à nova casa. A entrada para a Taconic Parkway fica cerca de um quilômetro e meio além. Tem indicações, e não dá para errar mesmo.

— Agora eu me lembro — disse David. Ele já tinha feito aquele caminho algumas vezes antes. Mesmo assim, levaria mais de uma hora para chegar à Riverside Drive. Com o canto dos olhos, David percebeu Keith voltando da sala de estar.

— Há algum modo de descobrir que imperador é esse? — perguntou Keith.

David virou-se para apertar a mão de seu anfitrião, mas recuou. Keith estava segurando a velha moeda de bronze na palma da mão direita! Obviamente, ela não o afetava tanto quanto a David.

— Deve haver dicionários a respeito — gaguejou David, afastando-se. — Mas não sei qual sugerir. Por que você não a leva a um desses negociantes de moedas antigas para que ele possa identificá-la?

— Não há muitas lojas desse tipo por aqui — retrucou Keith. — Por outro lado, há um bocado delas na cidade.

— Sim — concordou David, vacilante. — É claro... Keith jogou a moeda para o negociante de antiguidades. — Talvez você encontre alguém que possa examiná-la, não? Se não for nenhum incômodo, é claro.

David tinha que se controlar. Não podia deixar que Jennifer percebesse sua hesitação e preocupação. — Que nada, pode deixar — disse, sorrindo timidamente. — Logo que eu descobrir que César é esse, eu lhe devolverei a moeda pelo correio.

— Oh, não há pressa, não. Por que você não fica com ela até a próxima vez em que a gente se encontrar? — Keith sugeriu.

Rapidamente, David deixou a moeda escorregar para o bolso de seu sobretudo. Agora, ela tinha tocado em seus dedos por menos de um segundo. Mesmo assim, sua mão ficou latejando, como se estivesse bem próxima do fogo.

E, de algum lugar distante, David podia ouvir os sussurros rascantes de um moribundo. Aprumou-se e engoliu um gosto amargo que lhe subiu da garganta.

— Então, boa noite, David — disse Jennifer sorrindo.

Ele apertou sua mão firmemente. Depois de sua atuação, quinze minutos atrás, ele não ousou beijá-la. — Boa noite e obrigado, mais uma vez. Lamento ter estragado tudo.

— Tolice disse Keith. — Não pense mais nisso.

— Bem, foi muito bom para mim. Da próxima vez vocês dois virão a Nova York e o jantar será por minha conta. — David sorriu mais uma vez para Jennifer.

David viu Keith e Jennifer observando sua partida, da porta da frente. Ligou o Mercedes-Benz e manobrou em direção à rua. Então, dobrou à esquerda, como Jennifer havia sugerido, e dirigiu-se ao norte, até cruzar a ponte de concreto, no topo da Sunset Brook Lane.

Logo que a casa de Keith e Jennifer ficou fora de vista, atrás das árvores, ele parou no acostamento e apagou os faróis. Não queria que os Olsons percebessem que ele tinha parado. Então, pulou do carro, tirou o sobretudo — com a moeda ainda no bolso — e atirou-o no banco traseiro.

Agora, pelo menos, aquela maldita moeda estava lá atrás, onde ele não poderia esbarrar nela nem mesmo acidentalmente! Antes de voltar ao volante, sentiu a fria brisa primaveril. Deste lado da ponte, o ar era diferente — úmido e pesado. Por que se sentia como se não pudesse respirar diferentemente? Seria por causa da umidade que vinha do córrego? Mas não havia vento agora.

David retornou ao volante. Apenas com sua jaqueta esporte, sentia um pouco de frio, mas o aquecedor do carro já estava ligado. Olhou de um lado e do outro da estrada, mas não se via nenhuma luz de carro. A Sunset Brook Lane estava totalmente deserta. Satisfeito, David colocou novamente seu Mercedes-Benz verde na estrada e ligou os faróis.

Que diabos *tinha* acontecido com ele ao tocar naquela velha moeda? David havia lidado com objetos antigos durante toda a sua vida. Mas nunca, antes, tinha sentido aquela sobrenatural, quase dolorida vibração, muito menos tinha visto e ouvido coisas que não existiam! Se ele fosse médium ou qualquer coisa, então, por que seus poderes estariam adormecidos por todos esses anos? Ou será que havia alguma coisa muito especial naquela moeda para despertar nele tal reação violenta?

Olhou em frente, onde a Sunset Brook Lane fazia uma curva para a esquerda. Então, por entre as árvores, ele a viu — a nova casa sobre a qual Keith e Jennifer haviam falado. E lá, através de uma das janelas, percebia-se uma luz vermelha tremulante.

David tirou o pé do acelerador, diminuindo a marcha, para olhar melhor. Bem adiante agora, à sua esquerda, estava a pequena varanda dos fundos. As tábuas recortadas refletiam o brilho de seus faróis. E, então, David viu a grande janela da sacada projetando-se para a rua. Lá estava aquele brilho vermelho novamente, bem atrás de uma das vidraças.

Será que a casa estava pegando fogo? David diminuiu ainda mais a velocidade e passou pela janela da sacada com a primeira marcha engrenada. Deu uma olhada por todos os lados, na esperança de ver o que poderia estar queimando dentro daquela estrutura vazia.

Só se a casa não estivesse vazia! Bem atrás do vidro cor de chumbo da janela



da sacada, estava uma figura em pé, banhada numa luz vermelha, observando o Mercedes passar.

David freou o carro e olhou por sobre os ombros. Mas agora o quarto atrás da janela da sacada estava vazio. As janelas estavam todas apagadas, tanto em cima como embaixo.

Pensou ter reconhecido a figura parada atrás daquelas placas de vidro sextavado. Mas depois ele percebeu que deveria ter imaginado tudo aquilo. Não era possível que fosse Jennifer Olson! Ele a havia deixado, com Keith, em sua própria porta, há apenas alguns minutos. Ela não poderia ter atravessado a vala àquela hora da noite. Ele estava apenas pensando um pouco demais nela.

David engatou a primeira no Mercedes-Benz e pisou no acelerador. Faltava ainda um quilômetro e meio para chegar à Taconic Parkway e mais de uma hora para chegar a seu apartamento na Riverside Drive.

*Quinta-feira, 12 de abril de 1979.*

— Você bem que poderia consertar aquela goteira no sótão, antes que chova novamente — disse Jennifer, durante o café, aquela manhã.

Keith interrompeu seu café. — Goteira? — perguntou.

— Você se lembra daquela tremenda chuva que deu, antes de a gente sair de férias? Fui até o sótão pegar minha valise e vi um filetezinho de água escorrendo pela chaminé.

Nesta quinta-feira, Keith e seus ajudantes estavam trabalhando em Peekskill. Então, em vez de comer qualquer coisa no trabalho, como sempre fazia, Keith resolveu almoçar em casa e tentar descobrir onde estaria aquela bendita goteira.

No caminho de casa, passou pela casa n.º 666. Ela parecia do jeito que estava na terça-feira à tarde. A única diferença era que, agora, havia uma placa esmaltada fincada no solo bem em frente à janela da sacada:

**ALUGA-SE**  
**THOMAS GREENE,**  
**CORRETOR**  
 555-0098.

Keith conhecia Tom Greene. Sempre que uma casa era colocada para alugar, antes, naturalmente, ela tinha que ser reformada. E Keith era sempre recomendado por Tom para esse tipo de trabalho. Mas essa nova casa realmente precisava de reparos — principalmente no interior, onde tinha aquelas indecentes forrações —, e Keith ficou imaginando por que razão Tom não havia telefonado para ele. Bem, tinha saído de férias. Keith decidiu então que, ao voltar para o escritório, telefonaria para Tom para descobrir quem era o dono daquela casa.

Dez minutos mais tarde, Keith estava no telhado de sua própria casa, arrastando-se para a chaminé. A primavera tinha chegado de vez, mas o sol insistia em ficar escondido atrás de algumas nuvens, deixando a temperatura bem fria. Keith gostaria de poder usar luvas. Mas, para escalar telhados cobertos com asfalto, as luvas seriam escorregadias demais. Tinha que ser com as mãos limpas mesmo.

A elevação do telhado lhe dava uma boa visão da nova casa, no outro lado da vala. Um carro do departamento de energia elétrica tinha estado lá, nessa manhã; evidentemente, iriam ligar a luz naquele dia. E agora, enquanto Keith observava, um furgão de alguma firma de ajardinamento estava estacionado na estrada coberta com pedregulho, ao lado da varanda principal. Dois homens saltaram e começaram a limpar o terreno, espalhando algo parecido com fertilizante por todos os lados. Quem estivesse alugando aquela casa realmente não estava perdendo tempo. Keith não demorou a encontrar a goteira de que Jennifer reclamara. Durante o inverno, a água havia se congelado na base do tubo da chaminé, afastando-o alguns centímetros da parede. Mas a temperatura estava muito baixa para qualquer trabalho de calafetagem. Seria bem melhor

esperar até a tarde, quando o sol estivesse bem sobre a goteira. . .

Então, ouviu o barulho de um motor pesado se aproximando. De cima do telhado pôde ver quando o caminhão da United Parcel diminuiu a marcha e estacionou em frente à sua entrada.

Keith esfregou suas mãos geladas. A chegada do caminhão seria uma desculpa perfeita para descer do telhado. Ao chegar ao chão, desarmou sua escada de alumínio.

O homem da United Parcel, ao chegar à sua varanda, parecia convenientemente impressionado. — Encomenda para a sra. Olson; assine aqui, por favor.

A caixa de papelão tinha, mais ou menos, uns trinta centímetros de comprimento, mas era extremamente pesada. O remetente era de alguma firma em Edmonds, Washington. Keith carregou-a para a cozinha, onde Jennifer preparava alguns sanduíches de queijo derretido. Ela lhe passou um fumegante prato com sopa e começou a abrir o pacote.

— O que você encomendou? — perguntou Keith.

— Pêssegos em calda. Seu irmão Paul adorou aqueles deliciosos pêssegos embebidos em conhaque que nós lhe demos de presente de Natal, e eu calculei que ele gostaria de ganhar mais alguns, no seu aniversário, em julho.

As mãos de Keith ainda estavam frias, e aquele quente prato de sopa vinha em boa hora. Deu uma olhada pela janela da cozinha. Do outro lado da vala, um homem aplainava uma área que logo mais se tornaria o gramado frontal do n.º 666 da Sunset Brook Lane.

Quando Jennifer colocou as compotas de pêssego em calda sobre a mesa, Keith apanhou uma daquelas folhas amassadas de jornal que eram usadas como calço nas embalagens dos pêssegos. Ele não podia resistir em dar uma olhada para saber o que se passava lá pelas bandas do Pacífico norte, a quase cinco mil quilômetros de distância.

A página que Keith estava olhando datava de 4 de abril. Entre os anúncios de utilidades domésticas, encontrava-se um título em duas colunas:

**ASSASSINO DE DUAS PESSOAS  
EM VIAS DE LIBERDADE CONDICIONAL  
DEPOIS DE CINCO ANOS  
CUMPRINDO PENA NA ILHA MCNEIL**

Junto com o artigo, havia a fotografia de uma casa que lhe parecia estranhamente familiar. Keith colocou o prato de sopa sobre a mesa e segurou a folha de jornal com as duas mãos, desdobrando-a da melhor maneira possível. A granulada fotografia não era bem clara, mas a casa se parecia exatamente com aquela do n.º 666 da Sunset Brook Lane!

Estarrecido, Keith ajeitou a folha sobre a mesa. Agora, num exame mais apurado, conseguira distinguir as mesmas ripas da parede externa. O espalhafatoso vigamento da varanda e do beirai parecia o mesmo. E, se Keith usasse um pouco a imaginação, poderia identificar os painéis do portal de entrada e a ventarola sobre a porta da frente. Isso seria verdade se essa casa tivesse a janela da sacada igual àquela do outro lado da vala! Mas a fotografia tinha sido tirada de um ângulo onde o cômodo hexagonal, se houvesse um, ficava escondido, do outro lado da casa.

Keith leu a legenda sob a foto: “A casa, na Bremerton Road, 666, logo após os assassinatos”.

— Jennifer, dê uma olhada nisto! — disse ele.

Ela colocou um sanduíche de queijo derretido sobre a mesa, à sua frente. — Dá para virar um pouco a folha?

— Dê uma olhada nesta casa. Não parece a mesma do outro lado da vala? Tem até o mesmo número!

Jennifer observou a foto por alguns instantes e, então, deu uma olhada pela janela da cozinha. — Bem, segundo você, parece que sim, mas eu não estive lá, ainda.

Keith sabia que sua esposa não tinha gostado muito de saber que ele tinha entrado na casa, assim, sem saber se tinha alguém lá — para ela, isso era bisbilhotice, intromissão. Mais uma vez, ele deu uma esticada na amarrotada folha de jornal sobre a mesa e começou a ler o artigo:

“Os responsáveis, na Penitenciária Federal da Ilha McNeil, confirmaram, hoje, que James Beaufort, assassino condenado, terá uma audiência no Departamento para Assuntos de Liberdade Condicional. Beaufort já cumpriu cinco anos de uma pena de vinte.

Em 1974, ele confessou ter assassinado brutalmente Edgar Sutton e Patricia Swenson, na casa que havia alugado para a srta. Swenson. Na época, declarou ter surpreendido os dois, sozinhos, na residência da Bremerton Road. Convencido de que Sutton tentava persuadi-la a deixá-lo, ele matou os dois, levado por um incontrolável ataque de ciúme e raiva.

Em declaração à imprensa, ontem, o advogado de Beaufort lembrou os anos de serviço de seu cliente, como vereador, na Câmara Municipal de Seattle. O causídico salientou o fato de Beaufort ter tido um comportamento exemplar e mostrar sinais evidentes de total reabilitação. Mais ainda, ele se arrependia profundamente do crime passional que custou a vida de dois inocentes, há quase seis anos atrás.

A casa permaneceu vazia por anos, a despeito das inúmeras tentativas de outras pessoas de alugá-la. Então, no último mês de setembro, o sobrado de madeira (continua na página 18)”

Keith pegou novamente a caixa de embalagem e despejou todo o jornal amarrotado no chão. Então, ajoelhou-se sobre o piso de vinil e começou a desamassar folha por folha.

— Keith, o que você *está fazendo*? — perguntou Jennifer.

— Por acaso, achei aqui um artigo bastante interessante e gostaria de terminar de lê-lo — justificou-se Keith.

Finalmente, espalhou todas as páginas no chão da cozinha. Pegou as folhas, uma por uma, e colocou-as de novo na caixa de papelão. Variedades, esportes, acessórios de limpeza doméstica, mas nada da página 18!

Então, pegou a página com a fotografia e olhou-a novamente. Claro, casas velhas, de vez em quando, se pareciam umas com as outras. Mas nem sempre se acham duas casas com as mesmas ripas, vigamento entalhado, varanda coberta e portais com janelas — a cinco mil quilômetros de distância! Aquilo não lhe saía da cabeça! Seria possível que a nova casa, do outro lado da vala, tivesse exatamente a mesma estrutura desta?

Pegou a tesoura de Jennifer e, cuidadosamente, recortou o amarrotado artigo, junto com a fotografia da casa de n.º 666, na Bremerton Road. Lembrou-se então da placa de Tom Greene, anunciando, o aluguel da nova casa. Certamente,

Tom saberia quem era o proprietário e de onde a casa tinha vindo!

— Sua sopa está esfriando — alertou Jennifer.

Para agradar-lhe, Keith deu uma mordida no sanduíche de queijo e tomou um gole de caldo morno. Então, foi até o telefone na parede da cozinha e começou a discar.

Um pouquinho depois das treze horas, no momento em que Keith ligava para Tom Greene, David Carmichael saía de seu escritório particular, no fundo da galeria da East 57<sup>th</sup> Street, 41.

A srta. Rosewood, percebera que seu patrão, definitivamente, não viera trabalhar de bom humor. Somente uma vez, ele saíra de sua escrivaninha, para cumprimentar um velho cliente que estava interessado numa empoeirada peça Luís XV. Mas seu sorriso era forçado e sua mente não estava ali. Então, viu que ele vestira seu sobretudo escuro e suas luvas de couro. E carregava uma valise que continha fotos de peças importantes e catálogos de futuros leilões. Comumente, ele carregava sua valise presa sob o braço. Hoje, porém, ele a segurava com a mão esquerda, bem longe do corpo, como se nela houvesse uma bomba que estivesse prestes a explodir.

David dirigiu-se à sua secretária com o mesmo sorriso amarelo que ela já vira naquela manhã. — Srta. Rosewood, não devo demorar mais do que uma hora.

— Tudo bem, sr. Carmichael. Tenha um bom almoço!

Mas o negociante de antiguidades não ia almoçar. Empurrando as pesadas e lustrosas portas de metal do Edifício Fuller, ele alcançou a rua e passou por um carrinho cheio de roscas e castanhas assadas. Então, atravessou a Madison Avenue rumando para oeste. No cruzamento da Seventh Avenue com a 56<sup>th</sup> Street, o Sheraton de Nova York abrigava uma convenção de numismática. Segundo os jornais da manhã, mais de cinquenta diferentes negociantes estavam exibindo suas mercadorias. Então, David calculou que, dentro daquele extenso número, deveria haver pelo menos um que pudesse identificar a moeda romana que Keith Olson lhe entregara na noite passada.

A exposição estava instalada num enorme salão, no andar térreo, e, antes que pudesse entrar, David teria que aguardar na fila para registrar-se. As portas eram guardadas por um robusto policial negro. Uma vez dentro, David tomou a direção de estreitos corredores forrados com vitrinas e apinhados de negociantes e colecionadores de várias partes do mundo.

No meio de um dos corredores, David parou em frente de um balcão de um negociante texano. Havia ali fileiras e fileiras de moedas do mundo antigo. Todas colocadas em envelopes quadrados de plástico; e muitas delas tão gastas e corroidas como aquela que Keith lhe dera. A maioria das moedas era de bronze ou prata. Mas, aqui e ali, os olhos de David percebiam o brilho do ouro. Parecia realmente que ele tinha vindo ao lugar certo.

Atrás do balcão, uma bela jovem de óculos e um lindo colar com pequenas penas sorria para o alto e bem-vestido cliente. — Em que posso servi-lo, senhor?

Ainda com suas luvas, David abriu sua valise e retirou a velha moeda de bronze. Mesmo protegido pelas luvas de couro, pôde sentir aquelas desagradáveis vibrações.

— Eu creio que esta seja uma moeda da Roma antiga. Será que você poderia me dizer com certeza? — perguntou à garota.

Colocou a moeda sobre a tampa de vidro do balcão, e a jovem pegou-a com

o polegar e indicador. Obviamente, parecia não ter sido afetada por aquele objeto; segurava a moeda como se ela fosse simplesmente uma ficha de telefone.

— Bem, o senhor faria a gentileza de aguardar um minuto? — disse ela a David.

— Pois não — retrucou David.

Um pouco atrás da moça, havia um homem sentado. Ele era roliço e barbudo e usava óculos e uma gravata de laço. Examinava pacientemente as páginas de um grosso dicionário. A garota aproximou-se e mostrou-lhe a moeda. Então, ele retirou do bolso do seu colete uma pequena lupa de joalheiro e ficou maravilhado ao examinar aquela peça tão rara. David percebeu que o rosto do homem não conseguiu disfarçar um ar de surpresa. Novamente, verificou os dois lados da moeda, manuseando-a com bastante cuidado. Finalmente, fez um sinal para a garota, levantou-se e foi até David, com a moeda numa mão e a lupa na outra.

— Pois não, senhor! — Seu sotaque texano era bem mais acentuado do que o da garota. — Sua moeda é um sestércio de bronze do reinado do imperador Nero. Ela foi cunhada — deixe-me ver — mais ou menos em 64 d.C.

— Caramba! Sua precisão é espantosa — disse David.

Bem, quando se está nesse ramo há vinte anos, como eu, não é tão difícil assim. — O negociante sorriu, tentando disfarçar um certo ar de orgulho. Então, retirou uma pequena almofada de veludo que se encontrava no mostruário do balcão e, cuidadosamente, colocou sobre ela aquele sestércio, como se ele fosse uma jóia raríssima. — Está vendo essa estrutura aqui, no reverso? — perguntou a David, oferecendo-lhe a lupa. — Por favor, olhe o senhor mesmo.

David ajustou a lupa sob a pálpebra e abaixou a cabeça, até que a moeda entrasse em foco. Agora, ampliada, a corrosão era bem mais evidente, como também o desenho original. Entre as letras s e c havia o formato de uma estrutura composta de colunas verticais.

— Em 64 d.C. Nero terminou de construir um arco triunfal, para comemorar suas vitórias na Partia — o negociante explicava. — Este arco é exatamente o mesmo que aparece no reverso de sua moeda. Desse modo, podemos identificar a data com bastante precisão.

Ao examinar a moeda, David sentia aquela já familiar sensação em seus dedos cobertos com as luvas. O gasto perfil, do outro lado da moeda, mostrava um homem com um grosso e longo pescoço e um queixo agressivamente protuberante, porém os outros traços já tinham se apagado com o tempo. David tinha que admitir que muitas das moedas ali estavam em bem melhor estado do que aquela.

— Ela está em péssimo estado mesmo. Acho que esteve enterrada por algum tempo — disse David.

— Bem, ela está um pouco mais corroída que o normal, para uma peça dessa época — admitiu o negociante. — Parece-me que foi colocada no fogo. O cobre sempre fica desse jeito, depois de aquecido.

David lembrou-se das visões em que a moeda era aquecida num caldeirão com carvão em brasa.

— Mas não tem sentido — murmurou David. — Por que alguém iria queimar uma moeda?

— Oh, casas também pegam fogo — disse o texano. — Muitas vezes, com coleções de moedas dentro delas. O senhor se lembra da história de como Nero se divertia enquanto Roma ardia em chamas? Talvez seu sestércio estivesse lá, enterrado nas cinzas.

David estava aliviado em saber que havia uma explicação lógica para o aquecimento da moeda. Então, o que ele vira nas aparições provavelmente não era real, apenas uma terrível fantasia.

— Mas, mesmo assim, muitos colecionadores gostam de formar o conjunto de moedas de cada um dos doze Césares — continuou o barbudo negociante. — Quanto o senhor quer por ela?

David tinha experiência suficiente, neste ramo, para reconhecer a jogada do negociante texano. Nunca faça uma oferta ao cliente! Peça-lhe para que dê seu preço. Geralmente, um inexperiente colecionador pediria um preço bem menor do que o real valor da peça.

— Esta moeda não é minha — explicou David. — Eu teria que consultar o dono e ver se ele está interessado na venda.

O texano suspirou intimamente, lamentando. Os clientes *sempre* fingem que suas moedas pertencem a outra pessoa. Isso lhes dá tempo de pensar na oferta e procurar um preço melhor.

— Bem... — o texano hesitou. — Como o senhor mesmo disse, esta peça não está em boas condições. Deixe-me ver. — Ele tamborilava seus grossos dedos sobre o balcão.

— O senhor iria revendê-la no varejo? — perguntou David.

O barbudo negociante de moedas olhou para ele, um pouco surpreso. Afinal, aquele simpático nova-iorquino não era nenhum amador. — Eu poderia vender uma moeda como esta por mil dólares. Diga a seu amigo que eu pagarei seiscentos e setenta e cinco.

David não teve tempo de disfarçar seu espanto. Quantas moedas romanas, valendo mil dólares, estariam caídas por aí, em banheiras? Ele recolheu o valioso sestércio e guardou-o na valise.

O texano observava David astutamente. Talvez esse elegante cliente não estivesse realmente interessado em vender, mas, quem sabe, ele gostaria de comprar? Todo colecionador deseja aumentar sua coleção, e por que esse distinto cavalheiro seria diferente?

— Senhor? — O negociante de moedas ergueu sua mão. — coincidentemente, temos aqui um outro espécime deste mesmo sestércio. Talvez da mesma época.

— É mesmo? — perguntou David.

O negociante apontava através do grosso vidro de seu mostruário. Ali, protegida por um transparente envelope de plástico, estava uma peça similar, mas em bem melhor estado do que aquela que Keith tinha achado. David não conseguia controlar sua curiosidade. O que aconteceria se ele segurasse aquele sestércio? Será que ele o afetaria da mesma forma que o primeiro?

— O senhor gostaria de vê-lo? — perguntou o texano.

— Sim, por favor — respondeu David, ansioso.

O negociante de moedas abriu o mostruário e retirou o envelope, colocando-o sobre o balcão. O pescoço do imperador era grosso como o de um touro a ponto de explodir de raiva. Diferente do achado de Keith, esse sestércio tinha a superfície lisa, esverdeada, e em condições tão boas que permitiam a David identificar as letras maiúsculas que contornavam o perfil:

## NEROCLAVDIVSCAESARAVGGERPM

— Como o senhor sabe, os romanos costumavam escrever todas as letras juntas e também usavam abreviações — disse o negociante de moedas. — Estas

letras significam: “Nero Claudius, Caesar Augustus, Germanicus, Pontifex Maximus”. — O texano acrescentou: — Dizem que, quando Nero estava torturando sua vítima, colocava uma moeda como esta, cunhada com sua própria figura, dentro da boca do homem agonizante. Uma espécie de advertência para o mundo vindouro, e, assim, a vítima jamais ousaria ofender o imperador novamente.

David empalideceu. Outra vez ele se lembrou da imagem que insistia em permanecer diante de seus olhos, lá na sala de Jennifer.

— Vamos, dê uma olhada no reverso — o texano cutucou-o.

David hesitava, receando tocar no envelope de plástico mesmo com as mãos cobertas com as luvas. E se essa moeda, bem melhor conservada que a de Keith, provocasse uma reação ainda mais forte?

Vagarosamente, com bastante cuidado, segurou o invólucro de plástico com a mão esquerda. No reverso da moeda, o arco triunfal de Nero destacava-se claramente, mais ainda que os quatro cavalos sobre ele. Em ambos os lados do arco estavam as letras s e c.

— O que significam essas letras? — perguntou David.

— *Senatus Consulto*. Significando que Nero reinava com o consentimento do Senado romano.

David fez uma pausa, esperando que as vibrações comessem. Porém, nada aconteceu. Curioso! Tirou as luvas e colocou o envelope de plástico na palma da mão. Ainda assim, não sentiu nada, nada mesmo!

Aquele esplêndido sestêrcio aguçava sua curiosidade. Por que não sentia nada? Talvez o plástico prejudicasse a transmissão das sensações. Naturalmente, o negociante de moedas não iria permitir que David tocasse naquela preciosidade com suas mãos nuas. Mas, se ele *comprasse* a moeda, poderia fazer o que bem entendesse com ela!

O envelope de plástico estava lacrado com uma pequena etiqueta, com o preço da moeda, impresso com letras, e não números. Muitos negociantes de antiguidades usavam códigos como aquele. Ao escolher uma palavra de dez letras ou uma frase como CHARLESTON OU ANTIQUERS-O, eles estabeleciam um valor para a primeira letra como sendo 1, para a segunda, 2, e assim por diante, até zero. Dessa forma, uma etiqueta de mil duzentos e cinquenta dólares continha o código CHLN OU ANQO. O freguês era forçado a perguntar o preço, o que permitia ao negociante ajustá-lo, conforme as circunstâncias.

Esse sestêrcio tinha como preço OEXX — um código desconhecido para David. Mas se a moeda toda corroida de Keith valia mil dólares, e esta estava em bem melhor estado. . .

— Ela é maravilhosa — disse David. — Quanto custa?

— Um preço razoável. — O texano sorriu, brincando com ele. — Três mil e setecentos dólares.

David tentou esconder seu espanto. Três mil e setecentos dólares! Mas, afinal, era uma peça rara. Que diabos, ele poderia deduzir de suas despesas comerciais, e, ainda, vendê-la mais tarde, em algum leilão, depois de satisfeita sua curiosidade. . .

O barbudo negociante texano mal podia esconder sua satisfação ao ver David tirar seu talão de cheques e decidir-se pela compra.

— Eu também sou negociante — disse David, colocando seu cartão sobre o mostruário de vidro. — Talvez o senhor possa me fazer um desconto.

O texano deu uma boa olhada no impecável terno sob medida de David e



explicou que não podia. Dez minutos mais tarde, David voltava para seu escritório, levando as duas moedas de bronze em sua valise.

Logo que chegasse a casa, a experiência começaria.

*Quinta-feira, 12 de abril de 1979,*

— Escritório do sr. Greene... — a secretária respondeu, quando Keith discou o número do corretor.

— Aqui é Keith Olson. Já fiz alguns serviços para Tom, antes. Posso falar com ele, por favor?

— Desculpe, mas o sr. Greene já saiu para almoçar. O senhor não quer deixar recado?

— Bem, estarei trabalhando em Peekskill esta tarde — disse Keith. — Peça para ele ligar para minha casa, hoje à noite. . .

— Posso dizer-lhe do que se trata?

— Claro! — Keith olhava a casa, do outro lado da vala, através da janela da cozinha. — Diga-lhe que estou  *muito* interessado naquela casa que ele está alugando, lá na Sunset Brook Lane, 666.

Keith engoliu o resto do sanduíche e do caldo, beijou Jennifer e dirigiu-se para seu caminhão. No caminho para o trabalho, deu uma parada para olhar a nova casa outra vez.

O pessoal da firma de jardinagem já tinha terminado o serviço e o furgão não estava mais lá. Havia preparado todo o terreno ao redor da casa. Tinham construído uma calçada entre a varanda e a entrada de carro e plantado um pinheiro perto da rua.

Keith estacionou seu caminhão na entrada da casa e desceu. Queria olhar aquelas janelas desenhadas mais de perto, principalmente aquela vidraça onde pensou ter visto seu próprio rosto, na terça-feira à tarde. Mas o pessoal da firma de jardinagem tinha fincado pequenas estacas na beira do gramado, ligando-as com uma fita branca. Cerca de quatro metros e meio de solo preparado separavam a sacada da janela da Sunset Brook Lane; e Keith não queria pisar no novo gramado com suas pesadas botas.

A essa distância, pensou, as figuras gravadas no vidro não eram nem um pouco distintas. Keith mal podia distinguir o contorno da Donzela Desejosa, mesmo sabendo para onde olhar. Obviamente, os desenhos eram como aqueles de uma janela de vidro fosco, feitos para serem vistos do lado de dentro.

Durante a preparação do solo, os homens da firma de jardinagem deixaram a placa de metal de Tom Greene bem ao lado da janela da sacada. Aquilo fez com que Keith se lembrasse de que Tom geralmente almoçava na Millwood Inn, ao norte de Chappaqua. Quase sempre, Tom permanecia na mesa, por uma hora ou mais, conversando com eventuais clientes ou velhos amigos. Se Keith desse uma passada por lá, antes de retornar ao trabalho, provavelmente encontraria Tom, antes que ele voltasse para o escritório.

Numa das áreas reservadas da Millwood Inn, Tom Greene estava sentado numa mesa perto do balcão. Ao terminar seu sanduíche, recostou-se, satisfeito, no encosto de couro vermelho. Normalmente, o asseado e calvo corretor tomava apenas um drinque no almoço. Mas, naquele dia, ele decidiu que tinha que comemorar. Afinal de contas, não era todo dia que seus bolsos estavam estufados

de dinheiro assim.

Um pouco antes de ir para a Millwood Inn, Tom tinha passado no banco para depositar mil dólares em dinheiro — exatamente a quantidade que Coste Nad havia lhe prometido para providenciar a papelada referente à mudança do sobrado para a Sunset Brook Lane, em New Castle. Agora, Coste queria que ele colocasse a casa para alugar — Tom tinha recebido seu telefonema aquela manhã —, e escolhera sua imobiliária para se encarregar do assunto. Sim, senhor, abril tinha tudo para ser um mês bem lucrativo.

A garçonete tinha acabado de trazer um segundo drinque para Tom quando ele viu seu amigo Keith Olson adentrar o recinto. O rosto do corretor iluminou-se, e ele fez sinal com a mão para cima, para chamar a atenção de Keith.

— Caramba, como você está queimado! — o corretor exclamou enquanto Keith se ajeitava no assento à sua frente. — Onde você esteve?

— Nas Bahamas — disse Keith, sorrindo. — Voltei na terça-feira passada.

Tom apontou para o borbulhante drinque à sua frente.

— Você me acompanha?

— Não, não, obrigado. Ainda tenho que voltar a trabalhar.

— Então, tome um café — disse o corretor, erguendo a mão mais uma vez, agora para chamar a garçonete.

Escute, Tom. . . — O sorriso desapareceu do rosto de Keith. Ele gostava daquele senhor alegre e jovial, mas naquele dia não estava para muito bate-papo. — Qual é a história daquela casa que você está anunciando para alugar, lá do lado da minha?

— História? — Tom sorriu, geniosamente. — A parte mais difícil foi *evitar* qualquer história sobre ela. O proprietário insistiu na menor publicidade possível.

— Não compreendo — disse Keith. A garçonete aproximou-se, e Tom pediu uma xícara de café para Keith. — Que tipo de publicidade?

— Deus meu! — disse o corretor, inconformado. — Geralmente, quando se transporta uma casa, uma casa inteirinha, é motivo para manchetes. E aí está esse tremendo sobrado que foi rebocado pelo Hudson, numa barcaça! Ele teve que ficar ancorado em Ossining, sendo depois guinchado sobre a plataforma de uma enorme carreta e levado por aquelas ruas estreitas e tortuosas até sua rua. . . — Tom fez uma pausa. — Quando foi que você disse que voltou de férias?

— Terça-feira — repetiu Keith.

— É uma pena, porque você perdeu o espetáculo. Aconteceu há uma semana, na quarta-feira.

A garçonete retornou com duas fumegantes xícaras de café. Tom Greene passou a jarrinha de creme para Keith.

— Não, obrigado. Prefiro puro — disse Keith.

— Bem, a mudança mesmo foi feita depois do escurecer, para evitar todos aqueles curiosos — continuou Tom. — Havia apenas um repórter do jornal local. Ele tentou tirar algumas fotos, porém acho que elas queimaram.

Keith sorveu o forte e quente café. — Mas por que colocar uma casa daquele tamanho num lugar tão estreito?

Tom deu um gole em seu novo drinque e encolheu os ombros. — Era onde o sr. Coste queria, exatamente aquele pedacinho de terra do outro lado de sua casa.

— Como é que ele se chama? Coste? — perguntou Keith, ansioso.

Tom confirmou, balançando a cabeça.

Keith franziu a testa. — Mas todo aquele lado da vala pertence ao velho Clyde Ramsey. Pensei que ele estivesse planejando deixar aquele terreno para a cidade, quando morrer, para que possam construir uma reserva de pássaros.

Estou surpreso de que ele o tenha vendido. Tom deu uma olhada em volta, para ver se não havia ninguém escutando. Então, debruçou-se sobre a mesa, na direção de Keith. — O único motivo que fez Ramsey vender foi porque ele pensou que estivesse com câncer. Em março passado, Cly de foi fazer um *check-up*, e as chapas de pulmão apresentaram alguns sinais de tumor. E você deve imaginar quanto fica caro todo aquele tratamento de cobalto e quimioterapia. Ramsey precisava de dinheiro, e depressa. Você sabe, aquela parte de New Castle é demarcada com uma residência por acre. Então, quando Coste me pediu para oferecer uma certa quantia a Cly de, uma quantia bem generosa, por sinal, por aquele simples terreninho, Cly de aceitou na hora.

— Incrível! — disse Keith, sacudindo a cabeça.

— Mas a parte mais interessante é que as chapas não mostraram mais nenhum sinal de câncer! — disse Tom Greene, sorrindo. — Alguma coisa deve ter embaçado o filme durante os primeiros exames. Mas aí já era tarde. Ramsey já tinha aceito a oferta de Coste. A propósito, Coste pagou em dinheiro! A maior parte do terreno é numa estreita faixa de terra que vai em direção ao riacho, no fundo da vala, mas termina um pouquinho antes. Coste foi bem claro. Ele não queria sua propriedade delimitada por água corrente.

— Ele não lhe explicou por quê? — perguntou Keith.

Tom sacudiu a cabeça negativamente, e um certo temor cobriu seu rosto. — Coste parecia que estava sempre com pressa. Se eu lhe perguntava algo desnecessário, ele simplesmente me cortava. Mas, meu amigo, para conseguir toda aquela papelada da Polícia Estadual, para o transporte da casa, foi um pesadelo!

Keith deu mais um gole em seu café, inquieto. — Você sabe se esse tal sr. Coste coleciona moedas? — perguntou.

O corretor encolheu seus pequenos ombros. — Não tenho nem idéia.

— Bem, qual é seu primeiro nome? De onde ele é?

Mas Tom Greene permanecia sentado ali, copo na mão, com um estranho e preocupado ar no rosto.

— Oh, vamos lá! — insistia Keith. — Você não tem mais *nenhuma* informação sobre esse cara?

— Keith, eu jamais me encontrei com esse homem! Toda a transação foi por telefone. Espere aí, ele apareceu no escritório uma vez, para assinar alguns papéis. . . — Tom evitava o olhar de Keith. — Mas foi na hora do almoço. Eu não o vi.

O corretor fez uma pausa. Não gostava de mentir para ninguém, principalmente para um velho amigo como Keith Olson. Mas toda a verdade era esquisita demais para ter alguma explicação.

Cerca de uns quarenta dias antes, Coste telefonara, dizendo que queria ir até a imobiliária, para levar o dinheiro do terreno de Clyde Ramsey e assinar a papelada. Então, Tom orientou sua secretária para deixar toda a documentação pronta. O corretor colocou tudo num envelope sobre sua escrivaninha para que o sr. Coste encontrasse tudo pronto, na manhã seguinte.

Trancara a imobiliária às cinco e quarenta e cinco, naquela tarde, como de costume. Ou, pelo menos, ele pensou que tivesse trancado. Porque, quando ele voltou na manhã seguinte, às nove e quinze, encontrou a porta da frente destrancada. Não escancarada, apenas entreaberta, de um jeito que seria difícil perceber, da calçada, que ela estava aberta.

Teria havido alguma invasão durante a noite? Tom correu para dentro da imobiliária, esperando encontrar o escritório todo revirado, sua escrivaninha arrombada, o arquivo no chão. Mas, para seu imenso alívio, tudo estava na mais perfeita ordem. Não estava faltando nada.

Justamente o contrário!

Finalmente, Tom percebeu o envelope que tinha deixado sobre sua escrivaninha, na noite anterior. Agora, ele estava lacrado com um adesivo e parecia bem mais grosso e pesado do que antes. Quando Tom rasgou o envelope, abrindo-o, saltaram dúzias e dúzias de cédulas de cinquenta e cem dólares.

Ele levou quase quinze minutos para contar todo aquele dinheiro. Estava tudo ali, até o último dólar — dinheiro suficiente para pagar o terreno de Clyde, mais os custos dos documentos e a comissão de Tom Greene.

Prensados pelas notas, estavam os documentos que a secretária de Tom havia preparado. Todos assinados no lugar certo, com uma elegante porém ilegível assinatura. Obviamente, Coste tinha estado na imobiliária para assinar os papéis!

O velho corretor tinha certeza de ter trancado a porta, na noite anterior. Mas é claro que ele poderia ter-se enganado. Tom não queria que sua secretária pensasse que ele estava ficando senil ou esquecido. Então, mais tarde, naquele dia, disse à secretária que, enquanto ela fora almoçar, o sr. Coste tinha vindo ao escritório e assinado os papéis. Aquela justificativa era suficientemente plausível, e ela não se preocupou mais com aquilo.

E agora, nessa mesma manhã, Tom tinha recebido os mil dólares de pagamento de Coste pelas providências tomadas para a mudança da casa. Quando o corretor abriu a porta, do escritório, encontrou um de seus próprios envelopes timbrados, com seu próprio endereço como remetente, caído sobre o assoalho. Dentro, dez cédulas de cem dólares, novinhas em folha. “Coste deve ter empurrado o envelope pela abertura do correio”, imaginou Tom. Mas como conseguira escorregar assim, até o meio da sala? E por que Coste teria usado um dos próprios envelopes timbrados de Tom? Deveria tê-los conseguido na papelaria, quando assinou os papéis, em março passado.

Agora, Tom observava Keith tomar o último gole do seu café. Definitivamente, alguma coisa estava incomodando Keith, pensou o corretor. Geralmente, Keith era afável e extrovertido. Tom nunca tinha visto o amigo divagando tanto assim.

— Bem! — pigarreou Keith. — Agora que você está encarregado de alugar a casa de Coste. . .

Um ligeiro ar malicioso apareceu no semblante de Tom.

— Keith! Como é que você sabia disso?

— Eu não sou cego! — retrucou Keith. — Sua placa de “Aluga-se” está lá, bem na frente da casa.

— Mas não pode ser! — exclamou Tom Greene. — Coste me telefonou *hoje* de manhã para dizer que queria que eu me encarregasse do aluguel lá! Eu ainda tenho que colocar um anúncio no jornal que sai amanhã à tarde. Então, sábado eu irei até lá, para fincar uma de minhas placas.

— É uma placa esmaltada — insistiu Keith. — Bem junto à janela da sacada, de frente para a rua. Sim, Tom, eu já vi suas placas antes.

O corretor tomou o último gole do seu *manhattan* e desejou que houvesse mais. Aquelas placas em verde e branco tinham lhe custado alguns trocados, de modo que ele as conservava trancadas num armário em seu escritório. E só ele

tinha a chave.

— Talvez você tenha emprestado uma placa para Coste, e ele a colocou lá — insistiu Keith.

— Talvez — mentiu Tom. — Eu simplesmente não me lembro. — Ele *devia* estar ficando senil; era a única explicação!

— Mas e você? Ainda não viu a casa?

— Sim, já — disse Tom. — Fui até lá, na manhã após a mudança, quando ela estava sendo colocada sobre os novos alicerces.

— Então, você viu que precisa de reparos, especialmente se seu cliente pretende alugá-la. Você sabe o quanto gosto desse tipo de serviço, Tom. Por que não me telefonou?

— Eu não tinha permissão — respondeu o corretor, embaraçado.

— O que você quer dizer? — insistiu Keith. — Por acaso, Coste lhe disse para *não* me oferecer o serviço?

Não, não! Nada disso. — Tom podia perceber que Keith estava bem intrigado e desconcertado com o mal-entendido. “Coste que vá pro inferno!”, o corretor pensou. — Ele disse que realmente queria que a casa fosse restaurada, principalmente no interior. E ele deve ter ouvido falar de você antes, porque mencionou seu nome.

— Então, por que não me chamou?

— Coste me disse para não me preocupar em chamá-lo — disse Tom. — Porque ele mesmo quer entrar em contato com você.

Quando Keith deixou a taverna, já estava mais de uma hora atrasado. Mas que diabo — seus ajudantes, Marc e Jason, poderiam se virar sem ele. Então, em vez de ir direto para Peekskill, Keith se dirigiu para a biblioteca de Chappaqua.

Através de um panfleto federal, “Mudando prédios históricos”, ele ficou surpreso em saber que a técnica de mudança de casas tinha, pelo menos, duzentos anos. Em 1838, uma casa de tijolos de quatro andares, na cidade de Nova York, fora transportada a uma distância de quatro metros, sem nem mesmo danificar os espelhos pendurados nas paredes interiores. Em 1869, operários transportaram um hotel de seis andares, em Boston, também feito de tijolos e pesando cinco mil toneladas. Em 1889, um tribunal de três andares em Nebraska fora rebocado por cerca de catorze quilômetros por uma locomotiva. E, em 1975, uma catedral gótica na Tchecoslováquia, pesando dez mil toneladas, fora transportada para um novo local, a quase um quilômetro de distância. Os computadores asseguraram que a estrutura do século XIV praticamente não saíra fora do alinhamento.

Comparado a isso tudo, o transporte de um sobrado de madeira em estilo vitoriano era brincadeira de criança. Mas será que já tinham transportado uma casa de um lado a outro do país? Agora, a curiosidade de Keith era maior do que nunca.

Desde quarta-feira ele lia e relia aquele incrível artigo tirado do jornal de Seattle. Queria saber mais sobre o assassino condenado, James Beaufort, sobre seu julgamento e a surpreendente confissão e, principalmente, sobre o local do assassinato, na Bremerton Road, 666.

Keith não tinha dinheiro para voar até Seattle. Então foi até o escritório da Carpintaria Olson, onde fez uma chamada de longa distância para o jornal de Seattle e descobriu o nome de seu editor-chefe. Então, sentou-se em sua escrivaninha e bateu uma carta, pedindo ao homem o favor de enviar-lhe

fotocópias de todo o material editado até o momento, sobre o caso Sutton-Swenson. Lembrando ao editor que os crimes aconteceram por volta de 1973, Keith colocou uma nota de vinte dólares na carta, para recompensar o homem por tanto trabalho.

Como remetente, Keith colocou o endereço da Carpintaria Olson em Chappaqua. Jennifer já começava a pensar que ele estava preocupado demais com a nova casa do outro lado da vala; afinal de contas, era apenas a propriedade de alguém. Se ela o pegasse novamente remexendo naquele monte de artigos sobre um duplo assassinato, ocorrido há seis anos, provavelmente o mandaria para o hospício.

O funcionário do correio de Chappaqua informou-lhe que não era necessário usar um envelope aéreo. Todas as cartas registradas seguiam automaticamente por avião. Mesmo assim, o funcionário admitiu: as cartas para o Pacífico noroeste poderiam demorar de três a quatro dias. Keith não queria esperar tanto tempo, portanto pediu que sua carta fosse registrada e enviada por via aérea.

De volta à sua galeria, David parou para uma refeição ligeira. À noite, quando chegasse a casa, na Riverside Drive, jantaria satisfatoriamente. O negociante de antiguidades deixou o estômago vazio deliberadamente, porque sabia o que tinha que fazer aquela noite. Mas ficou protelando, protelando; queria consultar alguns livros antes.

Por volta das vinte e três e quarenta e cinco, seu estômago ainda roncava, porém ele já não tinha fome. Espreguiçou-se e fechou a grossa *Enciclopédia do mundo antigo*, guardando-a na biblioteca. Então, retornou à sala e sentou-se no sofá. As luzes do candelabro de metal refletiam-se na lustrosa mesinha de mármore, à sua frente.

Quase se arrependeu de ter consultado a enciclopédia em primeiro lugar, pois leu mais do que queria saber sobre o reinado de Nero Claudius Caesar Drusus Germanicus.

O imperador Calígula também fora selvagem e cruel, mas reinara apenas por quatro anos. Nero permaneceu no trono por catorze sangrentos anos. Torturou e matou centenas de pessoas, inclusive membros de sua própria família e sua esposa, Popéia. Foi Nero quem ordenou a seus servos para pôr fogo na cidade, que ardeu durante seis dias. Nero não tocava violino enquanto Roma ardia em chamas — ele cantava! Mas nem bem as cinzas esfriaram, ele acusou a nova seita cristã de Roma pelo incêndio. Durante as perseguições de Nero, as catacumbas de Roma estavam entulhadas de corpos de mártires. São Paulo foi decapitado e São Pedro, crucificado de cabeça para baixo.

Mas, em meio a tudo aquilo, havia uma coisa que se fixou na memória de David: Nero tinha medo de fantasmas.

Depois de ordenar o assassinato de sua própria mãe, Agripina, o imperador reclamava que seu espírito vingativo tinha voltado para persegui-lo. Nero chegou até a pagar uma necromante persa para afastar o espírito da mulher assassinada.

Medo de fantasmas! Será que aquilo explicava o fato de um sestércio de bronze ser aquecido num braseiro e enfiado na boca de um homem agonizante? Porém, o que o negociante texano tinha dito a David agora tinha sentido. Segundo a enciclopédia, os beatos romanos sempre colocavam uma moeda na boca de um cadáver. Assim, o falecido teria dinheiro para pagar Caronte, o barqueiro que transportava almas penadas do rio Estige para o tenebroso reino de Hades. Uma vez que tinham atravessado o rio subterrâneo, os espíritos jamais poderiam voltar

para perturbar os vivos.

David deu uma olhada sobre a lareira da sala. Lá, havia um relógio do século XVIII que ele tinha mandado consertar, depois que o assassino de Eleanor o quebrara. Era quase meia-noite.

David lembrou-se de que o dia seguinte seria bastante atarefado na galeria. Já era hora de começar a experiência que ele estava adiando a noite toda.

Levantou-se e caminhou vagarosamente para o quarto. Sua valise estava lá, com as duas moedas. De volta à sala, David colocou a valise sobre a mesinha de mármore. Então, sentou-se novamente no sofá, abriu-a e pegou o valioso sestércio de bronze que tinha comprado aquela tarde.

Aprensivamente, David abriu o envelope de plástico e aparou a pesada moeda na palma de sua mão. Ela estava levemente fria, nada mais. Se havia alguma vibração, era fraca demais para que ele pudesse sentir. Aparentemente, aquele bem-conservado sestércio tinha passado inexpressivos mil e novecentos anos. Certamente, não transmitia nenhuma daquelas horríveis e desconcertantes sensações que David havia sentido, quando pegou a primeira moeda.

Depois de segurar a moeda por uns três minutos, ainda não sentia nada de extraordinário. Então, o pesado relógio de bronze sobre a lareira anunciou meia-noite.

David pegou um lenço limpo e esfregou suavemente a valiosa moeda para que o suor de seus dedos não danificasse sua superfície. Então, devolveu-a ao envelope de plástico. Desde o assalto, dois anos antes, David não deixava mais objetos de valor, como aquele, no apartamento. A primeira coisa a fazer, na manhã seguinte, seria levar a moeda ao banco e guardá-la no cofre.

Estava também na valise a gasta e corroída moeda que Keith lhe havia emprestado. Ela também estava acondicionada num envelope de plástico que o negociante texano graciosamente lhe cedera. Mesmo temendo manuseá-la novamente, David teria que fazer a comparação. Abrindo o envelope de plástico, deixou que a moeda escorregasse para a palma de sua mão esquerda.

Quase imediatamente sentiu o forte latejar em seus dedos. Então, reclinou-se no sofá e fechou os olhos.

Instantaneamente, todas as imagens apareceram — o calor, o ruído de carne dilacerada, os gritos. David queria atirar o sestércio longe. Mas, ao contrário, cerrou ainda mais seus dedos em volta da ardente moeda. Devia haver algo mais! Se pudesse suportar aquela agonia por tempo suficiente, talvez outras cenas desfilassem perante seus olhos fechados. E, possivelmente, teria a oportunidade de saber como aquele velho sestércio da Roma antiga tinha ido parar numa banheira, em New Castle, Nova York. Então, cerrou os dentes, preparando-se para a eminente situação de terror e dor.

De repente, as terríveis imagens de sangue e morte começaram a retroceder. E agora?, perguntou-se David. Apertou a moeda mais forte ainda. Houve então uma notória e brusca mudança no ar. A atmosfera parecia úmida e pesada, carregada de um forte odor animalesco.

Abruptamente, rápida como um raio, a imagem de Jennifer Olson apareceu atrás de suas cerradas pálpebras. A visão demorou o suficiente para que David pudesse ver que seu rosto estava todo banhado por uma luz avermelhada. Seus olhos estavam arregalados, em pânico, sua boca ansiava por ar.

Estarrecido, David abriu os olhos. Inacreditavelmente, tudo permanecia como antes. O pesado relógio do século XVIII continuava marcando a hora sobre a lareira, e aquele terrível odor tinha desaparecido. Até aquela ardente e latejante sensação se fora. David tinha apertado tanto a moeda que sua mão



estava doendo. Agora, um pouco mais relaxado, abriu os dedos crispados, e quase desmaiou de susto.

Sua mão estava vazia! A palma de sua mão ainda trazia a marca arredondada daquele fantasmagórico sestércio, Mas, como que por encanto, ele tinha desaparecido.

*Sexta-feira, 13 de abril de 1979.*

Mais de uma hora depois, David ainda se encontrava sentado no sofá da sala. Todas as luzes do apartamento estavam acesas. Ele estava terrivelmente cansado, porém, assustado e confuso demais para poder dormir.

A marca na palma de sua mão sumira, mas o desaparecimento da moeda abalou-o profundamente. Será que seus dedos teriam se, aberto sem que ele percebesse? David queria desesperadamente acreditar que o sestércio tinha meramente escorregado pelo vão de seus dedos.

Então, olhou, primeiramente, atrás das almofadas do sofá. Chegou a levantar o tapete persa que cobria o chão da sala, para certificar-se de que a moeda não tinha deslizado para baixo dele. Quando viu que não achava mesmo, foi até a cozinha e serviu-se de um *scotch* para acalmar os nervos. Impressionante! Tudo aquilo parecia simplesmente inacreditável.

Então, ficou vagando pela biblioteca, na esperança de que alguns daqueles livros pudessem ajudá-lo a entender tudo aquilo. Porém, a maioria dos livros de David era estritamente a respeito do mundo real: mobílias, decoração e história francesa. Não tinha nenhum livro sobre religião ou fenômenos paranormais.

David serviu-se de um outro copo de *scotch* e sentou-se no sofá da sala por mais meia hora, pensando. Quando o relógio sobre a lareira assinalou uma e meia da manhã, ainda não tinha resolvido nenhuma das questões que pairavam em sua mente. Mas dois copos de *scotch* num estômago vazio fizeram com que ele perdesse o medo e, naturalmente, ficasse ligeiramente tonto. Quando se deu conta de seu enorme cansaço, colocou o pijama e foi para a cama.

David ainda ficou acordado por mais uns dez minutos, ouvindo o barulho do tráfego da West Side Highway. A noite parecia calma agora. De algum modo, era quase certo que o terrível sestércio de bronze já não estava mais ali para incomodá-lo. E, antes que percebesse isso, estava sonhando.

Tinha a impressão de estar ao lado de uma estrada, em algum ponto do país. Era noite. À sua frente alongava-se uma faixa de terra. Além, havia um espaço vazio onde a terra desaparecia. Então, para espanto de David, algo começou a romper aquele solo rochoso.

Torrões se desmanchavam e escorregavam sobre o telhado da emergente figura. A terra estava parindo uma casa!!! David olhava estupefato, enquanto o sobrado de madeira se erguia, completo, com chaminé e varanda recém-pintadas de azul. Mas, no lugar das ripas, a casa tinha escamas, como um réptil. E, aplicado numa das paredes, o enorme e protuberante olho de um inseto gigante espiava David.

Agora, sangue vazava da terra revolvida, em volta do alicerce. David percebeu que a terra estava sangrando. Então, ouviu uma trovoadá. Uma chuva pesada começou a cair, tentando lavar aquele sangue. Mas a casa continuava erguendo-se, rasgando o solo rochoso. O sangue jorrava mais forte agora, pelas

fendas do alicerce.

A casa tinha se erguido completamente, e a terra de onde emergira transformara-se em carne humana. O sangue esguichava pela cavidade formada pelo alicerce de concreto, correndo pela estrada onde se encontrava David. Tentou gritar, mas sua voz não saía.

Anos atrás, sempre que David tinha pesadelos, sua esposa Eleanor ouvia seus gemidos, ao seu lado. Então, ela sacudia seus ombros até que ele acordasse e lhe dissesse o que estava acontecendo. Mas agora, desde a morte de Eleanor, David vivia sozinho, em seu apartamento na Riverside Drive. E não havia mais ninguém para acordá-lo.

Outra vez David tentou gritar. Mas, no sonho, o ar era pesado e úmido; não conseguia sequer respirar. Pior ainda, parecia que algo envolvia seu pescoço, sufocando-o. Sua voz não emitia nenhum som. . .

Mas, de repente, ele acordou!

Ou não? Bem longe, ainda ouvia os ecos dos trovões. Pesadas batidas vinham de algum lugar atrás dele.

Não, aquilo não era sonho. David sentia o familiar travesseiro sob sua cabeça. As batidas vinham da parede atrás de sua cabeceira. Então, repentinamente, elas pararam.

David voltou-se e deu uma olhada no relógio de cabeceira. Passava um pouco das quatro horas da manhã de sexta-feira. Acendendo as luzes, levantou-se e deu uma olhada pela janela. As ruas estavam molhadas. Então, mais uma vez, ouviu um trovão, distante porém fraco. O trovão do sonho tinha sido mais forte, mais agourento. Uma tempestade de começo de primavera devia ter lavado a cidade enquanto ele dormia.

Então David descobriu o que eram aquelas batidas. Seu quarto era separado apenas por uma fina parede do apartamento do sr. e sra. Jacob. Durante o pesadelo, ele tentara gritar. Mesmo que não tenha ouvido a si mesmo, evidentemente fora bem-sucedido. O que mais faria Leo Jacob bater daquele jeito na parede?

David foi até a cozinha, tomou um copo de leite e voltou para a cama. Mas não conseguiu dormir. Recostou-se na cama sem sono, preocupado. E se os pesadelos recomeçassem? Será que acordaria com seus gritos, ou acordaria os vizinhos primeiro?

Em New Castle, Jennifer Olson acordou ao primeiro ruído de trovão. Desde garotinha morria de medo de relâmpagos. E agora, ao ouvir a tempestade próxima, permanecia acordada, imóvel, imaginando quanto tempo levaria para que seu marido acordasse.

Aquela noite, Keith levava-a para a cama e eles fizeram amor até altas horas. Keith sempre dormia profundamente, em especial depois de fazer amor.

Agora, Jennifer movia-se na cama, em sua direção. Ela podia sentir suas costas, suaves, aconchegantes, musculosas. Mas ele nem se mexia.

De repente, na escuridão da madrugada, um raio brilhante explodiu do lado de fora da janela de seu quarto. Foi imediatamente seguido pelo forte ribombar de um trovão. Dessa vez tinha sido bem perto mesmo. Por causa da nova casa do outro lado da vala, as persianas estavam abaixadas, e Jennifer não pôde ver onde o raio tinha caído. Mas não podia suportar mais. Keith dormia tranquilamente a seu lado. Sua respiração era longa e vagarosa; ele se encontrava totalmente ausente do mundo.

— Keith — disse Jennifer, sacudindo seu braço. — Keith, acorde!

Ele acordou, num sobressalto, assim que a chuva começou a respingar na janela do quarto. — Caramba... — murmurou. Deveria ter arrumado a goteira da chaminé. Agora, parecia que havia uma cachoeira em seu quarto, e deveria haver mais água no só tão.

Então, outro relâmpago seguido de um enorme estrondo! Jennifer estava aterrorizada. Keith sabia o quanto aquilo a amedrontava, e então virou-se e abraçou-a. Ela o apertou fortemente, protegendo-se em seu peito.

— Keith — sussurrou ela. — Acho que o raio atingiu alguma coisa!

— Vou dar uma olhada. Seus pés nus pisaram no carpete. Nu, foi até a janela e levantou a persiana. As luzes estavam apagadas, portanto, ninguém poderia vê-lo, e espiou pela janela coberta com os respingos da chuva. As janelas de seu quarto davam para o oeste, de onde sempre vinham as tempestades.

Naquele instante, o dardo de um relâmpago espatifou-se na chaminé da casa nova. Um estrondoso trovão ressoou em menos de um segundo.

Keith recuou, assustado, e automaticamente afastou-se da janela. — A casa do outro lado acaba de ser atingida — disse ele a Jennifer.

— Você acha que ela vai pegar fogo? — perguntou ela.

Keith tentava olhar através da escuridão. Bem longe, clarões de relâmpagos se repetiam, envolvendo a casa nova com uma fraca luz cinza. — Não dá para dizer. Mas também não há ninguém lá para poder informar. É melhor chamar a polícia e pedir para eles verificarem.

Jennifer acendeu o abajur ao lado da cama. Sentindo os efeitos da repentina iluminação, pegou o telefone. De repente, a luz piscou e diminuiu, mas voltou novamente.

— Eu sei o número — disse Keith, enrolando-se num roupão. — 7, 9, 2... — Mas, então, percebeu a intrigada fisionomia da esposa. Jennifer estava apenas ouvindo o fone, sem discar.

— O telefone está mudo — disse, finalmente.

— Deixe-me ver. — Keith deu a volta na cama e pôs o fone no ouvido. Queria ouvir o sinal de discagem, mas não havia som nenhum. Insistiu no botão do telefone, mas nada aconteceu.

— Aposto que deve haver algum poste caído por aí — disse Keith, enquanto outro raio atingia a casa, do outro lado da vala. Uma chuva de faíscas azuis escorregou pelo telhado. Outra vez, seguiu-se o ensurdecedor trovão.

Keith pensava que raios não costumavam atingir o mesmo local duas vezes. Mesmo assim, aquela chaminé tinha sido atingida duas vezes, nos poucos minutos em que ele estivera na janela!

Lá em cima, nas nuvens, novamente o clarão dos relâmpagos iluminava a casa com uma maligna luz esverdeada. Naquele prolongado instante, Keith pôde ver que a chaminé parecia perfeitamente intacta. Mas, então, vislumbrou algo estranho no andar térreo. . .

— Keith! — Jennifer chamou preocupada. — Saia da janela!

— Já vou — retrucou ele. A luz do abajur piscou novamente, mas Keith nem percebeu. Estava observando uma vaga luz avermelhada na sala de estar do número 666, na Sunset Brook Lane,

No céu, o rugir dos trovões ressoava como os passos de um enorme gigante à procura de -sua vítima. Keith viu quando a varanda se iluminou com aquela mesma luz avermelhada. O clarão vermelho estava saindo agora! Tinha cerca de um metro e meio de diâmetro — pelo menos, parecia ter. Com toda aquela chuva caindo pela vidraça, Keith não podia ver direito o que era aquilo. Forçou os olhos, tentando identificar quem carregava aquela luz. Então, o brilho parou no

meio da varanda e começou a pulsar vagarosamente.

Mais uma vez, Keith teve a inquietante sensação de estar sendo observado. Por trás, a lâmpada do quarto refletia a imagem de Keith na janela e, qualquer um que estivesse em pé, na varanda do número 666, da Sunset Brook Lane, provavelmente poderia vê-lo com clareza. Mesmo assim, continuava espiando através da respingada janela, tentando ver aquela estranha luz vermelha um pouco mais claramente. . .

— *Keith!* — gritou Jennifer.

— Já vou, já vou. — No momento em que ele se voltou da janela, houve um tremendo estrondo do outro lado da casa, abalando literalmente as paredes.

— Meu Deus — sussurrou Keith. — Este deve ter atingido o telhado!

Mas Jennifer levantou a cabeça, tentando ouvir algo. De repente, Keith também ouviu.

Era a campainha da porta da frente, tocando no vestibulo do andar térreo. E começou a tocar ininterruptamente, como se alguém estivesse se apoiando nela.

— Quem será a uma hora dessas? — sussurrou Jennifer. — Só pode ser uma emergência!

Os dois desceram até o andar térreo. A campainha ainda estava tocando quando Keith destrancou a porta, abrindo-a cuidadosamente. Mas não havia ninguém nos degraus da frente. Olhando melhor na escuridão da noite, notou que um enorme tronco de árvore estava caído na calçada.

— Acho que foi o bordo que foi atingido — disse a Jennifer.

— Então, por que a campainha estava tocando?

— Sinceramente, não sei — admitiu Keith. — Talvez o raio tenha atingido a campainha também, provocando um curto-circuito. . .

— Olhe! — exclamou Jennifer.

Escorado num dos degraus de acesso à varanda, pendendo para o batente da porta, estava o velho ancinho de Keith. A última vez que ele o tinha visto fora em outubro, quando então o guardou no fundo da garagem. Agora ele estava molhado e equilibrava-se no próprio cabo, de modo que um dos seus dentes empurrava o botão da campainha.

— Eis a sua emergência! — Keith deu risada. Então empurrou a porta e retirou o ancinho da campainha. O som parou instantaneamente. — Brincadeira de alguns garotos — resmungou Keith.

— Com esse tempo? — perguntou Jennifer. Mas Keith olhava os degraus da varanda, e seu semblante mostrava uma estranha expressão. — O que houve? — perguntou ela.

— Nada. — Keith evitava seu olhar. — Só estou imaginando como alguém pôde tirar este ancinho da garagem. Você a trancou a noite passada, não?

Dez minutos mais tarde a tempestade tinha passado. A luz do abajur parou de piscar, dando a entender que eles não ficariam sem eletricidade, como tinham ficado sem telefone. Mas Jennifer sempre guardava uma lanterna e algumas velas, perto da cama, para casos de emergência. De qualquer forma, seria dia em menos de duas horas.

Keith apagou a luz do quarto e deu mais uma olhada na casa do outro lado da vala. Não havia ninguém em pé lá na varanda. Nada de luz vermelha e nem mesmo qualquer sinal de fogo em seu interior.

Jennifer logo voltou a dormir. Keith, contudo, não conseguia pregar os olhos, tentando imaginar como alguém, de noite, no meio de uma tremenda tempestade, teria retirado aquele ancinho de sua garagem trancada! Mas o que

realmente o intrigava era que o cabo do ancinho estava molhado.

Aquela água significava que a ferramenta fora retirada da garagem *depois* que começara a chover. Entretanto, quem quer que tivesse atravessado a frente da casa, toda alagada, no mínimo teria deixado visíveis pegadas nos degraus da varanda. Porém, a não ser alguns poucos pingos que caíram do ancinho, a plataforma da varanda estava completamente seca!

Geralmente, Keith acordava dez ou quinze minutos antes de Jennifer. Assim, poderia se barbear antes que ela ligasse o chuveiro, deixando o espelho do banheiro todo embaçado. Mas naquela manhã, o raiar do dia fez com que Keith acordasse ainda mais cedo. Quando se levantou, o relógio marcava cinco e quarenta e cinco, e Jennifer nem se mexeu.

Keith vestiu seus *blue jeans*, calçou os sapatos e desceu sozinho. Na cozinha, colocou água no fogo para fazer café. Então, saiu pela porta da frente e foi retirar o tronco que estava caído na calçada em frente à varanda. Quando ele estivesse seco, Keith o cortaria em pedaços para fazer lenha.

Examinando o enorme bordo que obstruía sua calçada e parte do estacionamento, percebeu onde a árvore tinha sido atingida pelo raio. A carga elétrica percorrerá todo o tronco, rasgando sua casca em finas tiras. No gramado da frente, havia várias crateras provocadas pela corrente que chegou até a raiz do bordo, perdendo-se então na terra.

“Coisa terrível esses raios”, pensou Keith.

De volta para a cozinha, preparou alguns ovos com torradas. A essa altura o café já estava pronto. Do outro lado da vala, o sol matinal refletia-se nas vidraças da nova casa. Keith olhou a chaminé. Por que, depois de serem atingidos duas vezes, aqueles tijolos ainda pareciam intactos?

O relógio sobre o fogão marcava seis e cinco. Keith estava quase terminando de lavar a louça do café quando o telefone tocou.

Correu para atendê-lo. A campainha do telefone também tocava na extensão de seu quarto, e ele queria que Jennifer dormisse até mais tarde. — Alô? — disse ele.

— Sr. Olson? — Era uma profunda e vibrante voz que Keith não reconhecia.

— Sim, aqui é Keith Olson. Quem fala?

— Aqui é Coste. — A voz tinha uma estranha inflexão, ou seria um leve sotaque? — Ouvi dizer que o senhor gosta de restaurar casas velhas.

— Exatamente — disse Keith. — Foi Tom Greene quem mencionou meu nome para o senhor?

— Não foi preciso. — Houve uma pequena pausa.

— Mas acredito que o senhor possa... executar o trabalho que eu quero que seja feito. O senhor já conhece minha casa, não? Aquela que fica próximo à sua, do outro lado do riacho. O exterior precisa de vários consertos e também de tinta fresca.

— É, eu sei — respondeu Keith.

— Sim! — retrucou a voz suavemente. — E, já que o senhor esteve lá dentro, deve saber que o interior também precisa de reparos.

Keith estava estupefato. Como esse tal Coste sabia que ele tinha entrado na casa? O número 666 da Sunset Brook Lane estava vazio quando ele fora lá; tinha certeza disso. Será que Coste estava em algum lugar, do lado de fora, espiando por uma daquelas janelas sem cortinas?

— De fato — respondeu Keith, meio atrapalhado.

— Realmente entrei em sua casa. Mas só porque a porta da frente estava aberta e calculei que havia alguém em casa. Esperava encontrá-lo.

— Tudo a seu tempo — a voz respondeu, serenamente.

— Lá em cima, no banheiro, encontrei uma velha moeda — continuou Keith. — Um amigo meu disse que ela pode ser romana. No entanto, ele está tentando identificá-la, mas não se preocupe porque o senhor a terá de volta.

Keith ouviu uma leve risada, do outro lado da linha.

— O senhor não precisa se preocupar com isso — disse a voz. — Mas diga-me, quanto o senhor quer para preparar o interior para pintura e decoração?

— Para falar a verdade, não prestei muita atenção quando estive lá, da primeira vez — disse Keith. — Estava pensando em outras coisas. Teria que dar uma nova olhada na casa. E o que mais o senhor gostaria que eu fizesse? Por exemplo, os lambris estão muito mal colocados. O senhor não gostaria que eu tampasse os buracos dos pregos, pelo menos? Ou, então, eu poderia tirar tudo aquilo e substituir por compensados decentes, que pelo menos permitiriam que o senhor pendurasse pesados quadros na parede.

— Minha casa sofreu alguns danos no passado — respondeu a voz, com um leve sinal de raiva. — Eu gostaria que o senhor a restaurasse como se ela fosse sua.

— Combinado — respondeu Keith. — Mas posso lhe perguntar uma coisa? Sua casa é a mesma que foi transportada lá de Seattle, Washington, da Bremerton Road?

Novamente, uma pequena pausa. — É claro que o senhor pode *perguntar* — respondeu a voz, rispidamente.

— Quando o senhor estiver pronto para examinar a casa novamente, encontrará a chave na varanda.

Tom Greene tinha razão. Realmente, Goste não gostava de responder a perguntas! — Será que é uma boa idéia deixar a chave do lado de fora? — perguntou Keith. — Claro que é um lugar bem calmo e tranquilo. Mas, de vez em quando, passa por aqui uma molecada lá de Port Chester ou então de White Plains. . .

A voz soava irritada e levemente superior. — Eles não encontrariam a chave, eu lhe asseguro!

Keith percebeu que Coste estava ansioso para desligar, mas ele ainda estava curioso. — O senhor sabe, sua chaminé foi atingida por raios, ontem à noite. Pelo menos duas vezes! Daqui de casa, não dá para perceber se houve algum dano.

— Nunca há. — A voz tinha o autoritário tom de um pai, explicando o óbvio a uma criança.

— Muito bem, mais uma coisa — disse Keith. — Como posso encontrá-lo, quando tiver feito o orçamento? Qual é o número de seu telefone?

— Não tenho um telefone onde o senhor possa encontrar-me.

— Talvez eu possa encontrá-lo lá na casa e então... — Keith foi interrompido.

— Deixe o orçamento com Tom Greene — disse a voz. — Ele lhe transmitirá minha resposta.

Keith ia dizer bom dia quando percebeu que Coste já tinha desligado. Mas, em vez de um novo sinal de discagem, o aparelho começou a emitir um fraco e triste som. Aparentemente, as linhas ainda estavam com problemas.

— Está funcionando? — perguntou uma voz atrás dele.

Keith deu um salto. Voltando-se, viu Jennifer, agasalhada com um roupão de seda verde, em pé, ao lado da porta.

— Caramba, você me assustou! — Ele desligou o telefone e foi até o fogão.

— Quer café?

— Por favor — respondeu Jennifer, bocejando. Ela ainda parecia um pouco sonolenta. Keith passou-lhe uma xícara de café fresco e puxou uma cadeira para que ela se sentasse.

— Com quem estava falando? — perguntou ela.

— Com Coste — disse Keith. — O cara que comprou a casa ao lado. Ele quer que eu lhe forneça um orçamento para o concerto da casa, por dentro e por fora.

— Que tal é ele? — perguntou Jennifer.

— Sei lá. — Keith voltou para a pia e começou a lavar o resto da louça do café. — Nós não conversamos muito.

Jennifer tomou um bom gole de café. Agora parecia que estava acordando.

— Foi Coste quem ligou? Quando?

— Agora mesmo — retrucou Keith. — O telefone tocou há uns dois ou três minutos atrás. Não foi isso que a acordou?

— Não. — Ela balançou a cabeça, afastando os longos cabelos castanhos do rosto. — Faz uns dez minutos que eu estou acordada. Se o telefone tivesse tocado, eu teria ouvido.

— Mas tocou aqui embaixo! — disse Keith.

Jennifer encolheu os ombros. — Talvez seja só a extensão do quarto que não está funcionando. Vamos ver. — Jennifer foi até o telefone da cozinha, tirou-o do gancho e ouviu por um instante. — Ouça — disse ela, passando o aparelho a Keith.

Ele pressionou o receptor no ouvido, mas não ouviu nenhum sinal de discagem. Na verdade, não conseguiu ouvir som algum. O telefone estava completamente mudo, como a extensão de seu quarto na noite anterior, quando Jennifer tentou ligar para a polícia.

— Bem, estava funcionando antes — disse ele, franzindo a testa. — Liguei para a companhia telefônica logo que chegar ao escritório.

Keith gostaria de poder parar no 666 e examinar os efeitos daqueles dois raios, mas estava com muita pressa. Precisava ir a Peekskill e também não queria deixar Jennifer sem telefone.

Ainda não tinha dirigido nem um quilômetro e meio quando viu um caminhão da companhia telefônica estacionado ao lado de um poste. Dentro de sua caçamba elevada havia um homem usando um capacete. No chão, embaixo, estava o tronco de uma árvore, bem maior do que aquele que tinha caído na calçada de Keith. Um outro homem também usando capacete estava cortando-o em pedaços, com uma serra elétrica.

Keith estacionou seu caminhão bem ao lado do veículo da companhia telefônica. Quando se aproximou, notou um homem no assento do motorista bebendo café numa garrafa térmica.

— Alguma coisa errada? — perguntou Keith, gritando por causa do barulho da serra elétrica.

— Desculpe — disse o motorista, pondo uma mão no ouvido para tentar ouvi-lo melhor. — O que é?

— Algum problema com os cabos? — repetiu Keith. — Meu telefone está mudo.

— Sim, senhor, temos problemas! A tempestade de ontem à noite danificou algumas linhas. Onde o senhor mora?

— Na Sunset Brook Lane — disse-lhe Keith.

O motorista balançou a cabeça. — A Sunset Brook Lane está completamente



muda. Mas deveremos consertar tudo até as dez horas!

— Eu não compreendo — gritou Keith. — Já recebi uma chamada esta manhã.

— A que horas foi? — perguntou o motorista.

— Bem, ali pelas seis e meia — respondeu Keith. Sentiu um ar de incredulidade nos olhos do homem.

— Bem, senhor, não sei como isto foi possível. Todos os telefones de sua rua estão *mudos* desde mais ou menos as quatro horas da manhã.

*Sábado, 14 de abril de 1979,*

Um pouco antes das dez horas Keith terminou de serrar o tronco que estava caído na frente de sua varanda; ele e Jennifer sentaram-se para tomar o café da manhã.

Geralmente, aos sábados de manhã, Keith saía de casa ali pelas nove horas, para fazer orçamentos. Quase todo mundo queria que ele aparecesse quando o dono da casa estivesse presente, para maiores esclarecimentos. Normalmente, nessa época do ano, havia tanto serviço que Keith tinha que fazer uma programação com três semanas ou até um mês de antecedência. Mas, durante os dez dias em que ele e Jennifer estiveram de férias, a secretária eletrônica no escritório de Chappaqua não registrara nenhuma chamada. E, conseqüentemente, naquele sábado de manhã Keith não tinha nenhum compromisso.

Era estranho, pensou. Ele, Marc e Jason faziam um excelente trabalho. Seus preços eram razoáveis. Mas o fato é que não estava aparecendo nenhum trabalho mesmo.

— A propósito — murmurou Keith, mordendo sua torrada. — David Carmichael não ligou para você, ligou?

— Não, desde a última vez em que estive aqui — respondeu Jennifer, olhando para ele, cautelosamente. Tanto a noite passada como esta manhã Keith parecia um pouco rude e preocupada. — Por quê?

— Você se lembra daquela moeda de bronze que ele levou? Eu estava pensando se ele conseguiu descobrir que imperador era aquele.

— Não sei — disse Jennifer. — Perguntarei a ele, ao encontrá-lo no leilão desta tarde.

Keith colocou sua xícara na mesa e olhou para a esposa. — Que leilão?

— Keith, eu lhe *disse*. Há um leilão hoje à tarde, às duas horas, na Christie's em Nova York. David disse que haverá liquidação de alguns móveis antigos. Ele falou sobre isso quarta-feira à noite, e achei que seria interessante. Você disse que não se importaria se eu fosse. Não se lembra?

— Mais ou menos — resmungou Keith. David e Jennifer tinham conversado sobre leilões e antiguidades, e Keith realmente não prestara muita atenção.

— Você pode vir comigo, se quiser — acrescentou Jennifer.

— Não — retrucou Keith. — Tenho muita coisa para fazer por aqui, como empilhar aquela lenha lá atrás, na garagem.

— Estarei de volta mais ou menos às seis horas — disse Jennifer. — Poderemos jantar às sete. Ou até mais cedo, se você colocar a carne no forno às cinco horas.

— Está bom — disse Keith, distraidamente. — Se David estiver com a moeda, dá para você trazê-la? Tenho que devolvê-la a Coste.

— Você já lhe deu o orçamento da casa? — perguntou Jennifer.

— Ainda não. — Keith engoliu o resto do café. — É outra coisa que tenho que fazer esta manhã.

Mas Keith tinha que enfrentar os fatos; ele estava com medo do que poderia ver na vidraça do lado direito daquela janela da sacada. Se não era realmente seu o rosto desenhado naquele hexágono de vidro, isso significava que ele estava imaginando coisas. Mas, e se fosse mesmo realidade, em vez de imaginação? Em ambos os casos seria uma péssima situação; Keith hesitava em descobrir.

Por outro lado, a Carpintaria Olson não estava em condições de desprezar o serviço de Coste. Na segunda-feira de manhã, Keith, Marc e Jason terminariam o trabalho em Peekskill. Depois disso, eles não teriam nada para fazer até maio, quer dizer, a não ser que Coste aceitasse o orçamento de Keith e autorizasse o serviço na Sunset Brook Lane, 666.

Impaciente consigo mesmo, Keith levantou-se e levou sua xícara para a pia. Afinal de contas, o que o estava incomodando? Apenas algumas toneladas de madeira velha, canos enferrujados e vidraças desenhadas! O que ele estava esperando?

— Acho que vou até o outro lado da vala agora. — Então, correu até o quarto para pegar uma jaqueta e sua prancheta.

Quando desceu, Jennifer ainda estava sentada, tomando café. — Coste vai se encontrar com você lá? — perguntou ela.

— Não. Mas disse que a chave estará na varanda, e que não terei problemas em encontrá-la. Quando você vai para Nova York?

Jennifer deu uma olhada no relógio acima do fogão. — Vou sair ali pelas onze horas.

— Bem — Keith sorriu nervosamente. — Certamente estarei de volta antes!

Ele saiu pela porta da cozinha, fechando-a atrás de si. Bem adiante, a uns dez metros, a casa amarela e branca de Coste estava banhada pelo sol matinal.

Sozinha, Jennifer olhou o relógio da cozinha mais uma vez. Eram exatamente dez e trinta e nove da manhã. David lhe dissera que telefonaria às dez e meia em ponto, para confirmar se poderiam encontrar-se antes do leilão, para almoçar.

Então, por que não telefonara? David sempre se orgulhara de ser pontual. Keith poderia atrapalhar-se com seu trabalho e telefonar-lhe uma hora mais tarde do que o combinado. Mas David, nunca! Não era costume dele deixar de telefonar na hora combinada.

Ou será que o telefone estava mudo de novo? Jennifer tirou-o do gancho e ouviu o sinal de discagem. Mas já eram dez e quarenta, e David ainda não tinha ligado. Ela teria que se vestir agora ou perderia o trem das onze e dez que saía da estação de Chappaqua. Será que David se esquecera? Ou algo saíra errado?

Jennifer imaginava que Keith ficaria na casa nova pelo menos por alguns instantes. Ela não queria que ele entrasse na cozinha enquanto estivesse conversando com David pelo telefone. Então, subiu até o quarto, pegou a extensão e ligou para a galeria de David.

A srta. Rosewood atendeu: — David M. Carmichael, bom dia!

— Alô, aqui é Jennifer Olson. Posso falar com David, por favor?

A srta. Rosewood fez uma pausa. — Oh, sinto muito, sra. Olson. O sr. Carmichael não veio trabalhar esta manhã. Ele me telefonou dizendo para não esperá-lo. Sei que irá a um leilão esta tarde.

— Eu sei disso! — falou Jennifer. — Nós deveríamos nos encontrar lá, mas ele não telefonou confirmando. Deixou algum recado para mim?

A srta. Rosewood hesitou. O sr. Carmichael havia se queixado de ter dormido pouco e queria descansar um pouco mais. Mas será que ele tinha passado a noite com alguma jovem? Afinal de contas, era viúvo, e um viúvo

deveras atraente! Mas a britânica secretária sempre tinha o cuidado de nunca especular sobre a vida particular de seu patrão. Por mais inocentes que fossem as razões para ele não ter aparecido na galeria, certamente a sra. Olson nada tinha a ver com isso.

— Não — disse a inglesa. — Nenhum recado. Acho que não o verei até segunda-feira. Quer que eu lhe peça para telefonar para a senhora na semana que vem?

Não, não precisa se preocupar — respondeu Jennifer, irritada com a inflexível formalidade da srta. Rosewood. — Liguei para a casa dele. — E, antes que a secretária pudesse protestar, Jennifer desligou.

Ela mesma se surpreendeu com seu inesperado temperamento agressivo. Da próxima vez que falasse com a srta. Rosewood se desculparia, pensou. Então, levantou o fone novamente e ligou para o apartamento de David, na Riverside Drive,

Para chegar ao número 666 da Sunset Brook Lane, Keith só precisava ir em frente e atravessar a vala. Mas ainda queria adiar o orçamento o mais que pudesse. Então, pegou o caminho mais longo, indo até o retorno da Sunset Brook Lane.

O fim de abril era uma época estranha do ano, Keith pensou. O sol era tão forte como em agosto, mas o ar continuava úmido. Todas as árvores estavam sem folhas. Uma vegetação selvagem crescia ao lado do riacho, no fundo da vala. Aqui e ali, flores silvestres brotavam com suas pequenas pétalas vermelhas. Mesmo assim, o lugar era sombrio, tenebroso.

Logo, a casa amarela e branca surgiu. Keith nem mesmo se preocupou em olhar a janela da sacada; ele teria uma visão melhor do lado de dentro, no cômodo sextavado.

Ao aproximar-se da entrada coberta com pedregulho, desenrolou a fita métrica. Teria que determinar as dimensões da casa para saber quantos galões de tinta seriam necessários para pintar o lado externo.

A varanda — e a própria casa — mediam nove metros de frente. A grama nova ainda não tinha brotado. Assim, David passou entre o pinheiro e a linha amarrada nas estacas, sem fazer muito estrago no futuro gramado, e concluiu que a casa media catorze metros de fundo, desde a porta da frente até a parede da cozinha. Finalmente, mediu a altura e calculou que entre o beirai do telhado e o alicerce havia aproximadamente uns seis metros e meio.

Subindo na varanda, Keith testou a porta da frente novamente. Estava bem trancada! A pesada maçaneta de metal mal girava. Onde estava a chave que Goste tinha lhe prometido?

Keith procurou em todos os lugares possíveis de se esconder uma chave. Mas não havia nenhum capacho. Não havia ganchos nos cantos das janelas da entrada, nem atrás dos pilares que sustentavam o telhado da varanda. Ele chegou até a procurar no descascado teto amarelado da varanda, mas não estava lá também.

Bem, se não achasse a chave, então não poderia entrar para fazer o orçamento! Deu-lhe uma estranha satisfação o fato de ter que desistir daquele serviço. Mais cedo ou mais tarde, arranjaria outras encomendas. Enquanto isso, telefonaria para Tom Greene e lhe diria para avisar Coste para procurar outra pessoa. . .

Estava descendo os degraus da varanda quando ouviu um som metálico sobre as tábuas atrás de si. Voltou-se. Ali, no chão da varanda, bem em frente à porta,

estava caída uma antiquada chave de ferro.

Dessa vez Keith *sabia* que ela não tinha caído do teto porque ele já tinha olhado lá em cima. Alguém devia tê-la atirado na varanda. Correu para o lado direito da varanda e olhou por toda parte da Sunset Brook Lane. Mas não havia ninguém lá; apenas as marcas de seus pés no terreno preparado para ser o gramado da frente da casa.

O outro lado da casa — onde o terreno se inclinava abruptamente para o riacho — era o único lugar em que o provável atirador da chave poderia ficar sem que Keith pudesse vê-lo. Correu então para os fundos e olhou de um lado ao outro da vala. Mas novamente não havia ninguém. E não havia nenhum arbusto ou pedra suficientemente grande para esconder um homem.

Keith nunca se importara muito com piadas de mau gosto. Mas agora alguém estava brincando com ele e, certamente, ele não estava gostando. Confuso e irritado, pegou a chave. Ela ainda estava quente. Precisamente como aquela estranha moeda que achou na banheira, no andar superior!

Girando a chave na fechadura, empurrou a porta e adentrou o corredor em direção às portas de correr, sob as escadarias. O rosto desenhado na vidraça direita também fazia parte daquela brincadeira tola, e agora Keith queria satisfazer sua curiosidade de uma vez por todas.

Dentro do cômodo hexagonal, o ar era seco e abafado. Mas quando Keith se dirigiu para a janela do lado direito, que continha a figura do Bobo Lacrimejante, sentiu uma fria brisa no rosto.

O painel de vidro com a face do Bobo Lacrimejante tinha sido removido da janela! E um vento úmido de abril soprava pela abertura sextavada.

Quando Jennifer discou o número do telefone do apartamento de David, a linha estava ocupada. Dois minutos mais tarde, tentou novamente. Dessa vez, David atendeu ao primeiro toque.

— David? É Jennifer.

— Jennifer! — A despeito da voz calorosa, David parecia rouco e exausto. — Eu queria agradecer-lhe mais uma vez por quarta-feira à noite. Só sinto que . . .

— Por favor, está tudo bem mesmo — disse ela. O relógio acima do fogão marcava onze e quarenta e sete. — Nosso almoço ainda está de pé?

— Receio que não. Tive uma noite um pouco agitada e. . . — De repente, a linha ficou bloqueada com ruídos e estática. — Você pode me ouvir? — perguntou David.

— Sim — respondeu Jennifer, levantando a voz. — Mas você parece preocupado. O que aconteceu?

— Não se incomode — respondeu ele. — Tenho mesmo é que enfrentar este problema e procurar um médico.

— Um médico? — perguntou Jennifer. Ela se lembrou de seu repentino ataque de náuseas, na quarta-feira à noite. — Você está bem?

— Sim, claro! — David deu uma risada um pouco sem graça. — Nada sério mesmo, só alguns pesadelos. Por favor, não quero deixar você preocupada.

— Pesadelos? — Jennifer não podia acreditar que ele estivesse lhe dizendo a verdade. — Então você não vai ao leilão?

— Não — respondeu David. — Não dormi bem durante a noite e não me sinto em condições.

No leilão daquela tarde, Jennifer se lembrou, havia uma raríssima cômoda estilo Luís XV em que David estava desesperadamente interessado. Ele deveria estar se sentindo bastante doente para perder aquela oportunidade!

— Se você quiser, posso ir até a cidade e fazer alguns lances para você — sugeriu Jennifer.

— Não, por favor! Haverá outros leilões nesta primavera e, acredite-me, estarei em todos eles. Assim que eu tiver uma conversa com o médico, nós nos encontraremos e então lhe explicarei tudo.

Ainda a incomodava sentir que David não estava sendo franco com ela agora. — Lembra-se daquela moeda que Keith lhe emprestou? — perguntou ela.

— Ele queria saber se você já conseguiu identificá-la.

— Sim, já. É um sestércio de bronze, do tempo de Nero. Keith está aí agora? — perguntou David, apreensivo.

— Não — disse Jennifer. — Saiu para fazer um orçamento. Na verdade, ele...

— Tudo bem — interrompeu David, apressado. — Eu lhe levarei o sestércio, na próxima vez em que for aí.

— Diga-me sinceramente — insistiu Jennifer. — Há alguma coisa errada com você?

— Só alguns pesadelos — riu David. — Falo com você na semana que vem, está bem?

— Tudo bem — respondeu, convencida de que ele não estava dizendo a verdade,

— Adeus, então.

— Adeus.

Quando desligou o telefone, Jennifer estava intrigada e magoada. Ela e David sempre tinham sido tão abertos um com o outro! Mas agora ele parecia esconder-lhe alguma coisa. E, além do mais, ele realmente tinha apressado a conversa...

Ou será que estaria com alguma mulher quando ela ligou? Afinal, a morte de Eleanor fora há dois anos e, claro, qualquer mulher o acharia simpático e atraente. Jennifer se sentia confusa e com ciúme. Ela amava Keith e não queria estar casada com outra pessoa! Mas, mesmo assim, tinha se acostumado a idéia de que o afeto de David era apenas seu.

Porém, tanto Jennifer quanto a srta. Rosewood estavam redondamente enganadas quanto às suas especulações. O negociante de antiguidades estava completamente sozinho em seu apartamento na Riverside Drive.

Ele aguardou até que Jennifer colocasse o fone no gancho. Queria desesperadamente falar com ela — mas não naquele dia, não naquele momento. David precisava deixar a linha desocupada, pois havia uma remota chance de o dr. Fuchs-Kramer voltar a ligar.

Às dez e meia, quando deveria telefonar para Jennifer, estava falando com o Lenox Hill Hospital. Passou a manhã toda tentando localizar alguém que pudesse ajudá-lo a parar com aqueles terríveis pesadelos.

Na sexta-feira à noite, ele mal começara a dormir e o mesmo sonho ocorreu pela segunda vez. Novamente viu a casa azul rasgando a terra sangrenta. Outra vez, a terra se transformou em carne humana. Outra vez David tentou acordar, gritando, mas ao invés disso foi acordado pelas furiosas batidas do sr. Leo Jacob na parede.

Depois desse segundo pesadelo, ele foi até a sala e ficou acordado por uma hora. Preparou uma xícara de chá e folheou um velho exemplar de *Connoisseur*, para espalhar. Finalmente, por volta da uma hora da manhã, voltou para a

cama. Mas, ali pelas três, o pesadelo começou pela terceira vez, com todos aqueles detalhes malditos, do começo ao fim.

Dessa vez, contudo, David acordou com o som de seu telefone tocando na sala de estar. Era Leo Jacob, e David podia sentir que ele falava sério. Exigia explicações sobre todo aquele barulho àquelas horas da madrugada, e ameaçou chamar a polícia, caso fosse acordado novamente.

Ao desligar o telefone, David estava horrivelmente embaraçado. Pensar que tinha acordado o sr. e sra. Jacob três vezes nas duas últimas noites! Estava perfeitamente claro que ele não conseguia acordar com seu próprio grito. Era sempre um outro barulho — Leo Jacob batendo na parede, um telefone tocando — que finalmente o tirava do pesadelo.

Com medo de voltar para a cama novamente, David levou o travesseiro para a sala e, com alguns cobertores, improvisou uma cama bem no meio do tapete persa. Se ele começasse a gritar ali, pelo menos estaria cercado e, quem sabe, abafado pelas paredes de seu próprio apartamento.

Ficou acordado até as quatro horas da madrugada de sábado. Então, caiu no sono sem nenhum sonho dessa vez. Mas quando acordou na sala, às sete horas da manhã, seu pescoço e suas costas estavam bastante doloridos. Não dava nem mesmo para enfrentar meio período na galeria da 57<sup>th</sup> Street. Então, telefonou para a srta. Rosewood, avisando-a.

Quando Jennifer ligou, sentiu vontade de contar tudo a ela, desde a primeira vez em que ele tocou naquele maldito sestércio de bronze, em sua sala, lá em New Castle. Mas como poderia explicar a incrível visão que tivera dela? “Na minha visão, vi você brilhando em vermelho, totalmente aterrorizada, suplicando por ar. Achei que você deveria saber.” Felizmente, David tinha comprado aquele novo e caro sestércio. Agora poderia devolvê-lo a Keith, em lugar do primeiro. Mas, mesmo assim, Keith acreditaria no que acontecera ao primeiro? “Aquela moeda de Keith foi avaliada em mil dólares, mas simplesmente evaporou-se. Sinto muito.”

Como poderia explicar a Jennifer algo que nem ele mesmo conseguia entender? E os sucessivos pesadelos?

David simplesmente não poderia continuar assim, quase sem dormir. . . Tinha que encontrar alguém a quem explicar tudo aquilo. Alguém que fosse capaz de fazer parar sonhos e lhe assegurasse que não estava ficando louco. Mas David não queria um médico que fosse meramente um psiquiatra. Fez um bocado de ligações, antes que o dr. Block, um bom cliente que trabalhava no Lenox Hill Hospital, o recomendasse ao dr. Stanley Fuchs-Kramer — psiquiatra licenciado e também formado em parapsicologia.

Porém, quando David ligou para o dr. Fuchs-Kramer, foi sua secretária eletrônica que recebeu a chamada. Era sábado de manhã e, naturalmente, o parapsicólogo não trabalhava nos fins de semana. Ele não estaria disponível até segunda-feira de manhã, no mínimo. David teria ainda que passar as noites de sábado e domingo e também enfrentar a possibilidade de que o sonho da terrível casa azul voltasse logo que começasse a dormir!

Jennifer ainda estava sentada no quarto quando ouviu a porta da cozinha bater.

— Keith! — ela chamou. — É você?

Mas não houve resposta. Silenciosamente ela caminhou até o topo da escada e deu uma olhada. Não havia ninguém na sala. — Keith? — chamou novamente.

— Sim, sou eu! — Sua voz vinha da cozinha. Quando Jennifer desceu, encontrou-o na mesa, com a prancheta e a calculadora manual à sua frente.

— Eu falei com David — disse. Mas Keith apenas resmungava e fazia alguns cálculos em sua prancheta. Jennifer sabia muito bem que não era bom perturbá-lo nesses momentos.

A casa 666 da Sunset Brook Lane estava em pior estado do que Keith imaginara. Ele chegou à conclusão de que para colocar a casa em ordem, novinha em folha, levaria pelo menos duas semanas. E, por toda aquela obra com compensados, pintura e mão-de-obra, deveria cobrar pelo menos seis mil duzentos e cinquenta dólares. Keith soltou um assobio de espanto. Um pouco alto. Fez os cálculos novamente, mas o total continuava o mesmo.

Pela breve conversa que teve com Coste, sexta-feira de manhã, Keith concluiu que o proprietário era um exigente perfeccionista que não toleraria qualquer servicinho malfeito. Por outro lado, o simples fato de Coste ter gasto todo aquele dinheiro no transporte da casa não significava que ele fosse um esbanjador. Então, Keith decidiu baixar o preço para cinco mil dólares. Ainda assim, sobraria bastante dinheiro para que ele tivesse lucro, se Coste aprovasse o orçamento, é claro.

Pegou o telefone da cozinha e ligou para Tom Greene. De repente, percebeu que sua mulher estava ali, parada, na entrada da sala de estar.

— Oi — disse. — Pensei que você tivesse ido à cidade.

Jennifer balançou a cabeça, negativamente. — David não está se sentindo bem. Mas pediu-me para lhe dar um recado: o homem da moeda é o imperador Nero. Acho que ele disse que era um sestércio ou coisa assim.

— Magnífico — disse Keith. — Quem quer que seja, tenho que devolver a moeda a Coste. Quando ele vai trazê-la de volta?

— Ele não disse.

Keith estava para perguntar à sua esposa por que a indisposição de David a impedira de ir à cidade, quando, de repente, ouviu o fone ser atendido, no outro lado da linha.

— Tom? Olá, é Keith. Pode dizer ao seu amigo Coste que o concerto de sua casa transplantada vai custar-lhe cinco mil setecentos e cinquenta. Incluindo a cobertura das rachaduras do lado externo, mais duas demãos de tinta látex.

— Cinco mil setecentos e cinquenta é razoável — respondeu Tom.

Keith pasmou no telefone. — Você não tem que consultá-lo? Como ele sabia que ia ficar nesse preço?

— Não, não — riu Tom. — Ele me telefonou hoje cedo e disse que pagaria até sete mil e quinhentos. No entanto, não aceitaria uma oferta abaixo de quatro mil. Isso significaria que nem todo o serviço necessário seria feito.

Keith blasfemou. Ele poderia ter aumentado o orçamento em mais mil dólares que Coste teria aceito, sem problemas!

— Parece que ele está com um pouco de pressa — acrescentou Tom. — Será que seus rapazes poderiam começar já na semana que vem?

— Claro — retrucou Keith. — Provavelmente, na segunda-feira mesmo, à tarde.

Excelente — respondeu o corretor. — Coste quer que o lado de fora seja pintado de azul-escuro. E o vigamento pode ser branco. Por enquanto, não se preocupe com a pintura do interior.

— Por que não? — perguntou Keith. — Por acaso, Coste gostaria de ter só aqueles compensados nus olhando para ele?

— Por enquanto, sim; Assim que a casa for alugada, o novo inquilino poderá



escolher a cor que ele quizer.

— Que *ele* quizer? — repetiu Keith. — Mas não é a mulher quem escolhe?

— Não neste caso — disse Tom Greene. — Bem, por lei, eu deveria alugar a casa para qualquer casal de boa reputação que aparecesse. Mas Coste deixou bem claro que ele não quer uma família inteira morando lá. Ele só quer alugar para um homem que seja solteiro, divorciado ou viúvo!

*Segunda-feira, 16 de abril de 1979.*

Sentado no consultório do dr. Fuchs-Kramer, de repente, David percebeu o quanto estava cansado.

Ele tinha dormido as noites de sábado e domingo no chão da sala, com muito medo de voltar a sonhar outra vez e gritar, durante o sonho, acordando o sr. e a sra. Jacob. Agora, depois de ficar três noites acordado, deitado no duro chão da sala, David estava desesperado. Ficou profundamente agradecido quando o dr. Fuchs-Kramer concordou em atendê-lo no fim da tarde de segunda-feira.

O dr. Stanley Fuchs-Kramer tinha trinta e dois anos. Seu rosto era redondo e rosado, e seus louros cabelos encaracolados já estavam ficando bem ralos. Então ele ajeitou seus óculos sem aro e deu uma boa olhada no simpático e bem-vestido visitante, sentado ao lado de sua escrivanhinha.

Durante os últimos três anos, o dr. Fuchs-Kramer e seu assistente, dr. Harold Werner — também um psiquiatra —, efetuavam experiências parapsicológicas, autorizados pelo hospital psiquiátrico localizado no centro da cidade. Mas, ao contrário do Maimonides Hospital, no Brooklyn, esse hospital nunca publicava suas pesquisas nesse campo. É o já escasso fundo para pesquisa do dr. Fuchs-Kramer corria o risco de ficar ainda mais minguaado. Um freguês em potencial, como David M. Carmichael, poderia ser a resposta às preces do parapsicólogo.

— Muito bem, sr. Carmichael. Em que posso ajudá-lo?

O negociante de antiguidades pigarreou. — Ultimamente, tenho passado por algumas experiências bem estranhas. E espero que o senhor possa ajudar-me a compreendê-las. O senhor conhece o dr. Block, o ortopedista do Lenox Hill Hospital?

O dr. Fuchs-Kramer concordou, balançando a cabeça.

— Ele é um bom cliente meu; sua esposa comprou alguns móveis no inverno passado. Eu lhe disse que precisava me consultar com um médico psiquiatra, aqueles que entendem como funciona a mente. Mas, também, que tivesse algum conhecimento sobre fenômenos paranormais; que não fosse cético. Alguém que pudesse acreditar no que está acontecendo comigo.

— E, exatamente, o que *está* acontecendo? — perguntou o parapsicólogo.

David titubeou. Por onde deveria começar? Oh, afinal de contas, o dr. Fuchs-Kramer era um especialista; para que se preocupar? — Bem, na quarta-feira passada, eu estava jantando em casa de uns amigos meus, em Westchester. . .

Ele contou tudo, desde o momento em que tocou pela primeira vez no sestêrcio de bronze, na sala de estar de Jennifer. Durante todo o tempo, o dr. Fuchs-Kramer o encorajava, balançando a cabeça. David foi em frente, descrevendo as visões que tivera em seu apartamento e, também, como a moeda desaparecera da palma de sua mão.

— Espere um pouco — disse o parapsicólogo. — Voltemos à noite de quarta-feira, quando o senhor viu a moeda pela primeira vez. O sr. e a sra. Olson

também tocaram nela?

— Não — falou David. — Jennifer nunca tocou nela. Só Keith.

— E, por acaso, ele também demonstrou sentir algo estranho?

David negou, balançando a cabeça. — Não que eu me lembre.

— E a outra moeda, que o senhor comprou na quinta-feira, não provocou nenhum tipo de reação? — indagou o psiquiatra.

— Não. — David pegou a moeda no bolso de seu colete. Ele tinha fechado o envelope de plástico de modo que o valioso sestércio não pudesse escorregar acidentalmente.

— Posso vê-la? — O médico pegou o envelope de plástico da mão de David e examinou seu interior. — Muito bonita! A outra moeda era do mesmo tipo dessa?

— Sim — respondeu David. — Só não estava em tão boas condições como essa.

— Muito bem — disse o dr. Fuchs-Kramer. — O senhor comprou essa moeda de um negociante, certo? E onde foi que seu amigo conseguiu a outra?

— Ele a encontrou numa casa recentemente construída perto da sua. Ele me disse que ouviu alguma coisa cair dentro de uma banheira vazia. Quando foi olhar, lá estava a velha e corroida moeda de bronze.

— Talvez seja uma materialização — disse o dr. Fuchs-Kramer.

David não tinha certeza se tinha ouvido direito. — Como?

— Uma *materialização!* — O parapsicólogo sorriu, repetindo. — Materializações são ocorrências bastante comuns nesses tipos de casa onde acontecem fenômenos paranormais. O objeto em questão é geralmente bem pequeno, de metal; uma chave, por exemplo; ou uma moeda. Algumas testemunhas declararam que já viram esse fenômeno ocorrer no ar, perto do teto. — O médico levantou sua mão para ilustrar. — Então, o objeto cai suavemente no chão, bem mais devagar que um objeto normal sob a força da gravidade. De vez em quando, o objeto faz uma curva ou ziguezague, como se quisesse chamar a atenção para si mesmo. — O médico se debruçou sobre a mesa, na direção de David. — Quando seu amigo pegou a moeda pela primeira vez, ele disse o que sentiu?

— Sim — confirmou David, balançando a cabeça. — Acho que ele disse que a moeda parecia estar quente.

— Esse tipo de materialização sempre é quente — afirmou o dr. Fuchs-Kramer. — E, de vez em quando, também desaparece, como essa moeda que o senhor disse que sumiu.

David ainda não tinha certeza se o dr. Fuchs-Kramer acreditava nele ou não. — Quer dizer então que o que estou lhe dizendo tem sentido?

O médico sorriu reservadamente. — Digamos apenas que seu caso é muito semelhante a alguns relatos profissionais que já ouvi. Certamente, os detalhes não parecem coisas imaginadas ou sonhadas por um leigo. Mas deixe-me fazer-lhe uma pergunta. Em ambas as vezes em que o senhor segurou a moeda, a única impressão que o senhor recebeu era a de um homem sendo torturado?

— Não — retrucou David. — Na segunda vez, vi a imagem de Jennifer Olson, incrivelmente real. Ela é a esposa da pessoa que encontrou a moeda. Isso aconteceu antes de a moeda desaparecer e, na mesma noite, os sonhos começaram.

— Sonhos? — perguntou o dr. Fuchs-Kramer.

— Esta é a causa principal que fez com que eu viesse consultá-lo — respondeu David. Relatou os constantes pesadelos com a casa vitoriana, pintada de azul, nascendo de um solo sangrento. — Todas as vezes tentei gritar para

acordar. Mas não consegui!

O médico retirou os óculos e esfregou os olhos. — Vejamos. O senhor sonhou com isso na noite de quinta-feira passada, e duas vezes na noite seguinte. E durante a semana? O senhor não sonhou nas noites de sábado e domingo?

— Eu não estava dormindo muito bem — disse David. — Se sonhei, não me lembro.

— Mas o pesadelo da casa azul, o senhor teve esse pesadelo três vezes seguidas.

— Sim — respondeu David. — Será que vai acontecer de novo?

— Não sei. — O médico recolocou os óculos. — Mais uma pergunta. Sempre que o senhor tinha esse pesadelo, ele lhe parecia mais vivo, mais real do que um simples sonho?

O negociante de antiguidades confirmou, balançando a cabeça.

— Sr. Carmichael. . . alguma vez o senhor já teve aquele tipo de sensação conhecida como fato mediúnico? Por exemplo: o telefone tocou e o senhor já sabia quem estava chamando ou, então, teve uma idéia de onde encontrar um objeto perdido, ou, mais ainda, saber quando algum amigo estava chegando? Alguma coisa desse tipo já aconteceu com o senhor?

David balançou a cabeça, negando. — Não. Nada que eu me lembre.

— Talvez esses pesadelos repetitivos tenham a função de prever o futuro. Veja bem: o realismo e a repetição, três vezes seguidas, sugerem que seu subconsciente está tentando lhe avisar sobre algo que está para acontecer.

— Avisando-me? — perguntou David. — Que uma casa azul vai realmente nascer do chão? É impossível!

Não para a mente. — O dr. Fuchs-Kramer sorriu gentilmente. — O subconsciente sempre se comunica por meio de símbolos. No momento, por exemplo, estou acompanhando o caso de um operário que sonhou que uma mão entrou em sua fábrica, caminhando com seus próprios dedos, acredita? E desligou as luzes fluorescentes do teto. Totalmente impossível, certo? Bem, na semana seguinte, um operário que estava trabalhando na linha de montagem teve sua mão decepada pela engrenagem. Para desligar a maquinaria, era preciso desligar a força, que, por sua vez, desligaria as luzes fluorescentes. Mas já era tarde. A mão do pobre homem fora cortada até o pulso.

— Meu Deus! — disse David.

— Percebe? — perguntou o parapsicólogo. — O sonho continha dois elementos do acidente da semana seguinte, a mão decepada do operário e o corte da energia elétrica, e recombina-os numa sequência diferente. Esses tipos de sonhos premonitórios sempre fazem isso. Eles juntam fatos separados de um modo que tudo acontece de uma só vez.

David não disse nada, tentando lembrar-se da sequência exata dos fatos de seu pesadelo.

— O senhor consegue reconhecer qualquer um dos detalhes em seu sonho? — perguntou o dr. Fuchs-Kramer. — Por exemplo: o senhor já viu alguma casa parecida com aquela?

— Sim e não — respondeu David. — Ela se parece com a casa lá em New Castle, onde Keith encontrou a moeda. Mas, na vida real, aquela casa é pintada de amarelo, não de azul. — David fez uma pausa, percebendo que o doutor estava pensando. — O senhor acha que este sonho representa alguma premonição?

— Receio que vamos ter que esperar para ver — disse o dr. Fuchs-Kramer, sorrindo. — Não podemos afirmar nada até que um determinado fato aconteça

realmente. Mas, enquanto isso, talvez o senhor deseje testar suas habilidades psicométricas.

— Como? — David não entendeu.

O parapsicólogo sorriu novamente. — A habilidade de segurar um objeto e tirar impressões dele chama-se psicometria. Algumas pessoas conseguem fazer isso razoavelmente bem, e as imagens que elas recebem são confirmadas mais tarde. No momento, meu assistente está acompanhando um teste desse tipo. O senhor não gostaria de ver?

— Claro que sim — retrucou David.

O dr. Fuchs-Kramer levantou-se. — Siga-me.

Aproximadamente na mesma hora em que David saiu para sua consulta com o dr. Fuchs-Kramer, Keith começou a trabalhar na casa 666 da Sunset Brook Lane.

Ele passou a manhã de segunda-feira com Marc e Jason em Peekskill. As novas coberturas sobre a água-furtada que Keith construía não combinavam com as antigas e envelhecidas telhas. Ele resolveu esse problema substituindo-as por telhas de um cinza mais claro.

Por volta do meio-dia, terminaram o acabamento. Keith guardou as ferramentas no caminhão e disse a Marc e Jason para encontrá-lo no 666 depois do almoço.

Poucos minutos antes das duas, Keith estacionou seu caminhão na entrada coberta com pedregulho, ao lado da varanda da casa nova. Ele foi para lá deliberadamente mais cedo, para poder dar uma olhada no local antes que Marc e Jason chegassem.

Primeiramente, examinou a grande janela da sacada. O rosto sextavado do Bobo Lacrimejante ainda não tinha sido recolocado, e Keith concluiu que deveria tampar o buraco antes que chovesse novamente. Ao olhar para baixo, viu um pequeno pássaro caído no chão, bem em frente da janela da sacada. Será que ele estava morto, ou apenas machucado?

Lembrando-se de que pássaros têm piolhos, foi até o caminhão e pegou uma grande colher, de pedreiro; então, caminhou nas pontas dos pés sob o beirai do telhado. As sementes de grama estavam começando a brotar sob a janela da sacada, e ele não queria danificar o novo gramado.

O pássaro era um pardal. Keith pegou-o com a colher de pedreiro, examinando-o mais de perto. O pássaro não parecia estar machucado, mas faltavam algumas penas em seu pescoço. Quando Keith e seu irmão Paul eram crianças, seu gato costumava trazer pássaros naquele estado para casa. Aparentemente, eles morriam de medo, antes que o gato pudesse machucá-los. Colocando novamente o pássaro no chão, Keith virou-o com a ponta da colher de pedreiro. A cabeça do pássaro morto pendia dos seus pequenos ombros. O pescoço estava quebrado. Ele devia ter batido na janela da sacada, pensou Keith.

Tinha acabado de atirar o pardal morto na vala quando o carro de Marc estacionou do outro lado da Sunset Brook Lane. Jason estava ao seu lado. Os dois carpinteiros tinham cerca de vinte anos. Eram excelentes trabalhadores e estavam com Keith desde antes de ele se casar com Jennifer.

Marc deu uma olhada na varanda e soltou um assobio de espanto. — Caramba, esta casa precisa de uma boa demão de tinta!

— Isso é para mais tarde — disse Keith. Apontou para a placa de “Aluga-se”, de Tom Greene, sob a janela da sacada. — O dono da casa quer alugá-la e, assim, ele quer que consertemos o interior primeiro.

— Mas por que as ripas estão tão desarrumadas? — perguntou Jason.

— Porque a casa foi transportada para cá — disse Keith. — Ela deve ter atravessado o país!

Keith ainda tinha a chave que encontrara caída na varanda, no sábado de manhã. Destrancou a porta da frente para que Marc e Jason entrassem na vazia sala de estar.

— Toda essa forração deve ser mudada — disse Keith. — Jason, eu sei que você adora cobrir paredes. Você poderá divertir-se bastante aqui.

Uma fresca brisa primaveril soprava pela porta da frente. Keith foi até a sala de jantar para abrir algumas janelas. O encontro das brisas ajudaria a tirar um pouco a poeira. Estava espantado em ver que as janelas deslizavam tão bem. Normalmente, janelas velhas são muito duras, e, depois de tantos quilômetros de viagem, seria natural que a casa ficasse fora de prumo, fazendo com que as portas e as janelas se entortassem um pouco.

Jason parou no meio da sala, olhando de um lado para outro. — Não consigo compreender — disse finalmente. — Eles não usaram escoras?

— O que você quer dizer? — perguntou Keith.

Certa vez, vi uma velha casa de fazenda ser transportada lá em Armonk — falou Jason. — Eles iam construir uma nova estrada, e a casa estava no caminho. Então, tiveram que deslocá-la uns cem metros. Mesmo assim, tiveram que colocar suportes no interior, sabe, aqueles pregos grandes no viga dentro das paredes. Você disse que esta casa atravessou o país de costa a costa?

— Parece que sim — disse Keith. — Eu ainda estou tentando descobrir isso.

Jason apontou para a forração de madeira sob as escadas. — Sem escoras, toda essa forração de madeira se soltaria antes que eles tirassem a casa do alicerce. E olhe o teto. É de gesso velho, e nem mesmo está rachado!

— Aposto que eles usaram escoras — disse Keith passando a mão sobre a forração de madeira junto à porta. — Este compensado é novo, e as cabeças dos pregos ainda estão brilhando. O pessoal que transportou a casa deve ter retirado as paredes originais e colocado escoras. Então, quando colocaram a casa aqui, retiraram as escoras e pregaram esta forração indecente.

— Pode ser — concordou Jason.

Keith sorriu maliciosamente. — Bem, hoje poderemos descobrir. Todas essas paredes terão de ser refeitas, e bem feitas!

Jason começou a trabalhar no primeiro painel da forração enquanto Marc e Keith foram até o caminhão. A carroceria estava lotada de chapas de compensado do estoque da carpintaria. Colocaram-nas junto à parede ao lado da porta da frente, uma por uma. Keith podia ouvir Jason no lado de dentro, retirando as finas chapas de madeira. Então, de repente, os ruídos pararam e Keith ouviu os passos de Jason indo em direção à porta da frente.

— Keith. — Jason tinha um olhar estranho. — Venha dar uma olhada aqui. Você não vai acreditar.

Keith foi até a sala de estar, onde Jason tinha despregado o primeiro painel de madeira ao lado da porta da frente.

Em todas as outras casas que Keith já trabalhara, os suportes dentro da parede eram uniformes, geralmente medindo dois por quatro. Mas ali cada pedaço de madeira era de tamanho diferente! Alguns com marcas de serra, outros tinham sido cortados com um machado. Um pedaço de pau ainda estava com a casca, do jeito que tinha sido cortado da árvore. E todos eles tinham inexplicáveis sulcos, marcas e estranhas manchas marrons.

— Tem razão — disse ele a Jason. — Não acredito.

— Talvez tenham montado a casa com gravetos apanhados na praia, não? —

perguntou Marc.

— Não sei — disse Keith. — Um bocado dessa coisa parece refugio de outras construções. E nada parece manchado pela água do mar.

— Esse travessão parece de pinho — disse Marc. — E aqueles caibros, de carvalho. Mas que diabo é *isto* aqui?

Ao lado da porta da frente, havia uma grossa e enorme viga com a base chamuscada pelo fogo. A compacta peça de madeira era escura e com uma textura granulada e, novamente, coberta de leves manchas marrons.

— Pau-brasil? — perguntou Keith. — Teca, talvez? Parece um tipo tropical. Mas, em primeiro lugar, por que alguém iria escolher uma tora meio queimada para usar na construção?

— Dê uma olhada aqui. — Jason colocou a mão em um outro sarrafo perto do batente. A madeira estava cheia de buracos de prego. Aquilo fez com que Keith se lembrasse da vez em que Jennifer substituíra o estofado de uma velha cadeira. A estrutura da cadeira estava coberta de buracos, indicando que seu estofado já tinha sido trocado muitas vezes.

Naturalmente, era razoável trocar o estofamento de uma cadeira tão frequentemente. Mas com forrações de parede?

— E dê uma olhada aqui também — Marc apontava para onde a base de uma das vigas se encontrava com as tábuas do assoalho. — Olhe, sem pregos!

Keith viu que Marc tinha razão. Em vez dos usuais pregos, toda a estrutura da casa era presa com cavilhas de madeira — um processo muito antigo de construção, o qual proporcionava muito mais firmeza do que os pregos.

— Agora acho que compreendo por que Coste é tão exigente quanto a esta casa — falou Keith. — Pense no trabalho que deve ter dado, fazer todos esses buracos e acertar as cavilhas no tamanho exato. Assim, dá para entender como foi transportada de tão longe e chegou aqui em tão boas condições!

Marc franziu a testa. — Já não usavam pregos no século XVIII?

— Estão faltando algumas cavilhas aqui. — Jason passou o dedo num buraco que seguia em direção ao meio de uma das vigas. Do lado inferior da viga havia outro buraco exatamente do mesmo tamanho.

— Será que foi aqui que eles colocaram as escoras? — perguntou Keith. Instintivamente, atravessou a sala, em direção à parede oposta, ao lado da sala de jantar. — Jason, empreste-me o pé-de-cabra.

Em poucos minutos, a forração tinha sido arrancada, ficando em pedaços no chão. O resto dela havia outra viga, alinhada exatamente na mesma direção da outra na parede oposta. E no meio dessa viga havia mais dois buracos circulares.

— Está vendo? — disse Keith. — A escora deve ter sido encaixada aqui, atravessando toda a sala, até a outra parede.

Jason continuava inconformado. — Mas por que usaram cavilhas? Por que não usaram pregos?

— Não posso lhe dizer — suspirou Keith. — Mas eu gostaria que o resto dessa forração fosse retirado ainda hoje. Então, é melhor começarmos!

O dr. Fuchs-Kramer levou David até um quatinho fechado, no fim do corredor. Retirando um chaveiro do bolso de seu avental, abriu a porta, acendeu a luz e fez com que David entrasse.

No pequeno cômodo sem janelas havia uma cama portátil, duas cadeiras e um console de equipamentos eletrônicos. David reconheceu os carretéis de um gravador e um par de fones de ouvido entre os mais diversos objetos. Sobre o console havia um pequeno aparelho de televisão. O dr. Fuchs-Kramer atravessou

o quarto e ligou o aparelho.

Quando a tela se acendeu, David pôde ver um médico vestindo um avental branco, que parecia ter a mesma idade do dr. Fuchs-Kramer. Sentada à sua frente, do outro lado da mesa, estava uma velha senhora de cabelos grisalhos. Sua mão esquerda segurava um grande e antigo relógio de bolso de ouro. Sua mão direita cobria seus olhos.

— Isso é uma experiência que meu assistente está acompanhando no momento — explicou o parapsicólogo. — A mulher é Enid Schwartz, que tem notas muito boas em seu teste de psicométrie. Enid concordou em ser filmada enquanto capta suas impressões; e este é um monitor de circuito fechado. — O médico aproximou-se do aparelho e aumentou o volume para que David pudesse ouvir o que estava acontecendo.

— Uma menina e um menino. . . — Enid sussurrava. Ela hesitava, como se estivesse procurando palavras. O médico de cabelos pretos, do outro lado da mesa, anotava algo em seu bloco, mas não fazia nenhum comentário.

— Sempre que Enid vem aqui, ela psicometra três ou quatro objetos que eu tomo emprestados das enfermeiras ou dos médicos daqui do hospital — explicou o dr. Fuchs-Kramer. — Agora, por exemplo, o relógio que ela está segurando é meu. Eu o herdei de meu avô materno. Mas nem Enid nem meu assistente estão sabendo. Assim, se suas impressões tiverem sentido, a telepatia pode ser estabelecida.

— Sim — Enid balançou a cabeça. — Uma menina e um menino! A garota é mais velha. Talvez mais alta também, e seu cabelo é de ouro. Dourado!

— Sidney Dourado! — O dr. Fuchs-Kramer sussurrou no ouvido de David. — Era o nome de meu avô!

Na tela do monitor, Enid Schwartz ergueu a mão direita para a cabeça, como se estivesse arrumando uma peruca invisível. — O garoto tem cabelos encaracolados, como os de sua irmã — disse ela. — A diferença é que eles são escuros, seu cabelo é escuro. Ela adora nadar... ah! Eu o vejo brincando na água; não, ele está caindo. E não é verão! A água está gelada. . .

A velha senhora ainda tinha mais coisas para dizer, mas o dr. Fuchs-Kramer foi até o aparelho e abaixou o volume. David olhou-o, surpreso — o parapsicólogo estava visivelmente abalado!

— Meu avô tinha dois filhos — disse o médico, com voz trêmula. — Minha mãe, que era a filha mais velha, e meu tio.

David estava estranhamente excitado. — O seu tio tinha cabelos escuros e encaracolados?

— Disseram que sim — respondeu o dr. Fuchs-Kramer. — Não conheci meu tio. Sabe, ele morreu afogado no East River, no inverno, antes de eu nascer!

— Meu Deus! — exclamou David. — Então, ela conseguiu essas informações apenas através de seu relógio?

— Aparentemente, sim — disse o doutor. — Enid disse que fatos trágicos são os mais fáceis de captar porque geram fortes emoções negativas. Segundo ela, dor, aflição e terror deixam marcas que alegria, felicidade e amor jamais podem apagar.

Os dois homens voltaram o olhar para a silenciosa tela de televisão, onde Enid estava recolocando o pesado relógio de ouro sobre a mesa. — Por hoje chega para ela! — disse o dr. Fuchs-Kramer. Desligou o monitor e voltou-se para David. — O senhor gostaria de conhecê-la?

David e o parapsicólogo chegaram à sala de testes quando o assistente estava abrindo a porta. Enid Schwartz, uma senhora delicada e um pouco esquisita, com



brilhantes olhos escuros, parecia menor e mais velha do que na tela de televisão. Ela apertou a mão de David e sorriu-lhe delicadamente.

— Nós vamos acompanhar a sra. Schwartz até a saída — disse o dr. Fuchs-Kramer a David. — O senhor se importaria de aguardar uns instantes em meu consultório?

— Claro que não — respondeu David.

Os dois médicos acompanharam a senhora até o elevador. Assim que o dr. Fuchs-Kramer apertou o botão de descida, sentiu a mão de Enid agarrar seu braço.

— Oh, céus — sussurrou Enid. — Meu Deus!

As portas do elevador se abriram, mas ele deixou que elas se fechassem novamente. — Enid, o que aconteceu?

— Acabei de ver novamente — exclamou a senhora.

— Aquele simpático cavalheiro. Esqueci seu nome.

— Carmichael — respondeu o médico.

— Sim, o sr. Carmichael. — Enid cerrou os olhos.

— Bem agora, enquanto esperávamos o elevador, vi de novo. Algo vai acontecer com aquele cavalheiro muito em breve.

Isso não era comum, pensou o dr. Fuchs-Kramer. Geralmente, Enid recebia impressões sobre o passado. Muito raramente ela dizia ter alguma visão do futuro.

— Eu não sei o que é exatamente — continuou a mulher. — Mas tenho medo. Um medo terrível! E vi uma escuridão se espalhando na direção do sr. Carmichael, como uma onda de tinta preta. No meio da escuridão havia uma luz vermelha. Eu não sei o que isso poderia significar. Mas vi, logo que toquei sua mão.

De volta ao consultório do dr. Fuchs-Kramer, David se sentou para aguardar sua volta. Obviamente, o médico não estava muito interessado na história do velho sestércio, mas por que deveria estar, se tinha uma mulher realmente dotada como Enid Schwartz para fazer experiências? Que pena o sestércio de bronze ter desaparecido! David teria adorado poder saber que tipo de impressões a sra. Schwartz conseguiria dele.

Mas, se a moeda desaparecera, a casa amarela e branca, do outro lado da casa de Keith e Jennifer, ainda estava lá. Talvez David pudesse obter um prego ou um pedaço de metal da banheira onde a moeda apareceu pela primeira vez. E, se ele pudesse aprender a psicometrar, mesmo que fizesse metade do que fez a sra. Schwartz, talvez pudesse conseguir alguma resposta para si mesmo.

Cinco minutos mais tarde, quando o dr. Fuchs-Kramer voltou, David já tinha se decidido.

— Doutor, espero que não esteja tomando seu tempo...

— Não, não — o parapsicólogo sorriu. — Atendi todos os meus pacientes mais cedo hoje. Agora que Enid se foi, não tenho mais nada a fazer, a não ser alguns relatórios para arquivar. Tenho o resto da tarde livre.

— Se o senhor realmente tem tempo, gostaria de aceitar sua oferta — disse David.

— Oferta? — perguntou o dr. Fuchs-Kramer. — Eu não me lembro. . .

David sorriu. — Eu gostaria de testar minha habilidade em psicometria.

*Segunda-feira, 16 de abril de 1979.*

— Sr. Carmichael? — disse o dr. Fuchs-Kramer.

O negociante de antiguidades reprimiu outro bocejo e voltou-se para o parapsicólogo.

— Geralmente a psicometria requer alguma prática. Uma pessoa com grande potencial, muitas vezes, não consegue nenhum resultado só com um piscar de olhos. E, se o senhor estiver sentindo o menor sinal de cansaço, então, talvez ainda não seja o momento adequado.

— Por favor — disse David. — A primeira vez que segurei aquela moeda lá em New Castle foi após o jantar. A segunda vez, em meu apartamento, era mais de meia-noite. O fato de estar cansado não pareceu interferir em minhas impressões. Talvez até as estimulassem.

— Talvez — disse o doutor. — Mas o senhor nunca recebeu impressões de outros objetos antes? Só quando segurava aquela velha moeda?

— Exatamente — admitiu David.

O dr. Fuchs-Kramer retirou os óculos, limpando-os com um lenço. O parapsicólogo notara que, por uma razão ou outra, geralmente as mulheres se saíam melhor em psicometria do que os homens. Mas talvez o sr. Carmichael pudesse ser persuadido a colaborar com o programa de pesquisas do hospital. E, se o homem queria gastar seu tempo, o dr. Fuchs-Kramer poderia provavelmente *testar* sua capacidade de psicometrar — e ainda enriquecer aqueles relatórios que estava pretendendo ler.

— Muito bem — disse ele a David. — Vou lhe dar um dos objetos que Enid usou como teste esta tarde. Vamos ver que imagens o senhor consegue captar, se conseguir captar alguma. Então, quando terminar, digamos, depois de meia hora ou quarenta e cinco minutos, conversaremos sobre suas impressões e veremos quão precisas elas foram.

— Para mim, tudo bem — respondeu David, ansioso.

— Muito bem — respondeu o dr. Fuchs-Kramer. — Talvez o senhor prefira uma outra sala, onde possa ficar mais à vontade sozinho.

O médico levou David de volta à sala com o monitor de televisão. — O senhor poderá deitar-se nessa cama, se quiser. Coloque os fones de ouvido e uma gravação o ajudará a relaxar.

Junto ao controle eletrônico estavam um medidor de pressão sanguínea e um conjunto de eletrodos para medir as ondas cerebrais, mas o médico não tinha a intenção de usá-los. Ao que lhe parecia, o teste de David Carmichael significava apenas uma tentativa de estimular um doador em potencial a colaborar com suas pesquisas.

— O senhor não vai me filmar? — perguntou David.

— Não filmamos principiantes — respondeu o médico. — No entanto, gostaria de gravar suas impressões. Aqui há um microfone, de modo que o senhor poderá ditar as impressões que receber do objeto. E ali há uma campainha que toca em meu consultório. Aperte-a, e eu estarei aqui.

— O senhor vai trancar a porta, então? — perguntou David.

Não, apenas fechá-la. — O médico sorriu. — Não se preocupe, ninguém virá perturbá-lo. Agora deixe-me ir buscar seu objeto de teste.

Sozinho na sala, David pendurou o paletó atrás da porta. Então, afrouxou o nó da gravata, desabotoou o colarinho e deitou-se na cama.

Um pouco mais tarde, o médico voltou e passou os fones de ouvido a David. Eles eram grandes, macios e acolchoados — como aqueles que Eleanor usava, quando queria ouvir a *Abertura 1812*, sem perturbar o sr. e a sra. Jacob.

— A fita que escolhi deverá levá-lo a um estado relaxante e contemplativo. Quando eu voltar para o consultório, ligarei o gravador. Agora, aqui está seu objeto de teste.

O dr. Fuchs-Kramer passou-lhe um pequeno talismã sextavado, feito de prata, com a letra J gravada no centro.

— Vou fechar a porta quando sair — disse o médico. — A fita começará a tocar logo que eu retornar ao consultório. Mas relaxe.

David deu uma olhada no talismã de prata em sua mão. — Será que ele pertence a uma mulher cujo nome começa com J?

O médico apenas sorriu. — Talvez *o senhor* possa me dizer isso. Prefere a luz acesa ou apagada?

A luz fluorescente no teto parecia um pouco forte demais para a situação. — Apagada, creio — respondeu David.

O parapsicólogo pressionou o botão do interruptor e agora sua figura aparecia delineada pela luz do corredor.

— Mais uma pergunta — disse David, reprimindo um bocejo. — Digamos que eu não consiga captar nenhuma imagem. Estaria mais propenso a receber impressões se tentasse amanhã novamente?

— Provavelmente não — respondeu o dr. Fuchs-Kramer. — Um novo estímulo sempre parece afetar uma pessoa de maneira bem forte. Uma vez que ele se tornou muito familiar, a resposta enfraquece.

— Mas, da segunda vez em que toquei naquele sestércio, as imagens eram tão vivas quanto da primeira vez — disse David. — Como se explica isso?

— Não estou tentando explicar *nada* ainda — retrucou o médico. — Apenas lembre-se, se você insistir em psicometrar o mesmo objeto, suas próprias vibrações tenderão a infiltrar-se nele. Você poderia começar a captar informações sobre você mesmo, como também sobre o dono do objeto. Então, não se demore demais com este talismã antes de tentar psicometrá-lo.

— Tudo bem — disse David. — Estou pronto.

— Muito bem — respondeu o médico. — Não se esqueça de me chamar quando terminar.

Um pouco de luz ainda vazava sob a porta, depois que o médico a fechou. David mergulhou na escuridão e colocou os macios e pesados fones de ouvido na cabeça.

Mais uma vez, lamentou não ter o velho sestércio de bronze para poder trabalhar com ele. Mas David achava que sabia por que a moeda havia desaparecido de sua mão. Ele tinha pego a moeda especificamente para obter mais informações. De fato, tinha chegado perto; até conseguiu captar uma visão de Jennifer Olson. Talvez alguma — ou alguma coisa — não quisesse que ele soubesse mais. Era uma teoria por demais absurda para ser relatada ao dr. Fuchs-Kramer, mas será que o verdadeiro dono da moeda aparecera e a levava embora?

Mas, de repente, David ouviu a gravação da gentil voz do dr. Fuchs-Kramer

pelo fone de ouvido.

— ... Imagine-se deitado numa macia e verdejante colina. O sol está brilhando, e o ar é quente; e, acima, as nuvens flutuam no límpido céu azul. . .

David bocejou. Ele não estava sentindo nada vindo daquele pequeno objeto de prata que estava em sua mão esquerda. Revirou-o entre os dedos. O objeto era sextavado, como aqueles painéis de vidro da janela da sacada da nova casa na Sunset Brook Lane. O talismã de prata tinha um J. J. de Jennifer? . .

A voz do dr. Fuchs-Kramer soava no fone de ouvido. David estava se tornando cada vez mais relaxado. Apertou o pequeno objeto de prata, na esperança de que ele lhe proporcionasse alguma vibração, alguma impressão, alguma coisa. . .

Num minuto David caiu num sono profundo.

Por volta das cinco horas daquela tarde, Jason já retirara toda a forração da parede, exceto uma estreita faixa na entrada do corredor, que cobria a parte traseira da lareira. Eles tinham pregado quatro folhas de compensado, e Keith achou que seria o bastante por enquanto.

Como eles deveriam voltar na manhã seguinte, deixaram então todas as ferramentas dentro da casa. Depois de trancar a porta da frente, Keith se dirigiu a seu escritório em Chappaqua para verificar a correspondência do dia. Estava na expectativa de uma resposta do editor-chefe do jornal de Seattle. Enviara a carta na quinta-feira. Ainda era segunda-feira, mas, mesmo assim, não tão cedo para receber um pacote de artigos sobre o assassinato da casa número 666, na Bremerton Road.

Mas, quando Keith entrou no escritório, percebeu que apenas três coisas tinham chegado pelo correio: uma conta de um dos fornecedores, um folheto sobre reforma de casas velhas e uma carta da Câmara de Comércio de New Castle. Nada de Seattle.

Provavelmente, ainda era um pouco cedo para receber uma resposta; mesmo assim, Keith pensou na possibilidade de o editor-chefe ter saído de férias. Ou, quem sabe, alguém no departamento de correios teria aberto o envelope e embolsado os vinte dólares? Desapontado, ligou a secretária eletrônica.

— Alô, Keith — disse uma familiar voz masculina. Era Tom Greene. — O sr. Coste me pediu para avisá-lo de que você pode esperar o primeiro pagamento, os dois mil dólares prometidos para o começo do serviço, para quarta-feira. Isso é tudo. Não é preciso me telefonar.

Keith continuou escutando, mas o resto da fita estava em branco. A chamada de Tom Greene tinha sido a única naquele dia! Onde estariam os outros serviços que ele deveria estar recebendo, agora que começava a primavera? Os negócios nunca haviam estado tão parados antes, nem mesmo em pleno inverno.

Estava preenchendo um cheque para pagar a conta do fornecedor, quando o telefone tocou. Então, desligou a secretária eletrônica e pegou o fone.

— Alô, Keith Olson falando.

— Bem, *finalmente!* — disse uma voz feminina. — Aqui é Madge Sackett. — Keith conhecia a sra. Sackett; no verão passado, fizera alguns reparos em sua varanda.

— Já liguei para você várias vezes, mas nunca o encontro!

— É que acabei de voltar de férias — justificou-se Keith. — Mas este telefone tem uma secretária eletrônica. A senhora poderia ter deixado um recado. . .

— Não foi possível deixar nenhum recado — respondeu a sra. Sackett. — Liguei para esse número pelo menos uma dúzia de vezes. Ninguém atendia.

— É mesmo? — perguntou Keith, intrigado. — Quando foi a última vez que a senhora ligou?

— Esta manhã — respondeu Madge Sackett. Aquilo não tinha sentido, pensou Keith. A secretária eletrônica tinha gravado a chamada de Tom Greene. Por que não gravara a dela?

— Preciso de uma nova grade para minha varanda — continuou a mulher. — Mas precisaria que ela ficasse pronta logo, em tempo para que minha trepadeira pudesse começar a cobri-la.

Keith fez alguns cálculos rapidamente em sua mente. Por um trabalho como aquele, ele poderia cobrar, no máximo, cinquenta dólares. — Posso construir-lhe uma grade logo que terminar o serviço que estou fazendo agora. Possivelmente arranjaréi tempo amanhã e lhe faço um orçamento.

Depois de desligar, deu uma olhada no telefone do escritório. Mesmo que ele estivesse com defeito, não explicaria o fato de Keith não estar recebendo novas encomendas. Porque o anúncio da Carpintaria Olson na lista telefônica dava tanto o número do escritório como também o número de sua casa. E Jennifer sempre anotava o nome e o número de quem telefonava. Será que os dois telefones estariam com problemas ao mesmo tempo?

Bem, qualquer que fosse o motivo, os novos clientes simplesmente não estavam telefonando! Essa foi a principal razão por que Keith teve condições de começar o trabalho na casa de Coste tão rapidamente — e também por que precisava tanto do primeiro pagamento de dois mil dólares de Coste.

Trancando a porta ao sair, Keith Olson sentiu uma leve sensação de pânico. O negócio de construção não era como vender enciclopédias, não se podia sair batendo na porta das pessoas pedindo trabalho. Marc e Jason não tinham com que se preocupar, porque carpinteiros especializados nunca tiveram problemas para arrumar emprego. Mas, a menos que algum novo serviço aparecesse logo, Keith não saberia como se arranjar no verão.

Quando o dr. Fuchs-Kramer pensou em olhar o relógio, este marcava dezessete horas. O sr. Carmichael permaneceu psicometrando o talismã de prata de Joan Horowitz por mais de uma hora e ainda não tinha apertado a campainha avisando que já terminara. O parapsicólogo sorriu para si mesmo. Não era a primeira vez que sua fita de relaxamento fazia com que um sujeito cansado adormecesse profundamente! Provavelmente, ele teria que acordar o sr. Carmichael.

E, então, ouviu um estrondoso e aterrorizante grito, vindo da sala do fundo do corredor.

Em seu sonho, David estava olhando a casa azul novamente, só que, desta vez, não havia sangue jorrando pelo alicerce. Na verdade, havia um belo gramado cercado a frente da varanda. Era dia claro. O sol brilhava. E, ainda assim, a casa se encontrava toda envolta numa névoa, cobrindo-se com uma mortalha de escuridão, mesmo com os raios de sol brilhando.

E, então, enquanto David observava, a casa começou a se desfazer. Era a mesma coisa que observar uma explosão em câmara lenta. Daí, os caibros e ripas se juntaram novamente para formar cadafalsos, forcas e postes. Uma longa prancha transformou-se no lado de uma guilhotina. Um outro caibro era agora a parte vertical de uma cruz, onde um homem estava sendo pregado de cabeça para baixo. David via pessoas sendo decapitadas, espetadas e queimadas

vivas. Cada pedaço de madeira daquela casa azul se transformava num instrumento de tortura ou de execução de um ser humano.

Um grande toco carbonizado flutuou no ar, indo de um lado para outro, e então plantou-se no chão, e nele estava amarrado aquele homem, horrivelmente mutilado, que David tinha visto em sua visão acordado. O sestércio em brasa ainda ardia em sua boca.

David tentou correr, mas seus pés não conseguiam se mover. Um lustroso candelabro de metal, como aquele que havia na sala de estar de seu apartamento, estava vindo em sua direção. Dele, pendia um pedaço de pano branco, em forma de um laço de força. O laço levantou-se suavemente no ar e encaixou-se em seu pescoço. David sentia o tecido apertando sua garganta. Tentou gritar, mas o laço estava muito apertado. Não conseguia emitir nenhum som!...

Rapidamente, o dr. Fuchs-Kramer entrou na sala e acendeu a luz. Deitado na cama, David Carmichael, com o rosto roxo, estava com sua mão direita apertando a própria garganta.

Então o médico compreendeu. Em seu sono, de algum modo, o homem conseguira apertar o nó da gravata na garganta, tão fortemente que não estava conseguindo respirar.

O parapsicólogo precipitou-se então para o homem deitado na cama e afrouxou o nó de seda. David gemeu e soltou um profundo suspiro de alívio. O médico sacudiu o visitante pelos ombros, até que ele estivesse totalmente desperto.

David sentou-se na cama, esfregando o pescoço. — Sinto muito — murmurou. — Estava tendo outro pesadelo. Fiz algum barulho?

— Sim — disse o dr. Fuchs-Kramer. — Mas, e o objeto de teste? Conseguiu receber alguma impressão dele?

— Não, acho que não... — A mão esquerda de David estava vazia. O pequeno talismã de prata não estava a seu lado na cama. Debruçou-se, imaginando que o objeto pudesse ter caído sob a cama. Mas não, também não estava lá...

— O que o senhor fez com ele? — perguntou o médico.

— Nada. Lembro-me de que ele estava em minha mão quando sua voz começou a aparecer no fone de ouvido. Daí, devo ter adormecido... — David encolheu os ombros, olhando com espanto pela sala.

Os lábios do médico começaram a tremer de desespero. Ele tinha prometido devolver o talismã a Joan Horowitz logo que Enid Schwartz terminasse de psicometrá-lo.

— Será que o senhor não o colocou num de seus bolsos?

Obedientemente, David levantou-se e colocou os bolsos da calça para fora. Tudo o que ele encontrou foram algumas moedas.

O dr. Fuchs-Kramer notou que o paletó de David havia caído do cabide atrás da porta. Quando o parapsicólogo se abaixou e pegou o paletó, do bolso superior caiu o envelope de plástico. Dentro, estava o sestércio de bronze e, grudado nele, o pequeno talismã de prata de Joan Horowitz.

O médico balançou a cabeça. Aquele homem *parecia* bastante normal quando chegara, mas agora demonstrava sintomas de extrema angústia. Um pesadelo, uma dramatização inconsciente de algum problema que ele não podia encarar no plano consciente. Impulsos de autoflagelação, punindo-se com o nó da gravata em seu pescoço. E mais, ele era também cleptomaniaco. Tudo isso

dava uma nova luz aos fatos que David Carmichael tinha relatado.

— Sr. Carmichael. . . — o dr. Fuchs-Kramer pigarreou. — Por favor, vamos voltar ao consultório. Quero falar com o senhor.

David estava mortificado ao pensar que o médico suspeitava que ele fosse um ladrão. Mas esforçou-se para encará-lo e ouvir suas explicações. Segundo ele, todas aquelas bizarras experiências de David não passavam de meras alucinações. Mas, quando o médico silenciou, David ficou mais intrigado ainda. Havia um detalhe que simplesmente não tinha sentido. . .

— Por que tive aquela reação tão violenta quando toquei no sestércio, lá em New Castle?

— Bem — respondeu o dr. Fuchs-Kramer. — Obviamente, a moeda tinha alguma ligação com o senhor. Afinal, quem a passou ao senhor em primeiro lugar? O marido da mulher que o convidou para jantar, certo? Agora, o senhor não tem que responder, se não quiser, mas o senhor se sente atraído por essa mulher, essa sra. Olson?

David permaneceu em silêncio por um momento. — Sim — respondeu finalmente.

— *Muito* atraído?

David confirmou, balançando a cabeça.

— E o senhor é casado?

— Não — respondeu David. — Minha esposa morreu há dois anos.

— Muito bem — falou o dr. Fuchs-Kramer. — Agora, tudo tem sentido! A primeira moeda lhe foi dada pelo marido de uma mulher por quem o senhor se sente sexualmente atraído. Agora, honestamente, sr. Carmichael, o senhor não chegou a pensar no que poderia acontecer se o marido da sra. Olson não estivesse no caminho?

O negociante de antiguidades balançou a cabeça novamente, confirmando.

— Bem, não é um pensamento muito decoroso, é? E, então, o senhor se sente culpado. E, por se sentir culpado, o senhor decidiu punir-se! Todas aquelas imagens de tortura e morte; talvez o senhor estivesse projetando sobre a moeda todos aqueles violentos desejos inaceitáveis que tinham passado por sua mente.

— Desejos violentos? — perguntou David. — Realmente, acho que não.

Oh, não estou dizendo que isso tenha sido consciente — retrucou o parapsicólogo. — O importante é que o *marido* lhe deu a moeda para ser identificada. O senhor não se importaria de prestar um favor *a ela*, mas *e a ele*? Então, logo no dia seguinte, o senhor compra uma moeda similar, com a diferença que esta está em bem melhor estado. Agora, isso não parece um pouco competitivo, uma forma de demonstrar superioridade? Então, para eliminar o concorrente, o senhor deliberadamente perde a moeda original que ele lhe deu.

— Eu não *perdi* a moeda — respondeu David com certa irritação. — Ela apenas. . .

— Desapareceu? — completou o dr. Fuchs-Kramer, sorrindo maliciosamente. — Sr. Carmichael, mesmo uma mente sábia pode pregar peças. Talvez o senhor tenha se levantado do sofá, em seu apartamento, jogado a moeda fora, voltado e deliberadamente esquecido de tê-lo feito. Amnésia seletiva! Acontece todos os dias.

— Mas eu senti aquela presença. . . — suspirou David. — Se a moeda era uma materialização, como o senhor disse, ela não poderia ter desaparecido por si só?

O parapsicólogo aspirou profundamente. As pessoas nunca querem admitir suas culpas e, assim, imaginam algum bode expiatório sobrenatural para levar a

culpa. Não, eu não, doutor, não sou o responsável, foi o Diabo que me forçou a isso!

— Digamos que ela *desapareceu* de sua mão fechada — disse o médico, pacientemente. — Porém, deixe-me contar-lhe um caso verdadeiro. Certa vez, meu assistente e eu estávamos investigando uma casa onde os quadros voavam sozinhos, ruídos de passos invisíveis nos seguiam pelas escadas, pequenas pedras se materializavam em pleno ar, caindo sobre o fogão. Clássicos fenômenos paranormais, de primeiro grau! E sabe o que descobrimos?

David negou, balançando a cabeça.

— Havia uma garotinha de doze anos, entrando na puberdade, morando na casa. Ela odiava seu padrasto e sua própria mãe, por ter-se casado novamente. E, quando a menininha saía de férias, ausentando-se da casa, todos os distúrbios paravam como que por encanto.

— O senhor quer dizer que a menina estava inventando os fenômenos? — perguntou David.

— Oh, não! — O dr. Fuchs-Kramer estalou os dedos. — Os fenômenos eram completamente autênticos. Mas a combinação do ciúme com o despertar sexual era demais para a menina. Por algum processo que ainda não compreendemos, suas tensões emocionais causavam as levitações e todos aqueles outros fenômenos. Em outras palavras, quando ocorrem fenômenos físicos espontâneos, há geralmente alguém com problemas emocionais por perto. Percebe?

— Sim — disse David.

— Não estou dizendo que o senhor não tenha passado por uma experiência paranormal, mesmo que o quadro de amnésia que lhe apresentei pareça um pouco mais plausível. Mas, em ambos os casos, a raiz do problema é provavelmente a mesma. Tensão sexual, assim como estafa também. Imagino que seu trabalho com antiguidades deva ser bastante excitante.

— Bem, algumas vezes, os leilões se tornam tensos quando vários negociantes japoneses participam — admitiu David. — E eu nunca tenho certeza se vou ter estoque suficiente para abastecer a galeria.

O dr. Fuchs-Kramer tamborilava os dedos sobre a escrivaninha. — Pelo que eu sei, a maioria das galerias fecha em julho e agosto. Por que o senhor não sai um pouco da cidade e aluga uma casa na praia, para passar o verão? Estou certo de que o senhor tem condições e, afinal de contas, provavelmente ficaria bem mais barato do que enfrentar essas terapias que existem por aí.

Meia hora mais tarde, David estava de volta a seu apartamento na Riverside Drive. Ele não podia imaginar como quase se estrangulara com sua própria gravata. E também não tinha idéia de como o talismã de prata tinha ido parar dentro do envelope de plástico, especialmente pelo fato de o dr. Fuchs-Kramer ter de soltar o grampo do envelope para retirar a moeda!

Mas e se o parapsicólogo estivesse certo? Até o momento, David não tinha analisado mais profundamente nenhuma de suas visões e pesadelos. Continuava sonhando com aquela casa azul, quando sabia perfeitamente que na vida real ela era amarela. Certamente, amnésia seletiva parecia bem mais plausível do que uma velha moeda de bronze que aparecia e desaparecia por si só! É claro que um bom descanso lhe faria bem; não saía de férias desde que Eleanor morrera.

Tinha escondido o caro sestêrcio de bronze na gaveta superior de sua escrivaninha. Mas, realmente, ali não era um lugar seguro para uma moeda daquele valor. David decidiu que seria melhor levá-la para Keith Olson, antes



que algo acontecesse com ela também.

David pegou o telefone. Agora que tinha conhecimento das prováveis razões de seus pesadelos, não queria que Jennifer se preocupasse desnecessariamente. Era sua oportunidade, dar a nova moeda a Keith e vê-la mais uma vez, antes de sair de férias.

Em New Castle, Jennifer Olson atendeu o telefone ao segundo toque. E David percebeu como ela ficou feliz ao ouvir sua voz.

*Quarta-feira, 18 de abril de 1979.*

— De novo? — Keith fitava sua esposa do outro lado da mesa do café. Faz só uma semana que David esteve jantando aqui!

Jennifer tinha deliberadamente adiado contar a Keith que tinha convidado David para jantar, na sexta-feira. Estava esperando uma oportunidade de pegar Keith de bom humor. — David vai sair de férias — disse, pacientemente. — E quer lhe trazer a moeda para que você possa devolvê-la ao sr. Coste.

— Tá bom — respondeu Keith. — Mas por que estamos sempre alimentando-o? Quero dizer, depois de tantas vezes que você lhe preparou um jantar, por que ele *nunca* nos convida para ir jantar lá?

— Na verdade, ele nos convidou para ir a Nova York nesta sexta-feira — respondeu Jennifer. — Mas sei que você não gosta de Manhattan porque se demora muito para chegar lá e também porque é muito caro. David adoraria levar-nos a um bom restaurante, mas você não gostaria porque ficaria muito preocupado com os preços no cardápio. Essa é a razão pela qual sugeri que ele viesse aqui!

Keith tinha que admitir que Jennifer tinha razão. Ele não gostava muito de sair para jantar. Levantando-se às seis horas da manhã todos os dias e trabalhando até as cinco ou seis da tarde, preferia um calmo jantar em casa. Se Jennifer também tivesse que trabalhar como ele, agradeceria poder ficar em casa durante a noite também! Mas aborrecia-o o fato de ela ter esperado dois dias para lhe dizer que David Carmichael viria para jantar. Sua irritação fez com que saísse de casa mais cedo do que de costume.

Quando estacionou seu caminhão na entrada da casa número 666, na Sunset Brook Lane, percebeu algo errado com o pinheiro plantado ao lado da varanda. Ele tinha quase dois metros de altura, e era frondoso e vistoso. Mas o lado da árvore que ficava mais próximo da casa estava coberto com brotos que começavam a amarelar.

Então, Keith deu uma olhada na grande janela da sacada e parou, surpreso. Pela segunda vez, naquela semana, havia um pássaro morto caído no gramado sob a janela da sacada.

Na segunda-feira fora um pardal. Agora era uma andorinha. Como o primeiro pássaro, este também estava caído sobre seu lado esquerdo, com a cabeça totalmente deslocada. Keith já tinha ouvido falar de pássaros que batiam nas janelas, mas aquelas janelas, com suas tiras de vidro colorido, não eram exatamente o que se poderia chamar de invisíveis. Mais uma vez, pegou a pá de pedreiro no caminhão e jogou o pássaro na vala.

Subindo até a varanda, destrancou a porta da frente e deu uma olhada no interior, mal podendo esconder um ar de verdadeira satisfação. A sala de estar parecia trezentos por cento melhor do que na segunda-feira de tarde! Apenas uma estreita lasca da forração ainda tinha que ser substituída — o longo pedaço vertical que cobria a parte traseira da lareira, na saleta de jantar. Keith calculou que provavelmente eles poderiam cobrir aquele espaço com alguma sobra de

compensado. Disse então a Jason para não remover aquela parte, até que eles tivessem terminado o serviço no quarto e no vestibulo do andar superior.

O resto da tarde foi ocupada com o andar superior. Os três mediram, cortaram e ajustaram chapas de compensado nas paredes do dormitório principal. O trabalho foi bem mais rápido do que Keith imaginara, pois uma das paredes já estava acabada com forração de madeira.

Quando, finalmente, deu uma olhada no relógio, já era meio-dia. Limpou a poeira de madeira de sua roupa e começou a descer as escadas.

— Vejo vocês por volta de uma e meia — disse Keith. — Se quiserem, podem parar um pouco agora.

— Você vai almoçar em casa? — perguntou Marc.

— Não — respondeu Keith. O bate-boca com Jennifer, naquela manhã, ainda estava em sua cabeça. — Preciso dar uma parada lá no escritório em Chappaqua. Talvez haja algum recado, e estou esperando algumas cartas.

Marc e Jason tinham guardado o almoço na geladeira da cozinha. Quando eles desceram, Keith já tinha saído com seu caminhão. Jason parou e deu uma espiada na estreita faixa de forração atrás da lareira.

— Só há tijolo atrás disso — afirmou Marc. Durante os últimos dois dias, Jason estava sempre chamando Marc para dar uma olhada em algum pedaço de madeira que ele descobria nas paredes.

— Bem — disse Jason. — Vamos ter que tirar isso mais cedo ou mais tarde. .

Enquanto Jason foi procurar o pé-de-cabra, Marc foi comer na varanda. Estava quente e abafado, e havia grandes nuvens escuras no céu. Parecia que ia chover mais tarde.

— Marc! — chamou Jason, de dentro da casa. — Você pode me emprestar seu farolete?

Marc entrou e encontrou Jason em pé, no corredor. Ele tinha retirado as tiras de forração e estava olhando os tijolos expostos atrás da chaminé.

— O que é isso agora? — indagou Marc.

— Não sei — respondeu Jason. — Há alguma coisa aqui, atrás da chaminé.

Marc pegou o farolete na caixa de ferramentas lá no andar superior. Jason ligou-o e direcionou o foco de luz para a escura cavidade ao lado da chaminé. Junto aos tijolos avermelhados havia uma coluna negra de metal de cerca de quinze centímetros de espessura. Ela estava denteada e com marcas de marteladas, como se tivesse sido forjada. Marc pensou que fosse apenas um simples tubo de ferro fundido. Mas, quando Jason iluminou melhor, percebeu que havia letras maiúsculas de um formato estranho, gravadas no metal. Geralmente, as letras em ferro fundido são em alto-relevo, não gravadas com punção.

— Que negócio é esse? — indagou Jason. — Parte do encanamento?

— Duvido — disse Marc. — Todos os tubos de encanamento estão nos fundos da casa. Talvez seja um respiradouro que sai lá no telhado.

— Quer dar uma olhada? — sugeriu Jason.

— Sim, mas Keith levou o caminhão. E a escada está com ele.

— A gente não precisa de escada — disse Jason, sorrindo. — Você ainda está com aquele cabo de boque no carro?

Lá fora, Jason desenrolou cerca de quinze metros de um cordão grosso que tinha em sua caixa de ferramentas. Amarrou uma ponta do cordão numa pedra, atirando-a sobre o telhado da casa. Então, amarrando a outra ponta do cabo de boque, usou o cordão para puxar o cabo até o telhado.

Finalmente, amarrou a outra ponta do cabo numa das pilastras no canto da varanda, reforçando o nó para que não se soltasse, e foi até o outro lado da casa. A outra ponta do cabo estava pendendo ao lado da janela da sacada.

— Tem certeza de que é uma boa idéia? — perguntou Marc. — Se você subir lá, seus sapatos vão deixar marcas nas ripas da parede.

— Elas terão que ser pintadas novamente mesmo — respondeu Jason, encolhendo os ombros. — Que diferença farão mais alguns arranhões? — Deu uns puxões no cabo para se certificar de que ele estava firme. Então, agarrou-se nele e começou a escalar.

Os pés de Jason escorregavam nas ripas, e ele ouvia o barulho de madeira velha cedendo a seu peso. Por um instante, pensou ter visto um movimento dentro do quarto atrás da janela da sacada. Mas era apenas seu próprio reflexo no vidro. Na metade do caminho, escalando a parede, Jason apoiou o pé na cobertura da janela da sacada e uma telha partiu-se ao meio, caindo no chão. Oh, bem, o proprietário jamais perceberia! Dali, seria uma fácil escalada até o telhado.

Jason parou por um momento, dando uma olhada ao redor. O sol primaveril brilhava intensamente no claro céu azul. Mas uma nuvem escura teimava em permanecer à espreita, no lado oeste, atrás dele. Cuidadosamente, guindou-se até o beirai e já estava vendo a base da chaminé quando o ar, repentinamente, tornou-se gelado!

Será que aquela nuvem encobrirá o sol? Jason já vislumbrava a chaminé de tijolos e a estranha peça negra em seu interior, quando o cabo, de repente, soltou-se de suas mãos.

Ao abrir a porta do escritório da Carpintaria Olson, Keith deparou com algumas cartas caídas no chão, recentemente chegadas. Segundo Tom Greene, o primeiro pagamento de dois mil dólares de Coste deveria ser naquele dia, quarta-feira. Mas não estava junto com a correspondência, o que o deixou irritado. Provavelmente, ele não deveria ter começado a trabalhar no número 666 antes que Coste lhe desse um cheque. Mas no fim da pilha de correspondência, embaixo de um catálogo de construção, havia um grosso envelope amarelo, coberto com vários selos de um dólar e um carimbo de Seattle!

Keith rasgou o envelope. Dentro havia uma carta do editor-chefe do jornal de Seattle. No fundo do envelope, presas com elásticos e cliques, havia mais de duas dúzias de fotocópias de artigos sobre James Beaufort, com manchetes e fotografias!

O primeiro artigo era de 22 de outubro de 1973:

#### DUAS PESSOAS ASSASSINADAS EM UMA RESIDÊNCIA NA BREMERTON ROAD

Keith deu mais uma repassada na pilha de artigos:

#### ESPOSA ACUSA VEREADOR DA CIDADE DE DUPLO ASSASSINATO

Agora, a polícia tinha um suspeito. Acompanhando a história, havia uma fotografia de James Beaufort, que estava sob custódia. Certamente, ele não parecia nenhum assassino de massa, pensou Keith.

Gostaria de ter tempo para poder ler todos os artigos, um por um, mas primeiro os negócios. Coste não tinha pago os dois mil dólares, e Keith queria mandar uma fatura para Tom Greene naquela tarde mesmo.

Abrindo a gaveta de sua escrivaninha, retirou um envelope com o remetente da Carpintaria Olson impresso no canto superior esquerdo. Colocou-o na máquina de escrever e, quando acabou de bater o endereço de Tom Greene, o telefone tocou, assustando-o.

Depois de desligar a secretária eletrônica, pegou o fone. — Alô — disse. — Keith Olson falando.

— Keith! — era Marc. — Você tem que vir para cá já. Jason caiu do telhado.

— Do telhado! — exclamou Keith. — O que ele estava fazendo lá?

— Examinando um respiradouro de ferro que sai ao lado da chaminé. Ele o descobriu dentro da parede.

Keith lembrou-se de que a casa 666 da Sunset Brook Lane ainda não tinha telefone. — Marc, de onde você está ligando?

— De sua casa! Sua esposa já chamou a ambulância, e é melhor eu voltar para ver Jason.

— Como ele está? — perguntou Keith.

— Eu não sei — respondeu Marc. — Ele está gelado e achei melhor não mexer nele.

— Tudo bem — falou Keith. — Vá e fique com ele. Estarei aí o mais rápido possível.

No caminho de New Castle, Keith percebeu uma nuvem de formato diabólico, subindo do lado oeste. Por causa da estática no rádio do carro, Keith calculou que havia alguma tempestade por perto. Tempo esquisito para o mês de abril.

No 666 da Sunset Brook Lane havia uma ambulância bloqueando a entrada. Keith estacionou o caminhão no acostamento da estrada. Marc e um médico vestindo um avental branco estavam parados na frente da varanda. E, sentado nos degraus da varanda, na frente deles, estava Jason.

Ele parecia não estar com dores, e Keith não via sangue também. Ao ver Keith, Jason arreganhou os dentes e começou a levantar-se. O médico colocou sua mão sobre o ombro de Jason. — Calma.

Keith olhou para seu assistente, apreensivamente. — Que diabos aconteceu com você? — perguntou.

— Encontramos um, um enorme. . . tubo, eu acho — respondeu Jason. — Dentro da lareira. A gente queria ver se ele saía pelo telhado. Você levou a escada no caminhão, então. . .

— Você foi lá em cima? — perguntou Keith.

Jason balançou a cabeça, confirmando. — Eu já estava no telhado quando o cabo escapou de minha mão e, então, caí de costas. É tudo o que lembro. Quando acordei, Marc não estava, então levantei e voltei para dentro da casa. Eu estava terminando de almoçar quando a ambulância chegou!

— Talvez haja alguma fratura — disse o médico. — Seria melhor que você estivesse com o estômago vazio até tirarmos algumas radiografias.

— Mas eu estou me sentindo bem — protestou Jason.

— Faça como ele disse — falou Keith. — O seguro cobrirá tudo, não se preocupe. Eu o encontro no hospital dentro de meia hora.

Parecendo tão saudável quanto de manhã, Jason subiu na traseira da ambulância, sem nenhuma ajuda. Assim que a ambulância partiu, Keith voltou-se para Marc.

— Mostre-me onde ele caiu.

Marc levou-o até o gramado sob a janela da sacada, onde o cabo de reboque estava estendido no terreno remexido.

— Graças a Deus a terra aqui deve estar bem fofa!

— Keith pegou o cabo, examinando-o. Os nós na ponta ainda estavam intactos. Tentou desfazê-los, mas o peso de Jason fizera com que eles ficassem muito apertados.

— Este cabo não se partiu — disse Keith. — Deve ter escapado. Onde foi que Jason o prendeu?

Marc mostrou a Keith a pilastra da varanda. A pressão do cabo a tinha descascado um pouco. Keith bateu no pilar com o punho, testando sua firmeza. Mas o pilar — uma sólida peça de madeira — continuava inteiro.

— Não tinha jeito de este nó ter escapado daqui! — exclamou. — Tem certeza de que foi aqui mesmo que Jason o amarrou?

— Claro, tenho sim — respondeu Marc. — Veja aqui o esfolado feito pelo cabo.

Keith estava completamente intrigado. — Onde está esse tubo de que ele falou?

De volta ao interior da casa, Marc apanhou o farolete no chão, onde Jason o deixara, e iluminou a cavidade ao lado da chaminé. — O que você acha que é isso? — perguntou a Keith.

— Vamos ver. — Apanhando o pé-de-cabra de Jason, Keith deu umas batidas na escura coluna de metal. — Parece metal maciço. Não, não é nenhum respiradouro! E essas letras?

Marc encolheu os ombros. — Seria o nome da firma de fundição?

As letras eram todas maiúsculas, indo de um lado ao outro da coluna. Keith tentou decifrá-las, mas não havia espaço entre elas; as palavras estavam todas juntas. Então Marc moveu o foco de luz e Keith viu algo ainda mais estranho. As letras sobre a coluna pareciam ter sido folheadas a ouro!

Virou-se para Marc. — Muito bem — disse. — Agora, *eu* estou curioso. Você me dá uma mão com a escada?

Lá longe, no oeste, a tempestade parecia desabar em algum lugar, pelo Hudson. Certamente, estava bem longe. Juntos, Marc e Keith retiraram a escada do caminho e colocaram-na ao lado da janela da sacada. Então, esticaram-na em dois lanços, até alcançar o beirai, a cerca de cinco metros do chão.

Subindo no primeiro degrau, Keith sentiu os pés da escada afundarem no solo. Se aquela parte do terreno não estivesse tão fofa; se Jason tivesse caído de mau jeito — Keith não queria nem pensar. Agarrou-se nas laterais da escada e começou a subir.

Na metade do caminho, um frio golpe de ar balançou a escada. Keith olhou para trás. O vento tinha mudado; a tempestade aproximava-se rapidamente agora.

— Tudo bem — disse para Marc. — Só uma rápida olhada e desço logo.

Subiu rapidamente, passando pelo beirai e pelas telhas hexagonais e cinzentas que cobriam a inclinação do telhado. O topo do telhado estava bem nivelado. Então Keith achou o que estava procurando, uns três metros adiante.

Junto aos tijolos da chaminé estavam as três garras de um gigantesco tridente. Elas saíam de um cabo de metal tão grosso quanto o braço de Keith. Suas pontas traziam sinais de ferrugem e davam a impressão de terem sido moldadas com uma enorme marreta.

“Deve ser ferro fundido”, pensou. “Ferro fundido é praticamente imune à corrosão e ao tempo.” E se aquele cabo fizesse parte da coluna de metal, dois

andares abaixo, estaria explicado por que a chaminé não sofrerá nenhum dano durante a tempestade da madrugada de sexta-feira. Esse enorme tridente funcionara como um pára-raios, conduzindo a carga elétrica diretamente para o solo, sob o alicerce. De fato, com esse aparato escondido ao lado da chaminé, a casa 666 da Sunset Brook Lane devia atrair muitos raios!

Houve então mais uma rajada de um vento frio e úmido. Um trovão ressoou atrás de Keith, mas, mesmo assim, ele esticou o pescoço para olhar melhor. As lâminas do tridente estavam paralelas à chaminé, de modo que seria impossível vê-las, a não ser que se estivesse bem ali em cima do telhado...

De repente, Keith sentiu um arrepio na nuca. À sua frente, viu as três pontas do tridente soltarem uma faixa azulada. E, então, percebeu o que estava para acontecer.

— Marc! — gritou. — Segure a escada! — Colocou o pé no degrau de baixo.

Mas era tarde demais. Sobre sua cabeça, o ar foi cortado por um clarão mais forte do que o sol. O raio atingiu as pontas do tridente e um brilhante fio de luz cruzou o telhado na direção da escada.

Keith sentiu a carga elétrica através do alumínio da escada em suas mãos. Tudo aconteceu tão rápido que ele não teve tempo de reagir. Porém, mal teve tempo de descer da escada, antes que suas pernas cedessem, fazendo-o sentar-se.

Marc amparou-o até a varanda. Uma chuva fina começou a cair. O barulho do trovão ainda ecoava nos ouvidos de Keith. Mas ele já fazia cálculos em sua cabeça. Se aquele pára-raios fosse da chaminé até o chão, teria que ter pelo menos nove metros de comprimento. E Keith não tinha percebido nenhuma emenda: aparentemente, era uma peça inteira de ferro. E, quanto àquelas letras, elas deviam ter sido estampadas no ferro enquanto ele ainda estava frio, usando-se para isso uma força astronômica. . .

— Você está bem? — perguntou Marc. — Seu rosto está branco como papel.

— Já passou — falou Keith. — Vamos lá em cima.

— O que há lá? — perguntou Marc.

— Se aquela coluna de ferro vai até a chaminé, ela tem que passar pela parede do quarto principal.

Marc pensou por um momento. — Você quer dizer, atrás daquela forração de madeira?

— Exato — respondeu Keith. — Vamos ver se conseguimos despregá-la sem fazer muito estrago.

Mas quando Keith pressionou a forração do quarto para ver onde estavam as emendas, ouviu um ruído como se toda a parede estivesse solta.

— Essa parte toda está solta — falou Marc. — Talvez se a gente despregasse a moldura perto do forro. . .

— Não, espere — disse Keith. — Pressione e levante!

Como previra, um painel inteiro da forração soltou-se de seu suporte no assoalho. Ele e Marc levantaram-no, encostando-o na parede ao lado. Atrás, estavam a chaminé e a coluna de ferro fundido.

Keith manteve uma distância prudente, no caso de o tridente lá no telhado atrair outro raio. Mas, mesmo assim, pôde ver que ambos os lados da coluna continham mais letras. Na direção do forro, um conjunto de letras parecia formar alguma coisa.

— Você quer que eu recoloque o painel? — perguntou Marc.

Keith balançou a cabeça, negativamente. — Não, deixe-o fora. Quero

esperar até a tempestade passar para copiar essas letras aqui e lá embaixo. Talvez alguém possa nos dizer seu significado. — Keith ouvia a chuva fina na janela do quarto. Já não havia mais trovões. Agora era só uma chuvinha. Aquele raio pareceu uma expressão de mau humor, ou um alerta, quem sabe?

Marc apontava para as outras partes da forração. — Estas também estão soltas?

— Não sei. Vamos ver.

Juntos, pressionaram o próximo painel de hexágonos interligados e levantaram-no de seu estreito suporte no assoalho. Bem atrás, presas com braçadeiras de ferro, estavam duas pesadas toras de dez centímetros de diâmetro. E cada uma tinha dois buracos nas pontas.

— Olhe — disse Marc. — Estas devem ser as escoras que eles usaram para reforçar a casa durante o transporte.

Keith balançou a cabeça, confirmando. — Olhe aqui. Cada escora tinha um número feito com giz, de modo que qualquer idiota poderia saber onde ela deveria ser colocada. Uma vez sem as for rações, apenas um homem, trabalhando sozinho, provavelmente poderia escorar essa casa para ser transportada, em um dia ou dois.

Mas por que Coste se preocupou em conservar aquelas toras, a não ser que planejasse transportar a casa novamente?

Finalmente, quando Keith chegou a casa, naquela tarde, Jennifer foi ao seu encontro na porta.

— E Jason, como está? — perguntou.

— Bem, graças a Deus! As radiografias não indicaram nenhum osso quebrado, nenhum sinal de fratura interna. Ele está com uns tremendos hematomas, o que seria de se esperar para quem caiu de um telhado. O médico disse que não havia motivo para que ele permanecesse internado para observação; então, o liberou. Provavelmente voltará ao trabalho amanhã.

Tirou a jaqueta e pendurou-a no armário do corredor. Do bolso da sua camisa retirou o pedaço de papel com as letras que tinha copiado da coluna de metal. Provavelmente, deveria colocá-lo em algum lugar por questão de segurança. . .

— E você, como está? — Jennifer fitava-o estranhamente. — Parece meio atormentado. Algo errado?

Keith ia contar-lhe sobre a experiência com o raio, mas pensou melhor. Agora não era hora de começar a explicar todos aqueles acontecimentos estranhos na casa 666, na Sunset Brook Lane. Ao mesmo tempo, porém, gostaria de ter contado tudo a Jennifer desde o começo. Agora, cada novo detalhe que conhecia sobre aquela casa parecia distanciá-los um pouco mais.

— Não, nada errado — respondeu.

Durante todo o jantar, ele esteve mal-humorado e calado. Jennifer queria saber mais sobre o acidente de Jason, mas seu marido estava definitivamente relutante em falar a respeito. — O cabo escapou — respondeu, sem mais explicações.

Então Jennifer desistiu. Sentou-se do outro lado da mesa, tentando imaginar o que o preocupava. Quando conheceu Keith, ele era tão alegre e brincalhão. Agora, não só trazia seus problemas para casa, como também não os contava a ela!

Parte do problema, pensava, devia-se ao fato de Keith ser um tanto quanto reservado. Não costumava se abrir com as pessoas; o que sentia, sempre



guardava consigo. A única pessoa em quem ele realmente confiava era seu irmão mais novo, Paul, mas os dois não se viam desde o Natal passado, quando Paul viera visitá-los. . .

No casamento de Keith e Jennifer, o reverendo Paul Olson fez o papel de padre como também o de padrinho, e ainda amarrou uma fileira de latinhas de cerveja no pára-choque do caminhão de Keith. Mas, ultimamente, eles não tinham notícias de Paul. No ano passado, ele fora indicado para pároco assistente da Igreja Episcopal de Todas as Almas, em Glastonbury, Connecticut. Paul prometeu visitá-los a qualquer hora, durante a primavera. Por que não agora, quando as flores estavam começando a desabrochar, e quando Keith precisava tão obviamente de alguém com quem realmente pudesse conversar?

— Querido! — falou Jennifer. — Você não gostaria de ter seu irmão Paul conosco por alguns dias, na semana que vem?

— Boa idéia — suspirou Keith. — Você vai escrever para ele? Se for, gostaria de lhe enviar algo.

Foi até o quarto e voltou com um pedaço de papel. Nele, havia um estranho conjunto de letras maiúsculas.

ECCEINMANVTAES. . .

— O que é isso? — perguntou Jennifer.

— É o que eu também gostaria de saber! — retrucou Keith. — Copiei isso de um tubo de ferro, lá na casa de Coste. Se Paul ainda está tendo aulas noturnas no seminário deve conhecer algum professor que possa dizer que língua é essa e o que significa.

Quando terminaram de jantar, Keith ajudou Jennifer a arrumar a louça. Então, retirou-se para seu gabinete de trabalho, explicando que tinha que preparar um projeto da grade da sra. Sackett. Na cozinha, Jennifer sentou-se com a caixa de papel de carta que Keith lhe dera como presente de aniversário.

“Quarta-feira, 18 de abril.

Querido Paul

É difícil acreditar que não vemos você desde quando havia neve no chão. Você sempre dizia que gostaria de ver como ficaria este lugar na primavera. Agora que as flores na frente de nossa porta estão prontas para desabrochar, ficamos imaginando se você não gostaria de aparecer para o jantar e passar a noite.

Voltamos das Bahamas no dia 10, mas recentes pressões e outras coisas têm deixado Keith um pouco deprimido. Nosso aniversário de casamento é no dia 7 de maio, mas sei que ele adoraria vê-lo antes disso, e, assim, poderá desabafar um pouco. Aproveitando, Keith manda perguntar se você pode mostrar este pedaço de papel para alguém aí no seminário que possa dizer o significado das letras. É algo que encontrei numa casa onde está fazendo um serviço, bem junto à nossa, do outro lado da vala.

Acredito que os fins de semana não são convenientes para você, pois, com o trabalho na igreja, está sempre ocupado. Então, qualquer dia no meio da próxima semana, ou na outra, gostaríamos que você aparecesse.

Por favor, avise-nos.

Com muito amor, Jennifer.”

Ela saiu pela porta da frente e colocou a carta na caixa do correio. Na caixa já havia uma outra carta, um envelope da Carpintaria Olson, endereçada a Tom Greene. Mas sem selo.

Jennifer retirou a carta da caixa do correio e voltou até o gabinete de Keith. Ele estava junto à prancheta, preparando o projeto da grade da sra. Sackett.

— Keith — disse gentilmente. — Você tem que selar a carta se quiser que ela chegue a seu destino.

— Como? — Keith levantou a cabeça. — Não envie nenhuma carta.

— Não? — Ela encolheu os ombros e passou-lhe o envelope.

— Mas não coloquei isso na caixa do correio! — exclamou Keith. Examinou o envelope. Era o mesmo que ele tinha datilografado naquela tarde, antes que Marc telefonasse contando sobre Jason. Tinha-o deixado na máquina de escrever do escritório lá em Chappaqua. Agora, não importava qual fosse o seu conteúdo, estava bastante grosso e muito bem fechado com fita adesiva.

Intrigado, Keith rasgou o envelope. Um punhado de dinheiro caiu e espalhou-se pelo chão, ao lado de sua cadeira.

Jennifer ajudou-o a apanhar as cédulas e contá-las. Havia vinte notas de cem dólares no vinhas em folha, perfazendo o total de dois mil dólares — a quantia exata que Coste lhe devia por ter iniciado o trabalho no número 666 da Sunset Brook Lane.

*Quarta-feira, 17 de abril de 1979, a sexta-feira, 20 de abril de 1979.*

Ao pensar melhor sobre o fato, Keith se lembrou perfeitamente de ter trancado a porta do escritório na tarde de quarta-feira. Mas, afinal de contas, estava com pressa. Talvez, preocupado com Jason, não tivesse percebido que o trinco não se encaixara direito. Coste devia ter aparecido para pagar a conta, encontrou a porta destrancada e usou o primeiro envelope que viu.

No entanto, havia um detalhe, pensou Keith: era impossível trancar aquela porta do lado de fora sem usar uma chave! Então, entrou em seu caminhão e foi novamente até Chappaqua para verificar.

A porta da frente da Carpintaria Olson estava perfeitamente trancada, quando chegou lá. Dentro, tudo em ordem — exceto, claro, o envelope que Keith tinha deixado na máquina de escrever. Será que Coste forçara a fechadura? Será que ele tinha uma chave-mestra? Mas o que mais intrigava Keith era o fato de que, bem à vista, sobre a escrivaninha, estavam todas aquelas fotocópias dos artigos do jornal de Seattle. Keith os tinha deixado em cima da escrivaninha e nem pensou em guardá-los. Coste não poderia ter deixado de vê-los!

Como o proprietário da casa 666 da Sunset Brook Lane iria se sentir em relação às investigações de Keith sobre ele — especialmente depois que Coste teve um trabalho enorme para evitar publicidade? Para o inferno, Keith pensou, este é um país livre. Se ele quisesse investigar o passado das casas em que trabalhava é porque isso fazia parte de sua profissão.

A primeira coisa que Keith fez na quinta-feira de manhã foi telefonar para um chaveiro, para que ele fosse até a Carpintaria Olson. Ficou observando o chaveiro colocar uma nova fechadura na porta do escritório e fazer um novo furo para instalar uma trava.

— Estas fechaduras podem ser arrombadas? — perguntou Keith.

— Senhor, qualquer fechadura pode ser arrombada — retrucou o homem. — Mas esta fechadura e mais a trava vão dar muito trabalho a quem tentar. — Apontava para os lustrosos objetos de metal, ainda dentro da embalagem. — Esses ladrões de segunda classe que temos por aqui não terão tempo nem paciência. Por que iriam se incomodar com sua porta, se poderiam quebrar o vidro da porta do armazém da esquina, sem dificuldade?

Antes de partir, o chaveiro mostrou a Keith como funcionavam as novas fechaduras. Keith não tinha tempo de ler os artigos de jornal e, então, trancou-os na última gaveta de sua escrivaninha, antes de voltar para o número 666 da Sunset Brook Lane.

Naquela quinta-feira, Jason parecia não estar sentindo nenhuma dor. Mas, de alguma forma, estava mudado, mais quieto, mais introvertido, como se a queda tivesse lhe tirado o bom humor. Todos os três trabalharam até mais tarde e, cerca de seis horas da tarde, a nova casa estava toda forrada com novos lambris, tanto no andar superior como no térreo.

Na sexta-feira, cobriram os buracos dos pregos e as emendas entre as chapas de compensado com uma massa especial. Dessa vez Jason caprichou mesmo

em seu trabalho, a ponto de Keith não poder distinguir onde estavam os buracos dos pregos.

Por volta das três da tarde de sexta-feira, tinham terminado o interior da casa. Depois que Tom Greene encontrasse um inquilino, Keith poderia contratar alguém para pintar o interior. Assim, às três e quinze, encerraram o dia.

— Não se esqueçam de vestir os macacões de pintura na segunda-feira — Keith lembrou a Marc e Jason. — Nesse dia vamos começar o lado de fora.

David deveria ir jantar às seis e meia. Então, em vez de ir direto para casa, foi até o escritório em Chappaqua. Para sua satisfação, havia dois pedidos de orçamento gravados na secretária eletrônica. Agora parecia que as coisas estavam se normalizando! Antes de responder aos chamados, teria tempo suficiente para ler todos aqueles artigos do jornal de Seattle.

Passava um pouquinho das quatro da tarde quando Keith abriu a última gaveta de sua escrivaninha.

Ao que lhe parecia, o maço de artigos continuava como o tinha deixado na quarta-feira de tarde, arrumado em ordem cronológica, com os casos mais recentes em cima. O primeiro, que tinha a manchete DUAS PESSOAS ASSASSINADAS EM UMA CASA DA BREMERTON ROAD, tinha uma fotografia da casa. Mas a máquina copiadora fez com que a foto ficasse muito escura e borrada. Será que havia uma janela com sacada do lado esquerdo da varanda? Se houvesse, estava encoberta por um pinheiro ou coisa parecida.

Oh, bem, Keith suspirou. Provavelmente, haveria outras fotos. . .

Por volta das dezesseis e quarenta e cinco, já tinha lido quase todos os artigos. Pelo que pôde concluir, os dois corpos tinham sido descobertos na madrugada de 21 de outubro de 1973. Um carro-patrolha, em sua ronda normal, encontrou um Cadillac estacionado fora do limite horário, em frente à casa de número 666, na Bremerton Road. Quando o patrulheiro transmitiu o número da placa do carro, a delegacia respondeu que ele estava registrado em nome de Edgar Sutton, de Tacoma.

Uma hora mais tarde, o carro ainda estava lá, e o policial notou que a porta de entrada da casa estava apenas encostada. Decidiu investigar. Dentro, num *pequeno cômodo do andar térreo*, estava Patty Lee Swenson, dezenove anos, o corpo encostado na parede. Ela fora estrangulada, estava com o pescoço quebrado e o crânio fraturado.

No outro lado do cômodo, à sua frente, estava Edgar Sutton, quarenta e oito anos, que morrera a caminho do hospital. Embora os ferimentos de Edgar tivessem sido graves, o médico-legista declarara que ele teria sobrevivido se tivesse ficado deitado de bruços no chão. Ao contrário, ele estava sentado e escorado na parede. Inconsciente, se afogou no próprio sangue.

Os corpos estavam em tal estado de mutilação que os policiais e detetives pensaram primeiramente num grupo de assassinos. Então, uma semana mais tarde, a sra. Eunice Sutton Beaufort, quarenta e um anos, foi até a delegacia de polícia de Tacoma. Reclamando que seu marido, um membro da Câmara Municipal de Seattle, ficara louco, pediu proteção constante. Sua declaração deu aos detetives as primeiras suspeitas no caso, como, também, um motivo bastante plausível.

James Beaufort, quarenta e três, anos, havia contratado Patty Lee Swenson como secretária, logo após ela ter-se formado no colegial. Em seguida, iniciou um romance com a garota e ajudou-a a encontrar o sobrado da Bremerton Road para morar, onde ele a visitava regularmente, pelo menos três vezes por semana.

A sra. Beaufort sabia do romance, porém pensou que não fosse coisa séria.

No entanto, seu marido pediu-lhe o divórcio para poder casar-se com a garota. Mas a sra. Beaufort recusou-se terminantemente a concedê-lo. No dia seguinte, ela ligou para seu irmão, Edgar, um advogado de Tacoma, e pediu-lhe para ter uma conversa sensata com a srta. Swenson.

Nesse dia, depois do trabalho, Sutton foi até o número 666 da Bremerton Road em Seattle. Enquanto ele estava tentando persuadir Patty Lee Swenson a terminar com aquele romance, James Beaufort apareceu inesperadamente.

A sra. Beaufort afirmou que seu marido lhe confessara os assassinatos. Mas, uma vez que a esposa não pode testemunhar contra o próprio marido, as declarações da sra. Beaufort tornaram-se inadmissíveis no tribunal. A acusação do promotor teria que ser baseada apenas em provas circunstanciais. Contudo, durante o julgamento, Beaufort assombrou os presentes no tribunal ao confessar o duplo assassinato.

Segundo Beaufort, ele ficou muito furioso ao encontrar seu cunhado sozinho com a srta. Swenson e começou a espancar o homem desesperadamente. Quando Patty tentou impedi-lo, voltou-se contra ela também.

Os detalhes dessa surpreendente declaração bateram perfeitamente com o relatório do médico-legista, exceto por uma crucial discrepância. Beaufort afirmou que, finalmente, ao deixar a casa, Sutton tinha ficado deitado no assoalho. Porém, o oficial de polícia encontrou Sutton encostado num canto do cômodo. De qualquer modo, os jurados demoraram apenas cinco horas para declarar Beaufort culpado.

Keith tinha quase certeza de que a casa 666 da Bremerton Road era a mesma que estava agora na Sunset Brook Lane. Mas, para sua frustração, as descrições dos repórteres sobre a casa eram incrivelmente vagas. E, sempre que o jornal publicava uma fotografia dela, era apenas de um ângulo, sempre a mesma tomada. Um enorme arbusto encobria completamente a janela da sacada — se houvesse uma, é claro. Seis semanas após o veredicto, Beaufort foi condenado a uma pena de vinte anos. Dois anos mais tarde, o jornal noticiou que Beaufort tinha demonstrado um comportamento exemplar na Penitenciária da Ilha McNeil. O seguinte artigo era de 10 de setembro de 1978:

#### A CASA DO ASSASSINATO, LOCAL DA TRAGÉDIA DE 1973, FOI RETIRADA DE SEU ALICERCE.

Estava descobrindo o fio da meada! Um artigo sobre uma casa certamente deveria mencionar o nome do proprietário. E, se o proprietário fosse Coste, então Keith conheceria, de uma vez por todas, a identidade da estrutura do número 666 da Sunset Brook Lane.

Mas o final da fotocópia do artigo tinha sido rasgado! A última linha legível dizia: “Segundo a Imobiliária Spatz, várias ofertas de compra foram recebidas nos últimos anos”. O resto do papel não tinha sido completamente - rasgado. Ao contrário, dava a impressão de que alguém tinha retirado pedacinho por pedacinho, um de cada vez.

— Caramba! — exclamou Keith. Devem ter sido os ratos, pensou. Mas um rato não deixaria os pedaços por aí? A não ser que tivesse carregado o papel para fazer um ninho ou coisa parecida.

Todo inverno, Keith deixava uma ratoeira armada embaixo do arquivo do escritório e veneno atrás do aquecedor, apenas como prevenção. Levantou-se então de sua escrivaninha e foi dar uma olhada. Mas a ratoeira continuava lá, armada. E o veneno não tinha sido tocado.

De volta à escrivaninha, Keith deu uma olhada nos artigos que já tinha lido.

Em que cômodo da casa Beaufort cometera os crimes? Aquele *pequeno cômodo do andar térreo*, onde os corpos foram encontrados, seria o cômodo sextavado embaixo da escada? Patty Swenson passou um bocado de tempo na casa. Será que ela também tinha visto as janelas com vidros desenhados refletindo aquele clarão avermelhado contra a luz do sol poente? Será que ela ou Beaufort conheciam um homem chamado Coste?

Agora, tantos anos depois, os repórteres encarregados desses artigos talvez estivessem em outro departamento, ou até em outro jornal. Os detetives que investigaram o caso não se lembrariam. Mas, agora que Keith pensava no caso, havia uma pessoa que, certamente, se lembraria de tudo, nos mínimos detalhes. E o melhor de tudo é que Keith sabia exatamente onde encontrá-la! Virou-se para a máquina de escrever e, rapidamente, bateu uma carta para um dos reclusos da Penitenciária Federal da Ilha McNeil, James Beaufort.

Keith entrou no Departamento de Correios e Telégrafos de Chappaqua às quatro e cinquenta e cinco, um pouquinho antes de fechar. E quando chegou a casa, às cinco e quinze, ainda tinha tempo suficiente para tomar um banho e se vestir, antes que David Carmichael chegasse, às seis e meia.

Jennifer preparara o jantar daquela noite pensando mais em Keith, servindo a carne com batatas que ele sempre gostava de comer, em qualquer dia da semana. Mas, sentada à mesa de jantar, ela percebia o quanto estava agradecida pela companhia de David. Principalmente por uma coisa: David era bem-humorado. Ele jamais se sentaria para jantar com problemas de compensados ou qualquer outra coisa que lhe estivesse passando pela cabeça.

Ela sabia que David tinha bom apetite. Quaisquer que tivessem sido os problemas do negociante de antiguidades, a visita ao médico lhe fizera muito bem. Ele parecia mais descontraído naquela noite, como se uma enorme responsabilidade tivesse sido retirada de seus ombros. Jennifer chegou a pensar na possibilidade de Keith consultar o mesmo médico, talvez até ficar com a mesma receita.

No caminho para a casa de Keith e Jennifer, David passou deliberadamente pela casa de número 666 da Sunset Brook Lane. Era, definitivamente, a mesma casa que ele tinha visto em seus pesadelos: o vigamento de madeira, a inclinação do telhado, a forma das janelas, era tudo idêntico. Mas a casa, em seus pesadelos, era sempre azul. A casa real era amarela. . .

David não queria mencionar a sua embaraçosa visita ao dr. Fuchs-Kramer, muito menos o aterrorizante pesadelo que tivera depois de adormecer no consultório do parapsicólogo! Na noite de segunda-feira, e também na de terça, o sonho se repetira com todos os detalhes. Três vezes ele já vira aquela estranha casa azul se desfazer e depois recompor-se na forma de instrumentos de tortura, agonia e morte. Então, quando Keith começou a falar sobre seu trabalho no interior da casa, David apurou os ouvidos. Aquela casa era realmente feita com estranhos caibros de diferentes espessuras e tamanhos? Se fosse, Keith certamente teria notado.

— Aquelas paredes que você revestiu — falou David despreziosamente —, o que há atrás delas?

— Nada — respondeu Keith, engolindo uma garfada de batatas. — Quer dizer, nós só pregamos as chapas de compensado na armação, o caibro vertical que forma a parede.

— Como são esses caibros? — insistiu David.

Keith deu uma olhada em seu convidado. Como David Carmichael poderia ter conhecimento do incrível emaranhado de madeira dentro das paredes daquela casa?

Por um momento, pensou em contar tudo a David. Mas, então, viu sua esposa sentada do outro lado, bem à sua frente. Jennifer não sabia sobre o estranho madeira-mento no interior das paredes, nem sobre o pára-raios de nove metros ou, ainda, sobre a descarga elétrica que quase o atingira. Não, se Keith falasse com David sobre isso agora, Jennifer iria descobrir que ele havia omitido muita coisa.

— Bem, a maioria dos suportes verticais mede dois metros por quatro e vai desde o alicerce até o beirai da casa. Antigamente, usavam-se telas horizontais, finas ripas de madeira, como as telas para estuque. Mas, atualmente, os compensados de madeira são bem mais rápidos e muito mais fáceis de colocar.

Sim, mas... — David hesitou. Ele não queria mencionar seus pesadelos com todos aqueles estonteantes detalhes. Não com Jennifer presente. Então, mudou de assunto.

Depois do jantar, os três foram tomar café na sala de estar. David enfiou a mão no bolso e deu a Keith o sestércio de bronze que tinha trazido da cidade.

— Um momento! — disse Keith, examinando o envelope de plástico. — Esta não é a moeda que eu lhe dei.

— Não, exatamente aquela, não — disse David. — Mas é do mesmo tipo,

— O que aconteceu com a outra? — perguntou Keith.

David deu uma longa sorvida em seu café. — Perdi — disse timidamente. — A última vez que vi aquela moeda, ela estava na sala de meu apartamento. Mas, por tudo quanto é sagrado, eu simplesmente não consigo encontrá-la novamente.

Keith examinou a moeda sob a luz do abajur. — Olhe, esta está em bem melhor estado do que aquela que eu lhe dei.

— E, pelo menos, tem o mesmo valor — disse David, com uma leve tossida. — Quando você a devolver ao sr. Coste, tenho certeza de que ele não ficará desapontado. — Houve um breve silêncio. Havia algo que um queria dizer para o outro. Mas nenhum deles sabia como ou por onde começar.

— Jennifer me disse que você vai tirar umas férias — disse Keith finalmente.

David balançou a cabeça, confirmando. — Tenho trabalhado demais ultimamente, tenho tido uns pesadelos, sabe, aquelas coisas. Então, um médico sugeriu que eu tirasse umas férias. Achei que seria um pouco tarde demais para conseguir uma casa na praia, mas, mesmo assim, coloquei meu nome numa lista de espera em uma agência de aluguel de Long Island. Bem, telefonaram-me esta tarde, dizendo que houve um cancelamento lá em Amagansett. E sou o próximo da lista!

— Parabéns — disse Keith, sentindo uma pontinha de inveja. Ele e Jennifer mal haviam conseguido juntar dinheiro suficiente para passar dez dias nas Bahamas. E aqui estava David Carmichael pronto para gozar três completos meses de férias! Mas, de algum modo, Keith sentia que o negociante de antiguidades tinha passado por alguns momentos bem difíceis.

— Há um porém — disse David. — Eu tenho que dar uma entrada de oitocentos dólares em dinheiro. Se não o fizer até as dez horas, amanhã de manhã, eles cancelarão minha inscrição e alugarão a casa para a próxima pessoa da lista.

— Não é um pouquinho alto? — perguntou Jennifer.

— Não quando se trata de alugar uma casa de frente para a praia — David suspirou. — Eles podem alugar um lugar como aquele por quatro vezes mais.

— Deve ser muito bom ter uma casa assim — disse Keith, melancolicamente.

Jennifer olhou para seu marido. Podia ver o sonho na mente de Keith tomando forma: mudando sua carpintaria para alguma cidade ensolarada, perto do litoral. Mas ela sabia que ficaria só no sonho. Keith não era flexível como David. Ele estava por demais acostumado com New Castle para se sentir feliz em qualquer outro lugar.

— Bem! — David olhou o relógio. — Se tenho que estar em Amagafisett amanhã, às dez horas, terei que acordar bem cedo. Então, é melhor ir andando, receio que...

Keith não se importou quando Jennifer deu um beijo de boa-noite em David, na porta da frente. David não era um mau sujeito e houve momentos naquela noite em que Keith realmente sentira certa afeição pelo homem. Despediu-se de David amistosamente: — Cuide-se!

— Espero vê-los em setembro — disse David, sorrindo.

Keith observava da porta enquanto David ligava seu Mercedes-Benz, manobrava e seguia para o norte, em direção ao entroncamento da Sunset Brook Lane com a Taconic Parkway.

De repente, Keith sentiu a mão de Jennifer em suas costas. Virou-se e deu-lhe um forte abraço que a fez sorrir. Talvez fosse apenas o ar primaveril, mas era maravilhoso sentir o quanto amava aquela mulher!

— Tenho que lavar a louça — protestou Jennifer.

Keith deu-lhe um beijo no pescoço. — Você pode lavá-la amanhã de manhã — disse maliciosamente. — E eu a ajudarei!

Ao atravessar a ponte de concreto no começo da Sunset Brook Lane, David viu a lua cheia no oeste. Já a tinha visto pela janela da sala de Jennifer. Agora, ela estava ainda mais alta, acima das árvores.

Adiante, aparecendo agora, estava a negra silhueta da casa 666 da Sunset Brook Lane. Por causa do luar, as árvores projetavam suas sombras na estrada. Porém, a sombra do sobrado parecia bem mais negra, quase sólida e tridimensional!

Por um instante, David teve um impulso de frear, manobrar o Mercedes e voltar pelo caminho que já tinha percorrido, ao invés de prosseguir pela estrada coberta de sombras à sua frente. Oh, vamos lá!, pensou. Ele não tinha medo de escuridão desde a idade de oito anos. E este era, sem dúvida, o caminho mais curto para pegar a Taconic Parkway.

Quando o Mercedes entrou na sombra da casa, David sentiu um leve solavanco. Será que as rodas de seu carro tinham passado sobre alguma coisa na estrada? Os faróis, de repente, diminuíram sensivelmente e, então, apagaram-se por completo. E as luzes vermelhas de alerta, no painel do carro, se acenderam instantaneamente.

Mudou seu pé direito para o pedal do freio, porém o carro já tinha diminuído a marcha. O que teria feito o motor parar daquele jeito? Então, instintivamente, saiu da estrada, levando o carro para o acostamento sem asfalto da Sunset Brook Lane.

David puxou o freio de mão e deu uma olhada ao redor. Estava de novo sob a



luz do luar, cerca de trinta metros da casa nova. Onde iria encontrar um mecânico àquela hora da noite?

Então, percebeu que as luzes vermelhas de alerta no painel do carro ainda estavam brilhando. Pelo menos, a bateria não descarregara. Talvez o motor ainda estivesse um pouco frio. David ligou a chave e pisou no acelerador. Para seu alívio, o motor respondeu instantaneamente.

No painel, as luzes vermelhas se apagaram novamente. David certificou-se de que a alavanca do câmbio estava em ponto morto, então acelerou umas duas ou três vezes. O motor respondeu prontamente, sem hesitação.

Ele estava para engatar a primeira quando vislumbrou um outro piscar de luz, desta vez no espelho retrovisor.

David levantou a cabeça, assombrado. Uma brilhante luz vermelha resplandecia pela janela da sacada da casa atrás dele. Então, foi diminuindo vagarosamente, até que a janela da sacada ficasse completamente escura de novo.

Será que Keith e Jennifer teriam visto isso também? Mas não, a casa deles ficava do outro lado da vala. . . Viu então a luz vermelha voltar a brilhar pelas vidraças da entrada da casa, em ambos os lados da porta da frente. Virou-se no assento para poder olhar melhor. Então a porta se abriu para dentro.

Uma brilhante luz avermelhada se espalhava pela varanda, vindo na direção do Mercedes-Benz. Novamente, o motor do carro morreu, e as luzes de alarma se acenderam. Mas David, olhando sobre os ombros, não percebeu.

Estava boquiaberto. Em pé, na porta da frente, emoldurada por aquele clarão vermelho, estava uma figura nua. David reconheceu imediatamente quem era!

E foi a última coisa de que ele se lembrou.

*Sábado, 21 de abril de 1979.*

Quando Keith desceu, ainda de pijama e roupão, Jennifer já estava vestida. Ela estava sentada na mesa do café, uma xícara do lado, rabiscando algumas palavras numa folha de papel.

Eles haviam feito amor duas vezes na noite passada. Em seguida, Keith caíra num sono profundo. O relógio acima do fogão estava marcando agora quase oito e quarenta e cinco da manhã.

— Passei da hora — bocejou ele.

— Você tem trabalhado muito — disse Jennifer, sem tirar os olhos do papel. — Hoje é sábado; você pode dormir até mais tarde.

— Não, não posso — resmungou Keith. Ele foi até o fogão e encheu uma xícara de café. — Tenho que fazer alguns orçamentos esta manhã. Está começando a aparecer mais serviço.

— Que bom! — disse Jennifer.

Keith sentou-se à mesa e esfregou os olhos. — O que você está fazendo?

— Preparando um anúncio de decoração para o jornal. — Ela riscou uma palavra com o lápis e começou a escrever novamente. — Aquele último anúncio que fiz deu em nada. Então, hoje de manhã, vou levar este aqui para ficar pelo menos uma semana no jornal. . .

Keith levantou-se para preparar uma torrada. Então, deu uma olhada pela janela da cozinha. — Olhe! — disse ele.

Jennifer levantou a cabeça do papel. — O que foi?

— Há um carro na entrada do 666. — Keith podia ver os raios de sol refletindo-se no pára-choque dianteiro do carro, mas as árvores na vala estavam começando a ficar frondosas. Ele não podia ver o carro o suficiente para distinguir sua marca.

— Será o sr. Coste? — perguntou Jennifer.

— Ou algum inquilino mandado por Tom Greene — disse Keith, bebendo seu café. — Acho que Tom tem uma chave da casa. Tem que haver mais do que uma.

— Se for Coste, você pode então lhe entregar a moeda que David trouxe a noite passada — disse Jennifer.

— Se for Coste, não será a última vez que ele aparecerá por aqui — disse Keith. Olhou de novo o relógio da cozinha. — Além do mais, não tenho muito tempo. Tenho que estar em Pound Ridge às nove e meia em ponto.

Keith ainda estava no chuveiro quando Jennifer tirou seu seda azul da garagem, passando pelo caminhão de Keith, com o logotipo da Carpintaria Olson na carroçaria. Era uma morna e aromática manhã de abril. Logo seria hora de Keith retirar as proteções das janelas.

Ela tomou o lado esquerdo da Sunset Brook Lane, em direção à redação do jornal, em Ossining. Ao passar em frente à varanda da casa nova, Jennifer

percebeu o Mercedes-Benz verde estacionado na entrada. Deu uma olhada na placa. Era o carro de David!

Manobrando no meio da rua, Jennifer deu meia-volta e estacionou seu seda azul na entrada da casa, atrás do Mercedes-Benz. Não havia ninguém no volante. Mas o que estaria David fazendo no interior da casa? Não deveria estar na agência de aluguel, em Long Island?

Jennifer desceu do carro e subiu os degraus da varanda. Mas a porta da frente estava trancada. Intrigada, olhou novamente o Mercedes-Benz parado na entrada abaixo. Havia uma figura grisalha estirada no banco dianteiro!

Quando abriu a porta do motorista, David não se moveu. Ele deveria estar sentado no volante e então pendeu para seu lado direito. Ainda usava o mesmo sobretudo da noite passada e um de seus braços estava sobre a cabeça, como se fosse um travesseiro ou uma proteção!

Jennifer deu uma olhada em seu rosto. A barba grisalha brilhava com a luz da manhã. O que teria acontecido com ele?

— David — gritou, puxando a manga de seu sobretudo. — David, você pode me ouvir?

Ele não se mexia, e Jennifer resistiu à desconfortante sensação de pânico. Então percebeu que seu peito se erguia numa longa e vagarosa inspiração.

— David? — repetiu.

Ele abriu os olhos e imediatamente fechou-os de novo. Um forte raio de sol passava pelo pára-brisa. Vagarosamente, conseguiu sentar-se, meio aturdido. Onde ele estava?

— Você está bem?

Ele abriu os olhos novamente e viu Jennifer debruçada na porta do carro.

— Por que você está parado aqui? — perguntou ela. — Você não foi para casa ontem à noite?

— Para casa? — perguntou David. Automaticamente, apalpou os bolsos do paletó. Sua carteira ainda estava lá, como também seu talão de cheques. As chaves do carro ainda estavam no contato. Olhou para Jennifer totalmente desnorteado.

— Eu me lembro de que vim por este caminho, para pegar a Taconic Parkway, sabe? — passou a mão no queixo. — A lua brilhava. Todas essas sombras pela estrada. . . E então apareceu a casa, e a luz vermelha! — David sentia que os detalhes lhe escapavam. Mas Jennifer ainda estava ali! Então, tudo, tudo aquilo era verdade?

Hesitou e fitou Jennifer mais de perto. Agora ela estava vestida e seus longos cabelos castanhos estavam penteados para trás. Não era assim que ela estava a noite passada. Quando ela estava envolta naquele brilho avermelhado, seu cabelo estava solto, despenteado, caindo sobre seus ombros nus.

Não, pensou David, deve ter sido um sonho, mas, pelo menos, um sonho agradável desta vez!

— Tem certeza de que está bem? — repetiu ela.

David ergueu-se e saiu do carro. Depois daquela desconfortável posição em que dormira, suas costas deveriam estar em pandarocos. Ele estava tenso, mas, em vez de dor e de inflexibilidade, sentia todo o corpo relaxado e reanimado.

Sorrindo para Jennifer, espreguiçou-se e aspirou profundamente o puro ar matinal. Fincada no novo gramado, ao lado dos degraus da varanda, estava uma placa esmaltada, verde e branca:

## ALUGA-SE

Thomas Greene,  
Corretor  
555-0098

Estranho, pensou David. Ele tinha visto aquela placa na noite anterior. Mas, então, ela estava fincada perto da janela da sacada, não ali, ao lado dos degraus da varanda.

— E Amagansett? — perguntou Jennifer.

Ele olhou novamente para Jennifer e pestanejou. — Perdão. O que você disse?

— Você não tinha que estar na agência esta manhã para dar a entrada na casa da praia?

Então ele se lembrou. Ao olhar seu relógio, percebeu que sua abotoadura francesa estava respingada de sangue.

— David! O que aconteceu com seu pulso?

Bem na base do polegar esquerdo havia um profundo ferimento provocado por uma mordida ou picada. Mas já não mais sangrava, nem estava dolorido.

— Não sei — disse David. Seu relógio marcava duas e vinte e cinco. Não podia estar certo! Colocou o relógio de encontro ao ouvido. O relógio estava funcionando. — Que horas são? — perguntou a Jennifer.

— Mais ou menos nove e quinze.

David tinha deixado os oitocentos dólares em seu apartamento na Riverside Drive. O que significava que teria de ir até o Upper West Side para depois ir para Long Island. Seria impossível!

Mais uma vez ele foi atraído por aquela placa verde e branca de “Aluga-se”, ao lado dos degraus da varanda.

Jennifer ficou pensando se David já tinha sofrido um desligamento antes. Seria por isso que tinha ido consultar o médico? E como conseguira cortar o pulso daquele jeito? Ela implorou para que ele fosse até sua casa para, pelo menos, comer uma torrada e tomar uma xícara de café. Mas David disse que não queria incomodar. Jennifer percebeu a razão verdadeira para sua recusa: teria que explicar a Keith que Jennifer o encontrara dormindo no carro. David já estava suficientemente embaraçado.

Retornou ao Mercedes-Benz e ligou o motor imediatamente. Jennifer afastou seu carro, deixando que ele voltasse à Sunset Brook Lane. Então ele acenou e partiu em direção à Taconic.

Jennifer voltou da redação do jornal em Ossining às dez e meia da manhã. No bloco de papel ao lado do telefone da cozinha, Keith tinha escrito um recado, dizendo que não estaria em casa antes da uma hora, talvez até mais tarde.

Jennifer preparou uma xícara de café fresco e deu uma olhada na casa amarela e branca, do outro lado da vala. David não dissera, certa vez, que demorava cerca de uma hora para ir de New Castle à Riverside Drive? Ela deu uma olhada no relógio acima do fogão. Agora, ele marcava quase dez e trinta e sete — e já fazia bem mais de uma hora que David partira.

Foi até o telefone e discou o número do apartamento de David. A ligação se completou, e Jennifer ouviu o telefone tocar do outro lado da linha. Porém, mesmo depois de oito toques, não houve resposta.

Será que o tráfego do fim de semana estava muito intenso? Talvez David tivesse parado para tomar um café no caminho, ou será que tinha se desligado

novamente, saindo com o carro da estrada? Para se certificar de que não tinha discado o número errado, Jennifer desligou e tornou a ligar.

Desta vez o telefone foi atendido ao primeiro toque.

— Sim? — respondeu uma voz masculina. Jennifer reconheceu uma inflexão nova-iorquina.

— Alô — disse ela, hesitante. — Com quem estou falando, por favor?

— Tenente DiMiglio — foi a resposta. — Departamento de Polícia de Nova York

O tráfego na Taconic Parkway era fraco. Sob a George Washington Bridge, as macieiras silvestres ao longo do rio Hudson estavam a ponto de florescer.

David deixou que o manobrista estacionasse o carro para ele e dirigiu-se a seu apartamento. Definitivamente, precisava fazer a barba, e seu paletó e o sobretudo estavam bem amarratados. Primeiro, um banho quente e depois um café reforçado, pensou. Então, iria até o tintureiro para mandar lavar e passar suas roupas. Na volta, compraria um *Times* e começaria a olhar os anúncios de aluguel novamente.

A fachada do prédio ainda continuava coberta pela sombra. O sol só atingiria as janelas de seu quarto depois do meio-dia. Ele sorriu para Raul, o porteiro, e pegou o elevador.

Quando o elevador parou em seu andar, David enfiou a mão no bolso para pegar as chaves do apartamento. Mas, quando as portas se abriram, surpreendeu-se ao ver um policial uniformizado conversando com Carl Mullins, o síndico do prédio. David percebeu que o outro homem, além deles, à paisana, era um detetive.

Ao ouvir o barulho das portas do elevador, Carl Mullins interrompeu a conversa com o policial e voltou-se. — Oh, sr. Carmichael! — exclamou. — É o senhor!

— Claro que sou eu, Carl. — Qualquer que fosse o problema que levara a polícia até seu andar, ele saberia através de Raul, mais cedo ou mais tarde. David tentou passar por Carl Mullins, para chegar até sua própria porta, mas foi barrado pelo policial.

— Um momento, senhor. . .

Atrás do policial, a porta do apartamento de David estava totalmente escancarada. Dali de fora, do estreito corredor, ele podia ver a beirada do carpete da sala de estar.

— Desculpe-me, sr. Carmichael — disse o síndico. — Mas o sr. Jacob, seu vizinho, estava reclamando de todo esse barulho vindo de seu apartamento.

— Oh, isso foi na outra noite — disse David.

— Não, não — falou Carl Mullins. — Nesta madrugada! Mas, quando cheguei aqui, os ruídos cessaram. Então, usei a chave-mestra para me certificar de que tudo estava. . .

— Sr. Carmichael — o oficial uniformizado interrompeu. — Quando o senhor deixou o prédio?

— Ontem à tarde — respondeu David. — Por volta das cinco e quinze. — Mas o policial iria acreditar que ele tinha passado a noite dormindo em seu carro? Talvez eles quisessem telefonar para Jennifer para confirmar!

— Ele pode entrar — disseram os detetives. — Só não o deixe tocar em coisa alguma. — David notou que o homem à paisana mascava chiclete. — A propósito — disse ele a David —, telefonaram para o senhor, cerca de cinco ou seis minutos atrás. Uma mulher. Ela não quis dizer o nome.

— O senhor ouviu? — perguntou o tira. — Vamos, entre. Tudo bem.

Entrando na sala de estar, David ficou boquiaberto ao olhar ao redor. O lugar parecia um campo de batalha! Suas poltronas Luís XV tinham sido arrastadas para um canto. Os livros foram retirados da estante, em ambos os lados da lareira, e espalhados pela sala. Todos os quadros tinham sido arrancados da parede e o atizador da lareira tinha sido usado para fazer enormes buracos no teto.

Havia algo de familiar em todo aquele caos. Para a polícia, parecia que algum maníaco tinha simplesmente destruído o apartamento num ataque de vandalismo desvairado. Mas David, para sua desgraça, sabia mais.

David percebeu o espocar de um *flash* no dormitório. Deu uma espiada pela porta que estava aberta. Era um fotógrafo policial tirando fotografias. De repente, o detetive à paisana mascando chiclete pegou no braço de David.

— Sou o tenente DiMiglio — disse ele. — O senhor já teve problemas aqui antes, não? Coisa de dois anos atrás?

— Minha esposa Eleanor — respondeu David.

— Mataram a mulher do cara — explicou o detetive ao oficial uniformizado.

David confirmou, quase sem fala. Quase dois anos antes, o homem que surpreendeu Eleanor Carmichael estava atrás de dinheiro e jóias que pudesse vender facilmente. Não percebera que a mobília e as antiguidades no apartamento valiam uma fortuna. E então, ao procurar pela coleção de moedas de David, os anéis antigos e o colar que ele tinha comprado para Eleanor em Paris, o assassino provocou milhares de dólares de estrago. Mas David mandou tudo para restauradores especializados, conseguindo deixar o apartamento como antes, quando sua esposa ainda vivia.

Agora, David não podia acreditar em seus olhos. Cada detalhe do primeiro arrombamento tinha sido meticulosamente recriado — até o relógio de mesa do século XVIII que estava caído no fundo da lareira. Até os fragmentos das peças quebradas se encontravam caídos no mesmo lugar em que tinham sido encontrados no dia 11 de novembro de 1977.

— O homem que matou minha mulher — gaguejou David. — Ele está solto?

— Não — o tenente DiMiglio balançou a cabeça. — Aquele cara ainda está atrás das grades, cumprindo de oito a vinte anos. Logo que soubermos do problema aqui, verificamos isso também.

— Carl? — David virou-se para o síndico do prédio. — Todo o apartamento é protegido por um sistema de alarmas. Ele não disparou?

— Quando entrei com a chave-mestra, claro, disparou sim! — Carl sorriu. — Ele está perfeito. Mas, antes, não disparou, não.

— Sabemos que a intenção não era roubar — disse o tenente DiMiglio.

David voltou-se para ele. — O que o senhor quer dizer?

— Venha cá. Vou lhe mostrar.

O policial à paisana levou David ao seu próprio quarto. Mais uma vez o colchão tinha sido arrancado do estrado da cama. As cortinas tinham sido rasgadas do mesmo jeito que naquela terrível tarde de novembro de 1977. O detetive apontou para a cômoda do quarto. — Está vendo ali?

Na sexta-feira de tarde, David tinha ido ao banco para descontar um cheque de oitocentos dólares, o dinheiro que precisaria para o aluguel de uma semana da casa de Amagansett. Ao invés de levar o dinheiro consigo para New Castle, preferira guardá-lo na gaveta da cômoda.

Agora, as cédulas tinham sido retiradas da gaveta e se encontravam espalhadas sobre o móvel. Estavam todas lá, mas um maço de duzentos e

cinquenta dólares tinha sido colocado separado das outras notas. Contudo, exceto pelo dinheiro sobre a cômoda, este quarto parecia o mesmo em que David entrara dezessete meses atrás.

Sentou-se na beira do estrado da cama e fechou os olhos. Por um segundo imaginou se estaria sonhando novamente. Será que essa maldita coincidência fazia parte de um terrível pesadelo? Mas não, agora tudo era real! Dessa vez, nem mesmo os gritos poderiam acordá-lo.

Então David se lembrou. Havia um detalhe do primeiro arrombamento que nenhum vândalo poderia repetir. E, se *aquele estivesse* faltando... David levantou-se e foi em direção à cozinha.

— Sr. Carmichael. — O tenente DiMiglio tentou alcançar David, tocando em seu braço. Porém, David passou pelo detetive, resoluto.

Em novembro de 1977, o ladrão tinha encurralado Eleanor na cozinha. O esmalte branco da geladeira ficara coberto com seu sangue. Mesmo agora, David podia se lembrar da forma exata daquela horrorosa mancha em diagonal. É o tipo de detalhe que nunca se esquece, porém, dificilmente alguém poderia reproduzi-lo.

O tenente DiMiglio percebeu que David se dirigia para a cozinha. Muito bem, pensou o detetive. Vamos ver como ele reage!

Quando David pisou no ladrilho preto e branco do chão da cozinha, pasmou. A expressão de seus olhos convenceu o tenente de que ele não estava representando. Ele realmente *tinha* ficado surpreso com o sangue na geladeira.

Mas o detetive também notou aquele profundo ferimento no pulso esquerdo de David, e pensou. . .

David apressou-se em direção ao banheiro, pensando que fosse vomitar. Mas seu estômago estava vazio. Sentou-se na fria beirada da bacia da privada. Durante a primeira invasão, esse banheiro fora um dos poucos lugares do apartamento que não tinham sido tocados, como agora também. Agora, David se sentia um pouco melhor. Ali dentro, ele quase podia acreditar que nada daquilo jamais acontecera e que Eleanor ainda estava viva.

O ferimento em seu pulso esquerdo começou a doer. David levantou-se e abriu o armário sobre a pia. Procurou um curativo. Dentro do armário ainda estava o vidro de tranquilizantes que o médico lhe receitara em novembro de 1977. David decidiu que seria bom tomar um agora. Abrindo a torneira de água fria, procurou o copo no lado direito do armário. Para sua surpresa, o copo estava cheio, até a boca, de um líquido amarelado que se derramou em sua mão, descendo pia abaixo. Estava morno e tinha o desagradável cheiro de urina de animal — urina de animal *fresca!* Enojado, David abriu mais a torneira, segurando o copo sob o jato de água para lavá-lo bem.

Então notou a escura forma arredondada no fundo do copo. Fez com que aquilo caísse em sua mão. Quase imediatamente, David sentiu as familiares vibrações late-jantes. Era o bronze corroído que tinha desaparecido há mais de uma semana!

David começou a tremer de raiva ao pensar em quem poderia ter feito aquilo. Pensar que essa, essa *pessoa* podia ir e vir, como quisesse, destruindo coisas bonitas! . . .

— Sr. Carmichael?

Levantando a cabeça e olhando no espelho do armário do banheiro, David viu Carl Mullins em pé, atrás dele.

— Sr. Carmichael, realmente, não consigo entender nada disso. A noite passada e esta manhã, sabe, o Raul disse que não viu ninguém estranho entrar no prédio. Apenas os inquilinos regulares. Nenhuma de suas janelas foi arrombada e os tiras aqui estão dizendo que sua fechadura não foi forçada. Então, o que eu quero dizer é, bem, não é direito fazer isso com o sr. e a sra. Jacob.

David colocou a moeda molhada no bolso e voltou-se para encarar o síndico. — Oh, o que é que há, Carl! Então você está pensando que fui *eu* quem destruí meu próprio apartamento?

O síndico abaixou a voz, sussurrando. — Bem, não estou dizendo isso, sr. Carmichael. Mas, veja, tem havido várias reclamações. Quer dizer, o sr. Jacob disse que tem ouvido o senhor gritar e berrar há umas duas noites. É agora isso! — Carl Mullins encolheu os ombros e, desacorçoado, dirigiu-se para a sala de estar. — Bem, quero dizer que este é um prédio calmo, pacato, um lugar agradável e principalmente de respeito. O gerente talvez não queira renovar seu contrato e...

No *hall*, o telefone tocou. O detetive atendeu e, depois de ouvir por uns instantes, disse: — Sr. Carmichael, é para o senhor.

David empurrou Carl Mullins. O tenente disse que uma mulher já tinha ligado antes. Quem poderia ser — a srta. Rosewood ou Jennifer?

Pegou o fone da mão do policial à paisana e levou-o ao ouvido. — Alô!

— Sr. Carmichael? — disse uma voz desconhecida.

— É ele mesmo — respondeu o negociante de antiguidades.

— Meu nome é Tom Greene. Como vai o senhor? Ouça, eu sou um corretor de imóveis aqui em Chappaqua.

Corretor de imóveis? David observava a destruição na sala de estar. Para todo lugar que ele olhava, via lembranças dolorosas da morte de Eleanor e da solidão, do medo e da frustração que o perseguiam desde então. Não havia dúvidas. Ele tinha que mudar daquele apartamento o mais cedo possível!

— Ouvi dizer que o senhor está interessado no sobrado que estamos alugando — disse o homem.

— Sim — disse David, sua cabeça voando. — Sim, estou interessado em alugar uma casa para o verão. ..

— Bem, isso é muito bom! — respondeu o homem no outro lado da linha. — Meu cliente, o proprietário, telefonou-me esta manhã dizendo-me que o senhor é justamente o inquilino que ele está procurando. Ele mandará decorar a casa de acordo com seu gosto. E sabe o que ele disse mais?

— Não — suspirou David. — O que ele disse?

— Ele deixará que o senhor alugue o 666 da Sunset Brook Lane por apenas duzentos e cinquenta dólares por mês!



*Sábado, 21 de abril, a quinta-feira, 26 de abril de 1979.*

Logo após o jantar, na noite de sábado, Keith foi verificar a caixa do correio na frente de sua casa. Agora que já tinha completado o interior do 666 da Sunset Brook Lane, Coste lhe devia os dois mil restantes. E, se outro envelope recheado de dinheiro aparecesse na caixa do correio, ele queria encontrá-lo antes de Jennifer.

Domingo à noite lá estava outro grosso envelope com o remetente da Carpintaria Olson! Obviamente, Coste tinha pego mais de um envelope, depois de ter forçado a fechadura. Quando Keith rasgou o envelope, lá estavam outras vinte cédulas de cem dólares.

Mas quando Coste despachara o dinheiro? A tarde de domingo estava bem mais quente que de costume, o que fez com que Jennifer deixasse a porta da frente aberta. Keith não ouvira nenhum carro parando em frente à sua casa. Será que Coste viera de bicicleta? Ou a pé?

Na segunda-feira, Keith estava almoçando na cozinha, seu macacão todo respingado de tinta fresca azul, quando o telefone tocou. Jennifer atendeu. Era David que estava ligando para dizer-lhe que tinha alugado a nova casa do outro lado da vala, de maio até agosto. Jennifer estaria interessada em decorá-la para ele? E, uma vez que ela tivesse escolhido as cores e o papel de parede, Keith poderia fazer o serviço ou recomendar alguém que o fizesse?

Keith estava completamente abismado. David não estava para alugar a casa de praia em Long Island? Keith ligou para Tom Greene, que lhe assegurou que era David Carmichael mesmo quem tinha alugado o 666 da Sunset Brook Lane.

O comerciante de antiguidades estava bem satisfeito, porém Keith não estava, vamos dizer, vibrando com a idéia de ficar praticamente encostado a ele durante os próximos meses! Por outro lado, podia notar a alegria de Jennifer em ter uma casa toda para decorar. Enquanto Keith, Marc e Jason pintavam o lado de fora, Jennifer passou toda a tarde de segunda-feira no interior, medindo e fazendo anotações, até o sol se pôr, quando ficou escuro demais para se ver qualquer coisa. Naquela noite ela estava bem mais alegre que nos últimos meses. Jennifer estava encantada com o pequeno cômodo hexagonal, com seu chão de mármore. Keith gostaria de perguntar-lhe se ela tinha visto as janelas refletindo aquele brilho vermelho ao pôr-do-sol. Mas se ela não tivesse visto nada? Achou que seria melhor ficar calado.

As nove horas da manhã de terça-feira, Jennifer foi até a estação de Chappaqua e passou todo o dia na cidade de Nova York. Naquela noite, voltou para casa carregando pesados mostruários de papel de parede. Disse que David e ela haviam visitado todas as lojas especializadas da Third Avenue. Keith não estava exatamente vibrando em saber que ela e David haviam passado tanto tempo sozinhos, mas consolou-se por ser apenas uma ocorrência temporária. Ele assegurara a Jennifer que contrataria o serviço dos irmãos Staub para a pintura e a colocação do papel de parede. Na verdade, estava ansioso para terminar o serviço naquela maldita casa de uma vez por todas. Agora, parecia que teria de

ouvir David e sua esposa falarem sobre aquela casa pelo resto do verão.

Bem cedo, na manhã de quinta-feira, um caminhão de entregas deixou um grande e pesado pacote endereçado a Jennifer. — Oh, que bom! — exclamou ela. — É o papel de parede para o quarto de David.

Papel de parede?, pensou Keith. Mas tinta comum seria bem mais fácil e mais barato.

— David quer se mudar na sexta-feira, se for possível — disse ela. — Então, se aqueles homens sobre quem você falou pudessem começar. . .

Keith não disse que David os avisara em cima da hora! Mas, felizmente, Fred e Werner Staub remanejaram sua programação e começaram o serviço naquela tarde mesmo.

Quando os pintores alemães chegaram ao número 666 da Sunset Brook Lane, Keith e seus assistentes estavam dando uma segunda demão de uma tinta azul bem forte nas ripas externas da parede. Se o dia continuasse ensolarado, Keith imaginou que poderiam terminar no fim da tarde. Ao meio-dia e meia, Keith foi até sua casa e telefonou para Tom Greene.

— Vamos começar a pintar o vigamento. Você não quer perguntar ao Coste se ele não gostaria de um tom marfim no lugar do branco que está lá agora? Acho que marfim fica melhor com azul e suja menos.

Logo que Keith terminou de almoçar, Tom Greene ligou para dizer que Coste tinha aprovado a idéia. Keith atravessou a vala novamente e encontrou os irmãos Staub carregando uma embalagem de papel de parede para dentro da casa. Fred e Werner, ambos com cinquenta anos, eram de Bremen e tinham um leve sotaque alemão. Fred, o irmão mais velho, era um trabalhador competente, porém muito bisbilhoteiro, sempre fazendo perguntas sobre as pessoas para quem estava trabalhando.

Keith subiu na escada e continuou pintando. Mas, cinco minutos mais tarde, Fred estava novamente do lado de fora, ao pé da escada de Keith.

— Por que vamos começar pelo quarto? — gritou.

— Porque o homem que alugou a casa quer se mudar na sexta-feira de manhã — respondeu Keith. — E ele quer um quarto pronto para dormir.

— Oh! — disse Fred. — Mas acho que ele não vai gostar do papel de parede que está naquela embalagem.

— Não me importa se ele vai gostar ou não — disse Keith. — Isso é problema dele, o nosso é deixar o quarto pronto até o fim da tarde.

Fred encolheu os ombros e voltou para o interior da casa.

Uma hora se passou. Então, mais ou menos às duas e meia, Jason foi até o banheiro. Ao voltar, foi até a escada de Keith.

— Você já viu o papel de parede que Fred está colocando lá no quarto? — perguntou.

— Não — disse Keith. Jennifer quisera que ele visse algumas amostras, mas ele não se interessara.

— Tem certeza de que é este o modelo que a sra. Olson escolheu? — perguntou Jason. — Parece por demais espalhafatoso para mim.

— Está bem — disse Keith. — É melhor eu dar uma olhada.

Quando entrou no quarto, não pôde acreditar em seus olhos. Fred e Werner já tinham forrado metade do quarto, que agora estava ficando coberto por um papel multicolorido com folhagens e faisões chineses sobre um fundo dourado! Certa vez, Jennifer lhe dissera que, quanto mais cores o papel tivesse, mais vezes ele teria que ser impresso, o que aumentava seu custo consideravelmente.

— Fred — suspirou ele. — Deve haver algum engano aqui. Ninguém vai

querer papel tão sofisticado assim numa casa que será ocupada apenas durante o verão.

O alemão encolheu os ombros. — Isso era tudo o que tinha naquela embalagem.

Keith deu uma olhada na nota fiscal do vendedor, mas ela trazia apenas o número de estoque, não havia descrição do modelo. — Pare com tudo — disse. — Vou verificar isso com minha mulher.

— Sr. Olson? — disse Werner Staub. — Se o senhor está em dúvida quanto a esse papel, talvez a gente possa começar a pintar o vestibulo. . .

*Espre aqui!* — gritou Keith. — Não faça nada até que eu descubra o que é isso! — Ele pegou um rolo de papel da embalagem e desceu as escadas correndo.

Werner Staub olhou para seu irmão e encolheu os ombros. Então, foi até a janela sem cortinas e viu quando Keith atravessou a vala, indo na direção dos fundos de sua própria casa.

Jennifer estava sentada no carpete bege da sala de estar examinando amostras de tecido, quando ouviu a porta da cozinha abrir-se bruscamente. Ficou surpresa em saber que Keith estava em casa tão cedo; normalmente ele trabalhava direto até as cinco da tarde.

Keith entrou na sala e jogou o rolo de papel sobre o carpete na frente dela. — Olhe para isso! — disse, abrindo o rolo de papel com o pé. — Não pode ser o modelo de estampa que você quer para o quarto!

— Sim, é esse — disse Jennifer. — É o que David aprovou, ele mesmo o escolheu.

— Mas é *você* quem está decorando a casa — protestou Keith. — Se David queria papel de parede, você não poderia orientá-lo?

Jennifer olhou para seu marido. — Pra quê?

— Pra quê? Porque papel de parede custa muito mais do que uma simples pintura. E, além disso, ele não está pensando em morar lá pelo resto da vida! Quando David sair, em setembro, não vai poder levar o papel consigo.

Jennifer balançou a cabeça. — Esta é justamente a questão. Ele não tem certeza se é este o papel que ele quer em seu quarto em Nova York Assim, estamos usando esta casa para testar algumas idéias sobre seu apartamento na cidade. E, além do mais, Coste está pagando a pintura, o papel e o carpete.

— Mas você não poderia fazer com que David escolhesse algo mais barato, economizando alguns dólares de Coste? — Keith franziu a testa.

— Não! — disse Jennifer resoluta. — Tudo o que escolhi para o segundo andar está baseado naquele esquema verde e dourado, até mesmo o painel sobre a cama.

— Um painel!? — exclamou Keith. — O que David pensa que aquela casa é, o Palácio de Buckingham?

Ela se voltou para as extravagantes amostras de tecido à sua volta sobre o carpete. — Não se esqueça de que David ganha a vida lidando com mobília francesa. A maioria é simples decoração. Então, ele se acostumou a viver com mais elegância do que à que você ou eu estamos habituados.

— Você quer dizer que a *casa toda* vai ser decorada com todo esse luxo? — perguntou.

— Essa é a idéia — respondeu Jennifer calmamente. — Por exemplo, agora estou tentando achar o melhor tecido para as cadeiras da sala de jantar, levando

em conta que as paredes serão azul-porcelana.

O coração de Keith estremeceu. Sem lhe dizer uma palavra, David e Jennifer estavam criando um mundo todo deles, todo particular, do qual ele, de alguma forma, se sentia excluído. — Odeio ver um cara desperdiçando tanto dinheiro assim — disse.

— Não é um *desperdício* — insistiu Jennifer. — David vai levar toda a mobília de volta para a cidade no outono. E Coste pode deixar o papel de parede, a tapeçaria e o carpete para quem alugar a casa depois.

— Muito bem — disse Keith. — Já que você gosta desse tipo de papel, por que não decora o *nosso* próprio quarto com ele? Eu poderia lhe dar como presente de aniversário.

Jennifer deu uma risada e balançou a cabeça. — A gente não pode ter um quarto como esse aqui. Não combinaria com o resto da casa.

Era tudo ou nada, pensou Keith. — Bem — falou, desanimado. Pegou o rolo de papel, percebendo que seus dedos tinham deixado nele marcas de tinta azul. — É melhor eu voltar para o trabalho.

A quase cinco mil quilômetros dali, a hora do Pacífico marcava meio-dia e quinze. Na Penitenciária Federal da Ilha McNeil, o censor levantou a cabeça de sua escrivaninha, no prédio da administração. Provavelmente, ele ainda teria tempo de ler e autorizar mais uma carta antes da hora do almoço.

A carta seguinte da pilha era bem longa, escrita em quatro folhas de papel. Quando o censor olhou o nome do prisioneiro, no envelope ainda sem selo, ficou ligeiramente surpreso. Aquele tal de Beaufort nunca demonstrara interesse em escrever cartas.

Nos anos de 1974 e 1973, quando os crimes da Bremerton Road ainda estavam frescos na mente de todos, James Beaufort chegara a receber até cinquenta cartas por semana. Atualmente, praticamente não recebia nenhuma. Por isso o censor lembrou-se da carta que chegara de um cara chamado Olson, lá da costa leste, pedindo a descrição da casa na Bremerton Road, onde Beaufort cometera os crimes.

Suas perguntas eram inofensivas, o que permitiu que Beaufort recebesse a carta de Olson sem nenhuma restrição, sem nenhum corte.

Ali estava a resposta do prisioneiro. Para um homem que sempre ditara suas cartas, Beaufort tinha uma caligrafia muito bonita. O censor retirou a tampa de sua caneta hidrográfica. Se alguma parte da carta de Beaufort tivesse que ser censurada, o forte traço da caneta cruzaria toda a extensão do papel, anulando tudo. O censor recostou-se na cadeira e começou a ler:

“25 de abril de 1979

Prezado Sr. Olson

Muito obrigado pela carta de 20 de abril. Sinceramente, espero que o senhor não esteja pensando em comprar ou alugar a casa da Bremerton Road. Acho que minhas razões para dizer-lhe tal coisa ficarão mais claras à medida que responder a suas perguntas.

Quando eu e minha secretária, Patty Lee Swenson, começamos a perceber nossos sentimentos um pelo outro, ela ainda estava morando com seus pais. Então, sugeri que procurasse um apartamento para ela e prometi aumentar seu salário para cobrir as despesas.

Mais tarde, naquela semana, ela me disse que uma agência imobiliária tinha

lhe telefonado inesperadamente, sobre uma casa em estilo vitoriano nas imediações do distrito de Colúmbia. Ela achou que uma casa seria muito para ela, porém o aluguel era incrivelmente convidativo e, de acordo com seu salário, poderia alugá-la. Assim, a alegação do jornal, dizendo que aluguei a casa para ela, não é totalmente verdadeira. Fiquei um pouco magoado por ela não aceitar minha ajuda, mas não coloquei obstáculo à sua decisão. Depois de três semanas, mais ou menos, ela mudou-se para lá.

A casa parecia bem mais velha do que as outras das imediações. Um vizinho contou a Patty que a casa tinha sido transportada para aquele lugar, inteirinha, num bloco só, cerca de seis meses antes de ela se mudar. Mas não sei mesmo de onde a casa possa ter vindo originariamente.

O número 666 da Bremerton Road era uma construção em madeira, pintada de amarelo e branco, com uma ampla varanda e vidraças coloridas em ambos os lados da porta da frente. Vi muito poucas casas iguais a ela em San Francisco. Havia um pinheiro plantado no lado esquerdo da varanda, mas ele amarelou na parte que ficava de frente para a casa, até que, finalmente, metade dos brotos morreram.

Entrando na casa, as escadas ficavam de seu lado esquerdo. À sua direita havia uma sala de estar e, no fundo, uma saleta com uma lareira e uma porta que conduzia à cozinha. No segundo andar havia um banheiro e dois quartos, um ligado ao outro. O quarto maior tinha uma parede toda forrada com lambris de madeira.

No lado leste da casa havia um pequeno cômodo sextavado com uma ampla janela de sacada. Sua entrada era através de portas de correr colocadas sob as escadarias. As janelas da sacada tinham cerca de um metro e meio de altura, feitas com pequenos pedaços de vidro sextavado de quinze centímetros de diâmetro.

A casa foi mobiliada quando Patty a alugou. Eu costumava visitá-la três ou quatro vezes por semana. Quase sempre acendíamos a lareira da saleta, atrás da sala de estar.

Logo após, Patty começou a mudar. Reclamava que eu não tinha coragem de pedir o divórcio. Estava sempre dizendo que não via a hora de casar, até que eu, sinceramente, comecei a pensar que ela diria sim ao primeiro homem que pedisse sua mão. Uma vez que tinha toda aquela casa só para ela, comecei a imaginar se ela não estava recebendo outros homens lá. E tinha frequentes pesadelos de que ela estava me deixando. Nos sonhos, eu a via em pé, na janela da sacada da casa, conversando com alguém cuja face eu não conseguia identificar. Tive esses pesadelos várias vezes.

Eu percebia claramente que Patty ficava infeliz tendo que permanecer em casa todas as noites. Então, certa vez, depois do trabalho, levei-a para jantar em Tacoma, num lugar que acreditava ser bastante discreto.

Devo esclarecer também que meu cunhado, Edgar Sutton, morava e trabalhava em Tacoma. Edgar era aquele tipo de advogado pomposo, arrogante e engomadinho, como a maioria dos advogados. Sempre zombava de mim por eu ter ingressado na prefeitura, quando poderia ganhar muito mais exercendo minha profissão de advogado também. Já que tinha se divorciado, em 1970, Edgar se considerava uma espécie de dom-juan. Porém, eu o achava mais engraçado do que irritante.

Muito bem, Patty e eu estávamos jantando no fundo de um restaurante em Tacoma quando Edgar e uma mulher que eu nunca tinha visto antes entraram e sentaram-se bem na mesa ao lado.

Edgar fez que não me reconheceu, o que significava que ele sabia perfeitamente o que estava acontecendo. A partir desse momento, passei a esperar que ele finalmente conta-se a Eunice que tinha me visto junto com Patty. Minha esposa sempre mereceu ser bem tratada, e eu não gostaria de ter que magoá-la. Nós tínhamos dois filhos, ambos na faculdade, no leste, que não sabiam nada a respeito de tudo aquilo. Patty e eu conversamos sobre o fato, na volta para Seattle. Ambos concordamos em que seria melhor eu contar a minha esposa em primeiro lugar.

Achei que Eunice me daria o divórcio, uma vez que entendesse o que eu e Patty sentíamos um pelo outro. Duas noites depois, contei tudo a Eunice. Porém, ela recebeu tudo muito mal mesmo.

No dia seguinte, no trabalho, eu estava ainda mais deprimido e infeliz. Patty chegou doente, dizendo que estava gripada. Então, antes de ir para casa, decidi dar uma parada no número 666 da Bremerton Road e visitar Patty para ver como ela estava e me convencer de que não estava fazendo nada errado.

O senhor pode imaginar minha surpresa ao ver o carro de meu cunhado estacionado em frente à casa. Ao entrar com minha própria chave, ouvi a voz de Edgar do quatinho sob as escadarias. Ele estava tentando persuadir Patty a me deixar, mas parou quando ouviu meus passos.

Patty gostava de observar o pôr-do-sol pela janela da sacada, e devia estar lá, quando Edgar chegou. Ao entrar pelas portas de correr, a luz do sol poente quase me cegou. Eu devia ter mencionado que, em noites claras, aquelas janelas captavam a luz de tal maneira que o cômodo ficava todo banhado em vermelho — por sinal, uma visão muito bonita realmente. Também, as janelas eram desenhadas com as figuras de dois homens e uma mulher. Patty dizia que a figura do lado direito parecia-se comigo. Nunca pude distingui-la à luz do dia. Mas, numa tarde, quando o sol estava se pondo, levou-me até lá e me mostrou. De fato a semelhança era incrível.

Muito bem, nessa tarde, Patty estava usando seu roupão de banho. Claro, ela estava gripada e, provavelmente, tinha dormido o dia todo. Mas, logo que a vi, tive a impressão de que ela e Edgar tinham ido para a cama juntos. Quando disse a Edgar para sumir dali, ele começou a me fazer sermões sobre minhas responsabilidades como homem de família.

Patty adiantou-se e colocou a mão em seu braço. Agora entendo que ela tentava interrompê-lo, mas, na hora, sua atitude me pareceu muito íntima, quase obscena. Então, Edgar começou a falar o quanto eu estava traindo a confiança do povo, como homem público. Perdi a calma e dei-lhe um soco.

A pancada foi bem mais forte do que eu esperava. Devo ter quebrado seu nariz. Quando ele ergueu os punhos para se defender, senti uma súbita satisfação, pois sua reação me dava motivos para espancá-lo novamente, e continuar batendo enquanto ele estivesse resistindo. Edgar caiu no chão e continuei a espancá-lo, esperando que ele gritasse para eu parar. Então, senti as mãos de Patty em meus ombros, tentando puxar-me. Enlouqueceu-me o fato de que, depois de ter desistido de tudo por sua causa, ela ainda tivesse a coragem de pôr suas mãos em mim. Então, virei e atingi Patty bem no rosto, com toda a força. Só aquela pancada fez com que ela girasse, caindo num canto. Não me lembro o que aconteceu depois, até olhar novamente para o lado direito daquela janela. Eu poderia jurar que era realmente meu próprio rosto que estava desenhado ali.”

O censor decidiu anular a última parte. Parecia que Beaufort estava tentando provocar um novo julgamento, demonstrando insanidade como motivo para sua

defesa. Agora, quase seis anos depois dos assassinatos, seria praticamente impossível provar alguma coisa, de um jeito ou de outro. O censor ia riscar o papel com sua caneta hidrográfica, quando seus olhos depararam com o parágrafo seguinte:

“Talvez o senhor esteja imaginando por que admiti a culpa de um assassinato em primeiro grau quando poderia ter apelado para uma pena de homicídio ou, até, de agressão. Mas o fato é que eu realmente premeditei a morte de Edgar.

Eu estava começando a me conscientizar de que Patty estava morta. Estava começando a compreender a coisa terrível que tinha feito. Mas o que realmente me enlouqueceu foi pensar que, se Edgar não tivesse metido seu nariz, nada disso jamais teria acontecido!

Agora, a luz vermelha naquele cômodo estava desaparecendo rapidamente. Percebi que Edgar sangrava bastante pelo nariz. Então, antes de sair, levantei-o e encostei-o num canto do cômodo. Uma vez que estava inconsciente, eu sabia que ele provavelmente se afogaria no próprio sangue. Mas eu queria que ele se afogasse mesmo. E, então, deixei-o lá.

Mais tarde, voltando para casa, pensei seriamente em voltar para ajudar Edgar. Mas, e se algum dos vizinhos já tivesse chamado a polícia? Não podia nem pensar em voltar lá, com o lugar cheio de policiais. Então, pensei em parar e telefonar para uma ambulância, mas tive medo de ter que me identificar. Sabe, eu não queria ser algemado e levado para a delegacia como qualquer criminoso. Eu ainda pensava na dignidade de minha posição, como vereador da cidade. Mas, se eu tivesse telefonado, talvez Edgar estivesse vivo hoje. Simplesmente, não sei.

Esta é a razão pela qual confessei os crimes. Não queria que o Estado de Washington ficasse ainda mais encrencado por minha causa. E eu queria ser punido, não apenas por ter matado Patty, mas por ter duvidado dela em primeiro lugar. E é por isso que o conselho a não comprar ou alugar a casa onde ela morou (a última coisa que ouvi foi que ela ainda estava para ser alugada). Não que o lugar seja assombrado ou coisa desse tipo, embora Patty tenha me falado sobre alguns acontecimentos estranhos, como uma velha moeda romana que surgiu do nada, bem no meio da colcha de sua cama. Melhor, agora percebo que a casa age como uma espécie de amplificador psicológico. Ela colocou na cabeça de Patty preocupações e dúvidas que não existiam antes. E pegou meus piores impulsos e suspeitas, multiplicando-os numa proporção astronômica.

Como o senhor deve ter lido, recentemente recusei uma oferta de livramento condicional. Não quero mais sair da prisão, porque isso só me faria lembrar-me da vida que Patty e eu poderíamos ter tido juntos e da mágoa e desgraça que meus atos causaram. Um ano depois de minha prisão, concedi o divórcio a minha mulher. Então, isso perfaz três mortes e três outras vidas arruinadas, incluindo a minha. Talvez uma comissão de livramento condicional possa passar por cima de tudo isso, mas eu não posso.

Atenciosamente,  
James Beaufort.”

Bem, bem, o censor da prisão pensou. Aquele negócio sobre a premeditação do crime certamente aniquilou com qualquer possibilidade de apelação por insanidade! Beaufort nem mesmo insinuou que se tornara retraído devido a uma depressão aguda ou, ainda, que seu companheiro de cela reclamava de suas

lamúrias e gemidos durante o sono. Não mencionou as três vezes que os guardas tiveram que arrastá-lo para a enfermaria para fazer uma lavagem estomacal ou curar os ferimentos em seus pulsos.

Não, não havia nada na carta que comprometesse a prisão ou sua administração. E, além do mais, era hora do almoço!

O censor lacrou a carta no envelope que Beaufort tinha endereçado ao sr. Keith Olson, Sunset Brook Lane, New Castle, N.Y. Então, carimbou o verso, indicando que seu conteúdo já tinha sido lido e aprovado. Colocou-o, então, junto com as outras cartas que deveriam seguir no barco daquela tarde para o continente.



*Sexta-feira, 27 de abril de 1979.*

Mais de uma hora depois do combinado com o pessoal da mudança, David Carmichael ainda estava esperando em frente ao seu prédio na Riverside Drive.

Olhou o relógio, que agora estava marcando a hora certa, funcionando perfeitamente. Eram quase dez e quinze. Talvez devesse telefonar. Mas David não queria voltar lá em cima, ao seu apartamento, até que ele estivesse completamente vazio e redecorado.

No sábado anterior, David esperou que Carl Mullins e os policiais saíssem. Então, colocou algumas roupas e objetos de uso pessoal numa mala e foi hospedar-se no Carlyle Hotel, na Madison Avenue. No domingo, enviou a Tom Greene o cheque do primeiro pagamento referente ao aluguel da casa 666, na Sunset Brook Lane. E, na segunda-feira, telefonou para Jennifer, pedindo-lhe para decorar o lugar, como também seu apartamento na Riverside Drive.

Ao voltar para Nova York, em setembro, aquele apartamento estaria com um novo interior, tão vivo e alegre como só Jennifer poderia deixá-lo. As únicas mobílias que estava levando para New Castle eram aquelas que não tinham sofrido nenhum dano, como a cama de casal de dossel, a cômoda e a mesa de café chinesa da sala de estar. Quando as outras peças de antiguidade voltassem do restaurador, ele as venderia em leilão. Enquanto isso, Jennifer estaria ajudando-o a experimentar novas cortinas, tapetes e tecidos na nova casa da Sunset Brook Lane.

Ele imaginava que o caminhão de mudanças viesse do centro da cidade. Forçando os olhos, deu uma olhada ao redor da Riverside Drive. Mas tudo o que podia ver eram táxis e carros de passageiros.

Então, de repente, viu um enorme caminhão, com pintura berrante, dobrando a esquina de uma rua secundária, duas quadras adiante.

Lá no distrito policial do Upper West Side, o detetive à paisana atendeu ao telefone.

— Tenente DiMiglio falando. — O detetive esperou um instante, enquanto mascava seu chiclete. — Sim, tipo A negativo. Obrigado!

Ao desligar, procurou sobre sua escrivaninha a pasta contendo o caso do assassinato de Eleanor Carmichael. Por entre as amarradas folhas de papel, encontrou a página que procurava: o relatório do médico-legista.

O tenente DiMiglio tinha razão. O sangue de Eleanor era tipo O positivo. Mas, segundo o laboratório, a mancha de sangue na geladeira de David, sábado passado, era do tipo A negativo.

O detetive tinha visto o profundo ferimento no pulso esquerdo de David. Agora, ele chegava à página que dava todos os dados sobre o marido de Eleanor Carmichael. Correto; o sangue de David M. Carmichael era do tipo A negativo.

Aquela não tinha sido a primeira invasão; além disso, o alarma não disparara até que o síndico chegasse com a chave-mestra. E o tenente DiMiglio já tinha

ouvido falar de malucos que simulavam o próprio rapto. Uma estranha forma de se lamentar, o psicólogo diria. Mas, se David Carmichael quisesse destruir seu próprio apartamento, isso não era crime — nada que tivesse a ver com os códigos legislativos da cidade.

E, então, o tenente DiMiglio concluiu — erroneamente, por sinal — que já sabia o bastante sobre David M. Carmichael.

Ao meio-dia, Jennifer estava em pé, na cozinha, preparando alguns sanduíches. A qualquer momento, Keith deveria chegar do número 666 da Sunset Brook Lane. Geralmente, seu almoço consistia em pão de centeio, presunto e queijo. Hoje, contudo, Jennifer queria surpreendê-lo com um sanduíche mais sofisticado. Keith também gostava de variar. Talvez isso ajudasse a animá-lo um pouco mais. Só Deus sabia o quanto ela já havia tentado!

Obviamente, ele não se importara muito com a mudança de David para o outro lado da vala. Mas, desde a discussão sobre o papel de parede do quarto de David, Keith estava distante e formal. Era um mau sinal, ela sabia. Diante do menor aborrecimento, Keith já praguejava, reclamava e não fazia questão de disfarçar. Mas, se algo *realmente* o contrariava, então ele simplesmente se fechava. Jennifer não tinha condições de arrancar nada dele,

Jennifer estava terminando de preparar os sanduíches quando ouviu o caminhão do correio parar diante de sua casa. Foi até a frente para pegar a correspondência. Ao voltar, deparou com Keith, em pé na cozinha, ao lado da mesa. Ela podia sentir o forte cheiro de tinta fresca em suas roupas.

— Oi — disse, esboçando um sorriso.

Mas o rosto de Keith continuava impassível. — Alguma carta de Paul? — perguntou ele.

Jennifer examinou as contas e anúncios, procurando pelo remetente da Igreja de Todas as Almas.

— Acho que não — respondeu.

— Diacho! — Keith abriu a geladeira para pegar uma lata de cerveja. — Você se lembra daquele pedaço de papel que lhe pedi para enviar a ele?

Ela balançou a cabeça, confirmando. — Aquele com todas aquelas letras, não é?

— Certo. Você o colocou junto com sua carta, não?

— Claro! — disse Jennifer.

— Estou começando a me arrepender. — Keith deu um gole longo na cerveja. — Não tirei uma cópia. Deveria ter tirado uma, no caso de a carta se extraviar.

Jennifer hesitou. — Talvez ele tenha demorado a descobrir o significado das palavras.

— *Alguém* no seminário deveria ser capaz de lhe dizer que língua era aquela. — Keith dirigiu-se ao telefone na parede. — Acho que vou telefonar para Paul agora mesmo.

— Você não quer comer primeiro? — perguntou ela. — Estou lhe preparando um sanduíche.

Keith olhou para os sanduíches cuidadosamente preparados, sobre o balcão da cozinha, depois olhou para ela.

— Realmente, não estou com fome — respondeu. — Não precisava se incomodar.

Jennifer foi até o balcão e começou a espalhar mostarda nos sanduíches. Keith voltou-se para ela, com o receptor do telefone no ouvido:

— Você não se importa que eu telefone para Paul?

— Por que deveria? — retrucou ela. — Ele é seu irmão!

— Bem, foi você quem o convidou. — Keith terminou de discar. — Não quero que ele pense que a gente o está pressionando a vir aqui!

Ele permanecia ali, parado, olhando para a parede, esperando que se completasse a ligação. Jennifer deu uma mordida no sanduíche e, então, deixou-o de lado. Ela também não estava com fome.

Keith estava carrancudo ao telefone. Jennifer podia ouvir o fone, do outro lado da linha, tocando e tocando, sem ser atendido. Seus olhos se encheram de lágrimas. Será que o resto do verão iria ser daquele jeito, com Keith amuado pela casa, ignorando-a? Não conseguia evitar a lembrança de como David fora amável e atencioso, durante aqueles dois exaustivos dias, visitando as casas de papel de parede na Third Avenue.

Keith desligou o telefone bruscamente e discou outra vez. Para que ele não a visse chorando, Jennifer saiu correndo da cozinha e subiu as escadas em direção ao quarto. Contendo-se para que Keith não ouvisse seus soluços, ela o ouvia falando ao telefone.

— Sim, é o irmão dele. *Keith Olson*. Minha mulher lhe enviou uma carta, e eu gostaria de saber se ele a recebeu.

Ele nem percebeu que ela saíra da cozinha!

Em Glastonbury, Connecticut, um pouquinho antes do meio-dia, o sargento Philip Riley estacionou sua viatura em frente à Igreja Episcopal de Todas as Almas.

O robusto e corpulento policial era metodista e nunca tinha entrado numa igreja episcopal antes. Ao entrar na residência paroquial, caminhou pelo estreito corredor ladrilhado. No fim, havia uma porta com uma plaqueta que dizia: REV. PAUL OLSON, PÁROCO ASSISTENTE. Bateu e ouviu uma voz chamando. — Entre! — Era a mesma pessoa com quem ele tinha falado ao telefone um pouco antes, naquela manhã.

Paul Olson pensou que o sargento Riley viesse no fim daquela tarde. Ao levantar-se de sua escrivaninha para cumprimentar o policial, colocou uma revista sobre a carta de Jennifer. Havia recebido a estranha e perplexa carta de sua cunhada na semana anterior, e, desde então, estava bastante intrigado.

Ao apertar a mão do policial, Paul não pôde deixar de ver o objeto que ele trazia em sua mão esquerda. O policial colocou o reluzente cálice de prata sobre a mesa na frente do pároco.

— Bem — disse o policial. — Isto é seu?

— Tenho quase certeza de que sim — falou o pároco assistente. Pegou o cálice e então hesitou. — Vocês já tiraram as impressões digitais?

O sargento Riley sorriu para ele. O clérigo não o tinha visto carregando o cálice com as mãos nuas? — Conseguimos tirar algemas — respondeu. — Porém, um pouco borradas.

— Por favor, sente-se — disse Paul.

O sargento Riley ajeitou seu pesado corpo na cadeira ao lado da escrivaninha do pároco. Paul virou o cálice em sua mão e examinou sua base. Lá estava a marca do ourives de Wallingford, Connecticut, do qual a Igreja adquiria todos os objetos litúrgicos. — Sim — disse finalmente. — É nosso.

Colocando o cálice em pé novamente, constatou que ele estava perfeito,

intacto, do mesmo jeito que estava no dia em que desaparecera. Mas, então, Paul notou um estranho reflexo em seu interior. O fundo estava coberto com uma substância marrom-escura.

— Falando em impressões digitais — disse o sargento —, gostaríamos de falar com todos os que têm acesso à sacristia regularmente. Porque temos uma boa pista de quem poderia ter roubado este cálice.

— Eu também tenho — disse Paul pesadamente. — Sei quem o pegou.

O policial endireitou-se na cadeira. — Mas, então, por que o senhor não me disse, quando deu queixa de seu desaparecimento?

— Porque na hora eu não sabia — retrucou. — Quarta-feira passada, uma jovem veio aqui na residência e me contou o que acontecera com o nosso cálice. Mesmo assim, eu não tinha nenhuma prova.

O sargento Riley olhava Paul bem nos olhos. — O senhor se importaria de me informar, reverendo?

Paul Olson hesitou. — Muito bem, mas não quero citar nomes.

O policial continuava olhando para ele, do outro lado da mesa, sem dizer nada.

— Resumindo, então — disse Paul. — Esta jovem é uma universitária e seus pais são membros da congregação. Ela me disse que o cálice foi usado num ritual a Satã, no último sábado à noite.

O sargento Riley continuava atento. — E como ela sabia disso?

— Porque ela estava lá! Era uma oferenda de sangue, o sacrifício de um animal. Mas seu namorado, ou melhor, o jovem que foi seu namorado, disse-lhe que o cálice era *autêntico*, isto é, um cálice sagrado de uma igreja. Então, nesta semana, seus pais lhe contaram sobre o desaparecimento de nosso cálice. Ela juntou os fatos e veio falar comigo. Mas não consegui se lembrar exatamente do local do ritual, foi em algum lugar no campo. Sendo assim, eu não tinha muitas condições de conseguir o cálice de volta.

— O senhor poderia ter-nos informado o que a garota lhe contou — disse o sargento. — E, se punirmos os culpados, podemos evitar que isso aconteça novamente.

Paul podia ver o reflexo do sangue coagulado no fundo do cálice. Obviamente, ele teria de ser limpo e reconsagrado. — O senhor terá que falar com o pároco-chefe — disse finalmente. — O fato de prender essa gente só lhes dará mais publicidade. As pessoas que jamais pensaram que isso existisse começarão a pôr coisas na cabeça.

Paul Olson sentia-se triste e desencorajado. Continuava intrigado com o fato de Lawrence Fisher, que organizara a Missa Negra, ser membro do grêmio da Igreja de Todas as Almas! Como o cristianismo falhara com ele? E, até o último sábado, Cindy Trumbull o acompanhava a essas macabras cerimônias. Por que jovens como Lawrence e Cindy queriam invocar o Inimigo de Deus?

Paul olhou para o policial novamente. — Será que o senhor poderia me mostrar onde o cálice foi encontrado?

— Claro — disse o sargento Riley. — O senhor pode dispor de meia hora?

Ao entrar na viatura, Paul ouviu o telefone tocar em seu gabinete. Mas não queria fazer o sargento Riley esperar. A secretária do pároco atenderia e, se fosse algo realmente importante, a pessoa ligaria outra vez.

Cerca de dez quilômetros após a divisa de Glastonbury, o policial estacionou o carro no acostamento da estrada. Paul desceu e seguiu o policial por um pasto deserto. A grama do terreno era salpicada de touceiras de capim.

Em frente a uma velha muralha de pedra a grama tinha sido pisada. Um

grande hexágono com uns seis metros de comprimento tinha sido marcado no chão com cal. Aproximadamente no centro da forma sextavada, havia um ancinho com o cabo bem fincado na terra. Seus negros e afiados dentes apontavam para cima, em direção ao céu azul.

Perto do ancinho, caído de lado, estava um grande pássaro branco. Agora, percebia-se claramente que ele já estava morto há dias. Bem ao lado do pássaro, estava uma ampla pedra achatada coberta com limo, formando um rústico e estranho altar.

— Seu cálice estava aí — disse o sargento Riley, batendo na pedra com a ponta do sapato. Paul notou que em cima da pedra havia uma mancha escura ressequida. Em volta, na grama, notavam-se os restos de velas que tinham sido queimadas até o fim.

À luz do dia, Paul pensou, tudo aquilo parecia tão pacífico. Os pássaros cantavam nos arbustos, e um pequeno aeroplano fazia piruetas no céu. Agora, a campina estava vazia. Mas, no sábado à noite, Lawrence Fisher e Cindy Trumbull haviam estado ali. E quantos outros mais?

— Reverendo, por que o ancinho? — perguntou o policial. — Por que Fisher pegaria seu cálice, em primeiro lugar? Quero dizer, há alguma ligação com tudo isso ou nada tem sentido? — O policial deu um sorriso amarelo. — Isto é, se o senhor não se importar em falar a respeito, é claro!

Paul tentou se lembrar dos detalhes que Cindy lhe transmitira na quarta-feira. Ela fizera parte desse culto até sábado passado, quando experimentara algo que a aterrorizara profundamente, e dissera a Lawrence que nunca mais queria vê-lo novamente.

— Bem — começou Paul. — Ele está com as pontas para cima para imitar a cruz num altar. Seus dentes desafiam os céus, como um insulto. Sabe, os fazendeiros usam ancinhos para remexer estéreo. Então, a relação é que Deus não vale nada.

O pároco assistente apontou para a pedra do altar e, então, para uma fenda no topo da vizinha muralha de pedra. — Deus disse a Moisés para construir seus altares com pedras brutas, virgens. Mas os seguidores de Satã não fazem assim. Tiram-nas de paredes já construídas. É tudo ao contrário. — Paul tocou no pássaro morto com a ponta do sapato. Pôde perceber então, devido ao largo bico, que era o pato de que Cindy tinha falado. — Esse pato era o animal de estimação de alguma criança. A idéia toda, basicamente, é causar o máximo de dor e medo possível, assim como qualquer tipo de emoção negativa. O pato foi sacrificado com uma faca de madeira. As primeiras gotas de sangue tinham sido espalhadas sobre o altar de pedra como um tributo ao Diabo, que os seguidores de Satã pensam ser o verdadeiro deus e senhor deste mundo. O resto do sangue fora colocado no cálice; veja bem, não o sangue de Cristo, mas o sangue de um pato. E então, bem, os participantes tinham sua própria versão de comunhões sacrílegas. . .

E então Paul se lembrou do que fizera a garota decidir-se a parar de frequentar os rituais.

Cindy sempre achara as cerimônias um pouco maçantes, e os sacrifícios, cruéis e desnecessários. Ela sempre deixava que um outro membro do grupo matasse o animal a ser sacrificado na semana. No sábado anterior, contudo, Lawrence Fisher tinha dois engradados, um com um coelho branco e o outro com o pato branco. Cindy perguntou-lhe por que havia trazido um animal a mais, mas Lawrence apenas arreganhou os dentes. — Lúcifer disse-me para trazer — respondeu.

O pato fora morto com uma faca de madeira, como de costume. Mas, assim que Lawrence começou a recolher o sangue no cálice roubado, Cindy sentiu uma presença adentrar o hexágono. O ar repentinamente tornou-se pesado, e as velas ficaram mais fracas.

Apavorada, ela foi em direção ao engradado com o coelho. Parecia que não iriam incomodar o pequeno animal. Cindy ficou contente, pois adorava coelhos. Colocou a mão no engradado para acariciar a suave pele do bichinho. De repente, sentiu um rançoso odor animalesco. A presença estava bem atrás dela agora — satisfeita, inteligente e infinitamente poderosa.

Algo invisível fechou-se em volta de seu braço, enchendo-a com uma excitante energia. O coelho gritou e, através da escassa luz das velas, Cindy percebeu por quê. Com um golpe de sua mão, ela arrancara a pele das costas do coelho!

A presença e a energia excitante desapareceram. Soluçando de medo, Cindy matou o animal para aliviá-lo daquele martírio. Porém, para Lawrence Fisher, toda a experiência tinha sido algo muito nobre. — Você não entende? — perguntou. — Desejos satisfeitos dão-lhe forças!

Mas Cindy não *queria* entender. Terminou com Lawrence na mesma noite, jurando nunca mais participar de outros rituais.

— Parece que o senhor conhece um bocado sobre esses seguidores de Satã — disse o sargento Riley. — O senhor não estaria falando por experiência própria, não é mesmo?

— Não, não — disse Paul apressadamente. — A jovem que foi me ver contou tudo. . .

— O senhor está falando de Cindy Trumbull? Paul apenas olhou para o policial. — Já lhe disse, sargento, nada de nomes, certo?

— Certo! — suspirou o policial. — Mas temos quase certeza de que o namorado de Cindy está por trás de tudo isso. Até agora só podemos acusá-lo de violação e crueldade com animais. Veja bem, o ancinho não foi roubado. Ele o colocou na conta de seus pais lá no armazém. Mas o roubo do cálice, bem, pode ser um furto sério ou não, dependendo do valor do objeto. . .

O pároco assistente abaixou-se ao lado do altar de pedra, manchado de sangue. — O senhor pode me ajudar aqui? — pediu.

O policial pegou numa ponta da pedra e ajudou Paul a recolocá-la na fenda da velha muralha. Então Paul foi até o ancinho e agarrou sua base, sob os afiados dentes. Notou que havia algumas palavras entalhadas na madeira. O QUE O FERRO APRISIONA estava escrito do lado direito do cabo. O OURO DEVERÁ LIBERTAR estava do lado esquerdo.

— O que o senhor vai fazer com isso? — perguntou o oficial.

Paul sorriu. — Nosso jardineiro lá na igreja talvez saiba o que fazer com ele. — Porém, quando usou toda a força para puxar o ancinho, ele nem se mexeu.

Franzindo a testa, Paul tentou outra vez, revirando-o no chão. Vagarosa e obstinadamente, a ferramenta começou a bambolear no solo. Ainda assim, Paul levou mais de cinco minutos para soltar o ancinho.

O sargento Riley notava o ar de surpresa no rosto do religioso. O solo daquela área era composto de uma argila compacta, cheio de pedras. Mesmo assim, o cabo do ancinho tinha penetrado mais de quarenta centímetros na terra.

David Carmichael chegou a New Castle um pouco antes das treze horas, alguns minutos antes do caminhão de mudança. Dirigindo pelo ramal oeste da Sunset Brook Lane, viu quando o número 666 ficou à vista.

Ainda no sábado anterior, o sobrado vitoriano estava com uma cor amarela, desbotada. Agora, no entanto, estava todo pintado de azul-escuro, com vigamentos brancos, exatamente como a casa que aparecia em seus pesadelos!

Para que o caminhão de mudança pudesse parar na entrada da casa, David estacionou seu Mercedes-Benz na rua, em frente à janela da sacada. Desceu do carro e ficou boquiaberto. A janela da sacada, com suas vidraças sextavadas, erguia-se às suas costas. De ambos os lados, as escuras ripas azuis da parede pareciam-se exatamente com as camadas de escamas. Tudo aquilo lhe era horrivelmente familiar.

Atravessou a Sunset Brook Lane e olhou novamente para a casa. Aquele, percebeu, era o lugar onde ele permanecia em pé durante os primeiros pesadelos. O vão vazio atrás da casa era realmente ali — a vala que separava o 666 da casa de Keith e Jennifer! Então, muito do sonho já era de conhecimento prévio.

Com o coração batendo mais forte, David retirou suas duas malas do carro e levou-as até a varanda. Assim começava a segunda série de pesadelos, com David em pé no que agora ele sabia ser a entrada coberta com pedregulhos.

Havia uma escada de madeira toda respingada de tinta encostada no beirai da varanda. Uma brisa suave vinha da estrada. A fresca pintura marfim no vigamento da varanda refletia os raios de sol. David subiu os degraus da varanda. Ao passar com as malas pela porta de entrada, viu dois homens de meia-idade pintando a saleta de jantar. Eles o cumprimentaram, e David também lhes sorriu.

Durante a semana passada, ficara se punindo por ter alugado a casa sem nem mesmo dar uma olhada em seu interior. Mas agora, ao levar suas malas para cima, sentia-se totalmente aliviado. Que tetos maravilhosos, e como eram altos! E o quarto com aquele papel de parede com folhagens e faisões era absolutamente lindo. David sentiu-se constrangido em escolher um modelo tão extravagante. Mas, segundo Tom Greene, Coste estava satisfeito de pagar por pintura e forrações de alta qualidade. E o resultado era inegavelmente encantador! Mesmo sem nenhuma mobília, o quarto estava esplendoroso e suntuoso, como algo de outro século.

David deu uma olhada na janela do quarto. Lá estava a casa de Keith e Jennifer, do outro lado da vala, a uns cem metros de distância. Intrigado, David olhou novamente. Essa vista lhe parecia familiar. Pensou ter visto inclusive a forração hexagonal na parede às suas costas. Claro, Jennifer já havia lhe mostrado um esboço; e haviam passado dois dias inteiros falando sobre a casa. Porém, o conhecimento de David ia mais além.

Deixou suas malas num canto e foi até o andar térreo. Sob as escadas, como já esperava, havia duas portas de correr. Agarrando suas maçanetas de ferro, abriu-as, fazendo com que as duas partes corressesem silenciosamente para dentro da forração das paredes laterais.

Ao entrar no pequeno cômodo hexagonal, uma onda de energia perpassou seu corpo. Respirou profundamente, sorrindo. Seria esta a sensação que o ar do campo provocava na gente?

Era o começo da tarde, e o sol apenas começava a inclinar-se pelas vidraças sextavadas da janela. Era o lugar que Jennifer chamava de estufa. Mas, agora que David o tinha visto, sabia que não o queria abarrotado de plantas por todos os lados. Gostou dele assim, vazio e simétrico, do jeito que estava.

Das três janelas do cômodo, tinha-se a visão da Sunset Brook Lane indo em direção às colinas oeste do vale do rio Hudson. David permanecia ali, admirando

o distante horizonte, até que passos acima, na escadaria, trouxeram-no à realidade novamente. Através da janela do lado esquerdo, notou que o caminhão de mudança tinha estacionado de ré na entrada da casa. Ao sair do cômodo sextavado, David deparou com um dos homens da companhia de mudança entrando pela porta da frente.

— Senhor, temos aqui estas caixas com o rótulo “Roupas” — disse o homem. — Mas não vai ter espaço suficiente para tudo isso no vestibulo.

— Não estou surpreso — disse David sorrindo. — Por que vocês não deixam o resto lá na cozinha?

— Que tal aqui, neste pequeno cômodo de onde o senhor saiu? — o homem sugeriu.

— Não! — gritou David. — Deixem este cômodo do jeito que ele está!

— Certo, senhor, certo! — o homem retrocedeu, assustado com a veemência de David. — Colocaremos as caixas na cozinha.

Keith ficou bastante desapontado por seu irmão Paul ter saído da igreja um minuto antes de ele ter ligado. Depois de desligar, Keith ficou mais de quinze minutos se desculpendo com Jennifer, que encontrara chorando no quarto. Então, os dois se sentaram para um quieto e triste almoço. Ele não via a hora de poder sair daquela desconfortável cozinha e voltar para o trabalho.

Quando Keith atravessou a vala, os homens da mudança estavam retirando uma cama desmontada do caminhão. Keith estava ansioso para ver as coisas que David tinha trazido. Há muito tempo, quando ele e Paul eram crianças, os dois gostavam de ficar espiando quando uma nova família se mudava para a vizinhança. Podia-se então saber, pelos móveis e as coisas que os homens estavam transportando, que tipo de família era e quantas crianças havia. . . E, uma vez que Keith nunca tinha visto o apartamento de David na Riverside Drive, estava curioso para saber que tipo de mobília David iria usar com aquele espalhafatoso papel de parede.

Ao entrar pela porta da frente, Keith viu David em pé no *hall*. Seus sapatos estavam brilhando, suas calças muito bem passadas e havia, ainda, um lenço de seda no bolsinho do paletó. Limpando as mãos no macacão, Keith dirigiu-se a ele para apertar-lhe a mão. Mas David ignorou seu gesto.

— Keith, por favor, venha aqui. Quero lhe mostrar algo.

O que o estaria incomodando?, pensou Keith. Sem uma palavra, David levou-o até o cômodo sextavado.

— Está vendo isso? — David apontava para a janela do lado direito da sacada. — Como esse vidro se quebrou?

O rosto do Bobo Lacrimejante ainda estava faltando. Keith tinha coberto o espaço vazio com um pedaço de plástico transparente e preso com fita crepe.

— Não sei como isso aconteceu — respondeu Keith. — A janela estava inteira da última vez que a vi.

— Então foi um dos seus homens — disse David rispidamente.

— Não — respondeu Keith. — Este vidro já estava faltando quando vim aqui fazer o orçamento, antes que alguém tivesse começado o trabalho realmente.

— Bem — David franziu a testa. — Então, por que você não o consertou direito?

— Porque não sou vidraceiro! E nem Marc nem Jason têm ferro de solda para consertar vidros ligados com chumbo. Que diferença faz? De qualquer jeito, você não vai ficar morando aqui a vida toda.

— A diferença é que esta casa já sofreu danos demais por causa de descuido



e estupidez! — vociferou David. — Não vê o trabalho que tiveram para construir estas janelas? Agora, diga a seu pessoal para ficar longe daqui. Fui claro?

— Sim, foi — disse Keith friamente. — Não vou ficar *perto* deste lugar porque começarei um novo trabalho em Pound Ridge na segunda-feira. — Saiu do cômodo seguido por David. — Se quiser aquele vidro substituído, vá falar com seu senhorio!

— Quem? Tom Greene? — perguntou David.

— Não — respondeu Keith. — Tom Greene é apenas o corretor. — Estou falando de Goste, e ele é o dono da casa!

David seguiu Keith até a varanda. — Keith, me desculpe. Não sei por que fiquei tão zangado assim.

— Nem eu! — Keith bufava. — Não é brincadeira ficar aqui trabalhando por duas semanas, pregando compensados, subindo em escadas! Você estava lá em Nova York, muito tranquilo, sem levantar uma palha! — Começou a descer os degraus da varanda.

— Keith, espere! — chamou David. — Você se lembra *do* sestércio que lhe dei? Aquela bela moeda no envelope de plástico?

Keith diminuiu o passo e voltou-se. — Que tem ela?

— Você a devolveu a Goste?

Keith balançou a cabeça, negando. — Nunca vi esse tal Goste. Eu dei a moeda para Tom Greene.

— Mas eu encontrei a original! — disse David. — Se você pudesse dizer a Tom que eu gostaria de fazer a troca. . .

Keith olhou para David. — Vou lhe dizer o que você deve fazer: instale um telefone. Tire o fone do gancho. Procure o número de Tom Greene na lista. E faça a maldita chamada você mesmo!

— Olhe, escute aqui — começou David.

— Escute  *você*  — gritou Keith. — Não sou seu empregado, sou seu vizinho. Não gosto de ficar recebendo ordens a torto e a direito assim. E quando é que você vai pagar o dinheiro que deve a Jennifer?

— A conta da pintura e do papel vai para Tom Greene — gaguejou David.

— Pro inferno! — disse Keith. — Se você tem dinheiro para alugar esta casa, pode muito bem pagar as contas que está fazendo e não deixar minha mulher esperando pelo seu dinheiro.

— Mas Jennifer me disse. . .

— *Eu* estou lhe dizendo. — Keith gritava tão alto que o pessoal da mudança ficou observando do caminho. — Jennifer é *minha* esposa, não se esqueça disso!

*Sábado, 28 de abril, a segunda-feira, 30 de abril de 1979.*

O fim de semana foi bastante calmo. De vez em quando, Jennifer dava uma olhada na casa 666 da Sunset Brook Lane. Mas David não estava à vista.

No sábado à tarde, Jennifer foi até uma floricultura e comprou um presente para David. Dois vasos de figueira para que ele os colocasse no pequeno cômodo sextavado. Ao estacionar na entrada coberta com pedregulho, Jennifer notou que o Mercedes-Benz não estava ali. Então, levou as figueiras para sua casa e colocou-as num canto da cozinha. Evidentemente, David devia ter ido fazer compras, pois, mais tarde, naquela noite de sábado, vira seus movimentos na cozinha bem-iluminada, como se estivesse preparando alguma refeição.

No domingo à tarde, ela e Keith foram ao cinema em Ossining. Ao voltarem para casa, notaram uma certa mudança no tempo. Uma densa névoa soprava do oeste, cobrindo a ravina entre as duas casas.

Ao cair da noite, a neblina estava tão densa que Jennifer não conseguia ver nem a casa do outro lado da vala. Pelo que podia perceber, David não tinha acendido nenhuma luz. Era como se aquela casa nunca tivesse estado ali. Pelo menos por algumas horas, Jennifer e Keith tinham a Sunset Brook Lane só para eles novamente. Keith parecia gostar daquele íntimo e nebuloso tempo. Para alívio de Jennifer, ele parecia um pouco mais animado agora.

Para o jantar, ela preparou omelete espanhola e salada. Keith abriu uma garrafa de vinho branco que tinha reservado para alguma ocasião especial. Parecia que, finalmente, as tensões da semana anterior tinham terminado.

Depois do jantar, andaram pela casa, para adiantar todos os relógios em uma hora. Era o último domingo de abril, época em que o país todo adotava o horário de verão. Então Keith levou-a para o quarto e eles fizeram amor até altas horas. Naquela noite, ele estava especialmente mais gentil e carinhoso.

Mais tarde, com seu marido roncando pacificamente ao seu lado, Jennifer adormeceu profundamente.

Ao acordar na segunda-feira de manhã, o relógio de cabeceira marcava seis e quinze, pelo novo horário. Keith tinha acordado quase uma hora antes e já estava vestido para trabalhar. Então, debruçou-se sobre ela, na cama, e sorriu.

— Trabalharemos em Pound Ridge pelo menos até quinta-feira — disse ele. — Deixei o número do telefone do lugar em que a gente vai estar trabalhando no bloco de anotações na cozinha, caso você precise de mim.

Jennifer esticou os pés sob o aconchegante cobertor. — Você não vem almoçar em casa, então?

— Não — Keith sorriu outra vez. — Mas peguei alguns sanduíches daqueles que você preparou. Inclinou-se e beijou-lhe a testa.

— Até a noite!

— Tchau, querido — murmurou ela. Alguns instantes depois, ela ouviu quando ele ligou seu caminhão e saiu pela rua. Tudo ficou quieto novamente.

Jennifer dormiu por mais uma hora. Quando finalmente se levantou e ergueu as persianas, ficou surpresa ao ver que a neblina ainda provinha do oeste. Parecia

ainda mais espessa do que a da noite anterior.

Sem se preocupar em vestir uma camisola, Jennifer colocou seu roupão de seda verde e desceu até a cozinha. Quando o café e as torradas ficaram prontos, sentou-se à mesa. Uma brisa bem suave soprava de fora e a densa névoa que vinha da vala pairava nas janelas da cozinha.

Sentia-se totalmente isolada, completamente sozinha. Encolhendo-se dentro do roupão, estava um pouco triste por ter que ficar sem Keith até a noite. Mas, realmente, pensou consigo mesma, não tinha nada com que se preocupar. New Castle não era como os subúrbios de Manhattan, onde o apartamento de David tinha sido arrombado duas vezes em menos de dois anos. Ali tudo era pacato, pacífico e seguro. Não se viam muitos estranhos, a não ser no outono, quando os turistas vinham da cidade para admirar as brilhantes folhas amareladas ou, então, quando os caçadores de veados, com suas roupas vermelhas, se embrenhavam nos bosques.

Jennifer estava tomando a segunda xícara de café, pensando em que presente comprar para Keith em seu aniversário, quando a campainha da porta da frente tocou.

Olhou para o relógio da cozinha. Não eram nem oito horas ainda; muito cedo para ser o leiteiro. Fechando a frente do roupão, foi até a sala de estar. A campainha tocou outra vez mais demoradamente, mais insistente, desta vez.

Deu uma espiada pela janela da sala. Do lado leste da casa, a neblina parecia mais fraca. Tinha uma boa visão da frente. Porém, não havia nenhum carro parado à sua entrada, ou mesmo na Sunset Brook Lane. A porta da frente era inteiriça, toda de carvalho, sem janelas que pudessem ser quebradas por algum ladrão para poder entrar. Keith ainda não tivera tempo de instalar um olho mágico. Então, agora, quem tocara a campainha teria que estar em pé, bem em frente à porta, onde Jennifer não poderia enxergá-lo.

Cuidadosamente? abriu a porta um pouquinho.

Era David, vestindo um abrigo de ginástica cinza-claro, e de tênis. Por um segundo quase que não o reconheceu; nunca tinha visto David sem paletó e gravata. Agora, ele estava ofegante, e seu rosto sorridente irradiava energia. Uma mecha de cabelos grisalhos caía em sua testa. Jennifer achou que ele estava incrivelmente atraente.

— Não sabia que você corria!

— Bem, não tinha esse costume — riu ele. — Mas por aqui não há nenhuma quadra de tênis. Então, toda manhã eu corro um quilômetro e meio, aqui, em frente à sua casa.

— Eu nunca vi você passando — disse Jennifer. — Acho que a gente não levanta tão cedo assim.

— Oh, quando eu passo, vocês já estão acordados — sorriu David. — Mas, quando vejo o caminho de Keith na entrada, passo bem longe.

— Parece um pouco frio aí fora — disse ela. — Não quer entrar um minuto?

— Gostaria, sim.

Ao entrar, David parou para tirar o tênis. Ao se inclinar para desfazer os laços do calçado, Jennifer notou como o abrigo de ginástica se esticava, colando-se às suas costas. Provavelmente, ele estava sem nenhuma roupa por baixo, como ela; nua sob o verde roupão de seda.

Só de meias, David atravessou o carpete da sala de estar. Novamente na cozinha, Jennifer deu a ele uma fatia morna de torrada e uma xícara de café. Sentia-se um pouco inibida. Pela primeira vez, em mais de dois anos, estava tomando café com um homem que não era Keith.

Levou sua xícara para o outro lado da mesa e sentou-se. — Por que você tem acordado tão cedo? — perguntou ela.

— Muito simples — sorriu David. — Não há cortinas em meu quarto, e, sendo assim, o sol me acorda. É também fazer bastante exercício faz com que eu vá para a cama mais cedo. Além do mais, não há muita coisa para se fazer por aqui à noite.

— Bem, isso é verdade! — concordou Jennifer. Caramba, como ele estava atraente!, pensou ela. — Então, você não está se divertindo?

— Oh, até que é bem saudável — respondeu David. — Só correr, ler, comer e dormir. Eu só queria que o andar térreo já estivesse com as cadeiras e aquele sofá que você encomendou.

Jennifer sorriu, desculpando-se. — Encomendas especiais sempre demoram um pouco mais. Mas a sala deve ficar pronta em fins de maio.

David inclinou-se sobre a mesa e segurou sua mão. — O segundo andar já está maravilhoso — disse ele. — Você não gostaria de dar uma olhada?

Seu gesto surpreendeu-a, fazendo com que ela retirasse a própria mão. Somente um cômodo na casa estava totalmente pronto. Então, quando David disse o *segundo andar*, ele se referia ao quarto principal.

— Bem — disse ela. — Talvez esta tarde.

— Por que não agora? — perguntou David.

— Porque nem mesmo estou vestida — riu ela. Nervosamente, tirou os longos cabelos castanhos do rosto.

David sorriu carinhosamente. — Eu também não estou vestido. Além disso, a neblina está bem forte esta manhã. Ninguém vai ver você.

Será que ele estava brincando?, pensou Jennifer. Estava agindo de maneira bem diferente da do costureiro David. Olhando para ele novamente, percebeu que só tinha dado uma mordida na torrada. Ele não estava bebendo o café. Ao contrário, retribuía seu olhar com um sorriso ligeiramente malicioso no rosto.

O cabelo de Jennifer caiu em seu rosto novamente, fazendo com que ela o jogasse para trás. — Perdão — disse ela. — Devia ter-lhe oferecido creme. Você quer. . .

— Não, obrigado — respondeu David. — Eu gosto puro, como você — ele sorriu outra vez. — Bem, sobre o segundo andar. Você não quer mesmo dar uma olhada?

— Não de chinelos — riu Jennifer. Ela podia imaginar Keith voltando para casa para pegar alguma coisa que tinha esquecido e vê-la andando pela Sunset Brook Lane só de roupão! — Talvez você goste de acordar de madrugada, mas eu não consigo nem *abrir os olhos* antes das nove da manhã.

David deu uma olhada no relógio acima do fogão e sorriu. — Está bem. Dentro de uma hora e cinco minutos exatamente.

— Não — respondeu Jennifer. — Tenho que tomar um banho e arrumar algumas coisas. Depois, quero ir até Mamaroneck para ver em quanto tempo eles podem entregar as cortinas do seu quarto. . .

David ficou encarando-a até que ela sorrisse confiante. — Falando sério — disse ele —, quando posso vê-la?

Jennifer deu uma olhada na neblina que ainda pairava na janela. — Entre três e quatro, está bem?

David balançou a cabeça, confirmando. — Acho que consigo uma hora para você.

Ela ficou olhando seu alegre e convidativo sorriso. Nunca conhecera esse lado de David e não tinha certeza se saberia lidar com ele.

— Há mais uma coisa que sua casa precisa, além das cortinas — disse ela, tentando mudar de assunto. — Está vendo aquelas figueiras ali, perto da geladeira? Eu as comprei para você colocá-las naquele pequeno cômodo.

— Muito obrigado — disse David. — Porém, acho que vou deixar o cômodo do jeito que está. Não gostaria que ele se transformasse numa floresta.

— Nem eu — retrucou ela. — Apenas dois vasos de plantas, um de cada lado do cômodo. — Atravessando a cozinha, ela apanhou um dos vasos. — Não são nada pesados. Se você levá-los agora, de tarde verei como eles ficaram.

Ela o acompanhou até a porta, onde David calçou seu tênis novamente. Então, pegou um vaso em cada mão e inclinou-se para ela, beijando sua boca. — Vejo você mais tarde! — disse ele animado.

— Tudo bem. — Ela trancou a porta depois que ele saiu, então voltou para a cozinha e lavou as xícaras. Não queria que Keith soubesse daquilo e começou a se questionar.

De repente, assustou-se ao ver David pela janela da cozinha. Ele sorriu para ela e foi em frente, passando pela porta da cozinha; as folhas das figueiras bamboleavam no ar. Jennifer voltou-se e observou-o desaparecer na densa neblina, em direção à vala.

No sábado e no domingo, Keith achou que seu irmão Paul estaria ocupado com os serviços religiosos. Não queria incomodá-lo. Mas, na segunda-feira de manhã, voltou a se preocupar. Será que a carta de Jennifer para Paul tinha se extraviado no correio? E então, quando Marc e Jason saíram para almoçar, mais ou menos ao meio-dia e meia, Keith perguntou à dona da casa em Pound Ridge se podia usar o telefone.

— Eu gostaria de ligar para Connecticut — explicou. — Não se preocupe, eu pedirei para debitarem em meu escritório.

— Tudo bem — respondeu a mulher. — O senhor pode usar a extensão no quarto de minha filha.

Keith sentou-se ao lado de uma cama forrada com bichinhos de pelúcia e tirou o fone do gancho.

Em Glastonbury, o reverendo Paul Olson estava sentado em seu escritório, nas dependências da igreja. Mais uma vez, ele estava tentando juntar os pequenos pedaços de papel de carta azul, espalhados sobre sua escrivaninha. O toque do telefone interrompeu sua concentração.

— Igreja de Todas as Almas — disse ele no receptor. — Paul Olson falando.

— Alô, é o reverendo falando? — perguntou a voz no outro lado da linha.

— Keith — riu Paul. — Olá, como vai você? Precisamente neste instante eu estava tentando decifrar a carta que Jennifer me enviou!

— Bravos — respondeu seu irmão. — É justamente por isso que estou telefonando. Por acaso, alguém no seminário sabe que língua é essa?

Paul olhou novamente para as dezenas de pedaços de papel azul sobre sua escrivaninha. — A carta de Jennifer está em inglês — disse ele. — Isso dá para perceber.

— Espere um pouco — disse Keith. — Estou falando daquela folha que eu pedi para ela lhe enviar junto com a carta.

— Oh, *aquela!* — Paul abriu a gaveta e pegou uma folha de papel dobrada. — Você está se referindo a esta inscrição aqui que começa com *Hominibus deus?*

— Acho que é isso mesmo — respondeu Keith. — Está tudo escrito em letras maiúsculas?

— Correto — disse seu irmão. — Mas eu não conheço latim tão bem assim para traduzir adequadamente. Você quer que eu mostre isso para alguém lá no seminário?

— Claro que quero! — respondeu Keith. — Jennifer não lhe disse isso na carta?

— Talvez ela tenha dito — disse Paul, esboçando uma risada. Francamente, ele não achara muita graça na brincadeira da sua cunhada. — Mas eu ainda não consegui juntar todas as partes de sua carta. Diga-me, Keith, desde quando ela está lidando com quebra-cabeças?

Keith hesitou. — Não sei do que você está falando.

— A carta de Jennifer! — retrucou Paul. — Logo de cara eu reconheci sua caligrafia no envelope e este é o seu remetente: 712, Sunset Brook Lane. Mas o papel dentro estava todo picado, em dezenas de pedacinhos. Ela não lhe mostrou?

— Não — respondeu Keith ainda mais intrigado. — Ela só me perguntou se haveria algum problema em convidá-lo para passar uns dias aqui em New Castle.

Paul continuou. — Quando abri a carta, o pedacinho de papel com a inscrição latina estava dobrado, junto com aqueles pedacinhos azuis. Consegui juntar a maioria, mas parece que estão faltando algumas partes. Não há nada aqui sobre o convite para visitá-los, e bem que eu gostaria.

Keith não conseguia compreender por que Jennifer faria tal coisa. — Bem, de qualquer forma, a gente esperava que você pudesse vir para jantar — disse Keith — amanhã de noite ou talvez quarta-feira, e passar a noite.

— Puxa, se você tivesse me avisado mais cedo! — Keith percebia o desapontamento na voz do irmão. — Tenho um ensaio de casamento marcado para amanhã à noite. Na quarta-feira, tenho que visitar alguns doentes no hospital. Não pode ser para a semana que vem, ou ainda a outra?

— Bem, nosso aniversário de casamento é no dia 7 de maio, segunda-feira. Mas venha quando quiser. Enquanto isso, será que dá para você me conseguir a tradução daqueles dizeres latinos?

Perfeitamente — disse Paul. — O professor Whitney Sinclair está dando um seminário sobre história religiosa antiga. Ele conhece latim de trás para a frente. Se eu lhe mostrar este papel amanhã de manhã, provavelmente ele traduzirá na hora. Qual seria uma boa hora para ligar para você?

— Amanhã, ao meio-dia e meia — disse Keith. — Se você me garantir que vai ligar, estarei em casa na hora do almoço.

— Ótimo — disse Paul. — Até lá poderei dar uma olhada na minha agenda e lhe dizer quando poderei ir visitá-los.

De volta da loja de tecidos em Mamaroneck, Jennifer passou no supermercado. Quando finalmente chegou ao 666 da Sunset Brook Lane, já passava das cinco da tarde. Mas, com o novo horário, o sol ainda brilhava forte e parecia uma hora mais cedo.

David encontrou-a na porta da frente, segurando seu talão de cheques. — Diga-me, quanto lhe devo pela pintura e pelo painel de parede? — perguntou.

— Nada — disse Jennifer. — Tenho mandado a conta para Tom Greene. Ele ou Coste, suponho, me pagarão e então pagarei as duplicatas. É assim que nós, os decoradores, recebemos nossas comissões.

— Mas Keith me disse que. . .

— Por favor — sorriu Jennifer. — Keith não entende dessas coisas.

David estava ansioso para mostrar-lhe como tinha ficado o quarto. Ela concordou em que estava maravilhoso, e então desceu novamente para o andar térreo. Não havia nenhuma mobília nessa parte da casa. Porém, David tinha colocado um pequeno tapete oriental no assoalho da saleta de jantar. Ele acomodou Jennifer no tapete, foi até a cozinha e voltou com dois copos e uma garrafa aberta de vinho branco.

Era como um piquenique sem comida, pensou Jennifer. E a saleta de jantar iria ficar esplendorosa também. Os irmãos Staub já tinham pintado as paredes de azul-claro. O efeito final lembraria aqueles acabamentos orientais, e tudo com apenas duas demãos de tinta!

David brindou com ela. Esse vinho era muito mais gostoso do que aquele que ela e Keith tinham tomado na noite anterior. Ao olhar para David, na outra ponta do tapete, sentiu que o fato de ele sair da cidade lhe tinha feito muito bem. Parecia anos mais moço, e incrivelmente mais atraente.

As horas passavam rapidamente. Conversavam sobre os apartamentos que ela havia decorado em Nova York, dos colecionadores e museus que tinham comprado suas peças de antiguidade. Antes que percebessem, a garrafa de vinho estava vazia. Lá fora, o sol estava cada vez mais distante no céu.

Quando Jennifer olhou no relógio, eram quase seis horas. Quando ainda estavam no horário normal, Keith geralmente chegava a casa pelas cinco e meia. E, depois de ter trabalhado o dia todo em Pound Ridge, naturalmente ele iria querer jantar logo.

— Tenho que preparar o jantar — disse ela, ficando de pé.

— Tão cedo? — perguntou David. — Você não pode esperar até as sete e meia? É a hora em que o sol se põe.

Jennifer balançou a cabeça, negando. O que haveria de tão importante sobre o pôr-do-sol? — Keith deve estar em casa a qualquer momento, e não quero que ele me encontre aqui. Você sabe o quanto ele é ciumento!

— Mas você não vai acreditar no que acontece com as janelas daquele cômodo, a menos que você veja — disse David. — Elas refletem um intenso brilho vermelho. E há figuras desenhadas no vidro que parecem ter vida própria. — Ele parou e sorriu para Jennifer. — Tem certeza de que não quer ficar?

— Não posso — agachou-se e apanhou o copo vazio. — Você colocou os vasos lá? Vamos ver.

David conduziu-a pelo *hall*. As portas de correr, sob as escadarias, estavam escancaradas, e ele deixou que Jennifer entrasse primeiro.

O sol brilhava no vidro colorido das janelas, e ela ergueu uma das mãos para proteger os olhos da intensa luz. David colocara os vasos um em cada lado das janelas. Algumas folhas de figueira tocavam os painéis sextavados.

— Você tinha razão — disse Jennifer. — Duas plantas aqui já são o suficiente. Mas não se esqueça de aguar-las.

— Não me esquecerei — respondeu David. — Quando o sol está brilhando nas janelas, fica muito quente aqui dentro, a não ser que eu deixe as portas abertas.

Jennifer respirou profundamente. As duas figueiras emprestavam um refrescante e agreste aroma ao ambiente. E havia algo deliciosamente especial naquele pequeno cômodo sextavado. Ela e David poderiam fechar a porta e ficar apenas os dois, sozinhos. Ninguém, nem mesmo Keith, que conhecia a casa tão bem, jamais adivinharia onde eles estariam. . .

Ela olhou para David e viu como os raios de sol refletiam em seus cabelos,

deixando-os dourados. Mas então lembrou-se — que horas seriam? Olhou no relógio novamente. Eram seis e quinze. Incrível como o tempo passara depressa!

— Tenho que ir para casa — repetiu. Mas ela não queria.

David afastou-se para que ela pudesse sair. — Quero lhe agradecer muito pelo trabalho que está fazendo — disse ele, apertando-lhe a mão.

Ela virou-se para olhá-lo novamente. — Amanhã eu voltarei para ver como é que vão as coisas. Ou, então, você pode aparecer também, para tomar café depois de seus exercícios matinais.

— Por que não fazemos as duas coisas? — perguntou David.

Jennifer forçou-se a ir em direção à porta da frente. — Obrigada pelo vinho — falou, mantendo a voz calma e segura. — E tenha uma ótima noite nas novas dependências. — Lá fora, na varanda, deixou que ele a beijasse. Mas, quando ia abraçá-la, desvencilhou-se e desceu os degraus da varanda apressadamente.

David permanecia parado na porta, sorrindo para Jennifer, enquanto ela tirava o carro da entrada coberta com pedregulho. Ela havia evitado aquele abraço, pensou, só porque Keith poderia estar olhando, do outro lado da vala. Sentiu-se excitada e aterrorizada ao mesmo tempo.

Ao fazer a manobra na Sunset Brook Lane, Jennifer percebeu que a entrada da sua casa estava vazia. Keith ainda não chegara. Assim que destrancou a porta da frente, ouviu o telefone tocar na cozinha. Abriu a porta e correu pela sala de estar para atendê-lo.

— Alô — disse ela.

— Bem — disse a voz de Keith. — Onde você se meteu?

— Eu estava com David na casa dele.

— A tarde toda? — perguntou Keith, irritado. — Estou telefonando desde as três horas!

— Não — retrucou Jennifer. — Fiquei lá cerca de, deixe-me ver, uns vinte minutos apenas. Antes eu tinha ido até Mamaroneck e ao supermercado. . .

— Está bem, está bem — disse Keith. — Mas diga-me uma coisa: por que você rasgou a carta que mandou para Paul?

— Por que eu *fiz o quê*? — perguntou Jennifer. Ouvia pasmada Keith relatar sua conversa com o irmão naquela tarde.

— ... Ele disse que o envelope ainda estava lacrado quando chegou do correio. E passou a semana toda tentando juntar os pedaços. Qual era sua intenção?

— Keith, eu não fiz tal coisa! — disse Jennifer, indignada. — O papel que você pediu que eu mandasse a ele estava inteiro. Talvez você tenha aberto a carta e depois colado novamente.

Por um momento Keith ficou sem voz. — Por que *eu* iria me preocupar em fazer coisa tão estúpida?

— Não pergunte a mim — vociferou Jennifer. — Quem sabe você não quisesse mesmo que seu irmão nos visitasse. Ou talvez tenha sido o tal sr. Coste, que costuma deixar dinheiro em caixas postais. Por que você não pergunta a ele?

Houve uma pausa antes que Keith falasse novamente. — Ouça, a razão pela qual liguei foi pra dizer que me atrasei. Estarei em casa dentro de meia hora, ali pelas sete. Tenho que dar uma passada no escritório. . .

Jennifer interrompeu. — Se você pensa que rasguei aquela carta, está ficando louco!

— Ouça — retrucou Keith, irritado — Estou ligando de um telefone particular e não quero aborrecer a dona da casa aqui. Conversaremos quando eu chegar a casa, certo?



Era só o que faltava, Keith pensou ao manobrar seu caminhão em direção a Chappaqua. Outra briga com Jennifer! Seus olhos estavam bastante doloridos de trabalhar nas vigas do teto de uma sala de estar, e o que mais queria era um bom banho quente. Mesmo assim, não resistia à vontade de dar uma parada no escritório para verificar a correspondência.

Já fazia mais de duas semanas que tinha escrito para James Beaufort e ainda não tinha verificado a correspondência desde quinta-feira à tarde. Se Beaufort tivesse respondido à carta, já seria tempo de recebê-la.

Destrançou as duas fechaduras que travavam a porta da Carpintaria Olson. Espalhados pelo chão, estavam os envelopes que o carteiro atirara pela abertura da porta na sexta-feira, no sábado e ainda naquela segunda-feira de manhã. Bem em cima, havia um envelope em que Keith não reconheceu a caligrafia. No canto superior esquerdo estava o endereço do remetente: Penitenciária Federal da Ilha McNeil.

Quando Keith apanhou a carta do chão, ela fez um barulho estranho, diferente do ruído de uma carta normal ao ser apanhada de algum lugar. Correndo para a escrivaninha, ligou a luminária. O envelope era cheio de protuberâncias e irregular, como uma pequena almofada. Ao rasgar a beirada, centenas de partículas de papel saltaram de seu interior.

Quando Keith pegou um pedacinho com a ponta do dedo indicador, conseguiu distinguir parte de uma palavra escrita com caneta esferográfica. Quem que tivesse rasgado a carta de Jennifer, evidentemente fizera o mesmo com a resposta de Beaufort. *Talvez tenha sido o tal sr. Coste*, Jennifer dissera. *Por que você não pergunta a ele?*

Keith deu mais uma olhada no envelope vazio. No dorso havia o carimbo vermelho de alguém da administração da penitenciária, afirmando que a carta do seu interior já tinha sido lida e autorizada. Keith examinou as dobras do envelope com a unha do seu indicador. A faixa adesiva não parecia ter sido mexida. A pessoa que violara aquela carta certamente tinha feito um bom trabalho.

Mas, obviamente, a carta não fora aberta enquanto estava no correio. Coste — se fora realmente Coste — teria que esperar até que o envelope tivesse sido realmente atirado pela abertura da porta.

E as duas novas fechaduras na porta do escritório pareciam em perfeito estado!

*Terça-feira, 1.º de maio de 1979.*

Todas as noites, desde que se mudara para a Sunset Brook Lane, 666, David Carmichael ia dormir antes das dez horas. Então, pelo que podia se lembrar, sempre dormia direto até o amanhecer. Mas agora, às três horas da madrugada de terça-feira, de repente, ele se surpreendeu acordado.

Por que estaria com tanta sede assim? Lembrou então dos bolinhos de carne e do espaguete que tinha preparado. Tinha adicionado pimenta-do-reino e orégano no molho de tomate.

Pulou da cama e caminhou pelo escuro vestibulo, em direção ao banheiro no topo da escada. Ligando a luz acima da pia, engoliu dois copos de água, desligando a luz em seguida. Ao sair do banheiro, parou para que seus olhos se acostumassem com a escuridão, quando notou uma fraca luz vermelha brilhando através da janela no topo da escada.

Seriam as luzes da cidade de Nova York refletindo-se nas nuvens? Mas, então, David se lembrou de que Manhattan ficava a mais de trinta e oito quilômetros ao sul, e que a janela dava para o oeste! Curioso, ele se aproximou e olhou.

Para seu espanto, uma reluzente luz vermelha brilhava na janela da sacada no andar abaixo. Dali, não conseguia ver o interior do cômodo. Mas, se houvesse algum princípio de incêndio lá dentro, as chamas logo subiriam pela escada. E David estaria encurralado.

Graças a Deus, tinha trazido poucas peças de mobília de Nova York! Desceu as escadas correndo, já esperando sentir o calor sob seus pés descalços. Mas o andar térreo estava completamente escuro. David parou no fim da escada e olhou apreensivamente a seu redor.

Lembrava-se perfeitamente de ter agüado as figueiras antes de ir para a cama e tinha a certeza de ter deixado as portas do cômodo sextavado abertas. Se aquele cômodo estivesse pegando fogo, as chamas deveriam refletir-se *no hall*. Mas não via nenhum clarão. Prestou atenção, mas não ouviu nenhum ruído que indicasse algo queimando. Tampouco havia qualquer cheiro de fumaça. Voltando-se, deu uma espiada na janela.

Para seu assombro, a luz vermelha continuava brilhando do cômodo hexagonal. Era permanente, radiante, como o clarão das brasas numa lareira.

Então, um pássaro saiu voando das árvores no outro lado da rua. David não sabia que tipo de pássaro era; os únicos que tinha visto na cidade eram pardais e pombas. Teria ele sido atraído pela luz vermelha? Lembrou-se de ter lido que os poderosos holofotes do Empire State Building eram desligados durante a primavera e o outono para não atrair pássaros migratórios.

O pequeno pássaro voou em direção à vidraça da janela. Então, no último instante, deu um pio aterrorizado e foi embora. Talvez tivesse visto o próprio reflexo no vidro, pensou David. Mas, quando já estava do outro lado da rua novamente, o pássaro deu uma guinada e voou de novo em direção à casa, a luz vermelha refletindo-se em suas asas. E começou a se debater, dando pequenas piruetas, como se estivesse preso numa gaiola invisível. De repente, despencou

sobre a base da janela da sacada.

David tentou ver o que acontecera com o pássaro. Mas, instantaneamente, a luz avermelhada que brilhava no cômodo hexagonal diminuiu e desapareceu.

Voltou ao quarto, calçou um par de chinelos e foi até lá fora para investigar. A noite estava incrivelmente fria, e a grama molhada manchou as bainhas de seu pijama. Mas conseguia ver claramente, porque havia iluminação suficiente vindo da janela no topo da escada.

Aproximou-se da janela da sacada e deu uma espiada através dos pequenos painéis sextavados. O cômodo estava vazio e totalmente escuro. Mas, forçando os olhos, percebeu que as portas de correr estavam completamente fechadas. Mesmo assim, ainda tinha certeza de tê-las deixado abertas quando foi para a cama!

Então, olhou para o chão e viu o pássaro caído sobre seu lado esquerdo, no novo gramado. Gentilmente, ele o apanhou do chão. Suas asas estavam fechadas e havia uma pequena gota de sangue no canto de seu bico. E o pássaro estava totalmente frio. Mas David o tinha visto vivo, poucos instantes atrás. Como poderia perder calor tão rapidamente assim?

Levou o pássaro para a cozinha e atirou-o na lata de lixo. Parou junto à pia da cozinha para lavar as mãos. Então, caminhou pelo *hall*, em direção ao cômodo hexagonal. Ia pegar as maçanetas de ferro para abrir as portas de correr, quando notou que sua mão passou por um fraco filete de luz vermelha.

Curioso, moveu a mão e observou a iluminação avermelhada banhar seus dedos. A luz de um espaço de meio centímetro entre as duas portas de correr.

David pôs um olho na fresta e olhou o interior. O chão de mármore do cômodo refletia um brilhante clarão vermelho. David moveu a cabeça, tentando ver de onde vinha a luz. Mas a incandescente figura no centro do aposento bloqueava sua visão.

Agora David compreendia: estava sonhando de novo. Esse era o “sonho bom”, aquele em que ele gritava de prazer e não de dor ou medo. O sonho que sempre parecia esquecer ao acordar de manhã.

Ansiosamente, procurou as maçanetas de ferro. Mas, antes que pudesse tocá-las, as portas de correr tremeram e começaram a se mover, uma para cada lado. David sentia o delicioso tom vermelho banhando seu rosto. Era suave como sempre. Podia olhar bem no centro da radiação sem piscar.

As pesadas portas correram sobre seus suportes para dentro das forrações de madeira. David observava aquele brilho difuso se condensar, tomando uma forma familiar.

— Jennifer! — sorriu ele.

Durante o café, naquela manhã, a lembrança da discussão do dia anterior ainda pairava no ar, entre Keith e Jennifer. Keith não estava nada comunicativo. Mas, mesmo assim, sentia que deveria contar a sua esposa sobre a carta fragmentada que encontrara no escritório no dia anterior.

Mas o que realmente enervava Keith era saber que alguém estava abrindo sua correspondência. E, pior ainda, era a evidência de que Coste, ou quem quer fosse o responsável, não tivera nenhum problema com as duas fechaduras novas. Como evitar que tal pessoa entrasse pela porta da frente na calada da noite?

— Tenho que ir a Nova York esta manhã — disse Jennifer abruptamente. —

Tenho que apanhar um espelho para a casa de David.

— Oh — disse Keith, dando outra mordida na torrada. — Ele vai com você?

— Não, David não precisa ir comigo — respondeu. — Já sei exatamente o

que ele quer.

Ao dirigir-se para o trabalho naquela manhã, Keith deu uma parada em Chappaqua novamente. Concluiu que suas cartas possivelmente não poderiam ser adulteradas se ele as apanhasse diretamente no correio.

Várias pessoas estavam na sua frente, esperando na fila, e Keith tinha bastante tempo para contemplar as fotografias de criminosos procurados que estavam pregadas na parede. O gordo e grisalho funcionário atrás do balcão usava um vasto bigode, e o bolso da sua camisa estava abarrotado de canetas esferográficas.

— Gostaria de alugar uma caixa postal — disse-lhe Keith.

O grisalho funcionário balançou a cabeça negativamente. — As únicas disponíveis são aquelas grandes, em forma de gaveta.

— O senhor quer dizer que todas as menores já estão ocupadas? — perguntou Keith.

— Exatamente — disse o funcionário. — Atualmente, temos muitos garotinhos recebendo revistas que suas mães não gostariam de ter em casa. — O homem piscou maliciosamente. — E muitas esposas que não querem que o maridinho saiba que estão recebendo certas cartas!

Keith parou de trabalhar mais cedo naquela manhã, saindo de Pound Ridge às onze e meia para estar em casa a tempo de atender ao telefonema de seu irmão. No caminho, parou no 666 da Sunset Brook Lane para ver como a pintura estava ficando. O caminhão dos irmãos Staub ainda estava parado na entrada. Mas o Mercedes de David já tinha saído.

Lá dentro, Werner e Fred Staub estavam dando a segunda demão de tinta no *hall*. As portas de correr sob as escadas estavam totalmente abertas. Keith deu uma olhada nas plantas que Jennifer tinha dado a David. Elas não pareciam em bom estado.

— Onde foi o sr. Carmichael? — perguntou Keith a Werner.

— Ele saiu ali pelas nove da manhã — respondeu o pintor. — Disse que iria até Nova York Mas não disse quando voltaria.

Na cozinha do número 712 da Sunset Brook Lane, Keith preparou um sanduíche. Mas realmente não estava com fome. Por que David teria ido a Nova York na mesma manhã em que Jennifer resolvera ir? Por um momento, pensou em ir até a estação ferroviária em Chappaqua para ver se o carro dele estava estacionado lá. Porém, aquilo não provaria nada. Ela poderia ter encontrado David em Nova York Ou então, se ele a tivesse apanhado com seu Mercedes, poderiam ter ido para qualquer outro lugar.

Keith concluiu que não tinha razão para ficar tão desconfiado assim. Jennifer nunca mentira para ele antes, então, por que não deveria acreditar nela agora? Se David decidira ir até a cidade, provavelmente era apenas uma coincidência...

Mas estavam ocorrendo coincidências demais ultimamente! Impacientemente, Keith olhava o relógio acima do fogão. Eram quinze para a uma, quase hora de voltar para o trabalho em Pound Ridge. O que teria acontecido com Paul?

Levantou-se, atirou a lata de cerveja vazia no lixo e olhou pela janela. Do outro lado da vala, o caminhão dos irmãos Staub ainda era o único veículo na entrada da casa. E os bordos lá embaixo, no riacho, já estavam bem frondosos. Logo logo, Keith não poderia mais ver a casa de David.

De repente, o telefone tocou, e ele se apressou em atendê-lo.

— Olá, Keith! — era Paul. — O professor Sinclair se atrasou um pouco.

Segundo ele, há duas diferentes inscrições naquele papel.

Tinha sentido, Keith pensou. Havia uma diferente série de letras em cada lado da coluna de ferro fundido. Pensando fazerem parte de uma só mensagem, Keith as tinha escrito juntas.

— Ele lhe disse o que significam? — perguntou Keith.

— Claro, disse sim, e ficou bastante impressionado! Ele quer saber onde você as encontrou.

— Fácil — disse Keith. — Eu as copiei de um pára-raios.

— Deixe de brincadeiras! — exclamou Paul. — Há pára-raios aqui no telhado da paróquia. Não dá para colocar longas inscrições num pedaço de metal com apenas quinze centímetros de comprimento.

— O pára-raios de que estou falando tem mais de nove metros de altura! — disse Keith. — Ele segue a chaminé da casa nova ao lado da nossa. Mas metade das letras já estão cobertas com compensados no *hall*, de modo que não posso convidar seu professor para vir até aqui e dar uma olhada. Mas diga-me, o que elas significam?

— Muito bem — Paul respirou fundo. — Uma é da tradução Vulgata da Bíblia. Veja bem, o Velho Testamento foi originalmente escrito em hebraico. São Jerônimo traduziu-o para o latim no fim do século IV. A inscrição é do Livro de Jó! Deus dá a Satã permissão para impor toda sorte de destruição a Jó, mas não para matá-lo. Esta é a primeira inscrição, capítulo 2, versículo 6: “*Ecce in manu tua est ver um, tamen animam illius servia*”. “Eis que ele está em tuas mãos; mas salva sua vida.”

— Compreendo — disse Keith. — E a outra?

— Sinclair disse que é latim bem do começo do cristianismo, ainda quando a língua era realmente falada nas ruas e não usada apenas para fins litúrgicos. Ele não tem certeza se é de um dos primeiros papas da Igreja ou talvez de um livro da Apócrifa. . .

Keith riu impacientemente. — Mas, e o que quer dizer?

Paul pigarreou. — “*Hominibus deus vitam donavit, ergo illam jactare potest homo solus.*” Quer dizer: “Deus deu ao homem o dom da vida; sendo assim, somente o homem pode se desfazer desse dom”. Em outras palavras, a vida humana é tão sagrada que o Diabo não pode tocá-la. Somente os seres humanos, que receberam a vida em primeiro lugar, têm o direito e o poder de jogá-la fora, pelo assassinato ou pelo suicídio. Então, Satã não mata pessoas, *pessoas* matam pessoas!

— Chega, chega — disse Keith. — Esse tal latim não diz nada sobre Satã, diz?

Não. — Paul deu uma risada. — É que ando com o Diabo na cabeça esses dias. Tivemos que reconsecrar nosso cálice depois que uns seguidores de Satã o levaram para fazer ritual.

— Meu Deus! — disse Keith. — Quando foi isso?

— Oh, ele foi roubado uma semana atrás, na sexta-feira. Mas, de certa forma, tivemos uma recompensa. Nosso jardineiro está muito contente com o ancinho que eles usaram na cerimônia.

— Um ancinho? — perguntou Keith. Lembrou-se da noite da tempestade, quando o ancinho da garagem estava encostado na campainha.

— Sim — disse Paul. — Eles o enfiaram no chão com os dentes para cima, e havia palavras entalhadas no cabo.

— Espere um pouco! — exclamou Keith. — Como essas palavras foram entalhadas?

— Com uma faca, acho.

— Não, quero dizer, como as letras estavam dispostas? Elas começavam de baixo para cima num lado do cabo e de cima para baixo no outro?

— Exatamente — retrucou Paul. — Como você sabia?

— Por causa daquele pára-raios de que lhe falei. As inscrições estavam gravadas no cabo exatamente do mesmo jeito! — Keith hesitou. — Ouça, Paul, eu sei que essas ligações custam caro. Mas você poderia me dar mais alguns minutinhos?

— Claro, fale.

Que alívio poder finalmente falar com alguém! Keith sentou-se e contou a Paul sobre a tarde em que tinha visto seu próprio rosto na janela da casa número 666. Falou sobre o sestêrcio de bronze e a noite tempestuosa em que tinha visto aquela estranha luz vermelha na varanda da casa vazia. Também falou sobre o que tinha lido no jornal de Seattle, o roubo dos impressos de seu escritório e, finalmente, sobre a carta fragmentada de James Beaufort que ele tinha aberto no dia anterior.

— Bem — concluiu. — Provavelmente você deve estar achando que fiquei louco.

— Claro que não — disse Paul. Ele sentiu a urgência e a convicção de Keith. — Acredito em você.

Um pouco constrangido, Keith olhou o relógio acima do fogão. — Puxa, ficamos falando por quase meia hora. Mas Jennifer o convidou. E eu realmente gostaria de vê-lo novamente. Será que dá para você vir na próxima semana? Por favor?

— E nesta quinta-feira? — perguntou Paul. — Depois de amanhã?

— Pensei que esta semana fosse ruim para você — disse Keith.

— Você é o único irmão que tenho — riu Paul. — *Arranjarei* tempo,

— Ótimo! — sorriu Keith. — Também podemos convidar David Carmichael, um negociante de antiguidades que está morando naquela casa do outro lado da vala.

— Ele não notou nada de estranho por lá? — perguntou Paul.

— Nós não conversamos muito — admitiu Keith. — Talvez tenha notado, sim. Mas então veremos você na quinta-feira, por volta das sete?

— Se Deus quiser — disse Paul. — Cuide-se, Keith.

— Você também — respondeu Keith. — Adeus.

Na Igreja de Todas as Almas, Paul Olson desligou o telefone e olhou para o caos formado pelos pedacinhos de papel azul que forravam sua escrivaninha. O que Keith tinha acabado de lhe dizer soava incrivelmente bizarro. Mas Paul sabia que seu irmão mais velho era prático e ponderado demais para se deixar levar por sua imaginação. E agora Paul estava realmente preocupado com Keith e Jennifer, porque alguns detalhes da história de Keith pareciam bater com o que Cindy Trumbull lhe contara.

Segundo Cindy, os seguidores de Satã fazem tudo exatamente ao contrário. O lema da Igreja Católica Romana era *Ex oriente lux*: “Do oriente, a luz”. Em tempos remotos, cada igreja era alinhada de maneira que a congregação ficasse de frente para o leste. E, na manhã de Páscoa, os cristãos do mundo todo celebravam o alvorecer. . .

A seita de Lawrence Fisher, por outro lado, celebrava não o alvorecer, mas sim o pôr-do-sol. Para um Sabá, por exemplo, eles preferiam uma noite bem

escura, quando não havia lua e nenhuma luz de Deus estava brilhando. Agora, Paul pensava naquele estranho cômodo sextavado, onde Keith tinha visto as janelas refletirem um clarão avermelhado — muito interessante aquelas janelas estarem de frente para o oeste! Era a direção do pôr-do-sol.

Mas qual seria o significado das palavras entalhadas no cabo daquele ancinho e, falando nisso, das inscrições latinas que Whitney Sinclair tinha traduzido naquela manha?

Paul Olson abriu a gaveta de sua escrivaninha para procurar o livrinho de endereços onde estavam os telefones dos membros do grêmio da paróquia. Agora sabia o que deveria fazer, certamente antes de visitar Keith e Jennifer na quinta-feira.

Era hora de ter uma conversa com Lawrence Fisher!

*Quarta-feira, 2 de maio de 1979.*

O tráfego, na saída da cidade, era bem calmo. Sendo assim, às oito e quinze da manhã, David Carmichael estacionou seu Mercedes na entrada da casa 666 da Sunset Brook Lane.

Dois dias antes, ele se despira e se examinara no grande espelho atrás da porta de seu quarto. Achou que tinha se afastado por muito tempo das quadras de tênis. Definitivamente, precisava de algum exercício para tirar a barriga e firmar os músculos do ombro. Porém, não havia muitas quadras de tênis ali pela região de Westchester. Precisava mesmo era de um aparelho de remo.

Na manhã de segunda-feira, o caminhão da companhia telefônica instalou um aparelho. Depois, David ligou para um chaveiro que veio logo em seguida e trocou as fechaduras das portas e colocou uma corrente de segurança na porta da cozinha, nos fundos da casa.

Agora, finalmente, sentia-se perfeitamente seguro em sua nova casa. Enquanto esperava que Jennifer desse uma passada por lá, começou a procurar lojas de material esportivo nas páginas amarelas. Mas nenhuma delas vendia aparelhos de remo. Depois de uma dúzia de infrutíferas ligações, David desistiu e achou que deveria ir até a cidade no dia seguinte.

Na terça-feira de manhã encontrou o tipo de aparelho que queria numa loja em Manhattan, na West 48<sup>th</sup> Street. Custou-lhe várias centenas de dólares, mas, afinal de contas, estava gastando milhares para que Jennifer pudesse transformar suas idéias em realidade na casa 666. Então, por que negligenciar sua própria aparência?

Fixou o aparelho no bagageiro do carro e foi para outro ponto de Manhattan. No número 41 da East 57<sup>th</sup> Street, disse à srta. Rosewood que planejava fechar a galeria durante o verão, mas que continuaria pagando o seu salário até reabri-la, novamente em setembro. Passou então o resto da tarde cuidando das contas e da correspondência que tinham se acumulado. Mas sua mente divagava. Ficava pensando no que Jennifer Olson poderia estar fazendo, lá na Sunset Brook Lane.

David não queria dirigir para New Castle de noite. Ainda se lembrava daquela sexta-feira, quando se desligou, vindo da casa de Keith e Jennifer. Então, após o jantar, passou a noite no Carlyle Hotel e saiu às seis e meia da manhã seguinte. Entrou nos limites de New Castle um pouquinho antes das oito horas.

Retirando o aparelho de remo do bagageiro, levou-o para o quarto, onde seria mais fácil usá-lo. E, depois que tivesse suado um pouco, a banheira estaria apenas a poucos passos de distância.

Tudo o que tinha a fazer, pensou, era ser paciente. Notara que o caminhão de Keith saía de manhã e só voltava de noite e sabia que Jennifer Olson tinha bastante tempo disponível. Era apenas uma questão de tempo para que ela começasse a ir para a cama com ele.

La colocar o agasalho de ginástica para sua corrida matinal quando se lembrou das plantas que Jennifer lhe dera. Talvez precisassem de água.



As portas de correr do cômodo hexagonal estavam escancaradas, do jeito que ele as tinha deixado na terça-feira de manhã, mas as plantas estavam murchas! As folhas, que estavam frescas e viçosas um dia antes, agora pendiam flácidas dos galhos.

Não podia compreender. A terra em ambos os vasos ainda estava úmida. Claro, esse cômodo se aquecia se as portas estivessem fechadas, mas elas haviam ficado abertas desde que ela fora para Nova York. Como as plantas poderiam estar nesse estado tão precário depois de vinte e quatro horas apenas?

David levou uma das plantas até o Mercedes. A última vez em que estivera fazendo compras em Millwood, vira uma floricultura. Provavelmente, eles teriam condições de lhe dizer qual era o problema.

O interior da loja fazia com que David se lembrasse de um salão de velório, o mesmo cheiro de flores, a mesma penumbra. A baixa e truncuda mulher atrás do balcão deu uma olhada na debilitada figueira. — *Ficus benjamina* — disse ela. — Deixe-me dar uma olhada! — Pegou o vaso das mãos de David e foi até o fundo da loja.

Em poucos minutos estava de volta, segurando a planta numa mão e o vaso, ainda com terra especial, na outra. — Há ratos em sua casa? — perguntou ela.

— Talvez — David encolheu os ombros. — Realmente não sei. Faz muito pouco tempo que estou morando lá.

— Pode ter ratos — falou a mulher. — Está vendo aqui?

Mostrou as úmidas raízes da planta. David viu que, embaixo do nível da terra, as raízes estavam todas descascadas.

— Alguma coisa deve ter escavado dentro do vaso — explicou a mulher. — Sabe, uma planta não sobrevive com as raízes descascadas.

— Mas não se pode fazer nada? — perguntou David. — Se eu colocá-la num outro tipo de terra ou algo parecido, as raízes não voltarão?

A mulher franziu a testa. — Com o *Ficus*, geralmente a gente corta as raízes e depois usa uma proteção de plástico. Mas nesse caso não vai funcionar.

— Por que não? — perguntou David.

— Por que só se pode cortar as raízes de uma planta *viva*. — Ela balançou a cabeça, desapontada. — E esta planta aqui está morta, pelo menos, há uma semana.

Quando David voltou para o 666 na Sunset Brook Lane, atirou a outra planta na vala. Mas como iria explicar aquilo a Jennifer?

Depois do almoço, experimentou o aparelho de remo. No começo foi fácil, mas, depois de cinco minutos, já podia sentir as dores nas costas e nos ombros. Cinco minutos depois, parou, suado e exausto. Que pena que aquela casa não tivesse uma sauna como no clube de tênis de David, na cidade.

Estava para entrar na banheira quando se lembrou de como o sol da tarde provocava um incrível efeito nas janelas do cômodo sextavado. Se ele entrasse e fechasse as portas, será que o cômodo se aqueceria? Já não tinha que se preocupar com as figueiras. Valia a pena tentar.

Enrolando uma toalha na cintura, foi até o cômodo hexagonal. Primeiramente, sentiu-se um pouco acanhado em frente àquelas janelas do andar térreo. Mas, sob cada janela, havia cerca de sessenta centímetros de forração de madeira.

Quando David se sentou no chão, ficou completamente escondido de

qualquer carro que passasse pela Sunset Brook Lane.

O chão de mármore já estava morno por causa do sol. Uma brisa primaveril batia no plástico que Keith usara para tampar o buraco deixado pela placa de vidro retirada. Em poucos minutos, David podia sentir um calor seco enchendo o cômodo. Seus músculos começaram a se relaxar. Sentindo-se sonolento, fechou os olhos ao clarão e pareceu perder toda a noção do tempo.

De repente, viu-se banhado por uma brilhante luz vermelha. O relógio em seu pulso marcava sete e meia. Será que caíra no sono? Ajoelhou-se e deu uma espiada pela janela.

O sol estava acabando de deslizar para trás do horizonte. As três janelas refletiam um intenso clarão vermelho, como aquele que tinha visto antes. Mas, agora, notava algo mais; a luz no cômodo realmente parecia estar pulsando!

Mais uma vez, viu que cada janela tinha o desenho de uma figura diferente. Um homem e uma mulher sorridentes, e um tipo com um remendo sextavado de plástico no lugar da cabeça.

Então David ouviu o telefone tocando lá em cima. O som era ligeiramente abafado pelas duas pesadas portas às suas costas. Quem sabe não seria Jennifer? Pegando a toalha do chão, David empurrou as portas e correu escada acima. Pegou o fone ao quarto toque.

— Alô! — ele ofegava.

— Boa noite, sr. Carmichael! — disse uma voz imponente. — Aqui é Coste. Está gostando da casa?

— Oh, sim, claro! — disse David, contente em falar com o proprietário da casa, finalmente. — Sim. Apenas espero que o senhor não tenha achado o papel de parede do quarto muito caro.

— Não, claro que não.

A voz tinha um leve sotaque estrangeiro, mas David não conseguia identificá-lo. Como Coste sabia do preço do papel? Ele devia ter aparecido algum dia em que David estava ausente, antes de ter trocado as fechaduras. . .

— Muito bem — continuou a voz — O senhor disse a Thomas Greene que estava com meu sestércio. Não me importaria de perder essa moeda.

— Posso devolvê-la quando o senhor quiser — disse David.

— Então, visitá-lo-ei amanhã à noite. Vejamos, ali pelas oito e meia.

Um pouco antes, naquela mesma tarde, Jennifer tinha ouvido o telefone tocar na cozinha. Pensando que pudesse ser David, correu até o quarto para atendê-lo. Mas era Keith, ligando de Pound Ridge.

— Amanhã, deveremos receber Paul e David para jantar — lembrou-lhe ele. — Você não gostaria de jantar fora esta noite?

Keith tinha feito reservas num restaurante que dava vista para o rio Hudson, ao norte de Ossining. Eles chegaram às sete e meia, enquanto o pôr-do-sol ainda se refletia na água. O restaurante era um casarão do século XIX, com seus tetos altos e uma lareira em cada cômodo. A mesa deles ficava bem junto à janela; Keith tinha pedido uma garrafa de vinho tinto.

Jennifer tinha tudo para se sentir feliz. Terça-feira, em Nova York, ela encontrara o espelho perfeito para a casa de David. Naquela semana, tinha recebido nada menos do que três respostas a seu anúncio no jornal. Agora parecia uma doce e mágica noite primaveril. A costeleta de carneiro estava deliciosa, e Keith estava de ótimo humor novamente. . .

Então, por que se sentia tão amargurada, tão nervosa?

Parte dos motivos, ela sabia, devia-se a David Carmichael. Da primeira vez em que ele lhe pedira para decorar a casa 666, ela se encheria de entusiasmo e decidira projetar interiores de deixar qualquer um babando. Mas agora surpreendeu-se perguntando se Keith não estava com a razão. Talvez *fosse* um desperdício. Logo, logo, o verão terminaria, e a casa do outro lado da vala ficaria vazia novamente, e David voltaria para Manhattan.

O que a incomodava mais ainda, no entanto, era aquela atração mútua entre ela e David. Apenas um mês atrás, talvez nem isso, quando eles se encontraram, fora fácil considerar sua afeição uma simples amizade. Mas agora, com Keith fora a maior parte do dia, e David a uns cem metros da porta de sua cozinha. . .

Jennifer sorveu seu vinho e deu uma olhada em seu marido, no outro lado da mesa. Keith parecia atraente; tinha aparado o bigode um pouco mais, e ela não se surpreendeu quando ele pediu uma segunda garrafa de vinho tinto para acompanhar o suculento filé.

Finalmente a refeição terminou. Keith providenciou a gorjeta e vestiu o casaco em Jennifer. Então, caminharam pelo asfalto do estacionamento. Em Manhattan, Jennifer sempre adorava olhar as vitrinas no caminho para casa. Aqui, tudo o que tinha para olhar eram uns dez quilômetros de tortuosas estradas campestres.

Ela estava quieta quando Keith se sentou ao volante e foram para casa. Ele podia ser tão atencioso e animado quando queria! Mas David era *sempre* agradável! Seria tão fácil ter um caso com ele; era simplesmente relaxar e deixar as coisas acontecerem. Mas qual seria a reação de Keith se simplesmente suspeitasse de tal coisa?

Ao passar pelo entroncamento oeste da Sunset Brook Lane, Jennifer deu uma olhada no outro lado da vala. Lá estavam as luzes de sua própria casa, brilhando por entre as árvores. Bem adiante, a estrutura do novo sobrado. O Mercedes-Benz verde de David estava parado na entrada, porém a casa estava completamente escura. Ao passarem por ela, Jennifer pensou ter visto o brilho avermelhado de uma luz numa das janelas inferiores. Mas, quando olhou novamente, tinha desaparecido. Provavelmente, as luzes traseiras do carro tinham se refletido na vidraça. . .

— São apenas nove e meia — disse Keith. — Será que há algo errado com a eletricidade da casa de David?

— Acho que não — respondeu ela. — David vai dormir bem cedo, você sabe.

Keith permaneceu em silêncio até cruzar a ponte de concreto no começo da Sunset Brook Lane. — Não, não sabia. Como você sabe?

— David me contou. Ele estava correndo segunda-feira de manhã e deu uma parada lá em casa para tomar uma xícara de café.

— Oh — disse Keith. — Muito obrigado por me contar essas coisas agora.

Enquanto ele guardava o carro na garagem, Jennifer destrancou a porta da frente e subiu para o quarto. Ela estava vestindo seu roupão de seda verde quando, de repente, as luzes se apagaram. Assustada, virou-se. Keith estava em pé na porta, delineado pela luz do corredor.

Sempre apreciava o modo suave e gentil com que Keith fazia amor com ela. Agora, ele a despiu silenciosamente, colocando seu roupão sobre a cadeira da penteadeira. Erguendo-a em seus braços, carregou-a para a cama, repousando-a sobre os claros lençóis que ela colocara naquela mesma manhã.

A janela do quarto estava a alguns centímetros aberta. Jennifer ouvia o barulho da água do riacho correndo lá no fundo da vala. Ele a beijou e se esticou ao seu

lado na cama. Estava escorregando as mãos sob suas costas quando, de repente, estremeceu. Um grito estridente ecoou pela noite.

Keith pulou atônito, ficando de pé. — Que diabos foi *isso*?

— Será algum gambá? — Então ela ouviu novamente um longo grito de dor e pânico.

— Isso não é nenhum animal! — disse Keith. E, então, Jennifer percebeu que o som vinha do outro lado da vala, do número 666 da Sunset Brook Lane.

No sonho, David estava confuso e aterrorizado. O que tinha começado como o sonho bom estava se transformando num horrível pesadelo.

Como de costume, ele se encontrava fora do aposento sextavado. As portas se abriam, e dentro, esperando por ele, estava Jennifer, com seus longos cabelos castanhos caindo sobre os ombros, seu corpo nu envolto numa maravilhosa luz vermelho-sangue.

Era assim que o sonho bom sempre começava. Ela estava abraçando-o quando ele ouviu uma batida na porta. Uma, duas — ao todo, seis batidas. Então, ouviu pesados passos vindos na direção do *hall*. David percebeu que era Keith Olson. Mas Jennifer o abraçava bem forte, e ele não conseguia se virar!

De repente, sentiu os braços de Keith arrancando-o de Jennifer. Mas não eram as mãos de Keith. Os dedos eram azuis e cobertos de escamas, como um réptil. Os músculos de seu braço eram grossos e incrivelmente fortes. E as longas e afiadas unhas rasgavam o peito de David, deixando-o sangrando.

Ele tentava respirar, mas os dois braços em volta de seu peito apertavam cada vez mais. Tentava falar, mas não conseguia; tentava gritar, impossível. Sentia suas costelas se arrebatando sob brutal pressão. Novamente, tentou gritar, mas seus pulmões pareciam vazios. O ar mal lhe passava pela garganta. Não conseguia soltar um só ruído. E a dor massacrante ficava cada vez mais forte.

Então, algo agarrou seu ombro esquerdo. De repente, David percebeu que estava deitado de costas. Uma forte mão o sacudia, e alguém dava tapas em seu rosto.

— Acorde! — dizia uma voz forte. — Vamos, acorde!

David abriu os olhos. Bem sobre ele estava um foco de luz tão forte que o cegava. Então o foco diminuiu e afastou-se para o lado. E David reconheceu a escura figura inclinando-se sobre ele. Era Keith! Mas dessa vez não era sonho, era real!

David tentou se soltar, em pânico. Porém Keith reagiu instantaneamente, segurando seu pulso direito. Ele ergueu a lanterna como se fosse um porrete, pronto para golpear David na cabeça.

— Não! — gritou David. Seu coração pulava. — Não faça isso!

— O que há com você? — perguntou Keith, soltando o braço direito de David. — O que está acontecendo com você, seu filho da puta?

— Eu estava sonhando — exclamou David. — Está tudo bem.

— Tudo bem? — Keith ergueu-se, afastando-se da cama. — Tente me dar outro murro e eu lhe quebro o braço!

David sentou-se na cama e olhou em volta. Tinha desarrumado toda a coberta durante o sono. E o ar estava gelado. Olhou para Keith, contornado pela luz do quarto. No sonho, Keith estava vestido com um macacão. Agora, vestia calças cinza e um blusão sem camisa por baixo.

— Passei por toda essa escuridão porque ouvi você gritando — disse Keith.

— E você ainda tenta me bater!

— Eu estava tendo um pesadelo — repetiu David. — Você estava nele, você e... — ele parou. Seria melhor não mencionar Jennifer. Keith já estava bastante furioso!

— Você sempre tem esses pesadelos? — perguntou Keith.

— Sim, ultimamente — respondeu David.

— E o que aconteceu? — insistiu Keith. — Você fica gritando até que alguém venha acordá-lo?

David balançou a cabeça, confirmando. Só de calção, caminhava pelo quarto à procura de seu roupão de banho, que estava encostado numa cadeira.

— Bem — disse Keith. — Faça-nos um favor, tá? Deixe suas malditas janelas fechadas! Assim, se você começar a gritar no meio da noite, não vai acordar ninguém.

Mas, então, David se lembrou: a noite tinha sido fria. E, antes de ir dormir, ele tinha fechado as três janelas do quarto. Porém, Keith tinha razão. As janelas estavam totalmente abertas, as três!

Keith virou-se e ia saindo do quarto.

— Sinto muito — disse David, seguindo-o enquanto vestia seu roupão branco.

— Deixe-me acompanhá-lo até a porta.

— Eu sei o caminho! — retrucou Keith. — Não se lembra? Fui eu quem colocou toda essa forração de madeira nas paredes de sua casa.

— Sinceramente, sinto muito — repetiu David.

— Eu também! — retrucou Keith.

David ficou ali parado, descalço, ouvindo Keith descer as escadas. Um pouco depois, ouviu a porta da frente ser fechada bruscamente. Ao entrar no quarto cujas janelas estavam abertas, David viu as luzes da casa de Keith e Jennifer brilhando por entre as árvores. Então, notou o foco de luz da lanterna de Keith, bamboleando vala abaixo.

David fechou as janelas com raiva. Então, lembrou-se de mais um detalhe. Antes de ir para a cama, tinha trancado todas as portas. E as fechaduras tinham sido trocadas. Então, como Keith conseguira entrar?

David achou que seria melhor descer e verificar. Apanhou a pequena lanterna que deixava sobre a cômoda. Bem embaixo, na primeira gaveta do móvel, era o lugar em que ele tinha escondido a moeda de bronze de Coste. Agora, só para se certificar antes de descer, David abriu a gaveta e enfiou a mão entre os pares de meias, procurando o envelope de plástico.

Não estava lá!

David calculou que ele teria escorregado para o fundo da gaveta. Tirou-a do lugar e esvaziou-a sobre a cama. Havia uma dúzia de pares de meias, vários lenços, menos a moeda.

Ele tinha a certeza de ter deixado o sestércio naquela gaveta. Mas, então, ele também se lembrou de ter fechado as janelas do quarto e trancado as portas. Será que estava perdendo a memória?

David retirou todas as gavetas da cômoda, uma por uma, e esparramou o conteúdo sobre a cama. Mas o sestércio não estava lá também. E Coste viria às oito e meia da noite seguinte. Se a corroída moeda de bronze não aparecesse até lá, o que David iria dizer a ele?

Às dez e meia, David calçou os chinelos e desceu para examinar a porta da frente. Claro, estava destrancada. David virou a chave na fechadura até se certificar de que ela estava realmente trancada. Então, caminhou pelo *hall* em direção à cozinha.

A porta dos fundos também estava destrancada. E a corrente de metal da trave de segurança estava balançando, fora de seu suporte na parede. Obviamente, a porta tinha sido aberta de dentro para fora! Que diabos estava acontecendo?

Muito intrigado para voltar a dormir, David parou ao lado do balcão da cozinha, tentando imaginar onde mais poderia estar aquele maldito sestêrcio. Olhando pela janela da cozinha, observava as luzes do segundo andar da casa de Jennifer se apagarem, uma a uma, até a casa ficar totalmente escura.

David admitiu que seria bem mais fácil procurar a moeda à luz do dia. Então, desligou a luz da cozinha e voltou para cima. Certificou-se de que as três janelas do quarto estavam fechadas, de modo que seria impossível se abrirem novamente. Então, retirou todos os objetos de sobre a cama, enfiou-se debaixo das cobertas e apagou a luz.

Mas tinha perdido o sono. Antes os pesadelos sempre apareciam numa série de três. Será que teria que sonhar novamente com Keith arrebatando suas costelas por mais duas vezes, antes de pregar os olhos?

E, então, ouviu o ruído de alguma coisa arranhando, vindo de algum lugar do andar térreo.

Sentou-se na cama, em total escuridão, prestando a respiração, ouvindo. Outra vez um barulho de metal sendo esfregado em vidro. David sabia que, na cidade de Nova York, os ladrões sempre usavam cortadores de diamante para entrar em algum prédio. E o número 666 da Sunset Brook Lane tinha quase uma dúzia de janelas no andar térreo!

David vestiu o roupão novamente, pegou a lanterna e desceu até o andar térreo nas pontas dos pés. O intermitente ruído vinha do cômodo sextavado. Mas por que alguém iria escolher logo aquela janela para arrombar, se as da sala de estar eram mais fáceis?

Logo que David alcançou as portas sob as escadas, os ruídos cessaram repentinamente. Acendeu a lanterna. Mas o aposento sextavado estava vazio. Direcionou o foco de luz para as vidraças das janelas. Não havia ninguém parado do lado de fora sobre o novo gramado.

Então, de onde teriam vindo aqueles estranhos ruídos? David abaixou a lanterna, iluminando o chão de mármore. Num dos cantos estava caído um pedaço de plástico transparente.

Quando David se inclinou para apanhá-lo, a fita adesiva que estava presa a ele grudou em seu dedo. Era o remendo hexagonal que Keith tinha colocado no buraco da janela do lado direito.

David apontou a lanterna para o buraco, e o foco refletiu sobre novos filetes de metal. Recentes pingos de solda brilhavam nos escuros filetes de chumbo que prendiam os vidros da janela.

A parte de vidro que faltava tinha sido substituída!

*Quinta-feira, 3 de maio de 1979.*

— Olá, padre — disse o jovem, entrando no escritório de Paul Olson, na residência da Igreja Episcopal de Todas as Almas.

O relógio na parede do escritório marcava cinco e quarenta. Ao cumprimentar o visitante, Paul se lembrou de que tinha um compromisso com Keith e Jennifer às sete horas. De Glastonbury até New Castle demoraria pelo menos uma hora de carro. Mas Lawrence Fisher não pudera vir mais cedo. Ele trabalhava das nove às cinco para uma companhia de seguros, emprego que conseguira depois de se formar na faculdade no ano anterior.

Agora, Lawrence Fisher se ajeitava na mesma cadeira em que o sargento Riley tinha se sentado dois dias atrás. O jovem agente de seguros tinha apenas vinte e três anos, porém parecia mais velho. Alto e magro, sempre usara conservadores terno e colete.

Agora ele sorria para o pároco assistente. — O senhor queria saber por que levei o cálice — disse serenamente. — Não é mesmo?

Paul foi tomado de surpresa pela tremenda indiferença de Lawrence. — Sim — respondeu ele finalmente. — Gostaria de saber por que você o levou.

— Nós precisávamos dele para uma cerimônia — respondeu Lawrence.

— E daí? — perguntou Paul. — Sua seita, ou sei lá de que nome vocês a chamam, não tem condições de conseguir seus próprios utensílios?

— Seita está correto — respondeu o jovem. — Naturalmente, nós temos o nosso próprio cálice, que usamos na maioria das cerimônias. Porém, sábado passado estávamos celebrando uma Recepção para o Arcanjo. E, para sua Recepção, o Arcanjo exige um cálice sagrado, roubado de uma igreja cristã.

— Uma Recepção para o Arcanjo? — perguntou Paul. — O que você quer dizer?

— Se o senhor se lembra do Livro de Jó, o Arcanjo Satã declara que estará para sempre rodeando a Terra. Recentemente, o pessoal da seita sonhou que o Arcanjo está se aproximando de nós, para fixar um novo local de residência, se a gente pode falar assim. Sentimos sua presença mais forte do que nunca. Então, preparamos uma Recepção.

— Bem — disse Paul. — Considerando que seu Satã quisesse um cálice sagrado, por que ele mesmo não veio e pegou? Se ele é tão poderoso assim, por que usou você para surrupiar o cálice para ele?

— Causaria ao Arcanjo inimaginável agonia ter que tocar em qualquer objeto de posse de um ministro de Deus — disse Lawrence.

— A menos que tenha sido roubado? — perguntou Paul.

Lawrence balançou a cabeça, confirmando. — Sim, ou a não ser que o clérigo lhe passasse o objeto pessoalmente, de livre e espontânea vontade. — Lawrence deu um leve sorriso. — Porém, há muito poucos ministros que obedecem ao Arcanjo, infelizmente.

Paul não podia acreditar que aquele mesmo jovem, polido e de fala macia, tivesse sido membro do grêmio da igreja no ano anterior e nunca houvesse

faltado a uma só missa! — Muito bem — disse ele —, vocês fizeram essa cerimônia de Recepção. Seu convidado de honra apareceu?

— Todos nós sentimos sua presença! — Lawrence sorria com um beato que acabara de receber a comunhão. — Depois de encher o cálice, peguei o ancinho e finquei seu cabo com tanta força no chão que, mais tarde, não conseguimos removê-lo. Mas não fiz aquilo sozinho, sabe, não era a minha força. Era o próprio Arcanjo, usando meus músculos, me fazendo de seu instrumento!

Paul tentou disfarçar seu espanto. — Mas você não viu nada, viu?

O jovem balançou a cabeça tristemente, negando. — O Arcanjo se mostra muito raramente, somente quando quer exigir obediência. Muito poucas pessoas ainda vivas já o viram revelar sua forma verdadeira.

— Muito bem, Lawrence. — O reverendo cruzou as mãos sobre a escrivaninha. — Isso vai acontecer novamente?

Lawrence sorriu satisfeito. — Se a seita vai se reunir nesse sábado? Claro. Uma outra oferta de sangue? Naturalmente. Mas, se eu vou roubar o seu cálice outra vez? Certamente que não! Veja bem, quando eu o roubei, tive que trair toda a confiança que o senhor sempre teve em mim. Outra coisa, jurei que o senhor iria saber que tinha, sido eu quem o roubara; era minha responsabilidade. Minha traição e o fato de aceitar as consequências antecipadamente valorizaram o significado da Recepção. Mas, se eu o pegasse novamente, que confiança estaria traido? Roubar o mesmo cálice duas vezes seria como servir restos a um convidado de honra, como o senhor mesmo disse.

— Você *queria* que eu soubesse que você tinha pegado o cálice? — repetiu Paul. — Então você. . .

Peça a Cindy para vir até aqui e ela lhe dirá. — Lawrence balançou a cabeça. — Não, se não me engano, Cindy já veio aqui por sua própria vontade. Mas ela só lhe contou o que ela *sabe*. Este é outro motivo pelo qual vim aqui hoje, padre, para lhe contar as coisas que Cindy jamais conseguiu entender. — Lawrence recostou-se confortavelmente na cadeira. — Então, por favor, fique à vontade. Pergunte-me o que quiser!

Paul já estava bastante irritado para achar que aquilo poderia ser um blefe de Lawrence. — Muito bem, vamos lá: aquele ancinho que você usou na cerimônia. No cabo estava escrito O QUE O FERRO APRISIONA, O OURO DEVERÁ LIBERTAR. O que quer dizer isso? E o que significa o próprio garfo?

— Cada coisa no seu lugar — sorriu Lawrence. — Segundo a lenda, o Arcanjo forjou um enorme tridente e o apontou para os Céus, como um sinal do dia em que ele finalmente voltará para reclamar seu trono celestial. Do lado direito do tridente, ele estampou a Regra de Ferro que os Céus lhe impuseram e, do lado esquerdo, inscreveu a Regra de Ouro, que está usando para satisfazer seus desejos a qualquer preço.

Paul balançou a cabeça boquiaberto. — O que é uma Regra de Ferro?

— Regras de Ferro são proibições impostas pelo homem ou por Deus — disse Lawrence. — Leis e proibições que não nos permitem fazer o que queremos. Nossa seita tem uma Regra de Ferro do Silêncio, por exemplo. Se queremos fazer alguma coisa, não devemos enfraquecer nossa determinação falando sobre isso antecipadamente. E também não devemos ficar nos gabando disso depois! No mínimo, as pessoas ficariam com inveja. E, pior, chamariam a polícia.

— Se você está sob a regra do silêncio, por que, então, está aqui sentado me dizendo tudo isso? — falou Paul.

— Porque eu quero! — disse Lawrence, radiante. — E porque há Regras de Ouro, assim como Regras de Ferro!



Paul balançou a cabeça novamente. — Não compreendo.

— Mas esse é o ponto principal do lema que o senhor viu no ancinho: para cada Regra de Ferro que nos limita, há uma Regra de Ouro para nos libertar. E a mais forte é a Regra de Ouro dos Desejos Satisfeitos.

Paul lembrou-se do que Lawrence tinha dito a Cindy Trumbull depois que ela matou o coelho.

— “...Desejos satisfeitos dão-lhe forças.” Não é isso?

Lawrence concordou, balançando a cabeça avidamente. — Satisfaça um desejo, e então poderá dedicar toda a sua energia a um novo objetivo; a gente fica automaticamente mais forte! E, satisfazendo nossos desejos, vamos ficando cada vez mais poderosos, sempre mais poderosos, a cada Sabá.

— Mas o que isso tem a ver com as Regras de Ferro?

— Porque qualquer seguidor do Arcanjo jura aceitar *todas* as consequências de seus atos. Todos nós concordamos com isso ao ingressar na seita. — Lawrence abaixou a voz. — Se você aceitou as dores do inferno, então terá que se tornar suficientemente forte para suportá-las. — Lawrence continuou. — *Porém*, uma vez forte o suficiente, não terá que obedecer a nenhuma lei de Deus ou do homem. Claro, essa é a razão pela qual idolatramos o Arcanjo, para conseguir o que quisermos, aqui na Terra. E, desde que somos suficientemente fortes para assumir as consequências, podemos fazer exatamente o que queremos!

— É mesmo? — Paul olhava o visitante bem nos olhos. — E se você quisesse cometer um assassinato?

Lawrence olhou para o lado, evitando encarar o padre.

— Digamos que eu quisesse matar. . . alguma jovem que tivesse traído nossa seita ao falar com estranhos sem permissão. . .

— Você está falando de Cindy? — perguntou Paul, irritado.

Mas Lawrence Fisher ergueu uma das mãos. — Por favor! Ainda não terminei de responder à sua última pergunta! Se eu cometesse um assassinato, teria que admiti-lo. Eu teria de ser suficientemente esperto para tramar uma defesa incontestável no julgamento e ser bastante forte para escapar à vingança de sua família. Mas não sou tão forte e esperto assim, ainda! Então, não estou planejando matar ninguém.

— Ainda? — perguntou Paul. — Por enquanto você só mata patos e coelhos.

Mas eles não têm alma! — disse Lawrence. — Um dos maiores santos cristãos falou sobre isso, e quem somos nós para não acreditar nas suas palavras? Além do mais, o próprio Deus não aceitava sacrifícios de animais dos antigos hebreus? Padre, tudo em que acreditamos está na Bíblia!

— Mas, e daí? — perguntou Paul. — O que de bom se pode tirar do sofrimento de um animal?

— O senhor deve entender — disse Lawrence. — Desde sua queda dos Céus, o Arcanjo tem existido num estado de tormento e dor. Assim, quanto mais dor e medo nossos rituais criam, mais ele se sente bem-vindo. Quanto mais o tormento de uma criatura se aproxima do dele, mais prazer para os seus olhos. — Lawrence acrescentou: — O ideal seria que o trono do Arcanjo na Terra fosse construído com madeira tingida com o sangue de homens agonizantes. Há rumores de que esse trono realmente existiu na Idade Média. Mas ninguém com quem já conversei jamais o viu.

Keith não se importava de trabalhar até mais tarde em serviços externos,

como aquele em Pound Ridge. Porém, seu irmão Paul deveria chegar às sete horas; parou de trabalhar às seis em ponto. Isso lhe dava, uma hora inteira para voltar para New Castle, tomar banho e se barbear.

Keith estava assobiando ao subir no caminhão e ligar o motor. A melhor coisa do horário de verão era que, na hora de parar de trabalhar, o sol ainda estava alto no céu. Sendo assim, não atrapalhava a visão durante a volta para casa.

Bem ao sul de Mount Kisco, a estrada passava por baixo de uma ponte da estrada de ferro que tinha sido construída nos anos 30. Era um claro fim de tarde de primavera, apenas com umas poucas nuvens no céu. Faltava mais de uma hora ainda para o pôr-do-sol. Mesmo assim, as sombras sob aquela ponte pareciam mais escuras do que Keith jamais tinha visto. De fato, o ar ali parecia estar bem poluído.

Instintivamente, Keith tirou o pé do acelerador ao entrar no túnel. Não havia fumaça no ar, senão ele sentiria o cheiro. Ao contrário, o ar era acre, pesado, um odor que Keith achava misteriosamente familiar.

Estava bem no meio do túnel quando a luz vermelha do óleo, no painel do carro, se acendeu. Keith sentiu o motor falhar. Surpreso, engrenou a segunda e ficou com o pé na embreagem. Mas não conseguiu fazer o motor pegar novamente. Então, deixou que o pesado veículo saísse do túnel e manobrou para o acostamento da estrada.

Isso tinha que acontecer justamente naquele dia, quando seu irmão ia jantar em sua casa! Keith saltou do caminhão e levantou o capô. Ao tocar no terminal da bateria com uma chave de fenda, provocou uma enorme faísca. Não parecia haver nada errado com o óleo, com a partida ou, ainda, com os terminais elétricos.

Depois de tentar por vinte minutos, Keith finalmente desistiu. O sol já estava desaparecendo, e ele não conseguia ver o que estava fazendo. Mas havia centenas de dólares em ferramentas e equipamentos dentro do caminhão. Não seria bom deixá-lo parado ali, no acostamento. Teria que chamar um guincho. Sabia, porém, que a maioria dos postos de gasolina já estavam fechados àquela hora.

Retirou as chaves do contato, trancou todas as portas e começou a caminhar de volta pelo mesmo caminho. Deveria haver um bar de estrada a uns dois ou três quilômetros e, certamente, teriam um telefone.

Na residência da Igreja Episcopal de Todas as Almas, Paul Olson deu mais uma olhada no relógio de seu escritório. Agora eram seis e vinte e cinco. Para chegar à casa de Keith e Jennifer por volta das sete horas, deveria estar na estrada pelo menos há meia hora. Porém, Paul estava totalmente fascinado pela conversa com Lawrence Fisher.

— O que o senhor tem visto no cinema não é verdade — disse Lawrence. — O pessoal dessas seitas nunca sequestra pessoas para serem sacrificadas em rituais. Se o Arcaño quiser um sacrifício humano, ele sempre escolhe sua própria vítima, assim como a pessoa para cometer o assassinato. Segundo a tradição, é dada ao algoz uma moeda do imperador Nero como pagamento por sua tarefa, a mesma moeda que tem sido dada para cada algoz durante os séculos.

Os olhos de Paul se arregalaram. Keith tinha dito qualquer coisa sobre uma moeda romana! — Por que Nero? — perguntou.

— Porque Nero foi o maior algoz de todos! Foi ele quem matou São Pedro e São Paulo, sob as ordens do Arcaño. Ordinariamente, contudo, a única vítima

que o Arcanjo julga aceitável é o próprio amigo ou amante do algoz — Lawrence sorriu novamente. — Por isso é que a gente, lá na seita, não se preocupa em ser o escolhido para o sacrifício. Realmente, não nos amamos uns aos outros tanto assim.

Paul imaginou se Cindy Trumbull amara Lawrence Fisher. Ela saíra com ele por quase um ano, e sua mãe tinha a certeza de que eles iriam ficar noivos. Felizmente, a sra. Trumbull nunca soube como o jovem casal passava as noites de sábado. . .

— Quanto a Cindy, ela quebrou uma Regra de Ferro ao falar com o senhor sem permissão da seita — disse Lawrence, como se estivesse lendo os pensamentos de Paul. — Então, ela terá que assumir as consequências, mas não perante a gente! Veja bem, nós deixamos que o Arcanjo guie nosso caminho. Satã tem poder sobre toda a Terra, sobre nossos destinos, nossos empregos, nossas propriedades, até mesmo sobre nossa saúde. A única coisa que o Arcanjo está proibido de fazer é tirar uma vida humana. Essa é a Regra de Ferro que Deus colocou no Livro de Jó: “Olhe, ele está em suas mãos, mas salve sua vida”.

Paul se lembrou das inscrições que Keith tinha copiado de um pára-raio na casa vizinha — e o sangue do ministro gelou.

Lawrence sorriu. — Mas é com as Regras de Ouro que contornamos as Regras de Ferro. E o Arcanjo também tem uma Regra de Ouro.

— Qual é a Regra de Ouro do Arc. . ., quer dizer, de Satã? — gaguejou Paul. — A Regra do Desejo Satisfeito?

O jovem negou, balançando a cabeça tristemente. — Seus poderes não são suficientemente fortes ainda para desafiar os Céus. Algum dia serão. Mas, por enquanto, o Arcanjo emprega uma Regra de Ouro mais simples. Não é óbvio para o senhor?

Paul olhava o relógio de seu escritório impaciente-mente. Eram quase quinze para as sete.

— O senhor não lê jornais? — perguntou Lawrence. — As pessoas matam seus entes queridos a todo instante. Então, mesmo que o Arcanjo não possa tirar a vida de um homem, pode persuadir um outro ser humano, um algoz, a fazê-lo por ele.

“Deus deu ao homem o dom da vida.” Essa era a outra inscrição que Keith copiara da coluna de ferro. “Sendo assim, somente o homem pode se desfazer desse dom.” O pároco assistente se levantou, sua cabeça girava.

— Lawrence, terei que interromper nossa conversa. Estão me esperando para jantar lá em Westchester e. . .

— Tudo bem — disse Lawrence, também se levantando. — Mas não se esqueça, padre, se o senhor quiser *se juntar a nós neste sábado, teremos muito prazer em tê-lo conosco*.

Boquiaberto, Paul olhava para seu visitante. Seria por isso que Lawrence estava tão ansioso para lhe contar sobre toda aquela adoração a Satã?

Lawrence estava realmente convicto! — Senti sua curiosidade, mesmo enquanto conversávamos. Os outros votaram para permitir que eu falasse com o senhor. Achemos que o senhor, como um ministro ordenado, será de inestimável valor para nossa seita.

— Não estou interessado em me juntar a esse bando de fanáticos! — gritou Paul. — E vocês não vão me influenciar, nenhum de vocês! — Abriu a porta do escritório. — A respeito de sua permanência no grêmio da igreja, quero sua carta de demissão em minha mesa amanhã! Agora, suma daqui.

Lawrence saiu para o corredor, mas esperou que Paul trancasse a porta do

escritório. — O senhor está com pressa, não está? — perguntou Lawrence. — Damon disse que era importante atrasá-lo por uns quarenta minutos.

Paul caminhava apressadamente pelo corredor. Seu carro estava no estacionamento da igreja, pronto para partir. — Quem é esse Damon? — perguntou.

— Cada um de nós na seita tem uma voz que nos diz o que vai acontecer e o que o Arcanjo quer que façamos. — Lawrence Fisher apertou o passo para acompanhar o reverendo. — Minha voz chama-se Damon.

Paul estancou e virou-se para Lawrence. — Muito bem, então! Se essa sua voz sabe o que vai acontecer, então diga-me uma coisa: quem meu irmão convidou para jantar esta noite, além de mim?

— O senhor não deveria zombar de mim — disse Lawrence. Ele seguiu Paul até o estacionamento, antes de falar outra vez. — O senhor vai estar com um policial pelo resto da noite!

Paul parou junto ao veículo. Sua maleta já estava no assento traseiro, preparada. — O homem que vai jantar conosco é negociante de antiguidades. — Ele riu. — E não um policial. Portanto, diga a Damon que ele não é tão sabido assim.

Pela primeira vez, durante todo o tempo que conhecia Lawrence Fisher, Paul percebeu o ódio se espalhando pelo rosto do jovem.

— Se o senhor não acredita em nossa profecia, padre, então aqui vai outra — vociferou Lawrence. — Ao encontrar-se com seu irmão esta noite, o senhor se lembrará da visão para o resto de sua vida!

Durante os últimos anos, Keith devia ter passado pela Thatcher's Tavern centenas de vezes. Porém, nunca tinha entrado. Quando finalmente passou pela porta, já era um pouquinho mais de sete horas.

Dentro, havia alguns homens, um pouco mais velhos, sentados em volta do balcão. Keith pediu para o atendente lhe trocar uma nota de um dólar em moedas, e então dirigiu-se ao telefone no canto. Folheando a manchada lista telefônica, localizou um serviço de guincho que ficava aberto a noite toda e não era muito longe dali, a alguns quilômetros ao norte, na direção de Mount Kisco. Discou o número e instruiu o motorista do caminhão-guincho para apanhá-lo no estacionamento da Thatcher's Tavern. Então Keith desligou, colocou outra moeda no orifício e discou para Jennifer.

— Onde você está? — Ele podia sentir a preocupação em sua voz. — São quase sete e quinze!

— É, eu sei! — disse Keith, olhando seu relógio. — O caminhão quebrou quando eu voltava para casa. Estou aqui na Thatcher's Tavern, do outro lado da linha do trem.

— Você quer que eu vá até aí e o apanhe?

— Gostaria muito — suspirou Keith. — Mas tenho que esperar o caminhão-guincho.

Houve uma pausa. — Quando você acha que chegará a casa?

Keith olhou de novo para o relógio. — Oito, oito e meia, realmente, não sei. Deixe-me dar um alô para Paul.

— Ele ainda não chegou. Acabou de ligar de um posto de gasolina da Merrit Parkway e disse que vai chegar dentro de uns quarenta e cinco minutos, mais ou menos.

— Tudo bem — disse Keith. — Quando ele chegar aí, sirva-lhe alguma bebida e eu estarei em casa logo que puder. Faça a mesma coisa com David.

Jennifer hesitou. — Não convidei David — disse ela. — Ele não conhece seu irmão. E você disse que eu o estava convidando demais.

Keith justificou-se. — Bem, hoje eu *quero* que ele apareça para jantar! Eu gostaria que Paul lhe fizesse algumas perguntas sobre a casa que ele está alugando. — De repente, viu o brilho de uma luz amarela através da janela da taverna. Um caminhão-guincho, com uma luz giratória na cabina, estava entrando no estacionamento da taverna.

— Por que Paul se importaria com a casa do outro lado da vala? — perguntou Jennifer. — Há alguma coisa que você ainda não me contou?

Ouçã — disse Keith. — Estou ligando de um telefone público, e o guincho já está aqui. Quanto mais rápido eu for andando, mais depressa estarei em casa. Então, por favor, ligue para David e peça para ele aparecer. Certo?

— Certo — disse Jennifer. — Mas como você vai voltar para casa?

Keith suspirou. — Acho que você vai ter que ir me apanhar. Liguei logo que chegar à oficina.

Depois de falar com Keith, Jennifer pegou o telefone novamente e discou o número de David. Mas não houve resposta — o telefone ficou tocando e tocando.

Depois de seis toques, ela desligou. Se ele não estava em casa, melhor, isso tornaria as coisas mais fáceis. Ela queria manter David e Keith distantes o mais que pudesse. E, definitivamente, também não queria que Paul a visse junto com David! Talvez David pudesse esconder seus verdadeiros sentimentos diante de Keith, porém o irmão dele era um ministro de Deus e um ótimo observador do comportamento humano.

Atravessou a cozinha e deu uma espiada pela janela. Através das árvores, podia ver o Mercedes-Benz verde estacionado na entrada do 666 da Sunset Brook Lane. Então David *estava* em casa! Será que estava tomando banho? Mas seu telefone ficava no quarto, a apenas alguns passos de distância. E ele disse que corria de manhã, não ao pôr-do-sol...

Mais uma vez, lembrou-se daquele sábado de manhã, duas semanas atrás, quando encontrara David estirado no banco dianteiro de seu carro. Agora, estava completamente sozinho naquela casa. E se tivesse sofrido outra crise daquelas e caído pelas escadas? Não conseguiria alcançar o telefone!

Teve um repentino impulso de ir até lá e se certificar se ele estava bem. Se ele estivesse correndo, provavelmente ela o encontraria na rua. Além do mais, ela estava pensando em ter uma conversa com David, cara a cara. O que tinha que falar com ele não era coisa para ser dita pelo telefone. E com Paul atrasado, e Keith preso na oficina, talvez agora fosse a melhor hora.

Jennifer esperava Paul às sete horas, de modo que já estava vestida para o jantar. Por um momento pensou em calçar um sapato mais simples. Mas não iria ficar lá no 666 além de uns poucos minutos. Se Keith ia ligar da oficina, ela teria a desculpa perfeita para voltar logo em seguida, e Keith jamais saberia.

O guincho passou pelo túnel e estacionou no acostamento da estrada, bem na frente do caminhão de Keith.

— Muito bem! — Keith abriu a porta e pulou do veículo. — Quer uma mão para engatar o reboque na frente do meu caminhão?

— Calma — disse o motorista. — Gostaria de levantar o capo para dar uma olhada.

— Mas eu já fiz isso! — protestou Keith. — O motor não vai pegar mesmo. Vamos guinchá-lo para sua oficina e então minha esposa irá me apanhar. Sabe,

nós temos visitas para jantar em casa hoje.

— Senhor, se eu conseguir fazer o motor funcionar, o senhor *mesmo* poderá dirigir para casa. Além disso, ficará muito mais barato. Pode me emprestar as chaves?

Keith entregou seu chaveiro ao homem e ficou observando-o sentar-se ao volante do veículo da Carpintaria Olson. Instantaneamente, o motor respondeu ao toque da chave.

Keith olhou assustado para o motorista. — Que diabos você fez? — perguntou.

— Apenas virei a chave no contato — respondeu o motorista. — Por que o senhor não tenta ir para casa? Eu irei logo atrás, no caso de o motor parar novamente.

Jennifer tirou o carro da garagem e decidiu deixar a porta aberta. Assim, depois de ir buscar Keith, não teria que abri-la novamente para entrar.

O relógio no painel do carro marcava sete e vinte e sete. O sol estaria se pondo a qualquer momento. Mas, em dez minutos, talvez menos, daria para ela falar com David e voltar para sua cozinha a tempo de esperar a ligação de Keith da oficina.

Na noite anterior, Jennifer se lembrou, ele estava tão carinhoso, tão romântico! E, então, o pesadelo de David estragara tudo. Quando Keith voltou para casa, estava irritado demais para querer fazer amor. Jennifer já tinha pego no sono. Mas, várias vezes durante a noite, foi acordada com Keith virando de um lado para o outro na cama, bastante agitado.

Na manhã seguinte, depois de Keith sair para Pound Ridge, Jennifer preparou uma xícara de café e ficou na cozinha pensando. David sempre parecera alegre e auto-confiante. Porém, agora, Jennifer sentia que a morte de Eleanor devia tê-lo abalado terrivelmente. David ficara de luto por quase dois anos. Agora, finalmente, estava saindo um pouco fora desse esquema e seria bastante natural que estivesse interessado em mulheres outra vez. E seria mais natural ainda para ele ter uma inclinação por Jennifer. Afinal de contas, eles se conheciam há tanto tempo!

Mas aquela náusea repentina, na noite que aparecera para jantar, os problemas misteriosos que o levaram a consultar um médico, o desligamento da sexta-feira à noite e, agora, esses pesadelos estridentes de que Keith lhe falara na noite passada! Tudo isso indicava que David Carmichael era um homem com sérios problemas. Será que ele teria forças suficientes para aguentar a culpa e a tensão que um caso com ela fatalmente provocaria?

Jennifer também percebeu que não estava sendo honesta com Keith. Seu mau humor realmente costeara na tarde em que voltaram das Bahamas e encontraram a casa de Coste assentada lá do outro lado da vala. E, claro, ultimamente ele andava ciumento e ressentido, e, por que não, com David passando férias praticamente em seu quintal? Mas, a despeito de tudo, Keith colocou seus sentimentos de lado e deixou que ela decorasse a casa de David. Obviamente, ele não estava morrendo de satisfação com a idéia, porém, nunca se queixou, pois sabia o quanto o trabalho significava para ela. E também porque a amava demais. . .

Ela já se divorciara uma vez e não queria passar por tudo aquilo novamente. Seu casamento com Keith merecia bem mais atenção do que ela lhe estava dando, sem pressões externas, sem competições.

Manobrando o carro pela Sunset Brook Lane, Jennifer respirou fundo. Estava ensaiando mentalmente o que tinha que dizer. Estacionou ao lado do carro de

David, na entrada coberta de pedregulhos. Do outro lado da rua, o sol já estava quase atrás do horizonte. Ao subir os degraus da varanda, percebeu que a porta da frente estava entreaberta. Deu-lhe um empurrão, e ela cedeu sem fazer o menor ruído nas dobradiças.

A sala de estar estava completamente vazia, do jeito que a vira na segunda-feira de tarde. O sol, bem baixo no oeste, brilhava pelas janelas no começo das escadas. Fechando a porta atrás de si, Jennifer deu uma olhada no banheiro do segundo andar. Não ouvia nenhum ruído de água correndo. E tampouco sentia qualquer movimento dentro da casa.

— David? — chamou. Mas não houve resposta. Estaria ele na cozinha? Ela caminhou pelo corredor vazio, seus passos ecoando pela sala de estar.

Apenas poucos instantes antes, David ouvira o telefone tocar lá em cima. Meu Deus, pensou, provavelmente é Coste! Abriu as pesadas portas de correr e apressou-se escada acima. Mas, antes que pudesse alcançar o telefone, ele parará de tocar. Pegou o aparelho e ouviu apenas um sinal de discagem.

O que iria fazer então? Naquela manhã, tinha praticamente revirado a casa para encontrar a moeda de Coste. Agora, Coste poderia chegar em pouco mais de uma hora. E, claro, ele iria querer ficar com o sestércio pelo qual David tinha pago três mil e setecentos dólares!

David prendeu novamente a toalha na cintura — a maldita estava sempre escorregando — e voltou para baixo. Ao retornar ao aposento sextavado, fechou as portas atrás de si. O sol estava quase desaparecendo, mas o calor ali dentro ainda era aconchegante e relaxante.

Talvez, se pensasse um pouco mais, pudesse descobrir o que tinha acontecido com a moeda de bronze. Será que fora roubada? Na noite passada, David encontrara as portas do andar térreo destrancadas e todas as janelas de seu quarto abertas. Mas as únicas pessoas que ele sabia terem estado na casa foram os irmãos Staub — e Keith, claro. E nada mais fora levado. Somente o sestércio. .

De repente, através das portas fechadas, ouviu alguém entrar pela porta da frente. Então, Jennifer chamou por ele. Estaria ouvindo coisas? Abriu os olhos e viu as vidraças coloridas à sua frente, iluminadas por aquele familiar brilho avermelhado.

A figura na janela do lado direito tinha um rosto novamente, mas seus traços ainda não eram claros. Ainda demoraria um minuto ou dois para que o tom avermelhado da janela ficasse suficientemente forte para que aqueles traços no vidro se tornassem realmente visíveis.

Então ouviu os passos de Jennifer vindo na direção do *hall*. Lembrou-se do que o dr. Fuchs-Kramer dissera sobre sonhos premonitórios, que seus detalhes eram sempre confusos, uma espécie de taquigrafia. Bem, agora o cômodo estava todo banhado por uma luz vermelha. E ali estava Jennifer, vindo para vê-lo. Agora, claro, era David quem estava despido. O sonho bom tinha sido de outra forma anteriormente, mas tão exato um sonho premonitório precisava ser?

David levantou-se, apertando mais a toalha na cintura.

— Jennifer! — gritou ele. — Estou aqui!

Ao chegar à entrada de sua casa, Keith acenou para o motorista do caminhão-guincho que vinha atrás dele. Olhando pelo retrovisor, viu o motorista do guincho fazer uma manobra e voltar em direção a Mount Kisco.

Keith deixou o caminhão bem na beirada da entrada para que seu irmão tivesse espaço suficiente para estacionar ao lado. Então, percebeu que a porta da garagem estava aberta. O carro de Jennifer não estava lá. Ela deve ter ido buscar algo no armazém, pensou ele.

Indo em direção à varanda, viu que havia um envelope enfiado na caixa de correspondência. Não havia selo nem endereço subscrito. Alguma coisa de Coste, Keith imaginou. Mas Coste não lhe devia nenhum dinheiro. Intrigado, virou o envelope. Ali, no verso, com letras impressas, estava o endereço do remetente;

DAVID M. CARMICHAEL  
NOVA YORK, NOVA YORK 10025  
1411 RIVERSIDE DRIVE

Keith abriu o envelope. Estava cheio de cédulas de cem dólares, novinhas em folha. Então ele se lembrou, claro, David devia a Jennifer algum dinheiro pelo trabalho que ela fizera! Mas, entre as cédulas, havia um pedacinho de papel azul. Ao pegá-lo, Keith imediatamente reconheceu a cor do papel de carta que ele tinha dado à sua esposa como presente de aniversário. Nele estava sua assinatura: “Com amor, Jennifer”.

Será que ela andava escrevendo cartinhas de amor para David? Ou seria esse pedaço de papel parte da carta que Jennifer tinha enviado a Paul? Aquilo explicaria muitas coisas! A pessoa que forçara as fechaduras do escritório em Chappaqua e violara sua correspondência tinha que ter muito tempo disponível e ser bastante rica para pagar suas contas com notas de cem dólares. Não, não fora Coste quem rasgara o convite de Jennifer e a carta de Beaufort da Ilha McNeil. Fora David M. Carmichael!

Keith se surpreendeu novamente ao descobrir que a porta da frente não estava trancada. Agora, realmente zangado, foi para a cozinha. Jennifer teria deixado algum recado no bloco de anotações ao lado do telefone? Não, não tinha! Então, com o canto dos olhos, notou um reflexo de luz vermelha, através da janela da cozinha.

Era o pôr-do-sol refletindo-se na capota de um seda azul, estacionado ao lado do Mercedes verde de David, na entrada do número 666 na Sunset Brook Lane. Keith deu uma espiada por entre os galhos das árvores. Elas estavam cada vez mais frondosas, mas, mesmo assim, pôde ver que era realmente o carro de Jennifer.

Que diabos estaria ela fazendo lá, devendo Paul chegar a qualquer momento? E por que não notara o envelope que David tinha enfiado na caixa de correspondência? Que diabos estava acontecendo entre aqueles dois?

Keith saiu pela porta da cozinha, batendo-a atrás de si, e começou a caminhar em direção ao outro lado da vala. Já era tempo de esclarecer esses mistérios de uma vez por todas.



*Quinta-feira, 3 de maio de 1979,*

Eram exatamente sete e quarenta e três quando Paul Olson estacionou na entrada da casa de Keith e Jennifer. Ele viera dirigindo dentro dos limites de velocidade desde a Merrit Parkway e pensando nos detalhes da conversa com Lawrence Fisher. Estava bastante preocupado com seu irmão e sua cunhada, e contente por ter encontrado Jennifer em casa quando telefonou. Mas agora, ao passar pela Sunset Brook Lane, não via nenhuma construção nova. Onde estaria aquela casa sobre a qual Keith tinha falado?

Fora um dia longo e cansativo, e Paul estava ansioso por essa noite. Estacionou seu carro ao lado do caminhão de Keith e, ao descer, percebeu que o motor do caminhão ainda estava quente. Evidentemente, Keith também tinha acabado de chegar. Mas, então, Paul viu a garagem vazia, a porta ainda aberta. Possivelmente Jennifer devia ter saído para fazer alguma coisa, pensou.

Carregou sua mala para a varanda e apertou a campainha. Ela tocou lá dentro, mas não ouviu passos vindo para abrir a porta. O sol tinha se posto poucos minutos antes, mas as luzes estavam apagadas em toda a casa. Eles não o estavam esperando? Paul pegou na maçaneta e viu que a porta estava destrancada. Então, empurrou-a e entrou na casa.

— Keith? — chamou. Mas não houve resposta. — Jennifer! —  
Aparentemente, os dois tinham saído.

Na cozinha. Paul abriu sua mala e retirou a garrafa de vinho tinto que comprara para o jantar. Talvez fosse uma boa idéia abri-la. Estava procurando um saca-rolhas nas gavetas da cozinha quando viu uma enorme sombra erguendo-se no céu do lado de fora da janela.

Lá estava a casa de que Keith falara! Certamente ela não estava ali no Natal passado. E havia dois carros parados à esquerda da varanda. Paul pensou no que seu irmão tinha lhe contado durante a longa conversa pelo telefone, terça-feira à tarde. Mas tudo aquilo parecia tão incrível! No crepúsculo, a casa parecia graciosa e aconchegante. O céu do lado oeste atrás dela estava enfeitado com nuvens escarlates. Poderia realmente haver ali um tridente de nove metros de comprimento escondido ao lado da chaminé? E teria mesmo as inscrições da Regra de Ferro e da Regra de Ouro em seu cabo?

Sentiu um estranho impulso de ir até a casa e vê-la mais de perto. Mas o sol já tinha se posto e estava escurecendo rapidamente. Além disso, o tal fulano — o novo inquilino lá da casa — provavelmente estaria se preparando para jantar. E não iria gostar de ver Paul bisbilhotando em seu quintal.

Ao terminar de abrir a garrafa, o reverendo se sentia in tranquilo. Tinha a desconfortável sensação de que havia algo terrível e assombrosamente errado. Mas o que poderia fazer? Certamente, Jennifer e Keith estariam de volta a qualquer momento. Por que então teriam deixado a porta aberta a não ser para que ele pudesse entrar?

Para se tranquilizar, voltou à sala de estar e apanhou uma revista sobre decoração da mesinha de café. Sentou-se então numa confortável poltrona verde

e amarela que ficava de frente para a porta de entrada e ligou o abajur.

Deu uma olhada pela janela da sala para a entrada de carros lá fora. O automóvel de sua cunhada não estava à vista. Então, baixou os olhos e abriu a revista.

Por que, de repente, se sentia tão exausto?

As portas do aposento sextavado eram mais pesadas do que Jennifer se lembrava. Ela precisou de toda a sua força para abri-las. No interior, a luz incandescente era tão forte que ela ficou boquiaberta.

Então viu David, apenas com uma toalha de banho enrolada na cintura. Ele estava em pé, encostado numa das paredes, como se já soubesse que ela viria. Mas por que ele estava despido?

— Bem, olá! — exclamou ele com um largo sorriso.

— Olá... — respondeu ela. Seu tronco era magro e maravilhosamente musculoso. Era natural, ele corria pelas manhãs e jogava tênis no clube lá na cidade... Ela esforçou-se para desviar o olhar. Do lado de fora, as janelas, o mundo todo parecia vermelho-sangue.

— Você está maravilhosa — disse David.

Jennifer hesitou. — Keith não sabe que vim aqui — começou, desajeitada. — Ele queria que eu o convidasse para jantar esta noite, para você conhecer seu irmão, Paul. Mas eu não queria. . .

Abruptamente, esqueceu o que tinha para dizer. O ar no aposento estava incrivelmente sufocante e pesado, como se fosse se solidificar à sua volta.

— O que você não queria? — perguntou David.

Ela notava a maneira como a luz vermelha se refletia nos músculos de seus braços. Novamente esforçou-se para desviar o olhar. Onde estavam as plantas que lhe dera?

— Quero que você entenda uma coisa — disse ela. — Tenho você como um amigo muito íntimo. . .

— Claro que sim — respondeu David, sorrindo.

E, então, percebeu as figuras de tamanho natural desenhadas em cada uma das três janelas. No lado esquerdo havia um homem, no centro uma mulher e, do lado direito, um outro homem. Mesmo dali, Jennifer podia ver que o rosto da figura do lado direito parecia não se ajustar ao corpo.

— Você quer mais vinho? — perguntou David. — Notei o quanto você gostou daquele que bebemos na segunda-feira. Ainda tem uma caixa inteira.

Não — disse Jennifer. — Eu... — Por que estava tão difícil se concentrar? — O fato é que... — gaguejou. — Não posso mais continuar decorando seu apartamento da Riverside Drive. Keith já está magoado com o trabalho que estou fazendo aqui nesta casa. Não quero ir para Nova York e ficar sozinha com você lá, dia após dia. Sabe, isso o incomoda e. . .

— Idéia brilhante — disse David. Deu um passo, aproximando-se dela. — Por que deixar seu marido desconfiado se você não precisa?

— Há milhares de ótimos decoradores que conheço e posso até dar-lhe seus endereços. . . — O calor estava deixando-a tonta, e ela sentia o suor brotando em sua testa. — Por favor, não me interprete mal — disse ela.

— Mas eu tenho que lhe pedir um grande favor.

— Sim? — Ele estava bem encostado a ela agora, brilhando sob a luz vermelha. Ela podia sentir seu olhar fixo nela, astuto e alerta.

— Sei dos gastos que você está tendo com a decoração da casa — disse ela. — Mas, David, o fato de você estar tão próximo não está dando certo. Não é justo para com Keith. Ele tem um ciúme terrível de você porque nós nos

conhecíamos quando eu morava na cidade. E sabe, com sua mudança para cá, para passar o verão, e agora, o acontecimento da noite passada, quando você estava gritando enquanto dormia. . .

Ela deu uma rápida olhada para ele. David estava sorrindo, e seus olhos emitiam um estranho brilho. Será que ele não estava ouvindo o que ela dizia?

— Oh, esqueça Keith! — murmurou David. — E você, Jennifer? O que *you* quer?

Ao olhar para ele, ela sentiu uma alarmante onda de desejo. — David — disse ela. — Eu quero que você saia daqui! — Ela afastou-se e, então, viu a surpresa e a dor estampadas em seus olhos. — Sério, deve haver milhares de outros lugares onde você possa passar o verão. . .

— Mas, então, ela caiu em silêncio.

Pesados passos estavam subindo os degraus da varanda, e ela tinha quase a certeza de que eram os de Keith! Se ele entrasse no cômodo e visse David seminu assim, não haveria jeito de se explicar!

David estava abrindo a boca para falar com ela. Mas, sem uma palavra, ela se virou e saiu correndo do cômodo. Chegou ao *hall* assim que a porta da frente se abriu.

— Keith! — exclamou ela. Depois do calor seco no aposento sextavado, o ar da sala refrescou seu rosto. Ela continuou caminhando em sua direção, esboçando um sorriso.

— Que diabos você está fazendo aqui? — perguntou ele.

— Conversando com David — respondeu ela rapidamente. — É pena, mas ele não poderá jantar lá em casa hoje.

— Você teve que pegar o carro e vir aqui para descobrir isso? — Keith estava sério.

— Eu liguei para ele — protestou Jennifer. — O telefone tocou e tocou, mas ele não atendeu. Tive receio de que algo tivesse acontecido com ele, então. . . — Ela podia sentir que sua blusa estava ensopada de suor. — Como você veio da oficina?

Keith olhava para as escadas, ignorando sua pergunta.

— Onde está David agora?

Precisava tirar Keith dali! Desesperada, olhou pela janela da sala para sua própria casa do outro lado da vala. Na entrada estava o caminhão de Keith — e, do lado, o carro de Paul!

— Olhe! — exclamou ela, apontando para a janela. — Seu irmão chegou. Por que não voltamos lá e...

Mas Keith empurrou-a para o lado e foi em direção ao *hall*. Quando Jennifer se virou, viu que a luz vermelho-sangue estava vazando por debaixo das portas sob as escadas.

— Keith! — gritou ela, correndo atrás dele. — Paul está esperando por nós. Vamos para casa, por favor!

A luz vermelha deixou o rosto de Keith incandescente quando ele passou por entre as portas de correr. Então, ele parou. À sua frente, Jennifer viu David em pé, no centro do cômodo. Ele estava novamente prendendo a toalha na cintura.

Ela percebeu a surpresa no rosto de seu marido. Vagarosamente, David levantou a cabeça e encarou Keith, — Não fique nervoso — disse ele com um sorriso malicioso. — Evidentemente, sua esposa prefere você.

Keith cerrou os punhos e atingiu David no estômago. Jennifer ouviu o barulho da pancada. Porém, David nem reagiu. Ele permanecia ali, parado, olhando para Keith com uma expressão de espanto.

— Keith. . . — disse Jennifer. Ela observava aterrorizada enquanto Keith chegava mais perto e atingia o rosto de David selvagemmente, jogando-o contra a parede. Viu quando a cabeça de David bateu bruscamente nos lambris. Ele nem mesmo tentava se defender! A luz vermelha no cômodo quase camuflava o sangue que escorria de sua boca.

— Keith! — ela repetiu. Precisava fazê-lo parar antes que David ficasse seriamente ferido. Mas Keith a ignorava, acertando os punhos novamente.

Então ela viu um pequeno objeto circular cair do teto sobre a cabeça de Keith. Ziguezagueando no ar, como em câmara lenta, o objeto bateu no chão de mármore, provocando um pesado som metálico.

Surpreso, Keith olhou para baixo. A moeda rolou pelo chão, indo bater na forração sob as janelas de vidro colorido.

Ignorando Keith, David inclinou-se e apanhou a moeda. Ao recompor-se novamente, Jennifer notou que os seus olhos estavam escuros e furiosos.

— Você estava com isto em seu bolso, não estava? — perguntou David. — Você entrou aqui a noite passada e roubou isto lá da minha cômoda.

— Não — disse Keith balançando a cabeça. Ele permanecia em guarda, seus punhos ameaçadoramente cerrados.

Jennifer estava atônita. De repente, a luz vermelha começou a fluir das três janelas, condensando-se em volta de David. Sua mão esquerda cerrou-se, empunhando a moeda. Seus traços feridos estavam se transformando numa máscara de fúria implacável. Então, Keith rapidamente se adiantou, esquivando-se, e acertou outro soco em David.

Jennifer nunca tinha visto ninguém se mover tão rápido. David bloqueou o movimento de Keith com uma das mãos e então, antes que Keith pudesse se safar, agarrou seu pulso. Houve um som de algo se partindo e Keith se afastou, com o pulso pendendo num estranho ângulo. David tinha quebrado o seu braço!

— *Keith!* — gritou Jennifer. Ele estava andando de lado, em direção à porta, com as costas na parede. Mas David avançou e bloqueou sua passagem.

— Covarde! — sussurrou David. — Venha aqui!

Mas Keith se recusava, balançando a cabeça.

— *Venha aqui!* — Com um movimento incrivelmente rápido, David agarrou-o pelo pescoço, forçando-o a ajoelhar-se no chão de mármore.

Keith ainda golpeava com a outra mão, sem nem mesmo piscar enquanto ela pancadas. Vagarosamente, ele torcia o braço de Keith.

Jennifer ouviu seu marido gritar, um som agudo e aterrador. Sem pensar, ela avançou para David, golpeando-o, na tentativa de fazê-lo soltar o braço de Keith.

Serenamente, David virou-se para fitá-la, sem nem mesmo piscar enquanto ela esbofeteava seu rosto. Por um momento, ela viu seus olhos. Eles chispavam de ódio, como ela jamais vira antes. Então sentiu algo: uma mancha avermelhada. Os punhos de David atingiram seu tórax bem no plexo solar.

A força do golpe deixou-a estendida no chão. Ela bateu a cabeça na forração abaixo da janela do lado direito. E, ao tentar respirar, uma insuportável dor se espalhou pelo seu peito.

Jennifer já tinha tido falta de ar antes, mas, dessa vez, fora infinitamente pior. Será que David tinha quebrado suas costelas? Vagarosamente, agarrou-se no para-peito da janela, erguendo-se com dificuldade, e olhou pela vidraça vermelho-sangue. Lá fora, o sol já tinha desaparecido completamente. Mesmo assim, os painéis sextavados brilhavam mais intensamente ainda! Sabia agora que não era o pôr-do-sol que provocava a luz vermelha. Eram as próprias janelas! E conseguiu distinguir o rosto da figura na janela do lado direito. . .

Uma figura indiscutivelmente semelhante a David Carmichael, cabelos grisalhos e tudo, olhava para ela da placa de vidro sextavado!

Levantou-se. Mas, ao tentar encher os pulmões, sentiu tamanha dor que os seus joelhos se dobraram novamente. Agora, Keith estava estirado no chão. David estava agachado sobre ele, de costas para Jennifer, ignorando-a. E Keith já não gritava mais. O que David tinha feito com ele?

Então, lembrou-se de ter visto o carro de Paul estacionado na entrada de sua casa, do outro lado da vala. A porta da frente estava destrancada; ele deveria ter entrado. E havia um telefone no quarto de David, bem no topo da escada. Se desse para ela sair daquele maldito cômodo sem que David percebesse. . .

Mas mesmo a menor tentativa de respirar era agonizante. Jennifer sabia que iria desmaiar se tentasse ficar de pé. Então, com as mãos e com os joelhos, arrastou-se em direção às portas de correr.

— *Não! Detenha-a!* — A vibrante voz vinha do alto, bem em cima da cabeça de Jennifer. — *Ela não deve deixar este cômodo!*

Quem tinha dito aquilo? Ela levantou a cabeça.

A luz no cômodo estava pulsando agora, como se fosse um gigantesco coração. David estava em pé sobre ela. A toalha tinha escorregado de sua cintura. Ele estava nu.

— Jennifer? — chamou. Seu rosto estava contorcido de medo e preocupação, exatamente como seu retrato desenhado no vidro da janela. — Eu não queria magoar você — disse ele, oferecendo-lhe a mão.

Ela evitou seu toque, e então começou a golpeá-lo cegamente. Tudo estava incandescente, suas mãos, o chão, o próprio ar. Mas o *hall*, recentemente pintado de azul-claro, a cor que ela tinha escolhido para combinar com a sala de jantar, estava a apenas alguns centímetros de distância.

Ela avançava, arrastando-se com as mãos. Já estava na soleira. Então, David adiantou-se e prensou-a com suas pernas nuas. Ele agarrou as maçanetas de ferro das duas portas e fechou-as com toda a força.

Paul Olson acordou num sobressalto. Por um instante, não sabia onde estava. Então, viu a revista ainda aberta sobre o seu colo, bem no lugar em que estava antes de ele cochilar.

Mas como estava escuro ali na sala de Keith e Jennifer! Levantou-se e procurou o interruptor na parede. A familiar sala de estar encheu-se de luz. Mas, e o abajur junto ao qual estava lendo? Será que a lâmpada queimara ou algo parecido?

Pressionou o botão de seu relógio digital. Os algarismos brilharam: oito e quinze. Cochilara por quase meia hora. E Keith e Jennifer *ainda* não estavam em casa?

Talvez tenha furado algum pneu. Mas, então, onde estaria o negociante de antiguidades que Keith convidara? Ele já deveria ter chegado. Ou será que era para Paul encontrá-los lá na casa nova?

Claro, havia dois carros na entrada da casa! Mas, então, por que Keith e Jennifer não tinham notado seu carro na entrada da casa *deles* e ligado para ele?

Saiu pela porta da frente e, ao fechá-la atrás de si, certificou-se de que ela não tinha ficado trancada. Mas, antes de tirar o carro da entrada, hesitou. Paul acreditava em vida eterna, na infinita bondade de Deus. Mas tinha que admitir que naquele momento estava preocupado e amedrontado mesmo.

No Natal passado, junto com os pêssegos em calda, Jennifer lhe dera uma cruz e uma corrente de prata. Paul sempre as usava sob a camisa, porque era presente pessoal e também porque não queria parecer religioso demais. Mas,

agora, ele pegou a corrente atrás do pescoço e puxou a cruz para a frente, de modo que ela ficou à vista, sobre sua camisa preta.

Ao estacionar na entrada da nova casa, seus faróis iluminaram o que parecia ser o carro de Jennifer, parado junto a um Mercedes verde. Ele parou seu carro atrás dele e desceu. Bem do outro lado da vala, via a luz que deixara acesa na cozinha de Jennifer.

Erguendo-se sobre ele, estava o sobrado vitoriano onde seu irmão andara trabalhando. As luzes estavam acesas no andar superior. Mas o andar térreo estava praticamente escuro, a não ser por uma fraca luz brilhante através de uma janela nos fundos da casa.

A porta da frente estava completamente aberta. Mesmo assim, antes de entrar, Paul bateu. Mas não houve resposta. À sua esquerda, um lance de escadas conduzia ao andar superior. Em frente, no fim de um estreito corredor, havia uma luz acesa no que parecia ser a cozinha. Porém, a sala de estar à frente de Paul estava totalmente vazia, sem mobília. Ainda havia cheiro de tinta fresca no ar. Será que o sr. David Carmichael não tinha se mudado para lá ainda?

Então Paul ouviu um soluço abafado. Prestando atenção, ele entrou na sala. Em frente havia uma saleta escura, talvez uma pequena sala de estudo ou uma salinha de jantar. E era dali que vinha aquele triste som.

Viu que havia um homem amontoado num canto, junto à pequena lareira do aposento. Estava descalço e usava um roupão de banho branco. E parecia perceber que Paul estava ali!

— O que há? — perguntou Paul gentilmente. — Que é isso?

Claramente assustado, o homem levantou a cabeça e olhou para Paul. — É o sr. Coste? — perguntou ele, piscando na penumbra. — Por favor, pegue sua. . .

— Não — disse o reverendo. — Sou Paul Olson, irmão de Keith.

O homem se levantou, rijamente, como se estivesse com uma terrível dor.

— Muito prazer em conhecê-lo, sr. Olson — disse ele, apertando a mão de Paul. — Sou David Carmichael. — Então, olhou para a porta da frente. Paul percebeu que ele segurava alguma coisa na mão esquerda. — O senhor pode me dizer que horas são?

Paul pressionou o botão de seu relógio digital. Os algarismos vermelhos brilharam servilmente. — Oito e vinte e um.

— Obrigado — suspirou Carmichael. — Estou certo de que logo ele estará aqui.

Paul não sabia do que ele estava falando. — O senhor está se referindo a Keith?

Mas Carmichael negou, balançando a cabeça. Ele estava claramente desequilibrado, sua mente estava longe.

— O carro de Jennifer está lá fora — disse Paul. — Por favor, poderia me dizer onde ela está?

David fitou-o estranhamente e então desviou o olhar. — Ela não falará comigo — sussurrou ele. — Há algo errado com sua cabeça.

Paul prendeu a respiração. Como padre, ele já tinha ouvido vozes vazias e sem vida como esta ao lado de caixões de defuntos em salas de espera de hospitais. O homem à sua frente não estava meramente desequilibrado, estava em estado de choque!

David saiu da saleta arrastando os pés em direção ao corredor. Paul o seguiu. Ao entrarem na cozinha, a claridade da luz fez com que Paul notasse que o punho esquerdo de David estava cortado e inchado. Seu lábio inferior estava ensanguentado e seu rosto, molhado de lágrimas. Escuros hematomas se

espalhavam por seu maxilar e por sua face. O que acontecera ali?

— Ela está aí dentro. — David levantou a mão esquerda, ainda cerrada, e apontou para uma entrada sob as escadas.

Instantaneamente, Paul reconheceu os olhos estatelados e aterrorizados de Jennifer. Ela estava no chão, logo atrás das portas de correr. Estava deitada sobre o lado esquerdo, com os joelhos encolhidos contra o peito, como se estivesse sentindo uma dor terrível.

Paul automaticamente procurou por um interruptor, e então percebeu que não havia nenhum. Porém, havia luz suficiente vinda da cozinha no fundo do corredor.

— Jennifer? — disse ele, ajoelhando-se a seu lado. Mas, então, viu que seus olhos estavam ausentes, sem vida. Filetes de sangue escorriam de seu nariz e do ouvido direito. Paul segurou seu pulso, mas a carne estava fria e inerte. Já não havia mais pulsação nenhuma.

Ele ergueu a cabeça. Um pouco mais adiante, no fundo do cômodo, perto das janelas, estava caído um homem de macacão, de costas, estirado no chão de mármore. A seu lado havia uma toalha de banho, salpicada de manchas escuras. O homem não parecia estar respirando. E havia algo escuro e liso sobre seu rosto.

Paul estava tentando sentir seu pulso quando descobriu a fratura exposta. O despedaçado osso do braço, lugubrememente branco e úmido, saltava através da pele. Paul sentiu um arrepio e tentou ver o que era aquela estranha e pegajosa coisa que cobria o rosto do homem. Era úmida, viscosa, fria e ligada à testa!

— Oh, não! — Paul ofegava. O couro cabeludo do homem tinha sido arrancado na nuca e puxado para a frente, sobre os olhos e a boca. Quando Paul levantou a ponta da pele, reconheceu os traços do infeliz. Era Keith!

O religioso levantou-se bem devagar, contendo a náusea e o pânico. Em momentos de crise, quando um clérigo tinha que consolar os outros, dando-lhes força e compreensão, Paul aprendera a pensar logicamente, até mesmo com frieza. Era o que tinha de fazer agora. Mais tarde provavelmente teria tempo de dar vazão a seus sentimentos. Mas ainda não, não agora, pois, de pé, às suas costas, vestindo um roupão de banho branco, havia um maníaco que tinha acabado de matar duas pessoas!

Paul conteve-se e virou para trás. Mas David Carmichael ainda estava em pé no corredor, olhando esperançosamente para a porta da frente.

Paul respirou fundo e começou a pensar. Carmichael nem mencionara Keith. Porém, parecia consciente sobre Jennifer. Talvez fosse aquela a maneira de lidar com ele.

Ao sair do aposento sextavado, Paul tentou dar um sorriso razoavelmente amistoso. — Acho que Jennifer está bem — disse ele gentilmente.

David voltou-se e olhou para ele. Seus olhos pareciam confusos, mas também desconfiados e suspeitosos.

— Mas ela vai precisar de um médico — disse Paul. — O senhor tem um telefone?

David balançou a cabeça, confirmando.

Seja polido!, disse Paul a si mesmo. Seja bastante polido! — Se o senhor me disser onde está o telefone, poderei chamar o médico para Jennifer, está bem?

Carmichael conduziu-o às escadas. Ao segui-lo, Paul percebia as pegadas de sangue que iam ficando mais fracas a cada passo. Carmichael deve ter subido aqui logo após os crimes. . .

No topo das escadas, David virou à direita e levou Paul a um amplo vestíbulo.

Num canto havia um grande aparelho de exercícios físicos. Do outro lado do cômodo estava uma elegante mesa oriental com um telefone branco e, do lado, uma lista telefônica de Westchester.

— O médico também vai querer dar uma olhada em seus ferimentos — disse Paul. — O senhor não quer descansar um pouco até ele chegar aqui?

David balançou a cabeça desoladamente, aceitando a sugestão, e entrou no quarto depois do vestibulo.

Paul ajoelhou-se e pegou a lista. Suas mãos estavam começando a tremer, mas o número que ele procurava estava logo na primeira página. Paul discou e, graças a Deus, atenderam imediatamente do outro lado da linha.

— Departamento de Polícia de Chappaqua — disse a voz. — Sargento McIntyre falando.

— Boa noite, doutor. — Paul mantinha a voz serena e controlada. — Aqui é o reverendo Paul Olson; sou um ministro episcopal. Tivemos um pequeno acidente aqui, envolvendo duas pessoas. E eu sei que meu amigo ficaria muito grato se o senhor pudesse dar uma passada por aqui.

Houve uma pausa de um segundo, e Paul ouviu um sinal eletrônico, indicando que a ligação estava sendo gravada. — Há mais alguém aí com o senhor? — perguntou o policial. — O senhor pode falar?

Paul deu uma espiada no quarto. David estava sentado na beira da cama, olhando para ele.

— Acho que não devo, doutor — respondeu Paul. — Não daria para o senhor examiná-los aqui? Nós estamos na, perdão, não sei o número da casa. Mas é na Sunset Brook Lane. A nova casa logo depois da curva, vindo da casa dos Olson, no número 712.

— Ah, certo — disse o oficial. — É o 666! Mandaremos uma viatura imediatamente.

— Por favor, diga ao pessoal da ambulância para não usar as luzes nem a sirena — disse Paul. — Mais excitação não seria bom para o paciente.

— Compreendo — respondeu o sargento. — Agente firme, reverendo!

— Obrigado, doutor. — Paul agradeceu e colocou o fone no gancho. Então se assustou! David estava em pé, bem a seu lado. Porém, o homem parecia abatido e exausto, ainda mais do que antes. Agora, parecia que era um velho que estava dentro daquele branco roupão de banho.

— O doutor vem vindo — sorriu Paul gentilmente. — Por que o senhor não volta para o quarto e o espera lá?

— Mas Coste estará aqui às oito e meia! — disse Carmichael. — Estou com a moeda dele. O senhor poderia entregá-la quando ele chegar?

— Entregar o quê? — perguntou Paul.

Bem devagar, dolorosamente, Carmichael abriu os dedos de sua mão esquerda. Na palma havia uma horrível e velha moeda de bronze. A seu redor, a carne da mão de Carmichael estava cheia de bolhas e inflamada. Quando Paul pegou a pesada moeda, um pedaço da pele de Carmichael veio junto.

— Dói — disse Carmichael.

Agora, o metal estava frio ao toque de Paul. Mas deveria estar em brasa quando David a apanhou. Então, por que não a soltou imediatamente?

— O doutor dará um jeito nessa mão — disse Paul.

— O senhor se sentirá melhor. Mas, por favor, descanse, está bem?

David voltou para o quarto, e Paul jogou a estranha moeda no bolso. Ao descer as escadas, deu uma parada para ouvir. Nenhum passo! Dessa vez, aparentemente, Carmichael ficara no quarto.



Paul abriu a porta da frente e foi até a varanda. Aspirou profundamente o fresco ar noturno. Até agora, não se via nenhum farol de carro na Sunset Brook Lane. Mas a polícia estaria ali a qualquer instante. A primeira viatura pediria reforços pelo rádio: detetives do Departamento de Homicídios, fotógrafos policiais, especialistas forenses. Toda a casa seria cercada por cordões de isolamento; a Sunset Brook Lane seria interditada. — Paul e David — e esse tal Coste, se aparecesse — seriam levados à delegacia de polícia para interrogatório.

Pressionou o botão de seu relógio digital. Ele marcava precisamente oito e meia. Teria muita sorte se a polícia o liberasse antes das três horas da manhã. Então, se quisesse rezar um pouco por alguns instantes, seria melhor fazê-lo agora.

Entrou novamente na casa e foi até o pequeno cômodo abaixo das escadas. Então, deliberadamente, ficou de costas para as portas de correr. Ele queria se lembrar de Keith e Jennifer do jeito que eles estavam no Natal passado: sorridentes, saudáveis, cheios de amor um pelo outro. Paul fechou os olhos e começou a recitar o salmo 23:

“Ele me fez deitar em verdes pastos” apenas lembrava-lhe os dois corpos estendidos no chão de mármore atrás dele. Mas Paul continuou. “Sim, embora eu caminhe pelo vale das sombras da morte, eu. . .”

De repente, sentiu que não estava sozinho, que alguma coisa o estava observando. Abriu os olhos. Uma luz avermelhada brilhava no cômodo às suas costas, projetando sua sombra na parede. Seria uma viatura policial na Sunset Brook Lane? Mas a luz não estava brilhando como a de um carro de polícia. Era permanente, radiante até, e Paul viu que ela estava ficando cada vez mais forte.

Voltou-se e percebeu que a intensa luz vermelha vinha do lado de *dentro* do aposento sextavado! Ao piscar com a inesperada radiação, Paul viu os corpos de Keith e Jennifer sobre o chão de mármore e também a enorme forma que se condensava no ar sobre eles.

Ele observava apavorado enquanto a colossal figura continuava a tomar forma perante seus olhos. O tronco parecia humano, mas o resto! Parecia metade bode metade réptil. Era tão imenso que tinha que se curvar sobre suas pernas disformes. Mesmo assim, seus largos ombros quase encostavam no teto.

Vagarosamente, aquilo girou sua cabeça compacta e olhou bem para Paul. Seus olhos — astutos, inteligentes — ficavam mais de trinta centímetros distantes do outro. Os chifres torcidos em sua testa tinham crescido juntos, formando uma coroa.

A coisa estendeu um braço na direção de Paul. Então, o que deviam ser seus lábios agitou-se e pronunciou seu nome.

— *Paul* — disse a coisa. — *Venha aqui.*

## EPÍLOGO

*Sexta-feira, 14 de setembro de 1979.*

Desde o dia 4 de maio, o tenente Francis DiMiglio vinha seguindo o caso Olson nos jornais.

Desde o começo, o negociante de antiguidades tinha sido o único suspeito do duplo assassinato. Na noite de sua prisão, David M. Carmichael fez uma surpreendente e desconexa confissão, admitindo aos investigadores que possivelmente tinha matado duas pessoas. Chegou-se à conclusão, mais tarde, de que David M. Carmichael estava absolutamente correto. Segundo o médico-legista do condado de Westchester, ele fraturou o osso central do tórax e mais algumas costelas da sra. Olson, que sofreu perfurações num dos pulmões e deve ter passado por uma incrível dor. Mas poderia ter sobrevivido a esses ferimentos sem nenhum problema, se Carmichael não tivesse esmagado seu crânio entre duas pesadas portas de correr. A essa altura, o marido dela já estava morto. Carmichael quebrou seu pescoço e, então, arrancou seu couro cabeludo, despregando-o do crânio!

Paul Olson, o irmão da vítima, era um padre, ministro ou coisa parecida. Foi ele quem chamou a polícia. O choque de encontrar seu irmão e sua cunhada assassinados foi visivelmente bem mais forte do que ele poderia imaginar. Quando a primeira viatura chegou, cerca de seis minutos depois de seu telefonema, os policiais encontraram Olson agachado perto dos corpos, totalmente histérico. Quando um tira tentou confortá-lo, Olson ficou completamente descontrolado. Foi preciso detê-lo e dar-lhe muitos calmantes. Ele quase não pôde ir aos funerais na segunda-feira, 7 de maio, que seria o segundo aniversário de casamento do casal assassinado.

Pelo que o tenente DiMiglio pôde deduzir, havia algumas lacunas na história de Paul Olson. Com toda a certeza, ele estava escondendo alguma coisa; algo sobre o que não queria falar. Porém, ficou claro que ele e David M. Carmichael não se conheciam até a noite do crime. E, assim, Paul Olson não foi acusado de cumplicidade.

Responsável por dois casos de homicídio, Carmichael passou a noite de 3 de maio preso em White Plains. Na tarde seguinte, foi solto sob fiança de dois mil dólares, obtendo permissão para retornar a seu apartamento na Riverside Drive.

“Certamente, o tenente DiMiglio não tinha presenciado nada igual antes. Porém, não ficou surpreso. Tinha visto com os próprios olhos o estrago que Carmichael provocara em seu apartamento. Alguém deveria ter parado para pensar o que poderia acontecer se toda aquela fúria recaísse sobre um ser humano. Mas aquilo, na opinião de Francis DiMiglio, era problema da Academia de Polícia. Os tiras eram treinados para descobrir o que *tinha* acontecido, não o que iria acontecer.

Então, veio a onda de publicidade. Sempre que alguém rico e bem conhecido era preso por assassinato, os jornais aumentavam a tiragem barbaramente. E o sofisticado negócio de antiguidades de Carmichael, que, por sinal, iria ficar fechado durante o verão, foi à falência total. O local ficava apinhado de curiosos

ávidos por uma aparição, por menor que fosse, de Carmichael. Os clientes regulares ficavam em casa. — Quem quer comprar móveis velhos de um homem que poderia torcer seu pescoço?

Então veio o julgamento. O advogado de Carmichael apelou, alegando insanidade. Insano *na hora*, o tenente DiMiglio pensou. David M. Carmichael talvez fosse demente à sua própria maneira. Porém, logo após a prisão, ele entrou em contato com a realidade, consciente o suficiente para começar a chorar pela mulher que matara.

Algum dia, quando tivesse um pouco mais de folga, o detetive à paisana ainda iria sentar-se com sua filha Angela e perguntar-lhe o que levava as pessoas à loucura em primeiro lugar. E, a esse tempo, talvez Angela já tivesse alguma resposta! Porque na semana seguinte, Angela DiMiglio estaria começando um curso de pós-graduação em psicologia na escola graduada de New Haven.

Manter Angela durante quatro anos na faculdade, com um salário de detetive, não fora fácil. Mas Francis DiMiglio nunca deixou faltar nada à sua filha. Ela se formou em primeiro lugar em sua turma e nunca foi motivo de preocupação para seus pais.

Os alojamentos da universidade eram apenas para não-graduados. Então, Angela teve que alugar um quarto fora do campus. Depois de várias viagens a New Haven durante o verão, conheceu outros dois estudantes graduados que estavam procurando um colega para dividir as despesas de aluguel.

Nessa manhã de sexta-feira, 14 de setembro, o tenente DiMiglio ajudou sua filha a encher a caminhonete da família com roupas e livros e levou-a para New Haven. Estacionou a velha caminhonete bem em frente ao prédio de apartamentos de Angela, na esquina da Stiles Street com a Hamden Avenue, e levou suas malas para o apartamento de dois quartos que ela estava dividindo com Cindy Trumbull; uma estudante de arte dramática. Mas, quando o tenente DiMiglio entrou, Cindy estava tomando banho e, aparentemente, havia um rapaz na banheira com ela. Francis DiMiglio não aprovava aquilo. A garota, Cindy Trumbull, morava com seu namorado.

Uma vez que Cindy ainda estava molhada e despida, Angela teve que levar o resto de suas caixas sozinha. Seu pai descarregou todas as suas coisas, levou-as escada acima e voltou para a caminhonete.

Sentou-se ao volante e procurou o jornal que tinha trazido consigo da cidade. Com toda aquela agitação em ajudar Angela a carregar a caminhonete, ainda não tinha tido tempo de lê-lo.

ACUSADO DE ASSASSINATO  
ENCONTRADO MORTO,  
COMETEU SUICÍDIO

“13 de setembro — David M. Carmichael, acusado de ter assassinado um casal em Westchester, foi encontrado morto ontem em seu apartamento na Riverside Drive. Os policiais que investigaram o caso encontraram o corpo pendurado num lustre de metal na sala de estar. Um porta-voz do médico-legista disse que a morte, evidentemente, deve ter acontecido há vários dias.

Carmichael, um destacado negociante de antiguidades que morava sozinho, estava para ser julgado por assassinato em segundo grau...”

Novamente aquilo tinha sentido, o tenente DiMiglio pensou. Mostre um telhado que não tenha goteiras e um encanamento que funcione para qualquer

pobre-diabo lá no Bronx, e ele vai pensar que está no Waldorf Astoria.

Agora, pegue um rapaz fino como David M. Carmichael, acostumado com mobílias caras, apartamentos com três dormitórios e outras coisas mais. Coloque-o numa cela com uma privada sem tampa num canto e um beliche de metal que ainda não se tornou, mas está prestes a tornar-se, uma antiguidade. O cara só tem é que se matar mesmo.

E ninguém mencionou as tendências à autodestruição de Carmichael. Na pretensa invasão que DiMiglio investigara, Carmichael devia ter cortado o próprio pulso e depois esfregado o sangue por toda a geladeira. Quando a polícia de Chappaqua o prendeu, descobriram uma queimadura de terceiro grau, aparentemente provocada por algum objeto desconhecido, na palma de sua mão esquerda.

O tenente DiMiglio dobrou o jornal e atirou-o no fundo da caminhonete. Por que Angela estava demorando tanto? Ele estava ansioso para voltar para a cidade. Então, com o canto dos olhos, percebeu que a porta da frente do prédio se abria. E Angela apareceu na varanda.

Ele desceu da caminhonete. O proprietário do prédio de Angela tentara plantar grama na estreita faixa de terra entre a guia e a calçada. Mas a grama estava definitivamente perdendo a batalha.

— Conseguiu ajeitar tudo lá? — perguntou ele.

Angela confirmou, balançando a cabeça. — É maravilhoso, papai — disse ela, radiante. — Gostaria que o senhor visse o quarto de Cindy. É coberto com um lindo papel de parede de estilo chinês, com faisões e folhagens amarelas. Meu quarto foi todinho pintado recentemente e é encostado ao banheiro.

— Aquele banheiro no topo da escada? — perguntou seu pai.

— Sim — respondeu Angela. — O único problema é que existe só um banheiro, e sem chuveiro! Apenas uma banheira bem velha mesmo, sabe, daquelas que os pés parecem garras. Mas você viu os maravilhosos lambris sob as escadas?

O tenente DiMiglio encolheu os ombros. Ele deixava para sua esposa esses problemas de decoração e coisas desse tipo.

— Nos fundos da casa, há uma ampla cozinha que todo mundo pode usar — continuou Angela.

— *Todo mundo?* — o detetive à paisana perguntou. — Quantas pessoas moram neste prédio?

— Bem, tem Cindy e sua outra colega de quarto e eu. E dois rapazes no andar térreo. Somos cinco, ao todo. Oh, e antes de chegar à cozinha, há um pequeno cômodo com janelas antigas, de vidros coloridos. Quando o sol se põe, Cindy diz que os raios refletem nas vidraças, deixando-as incandescentes. Quando estiver tudo no lugar em meu quarto, você terá mamãe para dar uma olhada?

— Claro, se você tirar Cindy da banheira! Mas eles vão lhe dar muito trabalho. Talvez seja melhor você estudar.

O tenente DiMiglio deu um longo e afetuoso abraço em sua filha.

— Diga a mamãe que ligarei para ela hoje à noite, tá? — Direi, sim, querida. Boa sorte para você.

Algumas folhas mortas eram sopradas pela rua, quando o detetive subiu novamente na caminhonete. Ele ligou o motor, mas o semáforo no cruzamento da Stiles Street ainda estava vermelho. Impaciente, procurava algumas moedas no bolso da jaqueta, pois iria precisar para o pedágio.

Que diabos seria aquilo entre as moedas? O tenente DiMiglio tirou do bolso o estranho objeto e examinou-o, surpreso. Era uma grande moeda, mais ou menos

do tamanho de uma medalha de São Cristóvão, porém escura e corroída. Seria alguma brincadeira de Angela?

O policial sentiu uma estranha vibração em seus dedos. Mas, então, o semáforo abriu. Francis DiMiglio enfiou a pesada moeda no bolso da calça, Ele a examinaria melhor ao chegar à cidade.

Já seguindo o fluxo do tráfego, deu uma olhada no espelho retrovisor.

Angela DiMiglio ainda estava lá, em pé, acenando da varanda do número 666 da Hamden Avenue.

## O AUTOR E SUA OBRA

*Os romances de Jay Anson conduzem o leitor a um mundo desconhecido, fora do nosso controle, governado por forças sobrenaturais, onde se manifestam entidades demoníacas. Escritor meticuloso, suas obras revelam um conhecimento seguro tanto das questões teológicas quanto das pesquisas mais atuais realizadas nos domínios da parapsicologia.*

*Anson começou sua vida profissional como copy desk na redação do "Evening Journal" de Nova York, no ano de 1937, e mais tarde trabalhou em publicidade. Atualmente, faz parte da companhia Professional Films, Inc., e mora em Nova York. Para chegar a essa posição, redigiu mais de quinhentos roteiros de documentários para a televisão americana.*

*"Horror em Amityville", já publicado pelo Circulo, baseia-se em fatos reais, amplamente divulgados pela imprensa. "666" revela o universo maléfico e aterrorizante que se esconde numa sólida mansão vitoriana, situada na Bremerton Road, 666. Com sua atmosfera densa, repleta de surpresas sombrias, Jay Anson criou uma obra irresistível para os fãs do gênero e para todos aqueles que acreditam haver "mais coisas entre o céu e a terra do que supõe a nossa vã filosofia".*